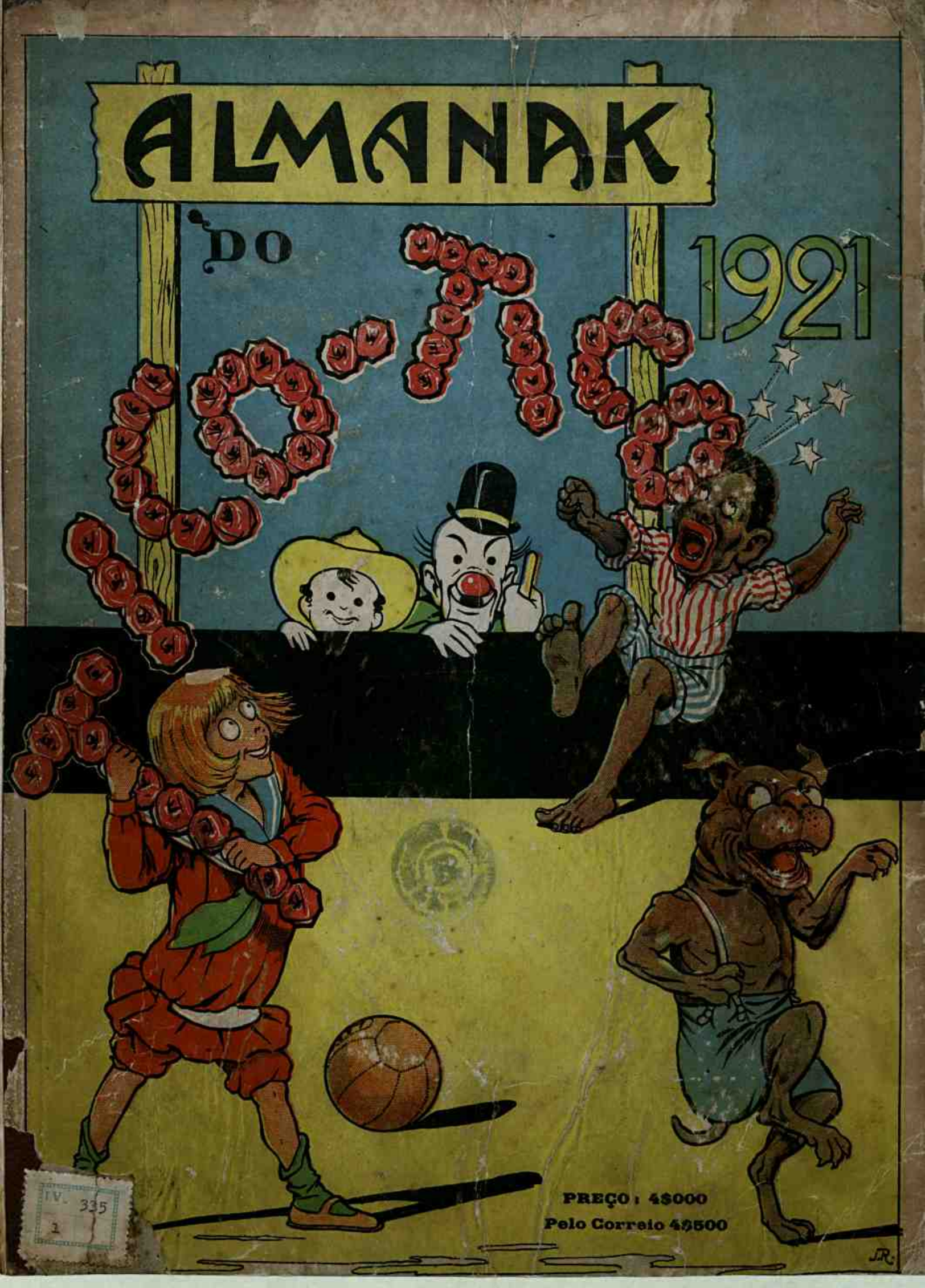

ALMANAK
DO

Pelo Correio 4$500

A TORRE EIFFEL

97, Rua do Ouvidor, 99

38, Rua Sachet, 38

RIO DE JANEIRO

Roupas para meninos de todas as idades

Uniformes

PARA COLLEGIAES

Roupa branca para criança

Enxovaes

PARA COLLEGIAES

Chapéos, gorros e bonnets para crianças

As roupas para MENINOS

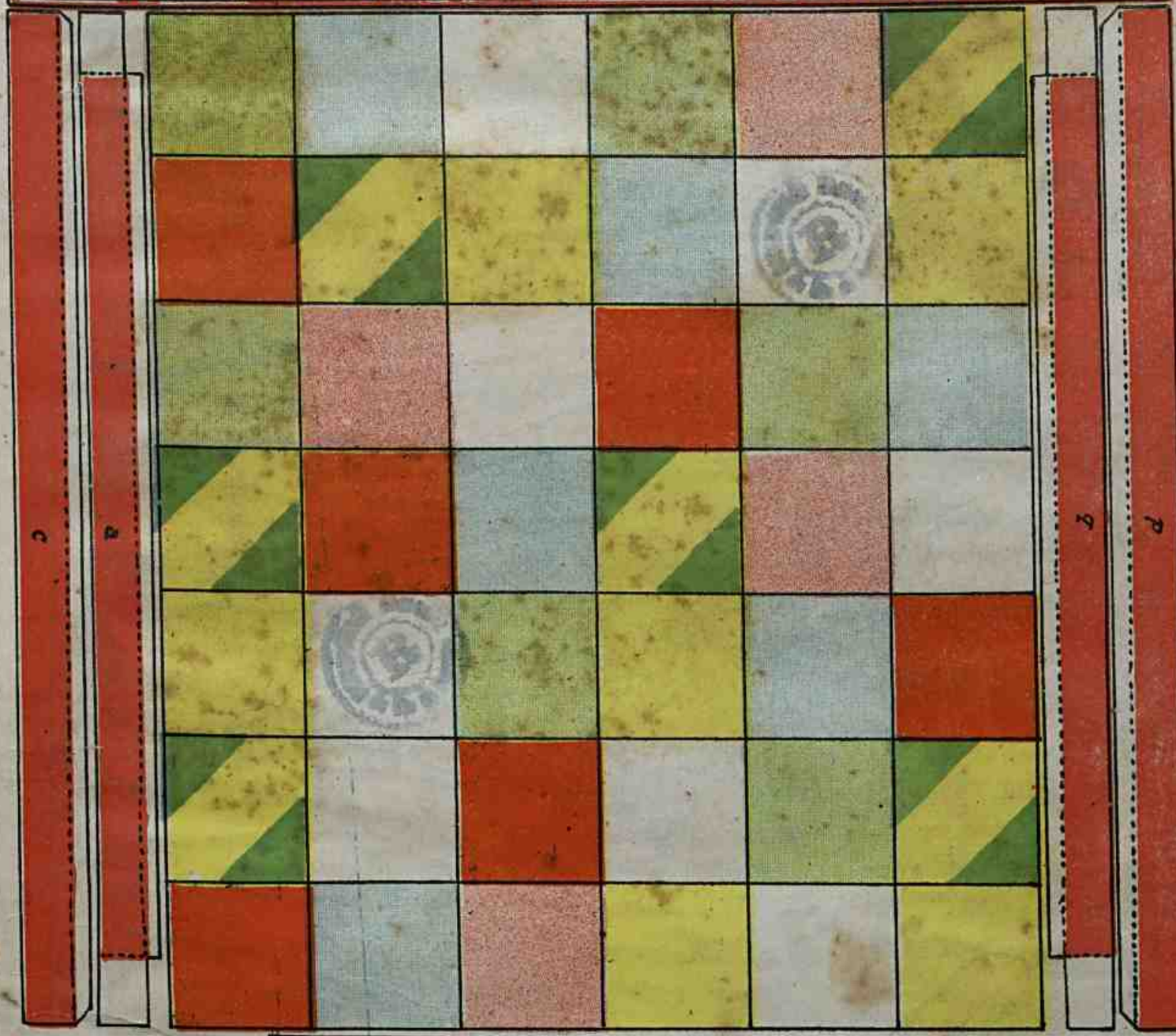
d'A

TORRE EIFFEL

desafiam toda a concurrencia pela excellente qualidade dos tecidos e perfeito acabamento

4505

O JOGO DOS BOTÕES



REGRA DO JOGO

Pódem jogar dois ou mais parceiros.

Cortem, cuidadosamente, depois de colladas em cartolina, as tiras *a*, *b*, *c* e *d* e dobrem-nas pelas linhas pontiadas. Depois collem estas tiras ao redor do taboleiro do jogo, que deve ser collado em papelão. (Vejam o modelo abaixo, á esquerda.) Em seguida collem em papelão groso o disco colorido, pelo centro do qual passará um pedacinho de madeira, formando uma carrapêta. Façam guiar a carrapêta sobre o taboleiro. Se esta parar sobre uma casa *azul*, o jogador que a fez girar pagará a cada um dos parceiros um botão e perderá a vez de jogar; se, ao contrario, parar sobre uma casa *vermelha*, receberá de cada parceiro um botão e continuará a girar. Se a carrapêta parar numa casa *amarella*, o jogador pagará dois botões e perderá a vez de jogar; se parar sobre uma casa *verde*, pagará tres botões. Se a carrapêta parar sobre uma casa de *duas côres*, o jogador receberá dois botões, e sobre uma côr de *rosa* receberá tres e continuará a jogar. Quando um dos jogadores tiver muitos botões, póde acabar o jogo, impondo a cada um dos parceiros que possuir menor numero penitencias diversas, como fazer caretas, apanhar bolos, dar tres saltos, etc.

ZIRA, A ARABEZINHA

Zira era uma pobre menina arabe, de doze annos de idade. Fôra roubada numa aldeia por um compatriota, que a vendera, no mercado mais proximo a um severo e máo veu-dedor de laranjas. Este exigia da escrava muito trabalho e, além de a privar da alimentação, castigava-a sempre.

Cançada de supportar tão horrivel existencia, Zira fugiu da casa do seu algoz e perambulou varios dias pelos campos visinhos de Argel, comendo fructas selvagens ou algum pedaço de pão que os passantes lhe davam de esmola.

No fim de algumas semanas de semelhante regimen, a menina mal podia ter-se em pé. Um dia cahiu de fraqueza, á beira de uma estrada. Um militar, que passava, viu-a e prestou-lhe soccorro, dando algumas gottas de um cordial, que a reanimaram.

A menina contou então a sua triste historia ao caridoso militar, que a levou para casa, onde sua esposa, senhora de bons sentimentos, concordou em acceital-a como domestica.

Bem vestida, bem alimentada, bem tratada, Zira, feliz então, devotava uma verdadeira adoração aos patrões, tudo fazendo para os agradar e dar testemunho do seu profundo reconhecimento.

Seu principal trabalho era occupar-se de duas creanças — Julia, de seis annos, e Paulo, de quatro. Zira estimava muito os meninos, com os quaes brincava, contando-lhes historias e levando-os aos passeios.

Certo dia, inaugurava-se a feira annual na cidade e as creanças estavam desejosas de vel-a. Seus paes consentiram que Zira os acompanhasse e deram mesmo algum dinheiro para ella e os dois meninos. Os tres partiram contentissimos a caminho da feira.

ZIRA, A ARABEZINHA

Na feira muito se divertiram as creanças com o espectaculo que apresentavam os mercadores e os animaes. Compraram *bonbons*, sortes, um frasco de agua de rosas, uma pulseira de madeira perfumada, e depois retomaram o caminho de casa.

De repente, muitos gritos se ouviram. Zira olhou para traz e sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias: um touro furioso, fugido da feira, corria, de cabeça abaixada, em direcção a ella e ás duas creanças.

A arabezinha, perturbada, procurou em redor um refugio qualquer, mas nada encontrou. Tomando então, rapidamente, uma resolução heroica, encostou as duas creanças á margem da estrada e, tirando da cintura de Julia uma faixa vermelha, lançou-se...

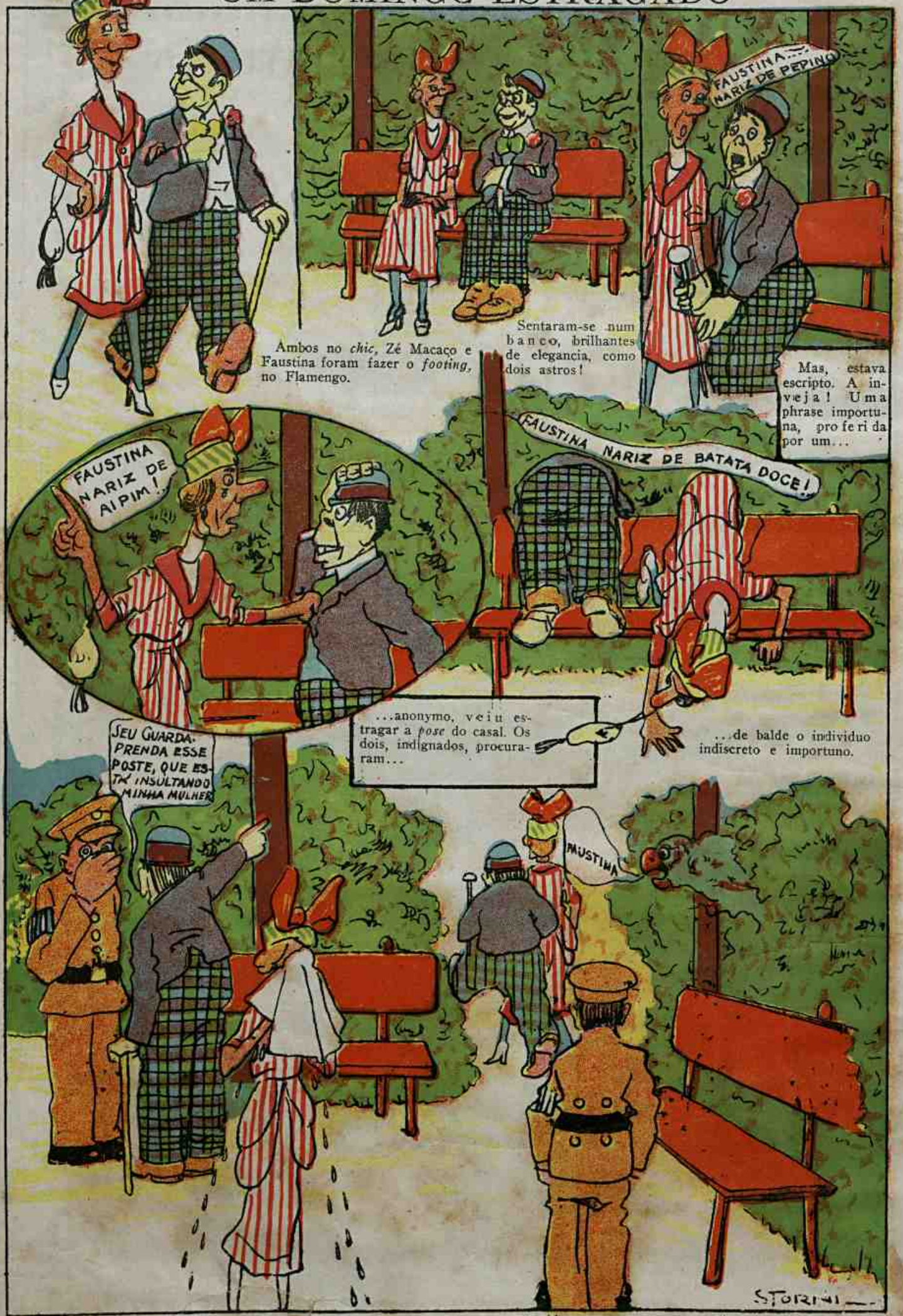
... á frente do animal, brandindo-a, a correr. A féra, excitada, começa a perseguir Zira, que a attrahe para um campo opposto ao logar onde deixara Paulo e Julia.

O corajoso estratagema de Zira foi bem succedido, não obstante ter a menina arriscado a vida para salvar as duas creanças: um camponez arabe, que vira o drama, correra a laçar o furioso touro pelas pernas. A arabezinha, talvez...

... de alegria, desfallecera. Tres camponezes levaram-n'a então para a casa de seus patrões, bem como as duas creanças.

A heroica menina, quando voltou a si, estava nos braços de sua patrôa, a quem os arabes já haviam narrado o occorrido. Zira não deixará nunca mais a casa do official, porque, agora, não é mais uma criadinha. E' a irmã mais velha de Paulo e de Julia.

UM DOMINGO ESTRAGADO



Ambos no *chic*, Zé Macaco e Faustina foram fazer o *footing*, no Flamengo.

Sentaram-se num banco, brilhantes de elegancia, como dois astros!

Mas, estava escripto. A inveja! Uma phrase importuna, proferida por um...

...de balde o individuo indiscreto e importuno.

...anonymo, veiu estragar a *pose* do casal. Os dois, indignados, procuraram...

Zé Macaco, furioso, emquanto Faustina chorava, queixou-se a um guarda, e por falta de outro culpado apontou um poste como causante de tudo isso. Quando o casal se foi, aborrecido da vida, um papagaio...

...atrevido appareceu entre os galhos de uma arvore e continuou a chamar por Faustina.

O guarda, sem saber que attitude tomar, resolveu entoar o *Papagaio louro, do bico dourado.*

GYMNASIO PIO-AMERICANO

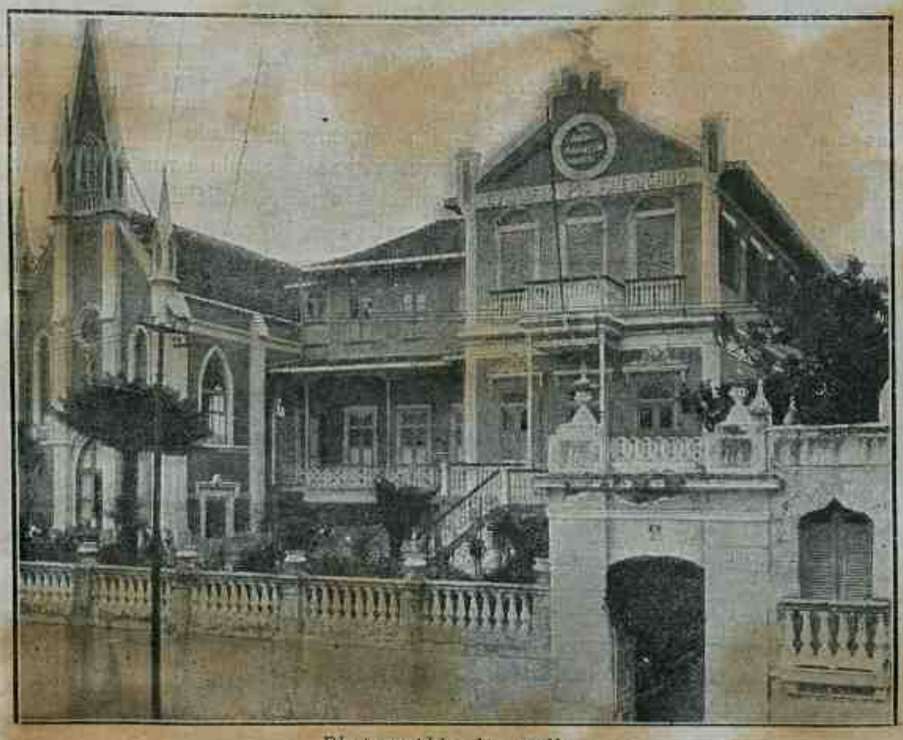
O DE MAIOR RENOME E TRADIÇÕES NO BRASIL

Premiado com medalha de ouro na exposição nacional de 1908 — Fundado em 12 de Março de 1897

RUA TEIXEIRA JUNIOR, 48—Rio (Proximo da Quinta da Boa Vista e do Observatorio Nacional)
Telep. V. 1041

No alto de uma collina, dominando um horizonte de montanhas, de florestas, de aguas, e de céo purissimo, zelloso do seu glorioso passado de collegio de maior renome e tradições no Brasil, ergue para as alturas a sua cruz e a sua aguia symbolica este grande collegio, que possue as melhores installações possiveis em estabelecimentos congeneres, optimos gabi-

Directoria: Dr. Mario de Toledo Fonseca e Prof. João de Camargo.



Photographia do predio.

netes de Physica e Chimica, Historia Natural e todos os outros requisitos necessarios para cumprir o seu programma integral de trabalho.

A educação e o ensino devem despertar no individuo a ancia suprema de perfeição e de belleza.

Seu programma de trabalho

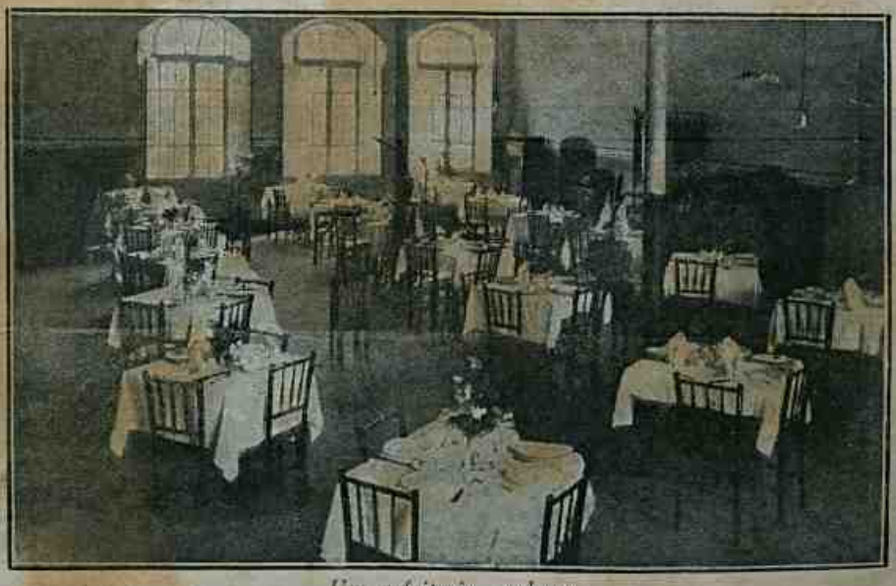
Visando preparar o cidadão perfeito, apto para desempenhar o seu papel no commercio, na lavoura, na industria, nas artes e nos officios, tambem dará o seu contingente de alumnos ás Escolas Superiores, verdadeiros laboratorios das forças dirigentes do Paiz.

A educação physica na formação de uma raça san, bella e vigorosa; a educação moral firmando o caracter de um povo; a educação civica no afan de crear legitimos brasileiros, accumularão a solida instrucção, pratica e theorica, primaria, secundaria e artistica dada pelo estabelecimento.

As suas festas, consagrando a Divindade, a Familia e a Patria, serão tambem as do trabalho, das conquistas das sciencias e das artes, a festa das searas maduras, dos campos coberfos de flores, das aves e das arvores bemfazejas, respeitando e praticando a religião para a maior dignificação do homem.

Formando a democracia escolar, somente haverá no collegio a hierarchia do merito e do trabalho, incutindo no animo de seus alumnos, desde a infancia, a confiança em si mesmos, a responsabilidade de suas acções, o culto da honra e do dever e a noção certa do seu destino no seio da grande Nação a que pertencem.

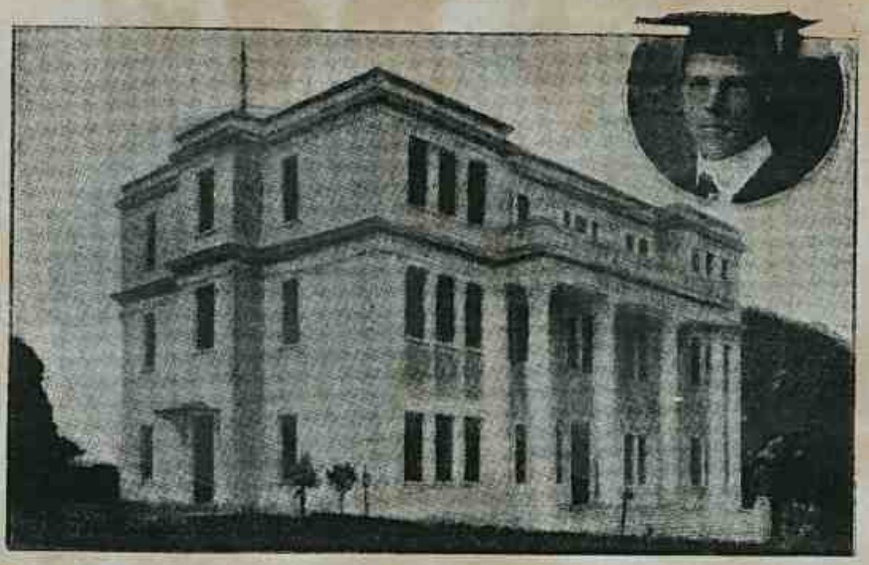
Assim apresentando-se, com esses fins e nobres intuitos, espera o Gymnasio Pio-Americano, zeloso do seu grande passado, poder merecer o concurso e o valioso auxilio da população desta Capital e dos Estados, para que possa cumprir a alta missão que se propõe em beneficio do ensino deste Paiz.



Um refeitorio moderno.

Collegio Baptista Americano Brasileiro

O Collegio Baptista Americano Brasileiro, que matriculou, durante o anno de 1920, quasi seiscentos alumnos nos seus diversos cursos primarios, complementares e secundarios, e para cujo ensino dispõe de quarenta professores, entre os quaes figuram os nomes de muitos especialistas brasileiros e norte americanos, acaba de fazer novas conquistas importantes, que deverão collocal-o em breve na posição de vantagens ainda maiores.



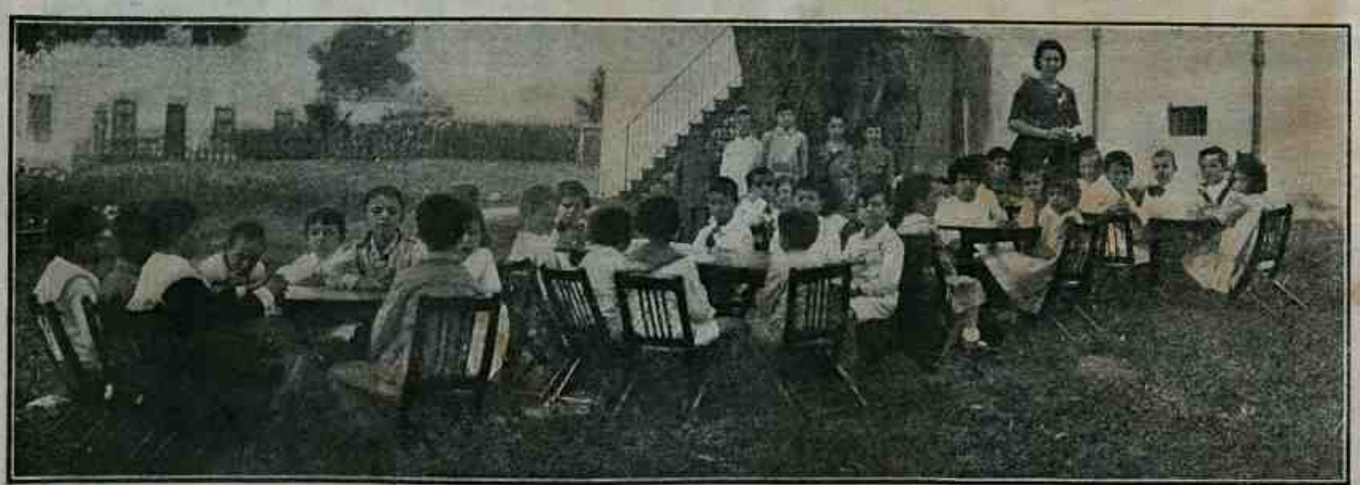
O magestoso edificio do Collegio Baptista, vendo-se no medalhão o seu director Dr. J. W. Shepard.

Além dos tres grandes edificios proprios, situados na Chacara Itacurussá, famosa por sua belleza e localisação saudavel nas encostas da montanha Tijuca, o Collegio no corrente anno está construindo mais um vasto edificio em moldes dos mais modernos, no qual serão installados exclusivamente os dormitorios dos alumnos. Este novo edificio estará prompto antes da proxima abertura do estabelecimento em Fevereiro de 1921. A area dos terrenos, constituida por mais de 110.000 metros quadrados, em situação accessivel no bairro da Tijuca, proporciona opportunidades inexcediveis para o desenvolvimento moral, intellectual e do systema moderno de cultura physica. O Collegio para meninas, situado actual e provisoriamente á rua Haddock Lobo n. 302, ficará esplendidamente installado em edificio proprio, que occupará uma chacara ampla á rua Conde Bomfim n. 743, dez minutos a pé do edificio principal. As aulas, que são separadas, estão sendo organisadas com as mesmas regalias das do collegio para o sexo masculino.

Edificio proprio do internato para meninas á rua Conde Bomfim n. 743.

Um grupo parcial de alumnos em frente ao edificio principal (Judson Hall).

Esta instituição prepara alumnos para matricula em todas as diversas escolas superiores do paiz, e nella em-



Grupo de creanças do Jardim de Infancia.

Alumnas internas do internato feminino á rua Conde Bomfim n. 743.

prega-se com cuidado o systema de estudos de supervisão, bem como outros methodos da mais efficiente e moderna organisação.

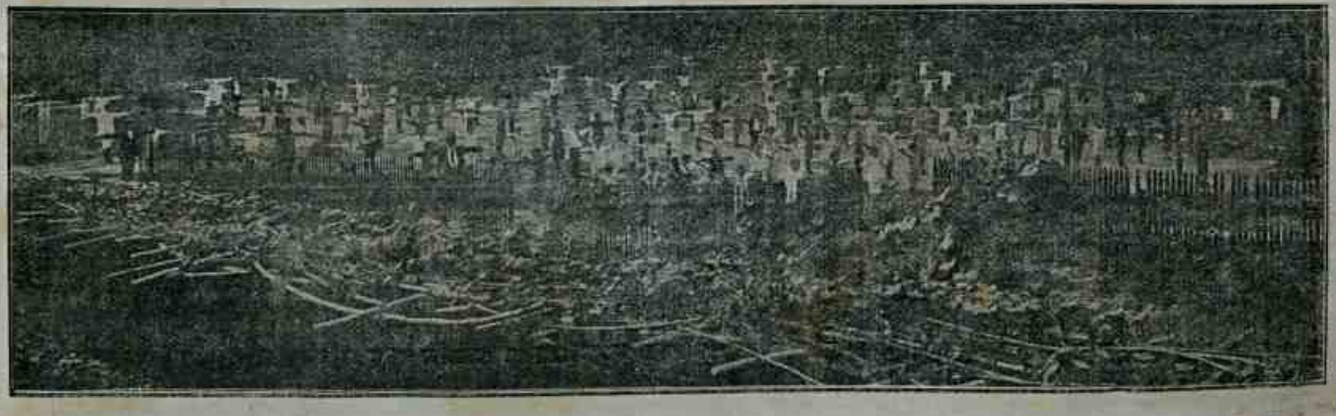
O Corpo Docente em reuniões semanaes despende muito tempo no estudo comparativo de methodos, assim assegurando o logar a que faz jús este estabelecimento na vanguarda do movimento pedagogico moderno. Este estudo é organisado e guiado pelo Director, ajudado pelo superintendente dos cursos elementares.

O Collegio Baptista está emfim em condições de receber alumnos internos, semi-internos e externos de ambos os sexos, desde o curso de primeiras letras até o sexto anno gymnasial.

Grupo de alumnos externos do estabelecimento feminino situado á rua Conde Bomfim n 743.

Para informações peçam prospectos á secretaria do collegio, á rua Dr. José Hygino 350, ou pela Caixa do Correio n. 828.

J. W. SHEPARD — Director.



Uma aula de gymnastica sueca.

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO Avenida Niemeyer (Leblon) - Rio de Janeiro

VISTA PANORAMICA DA CHACARA E PRAIA DO VIDIGAL, ONDE FUNCCIONA O GYMNASIO.

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO

(COLLEGIO MODELO INGLEZ)

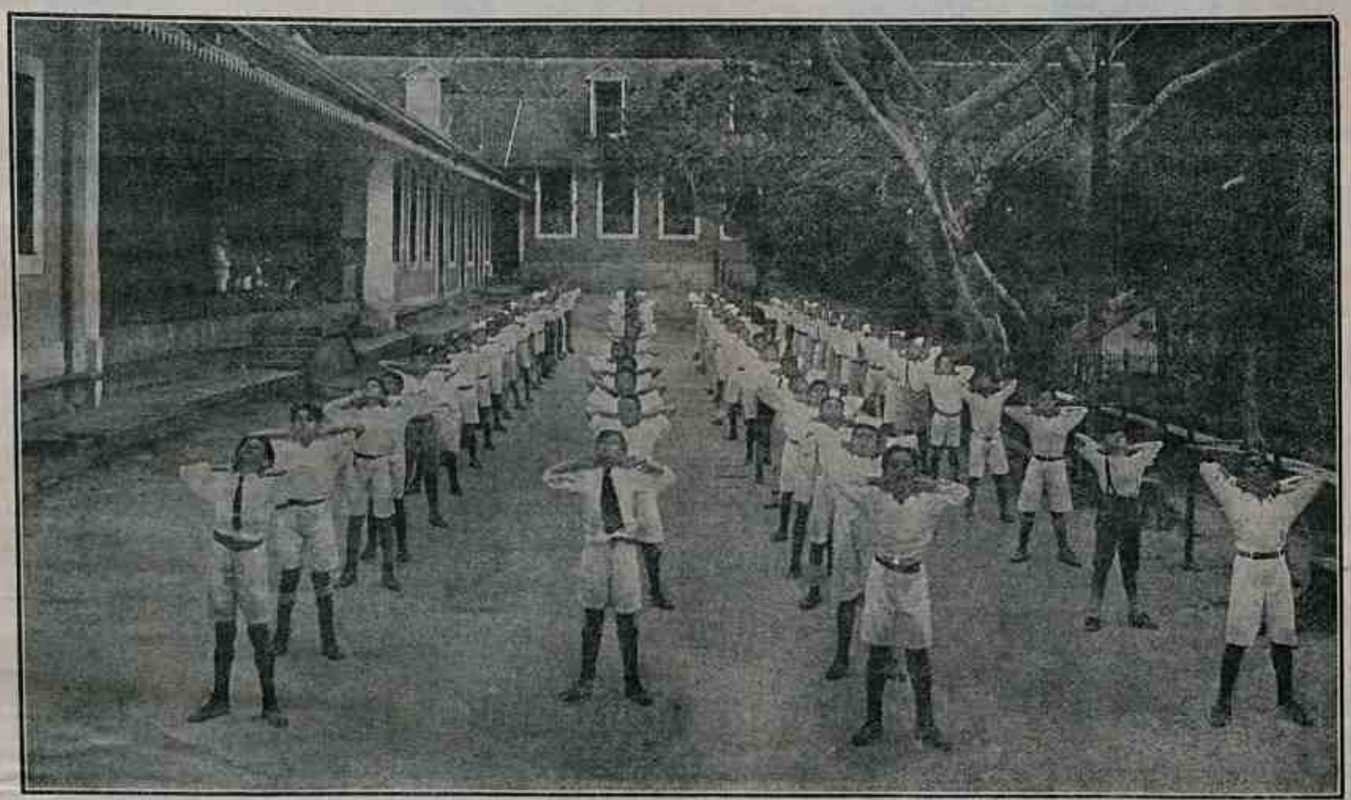
FUNDADO EM 1889

Chacara e Praia do Vidigal, Avenida Niemeyer (Leblon)

RIO DE JANEIRO

DIRECTORES :

CHARLES W. ARMSTRONG e STANLEY B. ALLAN



ALUMNOS DO GYMNASIO FAZENDO EXERCICIOS SUECOS

Cursos primario, secundario, de preparatorios e de commercio.

Exercicios sueco e militar (com linha de tiro), natação, banhos de mar, tennis, football e patinação.

Situado em ponto saluberrimo, com esplendidas vistas para o Oceano Atlantico.

Prospectos e outras informações na Secretaria do Collegio ou na casa Crashley, Ouvidor 58 - Rio.

COLLEGIO RAMPI WILLIAMS

PARA MENINAS — FUNDADO EM 1893

Internato, semi-internato e externato — 66, RUA VOLUNTARIOS DA PATRIA, 66 — Botafogo
(Edificio proprio)

O ensino é de accordo com a nova reforma, habilitando-se meninas nos preparatorios para admissão em todas as Faculdades, sendo os exames feitos parcelladamente no Collegio Pedro II. Preparam-se tambem candidatas a exames na Escola Normal e no Instituto Nacional de Musica.

Mme. Emilia Rampi Williams
Directora do Collegio.

HA CURSOS ESPECIAES PARA MOÇAS

Corpo Docente:

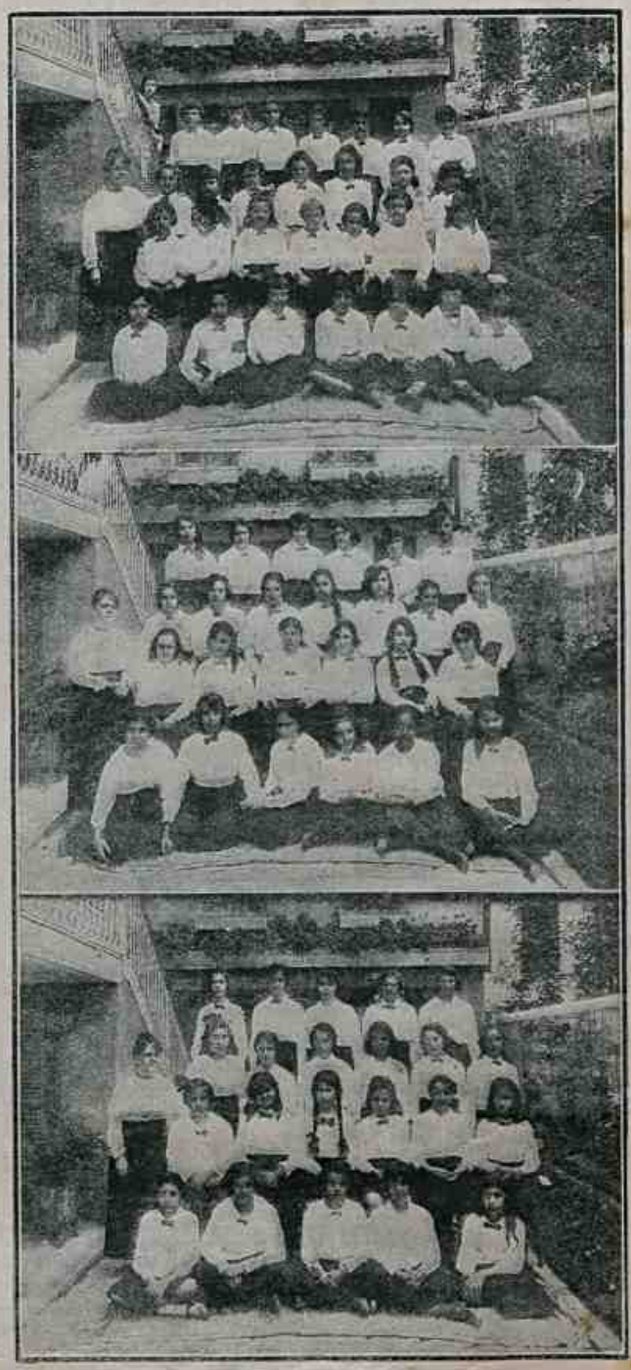
Curso infantil — Mlle. Diva Casali.
Curso primario — Mlle. Gilda Pacca.
Curso médio — Mme. Mathilde Liabastre e Mlle. Mercedes Silva.
Curso complementar — Mme. Emilia Rampi Williams.

CURSO SECUNDARIO

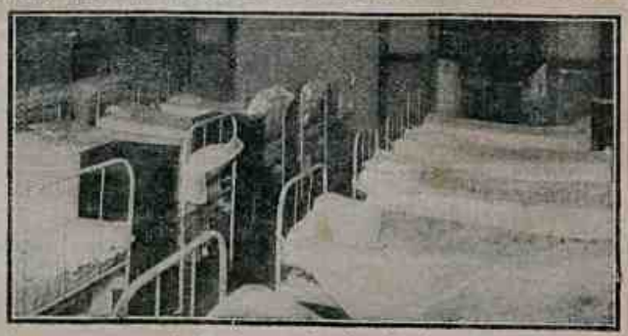
Portuguez — Dr. Torquato Mesquita.
Latim — Conego Dr. André Arcoverde de Albuquerque.
Francez — Mme. Emilia Rampi Williams.
Italiano — Mme. Emilia Rampi Williams.
Inglez theorico — Sr. Anthony Williams.
Inglez pratico — Mme. Paulina Accioli de Brito.
Religião — Conego Dr. André Arcoverde de Albuquerque.
Geographia e carthographia — Dr. Horacio Maisonnette
Historia Universal — Dr. Horacio Maisonnette.
Mathematica — Dr. Raul Guedes.
Physica e chimica — Dr. Plinio Olinto.
Piano, solfejo e theoria — Maestro Octaviano Gonçalves.
Piano — Mme. Paulina Accioli de Brito e Mlle. Helena Janin.
Violino — Sr. Orlando Frederico.
Canto — Mlle. Eleonora Zaranella.
Harpa — Mlle. Jandyra Costa.
Mandolino — Mlle. Carolina Simões.
Desenho e pintura, de accordo com a Escola Nacional de Bellas Artes — Sr. Raphael Frederico.
Trabalhos de agulha e costura branca — Mme. Mathilde Liabastre e Mlles. Mercedes Silva e Gilda Pacca.
Bordados, flores e photo-miniatura—Mlle. Botelho Costa.
Pintura sobre setim, espelho, etc. — Mme. Accioli de Brito.
Dactylographia — Mlle. Dulce Cunha.
Gymnastica — Sr. Alcebiades Ferreira.
Declamação — Sr. Manoel Borgerth.
Medico do estabelecimento — Dr. PLINIO OLINTO.

A directora — EMILIA RAMPI WILLIAMS

Prospectos no Grão-Turco, rua do Ouvidor n. 96 e no estabelecimento — Telephone - sul 1239



Grupos de alumnas do internato, tendo ao lado a sua directora



Parte do amplo dormitorio.

Os nossos grandes estabelecimentos de ensino

Ao lado do grande surto de progresso que temos tido, após a guerra européa, avulta o notavel desenvolvimento dos nossos estabelecimentos de ensino.

Entre esses, um, sobretudo, alcançou tal prosperidade que tem causado a admiração geral: é o Instituto La-Fayette, iniciativa e obra de brasileiros, fundado apenas ha quatro annos e tanto e figurando já como o maior estabelecimento de ensino do Brasil, pelo numero extraordinario dos seusalumnos e pela sua completa organisação pedagogica. Basta considerar-se que foi esse modelar Instituto frequentado em 1916 por 71 alumnos, em 1917 por 252, em 1918 por 407, em 1919 p r 570 e em 19.0 por 960 alumnos.

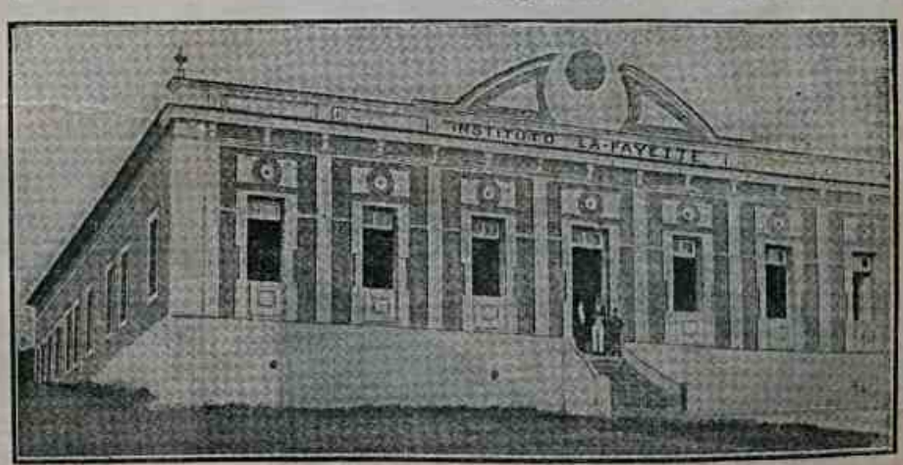
Tendo creado já, além da sua séde, mais duas succursaes, como vemos nas photographias juntas, acaba de fundar agora um departamento femi-

Fachada do palacete principal do departam ento masculino (séde), á rua Haddock Lobo, 253, vendo-se a companhia n.º 2 do Instituto, em continencia á bandeira.

Fachada do palacete do departamento feminino (succursal nº 2) á rua Conde de Bomfim, 186.

nino, em sua luxuosa e confortavel succursal n. 2, á rua Co de de Bomfim, 186. Esse novo departamento, onde tambem se recebem creanças do sexo masculino, para o jard m da infancia, possue um programma educativo como ainda não se tinha posto em pratica entre nós, quer pela sua verdade scientifica, quer pela sua orientação pratica, quer pela sua cultura do sentimento que tanto eleva a alma e fortalece o caracter. Ahi nesse internato, semi-internato e externato feminino poderá o conceituado estabelecimento receber alumnas desde a tenra edade, pois a sua organisação vae desde o jardim da infancia, o curso primario e o complementar até o curso geral superior, verdadeiramente encyclopedico e educativo e os cursos commerciaes que têm feito a independencia da mulher norte-ameri ana e que t nto exito têm alcançado na séde do Insti tuto La-Fayette, onde o frequentam duas centenas de alumnos.

O Jardim da Infancia do Instituto La-Fayette é o mais bem organizado que conhecemos. Nelle as creanças se confraternizam em torno das suas mesinhas, em face dos interessantes e uteis dons de Frœbel e de Montessori e tomam verdadeiro amor ao collegio, tornando-se estudiosos e educados, gentis e cavalheiros, elemento de grande utilidade futura na socie-



Fachada do edificio principal da succursal nº 1, em S. João Nepomuceno — Minas

dade. Mesmo no internato, tanto da secção feminina como da masculina podem as meninas e os meninos matricular-se desde a edade de cinco annos, pois um verdadeiro regimen maternal ahi encontram, substituindo o carinho da familia. A orientação do ensino, quer moral, quer intellectual, quer esthetico, quer physico, é a mais moderna e formadora da alma e do caracter que des-

Vista parcial do luxuoso e confortavel dormitorio das menores do departamento feminino, onde se allia o gosto esthetico e as mais modernas prescripções de hygiene.

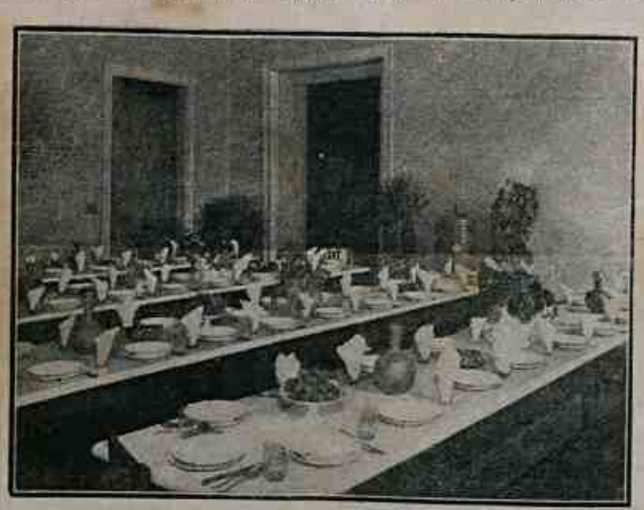
corpo docente, a superioridade do material de ensino empregado, as aulas ao ar livre, a boa qualidade e a variedade da alimentação e o ensino apurado das linguas vivas, todo esse conjuncto de organisação faz do Instituto La Fayette uma casa de educação que deve ser indicada aos paes de familia que desejam o progresso moral, intellectual e physico de seus filhos.

Recommendar,

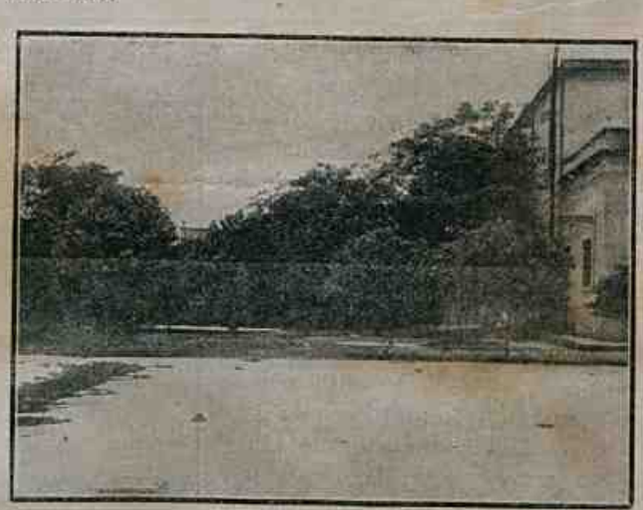
O Jardim da Infancia da séde, em aula ao ar livre (fusão dos methodos de Froebel e Montessori, com frequencia mixta).

abrocham num ambiente alegrado pelas flôres e pelas plantas e confortado pelas mais luxuosas e hygienicas installações. Por outro lado a competencia do

portanto, o Instituto La-Fayette aos que desejam fazer a escolha de um bom collegio é praticar um acto de patriotismo.



Aspecto parcial do refeitorio do departamento feminino, onde se ministra ás alumnas uma alimentação de primeira ordem.



Aspecto do recreio das menores, vendo-se o campo de tennis e o local destinado ás aulas ao ar livre.

Chiquinho e a orchestra moderna

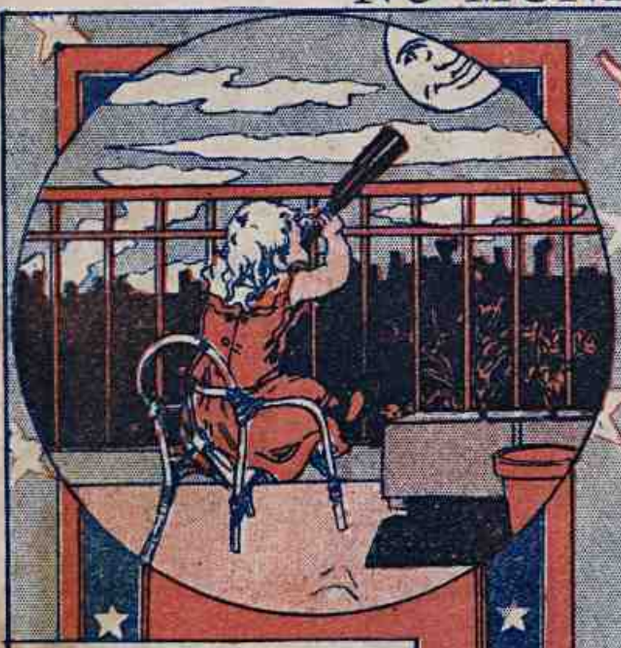
Chiquinho e Jagunço estavam impressionados com a musica moderna de pancadaria, e resolveram fazer um concerto em casa.

Foram buscar toda a bateria da cosinha que existe em casa e mais algumas latas de kerozene.

Deram principio a um fogoso "rig-time", e tal enthusiasmo tomaram que converteram a harmonia num barulho infernal e que se ouvia a 300 metros de distancia.

A pancadaria foi tanta nas panellas, latas e mais coisas, que em breve acudiam em corrida louca: os paes do Chiquinho, a Assistencia, um pelotão da guarda civil, outro da Brigada e o Corpo de Bombeiros. Um continuo de repartição, que morava ali pegado e que dormia ha tres semanas, acordou nesse dia!

NO MUNDO DA LUA



Zezinho apanhou uma vez o binoculo do papae e viu a lua. Pensou depois o que seria a vida naquelle planeta tão grande que parecia lhe sorrir lá do alto.

E sonhou o Zezinho. Viu-se transportado pelos ares, agarrado a um guarda-chuvas, que subia, numa vertiginosa carreira, tal qual um balão verdadeiro.

Após longa viagem, chegou á Lua, cujos habitantes, que são muito pequeninos, uns anõeszinhos deste tamanho, o acclamaram freneticamente.

Deram-lhe fidalga hospedagem, cercaram-n'o de honrarias. Zezinho passeiou pela cidade e visitou as fortalezas da Lua.

Teve ainda occasião de matar um monstro que havia muito tempo lançava a desolação e o temor aos lunaticos.

NO MUNDO DA LUA

Após este grande feito, Zezinho foi apresentado ao rei, que lhe agradeceu o gesto de bondade e apresentou, em nome dos lunaticos, suas felicitações, pela sua grande coragem.

Foi nomeado general e, montado num cavallinho de páo, passa em revista, todo orgulhoso, as tropas de S. M. o Rei da Lua.

Mas tantas festas, tantos ruídos, acabam por aborrecer o Zézinho, que pensa em voltar á casa dos paes. Não consegue, visto não encontrar mais seu guarda-chuva-balão. E começa a chorar.

Acorda então, e vê que sonhava. Senta-se na cama e vê ainda, através os vidros da janella, o rosto arredondado da Lua, que lhe sorri zombeteiramente.

Mut e Jeff foram roubar cajús

Quando Mut estava reclamando a demora de Jeff, um sacco, que parecia cheio de cajús, foi jogado do outro lado do muro.

Mut estava radiante. Nunca pensou que Jeff colhesse um sacco cheio de cajús.

E... os cajús eram o proprio Jeff em carne e osso, que, convenientemente sovado pelo homem amarello de raiva, havia sido atirado dentro do sacco.

1921

ALMANACH D'O TICO-TICO

Boas Festas aos leitores!

MAIS um anno que surge, promissor de venturas, de felicidade, de risos, na expectativa de todos os corações! Mais uma vez eis-nos, de novo, para prazer e utilidade dos milhares de leitores, e cada vez mais animados, mais dispostos, embora a custo de grandes sacrificios, a levar por diante o nosso programma de educar, de instruir a infancia, recreando-lhe a imaginação, aprimorando-lhe o caracter, inculindo-lhe no espirito lições de civismo, de bondade, de cumprimento do dever.

Mais um marco do tempo que se nos apresenta para continuar a manter, incentivando sempre com a nossa dedicação, a acceitação e o favor dos pequeninos leitores de todo o Brasil. A esses — para cujo bem nascemos e vivemos — são as nossas mais effusivas saudações, os nossos mais cordeaes votos de felicidade no decorrer do Anno Novo, que deve ser aproveitado no estudo e no trabalho — os dois factores que formam da creança de hoje o homem de amanhã — tão util á Familia como necessario á Patria.

SALVE GENTIS LEITORES!

1921

LEITURA PARA TODOS

E' o mais completo,
o mais luxuoso,
o melhor dos magazines
que se publicam no Brasil.
Apparece nos principios de
cada mez.

JANEIRO 31 D

1º mez — 31 dias — Signo: AQUARIO

1—Sabbado—*Confraternidade Universal.* —*(Feriado nacional).*
2—DOMINGO—*Circumcisão do Senhor* —Santo Isidro.
3—Segunda-feira—Santo Anthero.
4—Terça-feira—S. Gregorio.
5—Quarta-feira—S. Simeão.
6—Quinta-feira—*Epiphania* — *Santos Reis* —(Dia santo)—S. Frederico.
7—Sexta-feira—S. Theodoro.
8—Sabbado—S. Lourenço.
9—DOMINGO—S. Julião.
10—Segunda-feira—S. Gonçalo.
11—Terça-feira—S. Theodorico.
12—Quarta-feira— S. Satyro.
13—Quinta-feira—Baptismo de Jesus.
14—Sexta-feira— S. Felix de Nola.
15—Sabbado—Santo Amaro.
16—DOMINGO—S. Marcello.
17—Segunda-feira—São Antão.
18—Terça-feira—Santa Prisca.
19—Quarta-feira—S. Canuto.
20—Quinta-feira—*S. Sebastião—Fundação da cidade do Rio de Janeiro—Feriado.*
21—Sexta-feira—Santa Ignez.
22—Sabbado—S. Vicente.
23—DOMINGO—Desposorio de N. Senhora com S. José.
24—Segunda-feira—N. S. da Paz.
25—Terça-feira—Conversão de S. Paulo.
26—Quarta-feira—S. Polycarpo.
27—Quinta-feira—S. João Chrysostomo.
28—Sexta-feira—S. Cyrillo.
29—Sabbado—Oração de N. Senhora.
30—DOMINGO—Santa Martina.
31—Segunda-feira—S. Pedro Nolasco.

LIÇÃO DE COUSAS

O corpo da planta

Se as plantas são seres vivos, como os animaes, como elles têm um corpo. No corpo do animal ha partes diversas: a cabeça, o tronco e os membros, que são os braços e as pernas. Pois nas plantas tambem o corpo tem partes differentes, mas não as mesmas do corpo do animal.

Quando arrancamos da terra, com cuidado, uma planta, vemos que tinha uma parte debaixo da terra: é a *raiz*. Vemos, a seguir á raiz, o *caule*, que é a parte que se levanta no ar, e onde estão presas, para os lados as *folhas;* no fim do caule, ou dos ramos em que elle se divide, estão as *flores*. As partes do corpo da planta são, pois: a *raiz*, o *caule*, as *folhas* e as *flores*.

Randolpho, Armanda, Jurary e Carmen, interessantes filhinhos do Sr. Manoel da Silveira Gomes.

A *raiz* vive, quasi sempre, dentro da terra; tem, de ordinario, ramos e os seus ultimos ramos, mesmo nas raizes mais grossas, são sempre delgadissimos. Na laranjeira as raizes mais proximas do caule são muito grossas e duras, como páo, e vão engrossando todos os annos. Na cenoura e no nabo a raiz tem poucos ramos e é grossa, mas tenra, e por isso se póde comer.

O *caule* tambem, as mais das vezes, tem ramos. Numas plantas é delgado e tenro, como no trigo ou no milho, e a planta chama-se então uma *herva*. Quando é tenro e comprido, não póde suster-se direito, e encosta-se ás outras plantas, ou aos páos, ou ás paredes que encontra ao pé: e assim se enrola o caule do feijoeiro, ou se prende com os seus *abraços*, do feitio de saca-rolhas, o caule das ervilhas. Quando o caule é tenro e muito comprido, e não póde trepar, fica deitado na terra, como do morangueiro.

Noutras plantas o caule é duro e secco, é de páo ou de madeira: como no alecrim: vive então muito annos e cada anno vae engrossando mais: a este caule, nas nossas plantas, dá-se vulgarmente o nome de *tronco*. Se o tronco tem, pelo menos, uns cinco metros, a planta chama-se uma *arvore*: taes são os carvalhos, a mangueira; o tronco das arvores só tem, de ordinario, ramos de certa altura para cima, formando a *copa*.

Se o tronco tem menos de cinco metros, e neste caso está quasi sempre vestido de ramos até abaixo, a planta chama-se um *arbusto*: como o alecrim, etc.

As folhas estão presas nos lados do caule; têm feitios muito differentes e

GALERIA INFANTIL

O galante Roberto, filho do tenente Adriano Pontes

FEVEREIRO 28 D

2º mez — 28 dias — Signo: PEIXES

1—Terça-feira—Santo Ignacio.
2—Quarta-feira—Purificação de N. Senhora—N. S. das Candeas.
3—Quinta-feira—Santa Olivia.
4—Sexta-feira—Santo André.
5—Sabbado—Santa Agueda.
6—DOMINGO—*Quinquagesima — Carnaval*—S. Amando.
7—Segunda-feira—Carnaval — S. Maximiano.
8—Terça-feira—Carnaval — S. Alfredo.
9—Quarta-feira—*Cinzas*—Santo Arthur.
10—Quinta-feira—S. Guilherme.
11—Sexta-feira—S. Adolpho.
12—Sabbado—S. Julião Hospitaleiro.
13—DOMINGO—Santo Euphrisio.
14—Segunda-feira—S. Abrahão.
15—Terça-feira—Trasladação de Santo Antonio de Lisboa.
16—Quarta-feira—Santo Onesino.
17—Quinta-feira—Santo Ausencio.
18—Sexta-feira—S. Marcello.
19—Sabbado—S. Conrado.
20—DOMINGO—Santo Eleuterio.
21—Segunda-feira—S. Felix de Metz.
22—Terça-feira—A cadeira de S. Pedro.
23—Quarta-feira—S. Lazaro.
24—Quinta-feira—S. Pretestato — *Proclamação da Constituição — Feriado.*
25—Sexta-feira—S. Cesario.
26—Sabbado—Santo Alexandre.
27—DOMINGO—S. Leandro.
28—Segunda-feira— Trasladação de Santo Agostinho.

ALBUM INFANTIL

Mario, gentil filhinho do Sr. Alfredo Martins Gomes.

3º mez — 31 dias — Signo: CARNEIRO

1—Terça-feira—S. Adrião.
2—Quarta-feira—S. Carlos.
3—Quinta-feira—S. Martinho.
4—Sexta-feira—S. Casemiro.
5—Sabbado—Santa Pulcheria.
6—DOMINGO—Santa Colleta.
7—Segunda-feira— S. Thomaz de Aquino.
8—Terça-feira—S. João de Deus.
9—Quarta-feira—S. Candido.
10—Quinta-feira—S. Militão e 39 companheiros.
11—Sexta-feira—S. Constantino.
12—Sabbado—S. Eulogio.
13—*Domingo da Paixão* — S. Rodrigo.
14—Segunda-feira—S. Leandro.
15—Terça-feira—S. Henrique.
16—Quarta-feira—S. Cyriaco.
17—Quinta-feira—Santa Agricola.
18—Sexta-feira—O Archano Gabriel.
19—Sabbado—S. José.
20—*Domingo de Ramos*—S. Gilberto.
21—Segunda-feira—S. Bento.
22—Terça-feira—S. Octaviano.
23—Quarta-feira—S. Liberato—*Trevas*
24—Quinta-feira—S. Agapito — *Endoenças.*
25—Sexta-feira—*Annunciação de N. Senhora—Paixão e morte de N. S. Jesus Christo.*
26—Sabbado—*Alleluia*—S. Braulio.
27—*Domingo de Paschoa*—S. Alexandre.
28—Segunda-feira—Santa Dorothéa.
29—Terça-feira—S. Victorino.
30—Quarta-feira—S. João Climaco.
31—Quinta-feira—S. Benjamin.

pódem ser inteiras ou mais ou menos recortadas. Quasi sempre são verdes, e, ora mais compridas, ora mais largas, mas de ordinario chatas. No caule, ao pé das folhas, vêem-se as *gemas;* de dentro das gemas é que sahem os ramos do caule.

As flores têm muitas vezes côres vivas: como as côres vermelhas das papoulas, as flores amarellas dos narcisos, as flores azues da borragem; é mesmo por causa da belleza, da côr ou do cheiro de muitas flores, que tantas plantas se cultivam nos jardins. Mas tambem ha flores muito pequenas e esverdeadas: como as das urtigas, do trigo e do milho.

Esther, filhinha do Sr. José Augusto Minhoto, residente nesta capital.

CURIOSIDADES

Cada terra com seu uso

Em alguns paizes usam-se systemas muito interessantes para baptisar, ou melhor, para dar nomes ás creanças. Na China, as meninas das classes pobres merecem tão pouca importancia que não têm nomes emquanto pequenas, sendo designadas por numeros, correspondentes á sua origem na lista das filhas.

Os meninos recebem, ao nascer, um nome pelo qual são conhecidos até aos vinte annos; nessa idade, os paes dão-lhes outros, que conservam durante toda a vida.

As meninas japonezas têm de ordinario bonitos nomes, geralmente de flores, taes como Mimosa, Chrysantemo, Flor de Lothus e outras muitas flores.

Em algumas provincias ou regiões do Japão as creanças só recebem nome aos cinco annos de idade.

Na India, só aos doze annos é que os meninos têm nome, quasi sempre escolhido pela mãe; ás meninas, tambem da mesma idade, dá-se o nome de uma flor.

Os egypcios escolhem nome para as filhas, de um modo original: quando nasce uma creança, accendem tres velas, tendo cada uma um nome, e sendo um o de alguma deidade ou personagem celebre; a creança recebe o nome da vela que mais tempo se conservar accesa.

E' bastante original, como viram, essa forma de baptismo.

Salomão e Jacob, filhos do Sr. Isidoro Zacouto, residente nesta capital.

4º mez — 30 dias — Signo: TOURO

1—Sexta-feira— S. Hugo.
2—Sabbado—S. Francisco de Paula.

3—*Domingo de Paschoela*—S. Pancracio.
4—Segunda-feira—S. Ambrosio.
5—Terça-feira—S. Geraldo.
6—Quarta-feira—S. Celestino.
7—Quinta-feira—S. Epiphanio.
8—Sexta-feira—S. Amancio.
9—Sabbado—S. Marcello.

10—DOMINGO—S. Terencio.
11—Segunda-feira—S. Isaac.
12—Terça-feira—S. Constantino.
13—Quarta-feira—S. Justino.
14—Quinta-feira—S. Lamberto.
15—Sexta-feira—S. Basilio.
16—Sabbado-S. Fructuoso.

17—DOMINGO — *Patrocinio de S. José* —S. Aniceto.
18—Segunda-feira—S. Appolonio.
19—Terça-feira—S. Jorge.
20—Quarta-feira—N. Senhora dos Prazeres.
21—Quinta-feira—S. Anselmo — *Tiradentes — Feriado nacional.*
22—Sexta-feira—S. Leonidas.
23—Sabbado—S. Fortunato.

24—DOMINGO—S. Alexandre.
25—Segunda-feira—S. Marcos.
26—Terça-feira—S. Cleto.
27—Quarta-feira—S. Toribio.
28—Quinta-feira—S. Didymo.
29—Sexta-feira—S. Hugo.
30—Sabbado—S. Eutropio.

Os mahometanos escrevem os nomes escolhidos em tiras de papel, que collocam entre as paginas do Korão, seu livro sagrado. Abrem depois o livro e dão á creança o nome escripto na tira que primeiro apparece.

Rudolfo e Oscar Hoffmann, filhos do Sr. Augusto Hoffmann.

MAIO

31 D

5º mez — 31 dias — Signo: GEMEOS

1—DOMINGO—*Maternidade de N. Senhora*—S. Amador.
2—Segunda-feira—*Ladainhas*—S. Athanasio.
3—Terça-feira—*Ladainhas*—S. Juvenal—*Anniversario do Descobrimento do Brasil* — (*Feriado*).
4—Quarta-feira—S. Floriano.
5—Quinta-feira—*Ascenção* — Conversão de S. Agostinho.
6—Sexta-feira—Santa Judith.
7—Sabbado—N. S. do Resgate.
8—DOMINGO—S. Victor.
9—Segunda-feira—S. Gregorio Nazianzeno.
10—Terça-feira—S. Aureliano.
11—Quarta-feira—S. Anastacio.
12—Quinta-feira—S. Nereu.
13—Sexta-feira—N. S. dos Martyres — *Abolição da escravidão no Brasil* — (*Feriado*).
14—Sabbado—S. Bonifacio.
15—DOMINGO—*Espirito Santo*—S. Isidro.
16—Segunda-feira — S. Honorio.
17—Terça-feira—S. Paschoal.
18—Quarta-feira—S. Eurico.
19—Quinta-feira—S. Cyriaco.
20—Sexta-feira—S. Bernardino de Sena.
21—Sabbado—S. Marcos.
22—DOMINGO—*SS. Trindade* — S. Romão.
23—Segunda-feira—S. Basilio.
24—Terça-feira—N. S. Auxiliadora.
25—Quarta-feira—S. Bonifacio.
26—Quinta-feira—*Corpo de Deus*—Santo Agostinho.
27—Sexta-feira—S. Olivio.
28—Sabbado—S. Germano.
29—DOMINGO—S. Procopio.
30—Segunda-feira—Santa Emilia.
31—Terça-feira— Santa Petronilla.

GALERIA INFANTIL

Alcina e Hamilton Guimarães, nossos leitores residentes em Curityba.

Rogerio, filhinho do Sr. Augusto Coutinho Vianna, estimado negociante da nossa praça.

Os dois amigos

(FABULA DE LAFONTAINE)

Numa certa cidade viviam dois amigos intimos, verdadeiramente amigos.

Não possuia um delles qualquer cousa que não pertencesse igualmente ao outro.

Numa noite em que ambos, entregues ao somno, gosavam do fresco, levanta-se assustado um dos dois, corre espavorido ao quarto do outro e acorda os servos adormecidos.

O amigo, assustado, ergue-se, toma a bolsa, arma-se, vae ter com o outro e lhe diz:

— E' raro, a essa hora em que se dorme, correrdes vós. Que vos inquieta? Perdestes, acaso, vosso dinheiro ao jogo? Eis minha bolsa. Aconteceu-vos entrar em alguma pendencia? Contae com minha espada. Vamos. Aborrece-vos estar só? Virei fazer-vos companhia, trazendo escravas que cantem, toquem e dansem para vos alegrar. Que desejaes?

— Não, amigo, lhe responde o outro; nada disso me atormenta; sou grato ao vosso zelo; mas sonhava que vós me apparecieis um pouco triste; receioso de que assim fosse, corri depressa. Este maldito sonho é a causa.

Meninos, que vos parece? Dos dois amigos qual é o mais amante?

Difficuldade é esta que vale bem a pena de propor-se.

Que bella cousa é um amigo verdadeiro! Penetra-vos até o fundo d'alma; lá vae escrutar o que vos falta. Poupa-vos o pudor de o descobrirdes. Um sonho, um nada, tudo lhe faz medo quando se trata do seu amigo.

T. C. P.

A apparição do grisu nas minas de carvão conhece-se pela brusca diminuição da pressão atmospherica, descendo rapidamente a columna barometrica.

JUNHO

30 D

6º mez — 30 dias — Signo: CARANGUEJO

1—Quarta-feira—S. Fortunato.
2—Quinta-feira—S. Erasmo.
3—Sexta-feira—*O Coração de Jesus*—S. Cesar.
4—Sabbado—Santa Saturnina.

5—DOMINGO—S. Bonifacio.
6—Segunda-feira—S. Claudio.
7—Terça-feira—S. Gilberto.
8—Quarta-feira—S. Severino.
9—Quinta-feira—S. Paulo da Cruz.
10—Sexta-feira—Santa Margarida.
11—Sabbado—S. Procopio — *Batalha Naval do Riachuelo*.

12—DOMINGO—S. Adolpho.
13—Segunda-feira—Santo Antonio de Lisboa e de Padua.
14—Terça-feira— S. Basilio Magno.
15—Quarta-feira—S. Modesto.
16—Quinta-feira—N. S. do Soccorro.
17—Sexta-feira—S. Anatollo.
18—Sabbado—S. Marcellino.

19—DOMINGO—S. Gervasio.
20—Segunda-feira—S. Macario.
21—Terça-feira—S. Luiz Gonzaga.
22—Quarta-feira—S. Paulino.
23—Quinta-feira—Santa Aggripina.
24—Sexta-feira—*S. João Baptista* — (Dia santo).
25—Sabbado—S. Guilherme.

26—DOMINGO—*Pureza de N. Senhora*—S. Anselmo.
27—Segunda-feira—S. Adelino.
28—Terça-feira—S. Irineu.
29—Quarta-feira—*S. Pedro e S. Paulo, apostolos* — (Dia santo).
30—Quinta-feira—S. Marçal.

DOIS AMIGOS

Djalma Ayres e Walter Valente, nossos intelligentes leitores, residentes nesta capital.

JULHO

31 D

7º mez — 31 dias — Signo: LEÃO

1—Sexta-feira—S. Simeão.
2—Sabbado—Visitação de N. Senhora.
3—DOMINGO—S. Jacintho.
4—Segunda-feira—Santa Isabel, Rainha de Portugal.
5—Terça-feira—S. Athanasio.
6—Quarta-feira—Santa Angela.
7—Quinta-feira—S. Firmino.
8—Sexta-feira—S. Procopio.
9—Sabbado—Santa Veronica.
10—DOMINGO—S. Januario e seus companheiros.
11—Segunda-feira—N. S. do Patrocinio.
12—Terça-feira—S. Nabor.
13—Quarta-feira—S. Anacleto.
14—Quinta-feira—S. Boaventura—(Tomada da Bastilha) — Feriado Nacional.
15—Sexta-feira—S. Henrique.
16—Sabbado—N. S. do Carmo.
17—DOMINGO—S. Aleixo.
18—Segunda-feira—S. Arnaldo.
19—Terça-feira— S. Vicente de Paula.
20—Quarta-feira—S. Elias.
21—Quinta-feira—S. Claudio.
22—Sexta-feira—S. Platão.
23—Sabbado—S. Liborio.
24—DOMINGO—S. Bernardo.
25—Segunda-feira—S. Ignacio de Loyola.
26—Terça-feira—S. Olympio.
27—Quarta-feira—S. Mauro.
28—Quinta-feira—S. Celso.
29—Sexta-feira—S. Olavo.
30—Sabbado—S. Abdão.
31—DOMINGO—*Sant'Anna.*

O cavallo de Kosciusko

Do heróe polaco Kosciusko conta-se que era muito caritativo, e uma vez que enviou a Soleure umas garrafas de bom vinho, por um rapaz chamado Zeltner, emprestou a este o seu cavallo. Ao regressar, depois de cumprida a sua commissão, Zeltner disse a Kosciusko:

— Meu general, não tornarei a montar neste cavallo, se antes disso me não derdes a vossa bolsa.

— Por quê?

— Porque toda a vez que um pobre tirava o chapéo no caminho para me pedir esmola, o cavallo parava immediatamente e não havia maneira de andar emquanto eu o não soccorria. De modo que quando se me acabou o dinheiro só conseguia que elle andasse fingindo que dava esmola aos que me pediam.

— O papae e a mamãe prometteram-nos coisas muito bonitas no Natal se não fizessemos maldades...
— E por fim deram-nos apenas isso...
— E' verdade, é muito pouco para tanto juizo...

AGOSTO

31 D

8º mez — 31 dias — Signo: VIRGEM

1—Segunda-feira—S. Leoncio.
2—Terça-feira—N. S. dos Anjos.
3—Quarta-feira—S. Cassiano.
4—Quinta-feira—S. Domingos.
5—Sexta-feira—N. S. das Neves.
6—Sabbado—Transfiguração do Senhor.
7—DOMINGO—S. Alberto.
8—Segunda-feira—S. Cyriaco.
9—Terça-feira—S. Romão.
10—Quarta-feira—S. Lourenço.
11—Quinta-feira—Santa Suzana.
12—Sexta-feira—Santa Clara.
13—Sabbado—Santa Aquila.
14—DOMINGO—N. S. da Boa Morte.
15—Segunda-feira—*Assumpção de Nossa Senhora.*
16—Terça-feira—S. Roque.
17—Quarta-feira—S. Juliano.
18—Quinta-feira—S. Firmino.
19—Sexta-feira—S. Magno.
20—Sabbado—S. Samuel.
21—DOMINGO—*S. Joaquim.*
22—Segunda-feira—Santa Umbelina.
23—Terça-feira—S. Donato.
24—Quarta-feira—S. Bartholomeu.
25—Quinta-feira—S. Luiz, Rei de França.
26—Sexta-feira—S. Zeferino.
27—Sabbado—S. José de Calazans.
28—DOMINGO—S. Agostinho.
29—Segunda-feira—Degolação de S. João Baptista.
30—Terça-feira—S. Fiarico.
31—Quarta-feira—S. Cecidio.

As bonecas na antiguidade

No paiz que se considera o mais antigo entre os paizes civilisados, o Egypto, encontramos as primeiras bonecas, mas as encontramos, por assim dizer, não civilisadas. Foram encontradas nos tumulos de Memphis — pequenos tumulos que encerravam pequenos cadaveres de creanças — muitas figurinhas articuladas: mulheres agitando os braços e as pernas, um cozinheiro empunhando uma faca de cozinha, um escravo carregando um vaso, um padeiro amassando o pão, etc.

Bastante engenhosas no seu mecanismo — escreve um narrador — essas estatuetas são em geral grosseiramente feitas.

Era então um costume muito gracioso sepultar com as creanças os pequenos objectos que ellas haviam amado na vida!... Mostrava-se um desejo de subtrahir á morte o que ella tinha de doloroso e definitivo: lá se devia descortinar uma vida nova na qual o guerreiro se sentiria feliz por ter perto de si as suas armas, a mulher os seus objectos de *toilette* (tambem as suas armas!) e a creança os seus brinquedos... Esse costume pagão existia tambem nos primeiros tempos do christianismo. Assim, em 1879, em Poitiers, num cemiterio do segundo ou terceiro seculo, acharam-se num sarcophago aneis de bronze e de marmore, uma pulseira de prata, um pratinho de barro de Samos e duas bonecas de barro: todos os brinquedos que a creança tinha abandonado para morrer, e que lhe deviam ser restituidos no seu leitosinho de pedra, para tornar-lhe a morte mais suave...

* * *

Celebres na antiguidade eram as bonecas da Grecia, algumas das quaes, depois de terem sido a alegria dos pequenos de Athenas e de Sparta, fazem hoje a delicia dos collecionadores.

As figuras de Tanagra inspiravam-se sobretudo nos assumptos da vida familiar e eram — como se sabe—figurinhas bellas, esbeltas, elegantissimas. Em Tanagra faziam-se bonecas de todos os generos, para todos os gostos, vermelhas e azues, e ás vezes tambem de ouro.

Graciosos exemplares: um menino tem na mão, segurando-o pelos pés, um ganso que se agita, outro luta contra um gallo, um pequeno escolar volta do collegio dormindo no collo de um escravo, etc.

Tambem ha os grotescos: um homem com cabeça de rã, um negociante calvo com cara de macaco e pernas de gallo; uma velha com a cabeça pellada, barriguda e o rosto cheio de rugas...

Mario, Zeca e Sebastião, galantes filhinhos do Sr. José Cardoso de Souza Pinto e de D. Anna Lopes de Souza Pinto, residentes nesta capital.

30 D SETEMBRO

9º mez — 30 dias — Signo: BALANÇA

1—Quinta-feira—S. Constancio.
2—Sexta-feira—N. S. da Penha.
3—Sabbado—Santa Dorothéa—N. S. da Consolação.
4—DOMINGO—Santa Rosalia.
5—Segunda-feira—S. Bertino.
6—Terça-feira—S. Zacharias.
7—Quarta-feira—S. Anastacio — (*Independencia do Brasil*) — *Feriado.*
8—Quinta-feira—*Natividade de N. Senhora.*
9—Sexta-feira—S. Sergio.
10—Sabbado—Santa Pulcheria.
11—DOMINGO—*Santo Coração e Santo Nome de Maria.*
12—Segunda-feira—S. Didimo.
13—Terça-feira—S. Amado.
14—Quarta-feira—Exaltação de Santa Cruz.
15—Quinta-feira—N. Senhora das Dores.
16—Sexta-feira—Santa Edith.
17—Sabbado—S. Flocello.
18—DOMINGO—*As Dores de N. Senhora.*
19—Segunda-feira—S. José Cupertino.
20—Terça-feira—S. Eustachio—(*Lei Organica do D. Federal*).
21—Quarta-feira—S. Matheus.
22—Quinta-feira—S. Thomaz.
23—Sexta-feira—S. Lino.
24—Sabbado—N. S. das Mercês.
25—DOMINGO—S. Herculano.
26—Segunda-feira—S. Terencio.
27—Terça-feira—S. Wenceslão.
28—Quarta-feira—S. Mario.
29—Quinta-feira—S. Miguel Archanjo.
30—Sexta-feira—S. Leopardo.

EM CONTINENCIA !

O garboso escotéiro Theodomiro Pereira de Campos Filho, nosso amiguinho, residente em Casa Branca.

31 D OUTUBRO

10º mez — 31 dias — Signo: ESCORPIÃO

1—Sabbado—S. Verissimo.
2—DOMINGO—*N. S. do Rosario.*
3—Segunda-feira — Santos Anjos da Guarda.
4—Terça-feira—S. Francisco de Assis.
5—Quarta-feira—S. Placido.
6—Quinta-feira—Santa Fé.
7—Sexta-Feira—Santa Justina de Padua.
8—Sabbado—Santa Brigida.
9—DOMINGO—S. Abrahão.
10—Segunda-feira—S. Francisco de Borja.
11—Terça-feira—S. Firmino.
12—Quarta-feira—S. Seraphim — (*Descoberta da America*) — *F. Nacional.*
13—Quinta-feira—S. Daniel.
14—Sexta-feira—S. Calixto.
15—Sabbado—S. Severo.
16—DOMINGO—*N. S. dos Remedios.*
17—Segunda-feira—S. Florentino.
18—Terça-feira—S. Justo.
19—Quarta-feira—S. Pedro de Alcantara.
20—Quinta-feira—S. Feliciano.
21—Sexta-feira—S. Lucilio.
22—Sabbado—Santa Maria Salomé.
23—DOMINGO—S. Pedro Paschoal.
24—Segunda-feira—S. Raphael.
25—Terça-feira—S. Crisantho.
26—Quarta-feira—Santo Evaristo.
27—Quinta-feira—Santa Cristella.
28—Sexta-feira—S. Simão.
29—Sabbado—S. Feliciano.
30—DOMINGO—S. Angelo.
31—Segunda-feira—Santa Lucilia.

NOSSO ALBUM

Raul Miranda, nosso intelligente leitor, residente nesta capital.

Geographia atrapalhada

Nelson — Rio da America do Norte, que é nome de homem.
Palma — Cidade de Goyaz, que está na mão.
Flores — Ilha da Oceania, que está nos jardins.
Corça — Lago da America do Norte, que é a femea do veado.
Granada — Cidade da Hespanha, que se usa na guerra.
Bom — Cabo da Africa, que não é mão.
Toledo — Cidade da Hespanha, que é sobrenome.
Corvo — Ilha dos Açores, que é um passaro.
Castro — Cidade do Paraná, que é sobrenome.
Tefé — Cidade do Amazonas, que é sobrenome.
Madura — Ilha da Oceania, que não é verde.
Imperatriz — Cidade do Maranhão, que é soberana.
Mascate — Cidade da Arabia, que é vendedor ambulante.
Pomba — Cidade de Minas Geraes, que é um passaro.

OSWALDO MAIA CORRUEZA.

A religião é a verdadeira philosophia das bellas artes, porque não separa, como faz a prudencia humana, a poesia da moral nem a ternura da virtude.—*Chateaubriand.*

BRASIL DO FUTURO

Carlos Augusto, filhinho do Sr. Raul Miranda, residente nesta capital.

NOVEMBRO

30 D

11º mez — 30 dias — Signo: SAGITTARIO

1—Terça-feira—*Todos os Santos*—(Dia santo).
2—Quarta-feira — *Commemoração dos Mortos — Feriado.*
3—Quinta-feira—S. Benigno.
4—Sexta-feira—S. Carlos Borromeu.
5—Sabbado—S. Zacarias e Santa Isabel, paes de S. João Baptista.
6—DOMINGO—S. Leonardo—S. Florencio.
7—Segunda-feira—S. Amarando.
8—Terça-feira—S. Deodato.
9—Quarta-feira—S. Theodoro.
10—Quinta-feira—Santo André Avelino.
11—Sexta-feira—S. Martinho.
12—Sabbado—S. Diogo.
13—DOMINGO—*Patrocinio de N. Senhora*—Santo Estanislau.
14—Segunda-feira—Santo Ursino.
15—Terça-feira—S. Leopoldo — *Proclamação da Republica — Feriado.*
16—Quarta-feira—S. Balsameu — Santo Edmundo.
17—Quinta-feira—Santa Victoria.
18—Sexta-feira—S. Endo.
19—Sabbado—*Santa Isabel de Hungria—Festa da Bandeira—Feriado.*
20—DOMINGO—S. Simplicio.
21—Segunda-feira—Apresentação de N. Senhora.
22—Terça-feira—Santa Cecilia.
23—Quarta-feira—S. Clemente.
24—Quinta-feira—S. João da Cruz.
25—Sexta-feira—Santa Catharina de Alexandria.
26—Sabbado—S. Conrado.
27—DOMINGO—S. Severino.
28—Segunda-feira—S. Gregorio III.
29—Terça-feira—S. Saturnino.
30—Quarta-feira—Santo André, apostolo.

Ibsen e a sua bibliotheca

O GRANDE DRAMATURGO ERA PERDIDO PELOS ROMANCES POLICIAES

IBSEN, que vocês talvez não conheçam, foi uma das figuras mais celebres da literatura norueguezа. Foi o maior dramaturgo que a Noruega tem dado; foi mesmo um dos maiores que o mundo tem tido.

Houve uma época em que o grande escriptor norueguez era a figura mais proeminente do theatro. As suas peças eram representadas no mundo inteiro pelas mais altas figuras do palco. *Casa de boneca, Espectros,* etc., etc. eram peças applaudidas em todas as platéas civilisadas.

Depois que Ibsen morreu, a sua bibliotheca foi, pelo seu filho, offerecida ao museu de Brekke.

Analysando essa bibliotheca, verificou-se que o extraordinario dramaturgo mantinha grandes curiosidades intellectuaes. Ao passo que o seu emulo Bjornson se interessava por todas as manifestações da literatura contemporanea, tanto scandinava como estrangeira, as obras dos outros deixavam Ibsen assás indifferente.

Heleninha, filha do Sr. Candido M. Lemos, presidente da Associação Commercial, de D. Pedrito, Estado do Rio Grande do Sul.

Os romances e as producções theatraes contemporaneos, a que elle dava desdenhosamente o nome de "fim de seculo", causavam-lhe tedio e fadiga.

Achava-os obscuros e nebulosos, porque este escriptor, que tanto cultivou o symbolismo nas suas obras, e que em muitas dellas se manifestou bastante difficil de interpretar, apreciava acima de tudo a clareza... nos livros alheios.

Os grandes classicos eram os seus escriptores predilectos: sobretudo Goethe, cujas obras lia e relia assiduamente.

Um escriptor de tanta nomeada como Ibsen devia naturalmente receber muitos livros com dedicatorias; e de facto a sua livraria continha muitos... mas quasi todos com as folhas por abrir. Figurava entre elles o volume de um desgraçado poeta sueco que, na primeira pagina, lhe pedia em termos commoventes uma palavra de incitamento, de que muito precisava urgentemente. Este é um dos livros que Ibsen nunca abrio.

Em compensação, as traducções das suas principaes obras e os livros de critica que lhe haviam sido consagrados formam uma collecção consideravel, e haviam sido umas e outros lidos, relidos e annotados.

Na bibliotheca de Ibsen havia poucas obras de philosophia, muitos jornaes e revistas e abundavam os romances policiaes, que parece terem sido a leitura favorita do poeta.

Não poucos são de resto os homens illustrados que se divertem com essa literatura. Quem isto escreve leu que em certa occasião M. Viviani, presidente do conselho de ministros em França, disse que todas as noites, antes de adormecer, devorava com delicia as aventuras do famoso *Zigomar*, que o *Matin* andava então publicando em folhetim!

MAL ENTENDIDO

— Você é "flamengo" ou "fluminense"?
— Não, sou "carioca".

DEZEMBRO

31 D

12º mez — 31 dias — Signo: CAPRICORNIO

1—Quinta-feira—S. Cassiano.
2—Sexta-feira—S. Leoncio.
3—Sabbado—S. Francisco Xavier.

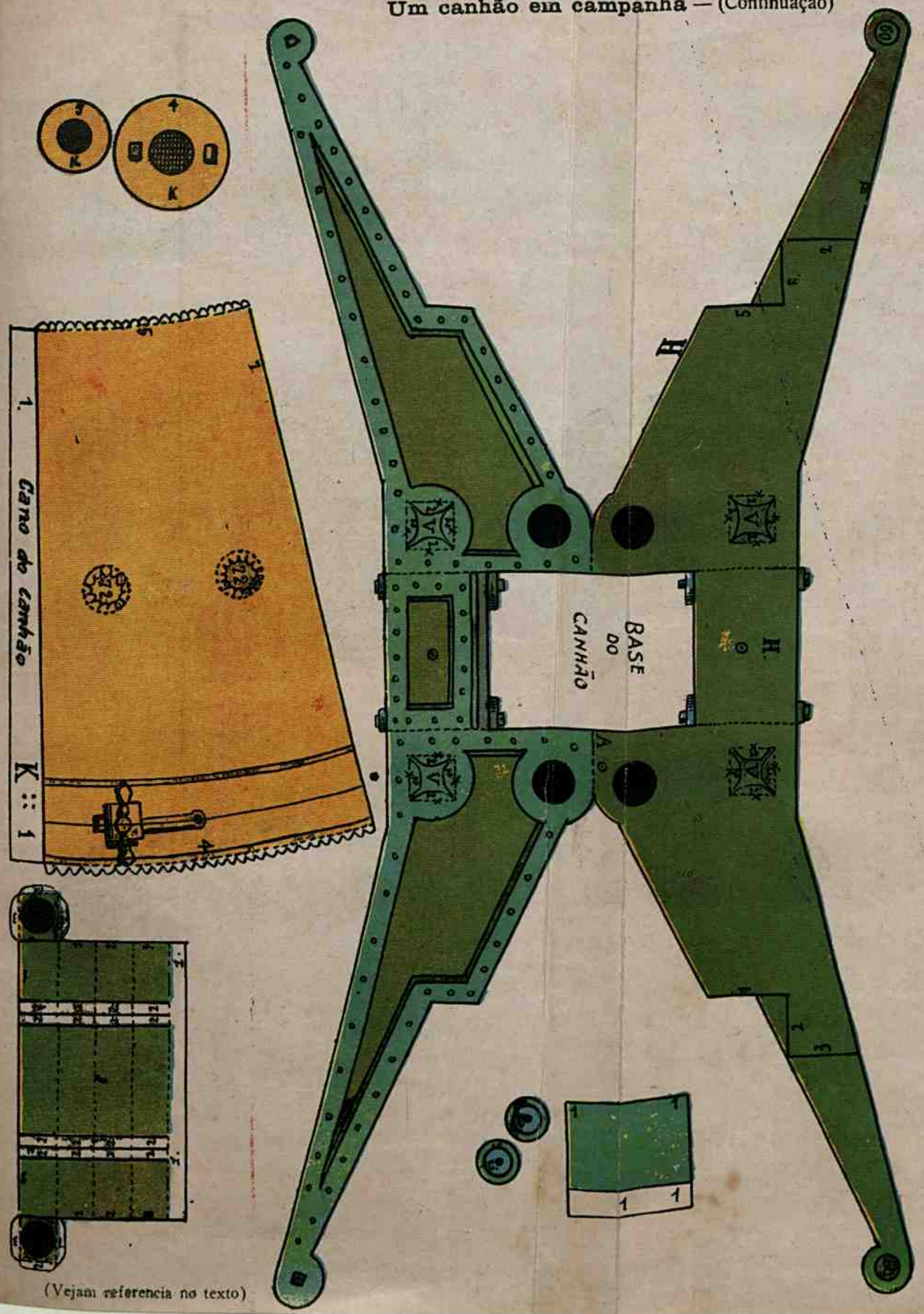
4—DOMINGO—S. Armando.
5—Segunda-feira—S. Dalimaerio.
6—Terça-feira—S. Nicolau de Bari.
7—Quarta-feira—Santo Ambrosio.
8—Quinta-feira—*Conceição de N. Senhora—Dia Santo.*
9—Sexta-feira—S. Leandro.
10—Sabbado—S. Melchiades.

12—Segunda-feira—S. Justino.
12—Segunda-feira—S. Justno.
13—Quinta-feira—Santo Euselio.
14—Quarta-feira—Santo Agnello.
15—Quinta-feira—Santo Eusebio.
16—Sexta-feira—Santo Valentim.
17—Sabbado—Santa Viviana.

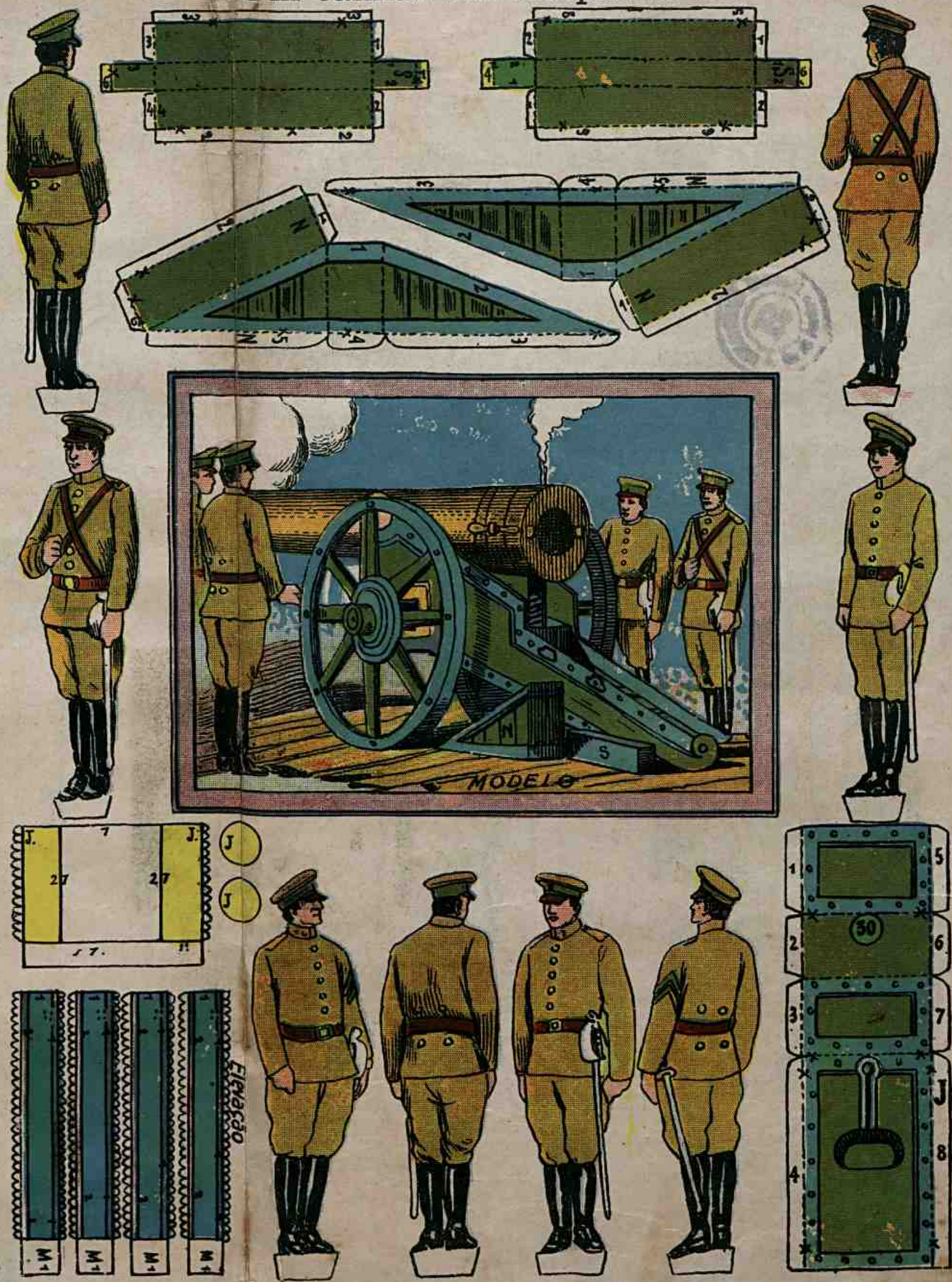
18—DOMINGO—S. Graciano.
19—Segunda-feira—S. Nemesio.
20—Terça-feira—S. Themistocles.
21—Quarta-feira—S. Demetrio.
22—Quinta-feira—S. Honorato.
23—Sexta-feira—S. Dagoberto.
24—Sabbado—S. Gregorio.

25—DOMINGO—*Nascimento de N. Senhor Jesus Christo.*
26—Segunda-feira—S. Dionisio.
27—Terça-feira—S. Theodoro.
28—Quarta-feira—Santo Abel.
29—Quinta-feira—Santa Melania.
30—Sexta-feira—S. Thiago.
31—Sabbado—S. Silvestre.

Dois ases.



(Vejam referencia no texto)



Peça de artilharia (modelo antigo), de construcção facil, guarnecida por uma secção de soldados de artilharia em uniforme de campanha.

(Vejam referencia no texto)

PEQUENAS HISTORIAS, PEQUENOS PROVERBIOS

ANNIVERSARIO

No trajar endomingados,
Carregados de presentes,
Chegam elles mui corados
A saudar os seus parentes.

QUEM PORFIA...

Olhos baixos, rosa ao peito,
Seguida por contrafeito
Cavalheiro mui sem geito,
Não se lembra a prosazinha
Que a verdade, tão escassa,
Apparece no proverbio :
Quem porfia mata a caça...

PAGA O JUSTO PELO PECCADOR

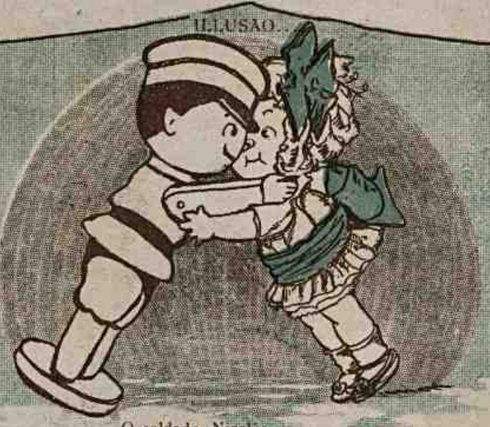
Ia o velho descendo a ladeira,
E com passo seguro marchava,
Quando surge, em louca carreira
Um pequerlo que alli deslisava.

Sobre o pobre do velho se atira,
E de *ventas* ao chão este vae,
Conclusão que, por fim, elle tira :
E' que *quem escorrega não cahe.*

DECEPÇÃO

Céos ! o que ouço e não vejo !
Se não me engano ; é um beijo !
Coube a outro o que eu desejo. .

ILLUSÃO...



O soldado Nicolão
Não é feio, nem é mão
Mas, coitado ! — é de pão...

O caso, mui exquisito,
Tal qual como aqui relato,
Explicado está no dito :
Não tem cão ? caça com gato !

Dá sempre ao falar dos loucos
Ouvidos moucos.

PERSEVERANÇA

Assim, tão encartolado,
Enluvado, *bengalado*,
Bate já porta o namorado.

ESTA' VASIA !

Bate sempre, bate bem,
Chama ainda essa creança,
Ouve, escuta, é ella, vem :
Quem espera sempre alcança.

FLORES, FLORES

Romã, de flores cercada,
Mais do que ellas tem côres,
Vê-se que está encantada,
No meio de tantas flores.

BEMDITA CHUVA

Levantando a saiazinha,
Assim tão agarradinha,
Abençoa a chuvazinha.

Do caso a moralidade :
(Commigo, leitor, concorda)
Não ha mal, por felicidade,
Que, por fim, *p'ra bem não venha.*

Ao *bifar* a mamadeira
Ficou mui desapontado,
Ao ver que dessa maneira
Elle é que ficou roubado-!
Agora aprende menino,
Que aprender não é desdouro,
A verdade aqui te ensino :
Nem tudo que luz é ouro.

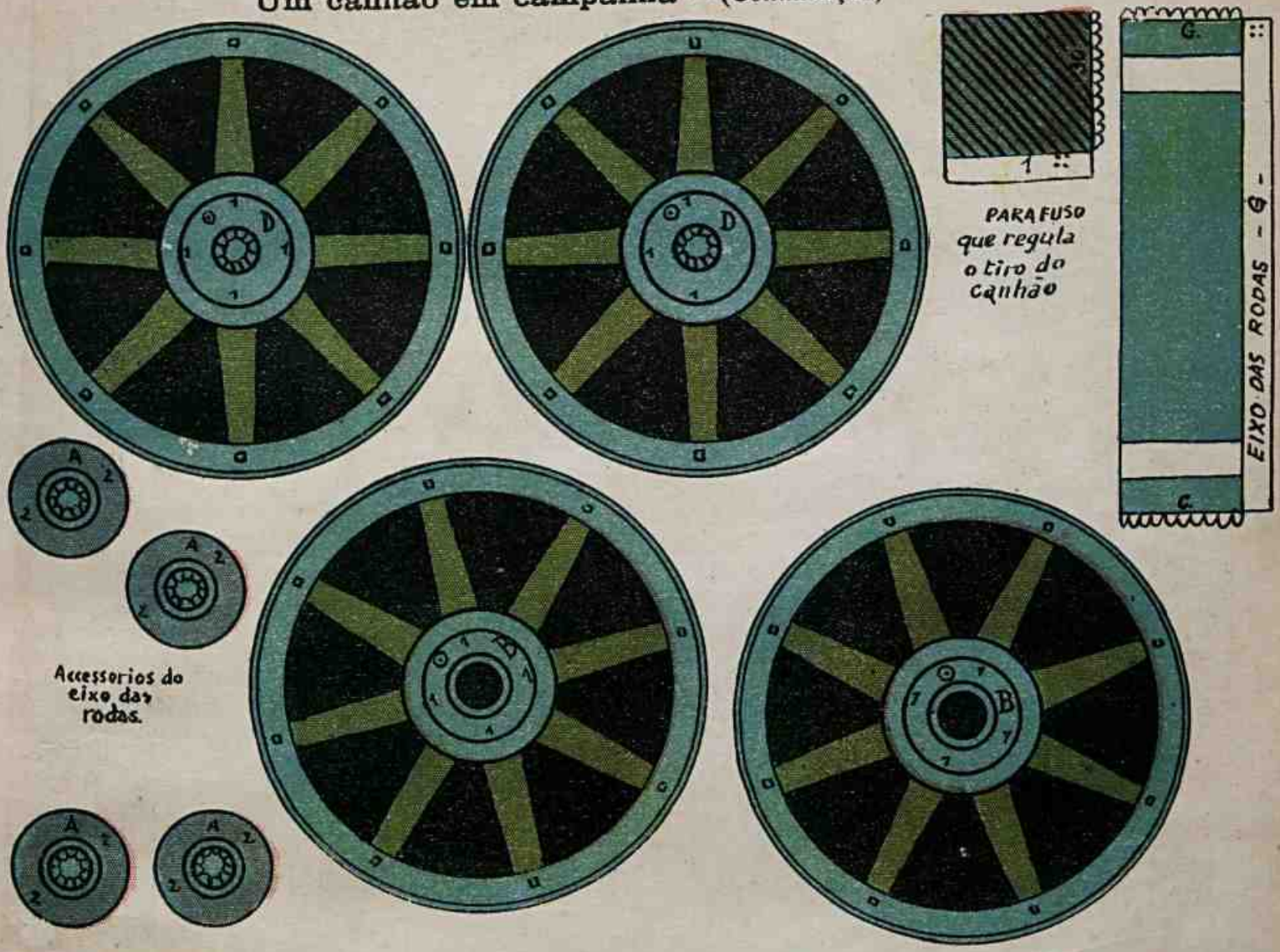
A DESPEDIDA

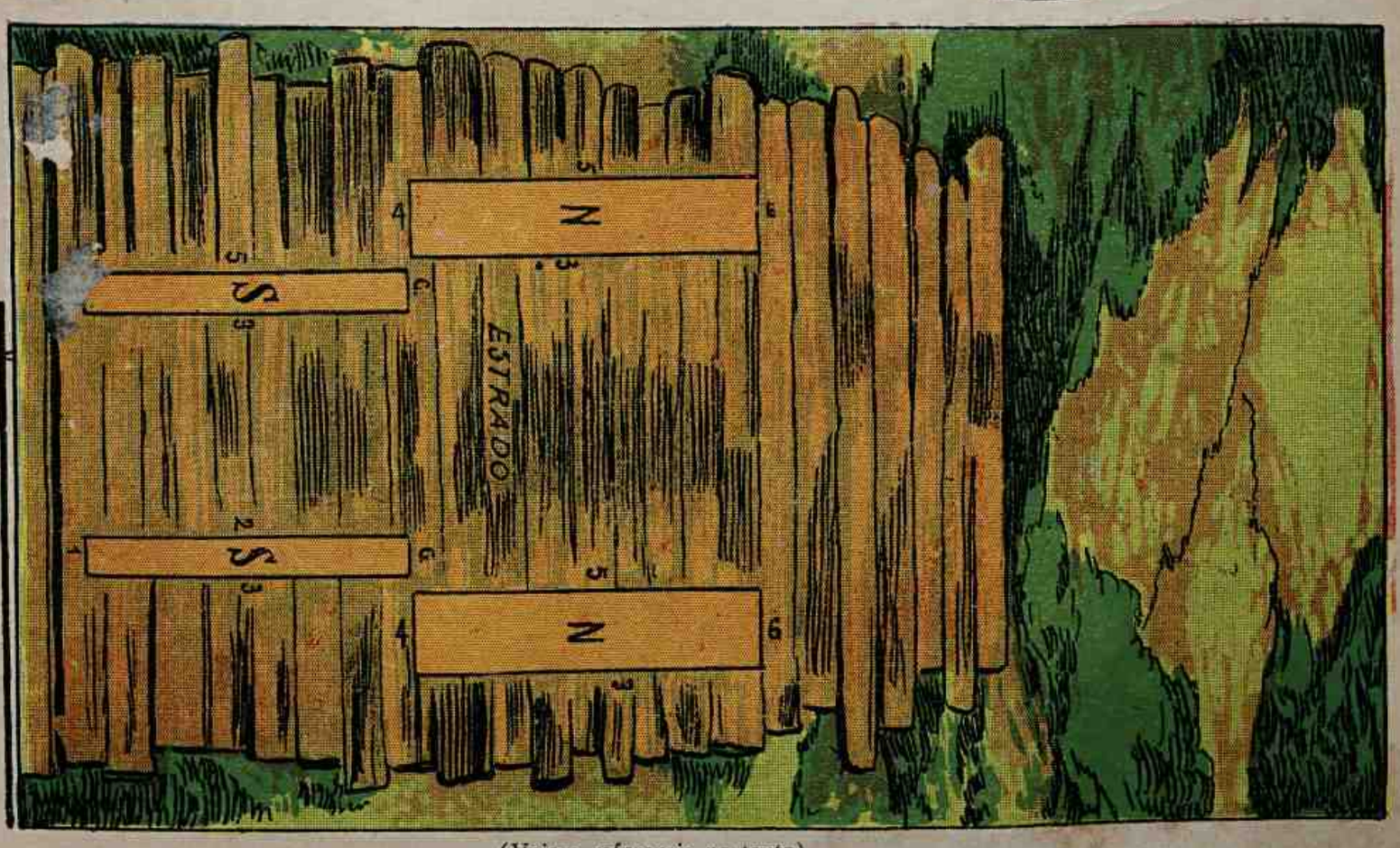
O Papá em zumbaia profunda,
O Lélé que se agarra, e se esconde,
E a Mamã, sempre bella e rotunda,
Vão partir e nem, sabem p'ra onde..

MANHÃ DE ABRIL

Qual a mais linda e gentil,
A mamãzinha loução,
Ou a pequenina romã
Que os olhos tem côr d'anil ?

Um canhão em campanha — (Continuação)





(Vejam referencia no texto)

O PRAZER DE ESTAR OCIOSA

Paulina anda sempre a se lastimar: todos os dias é obrigada a ir á escola dar lições, estudar geographia, historia, arithmetica!

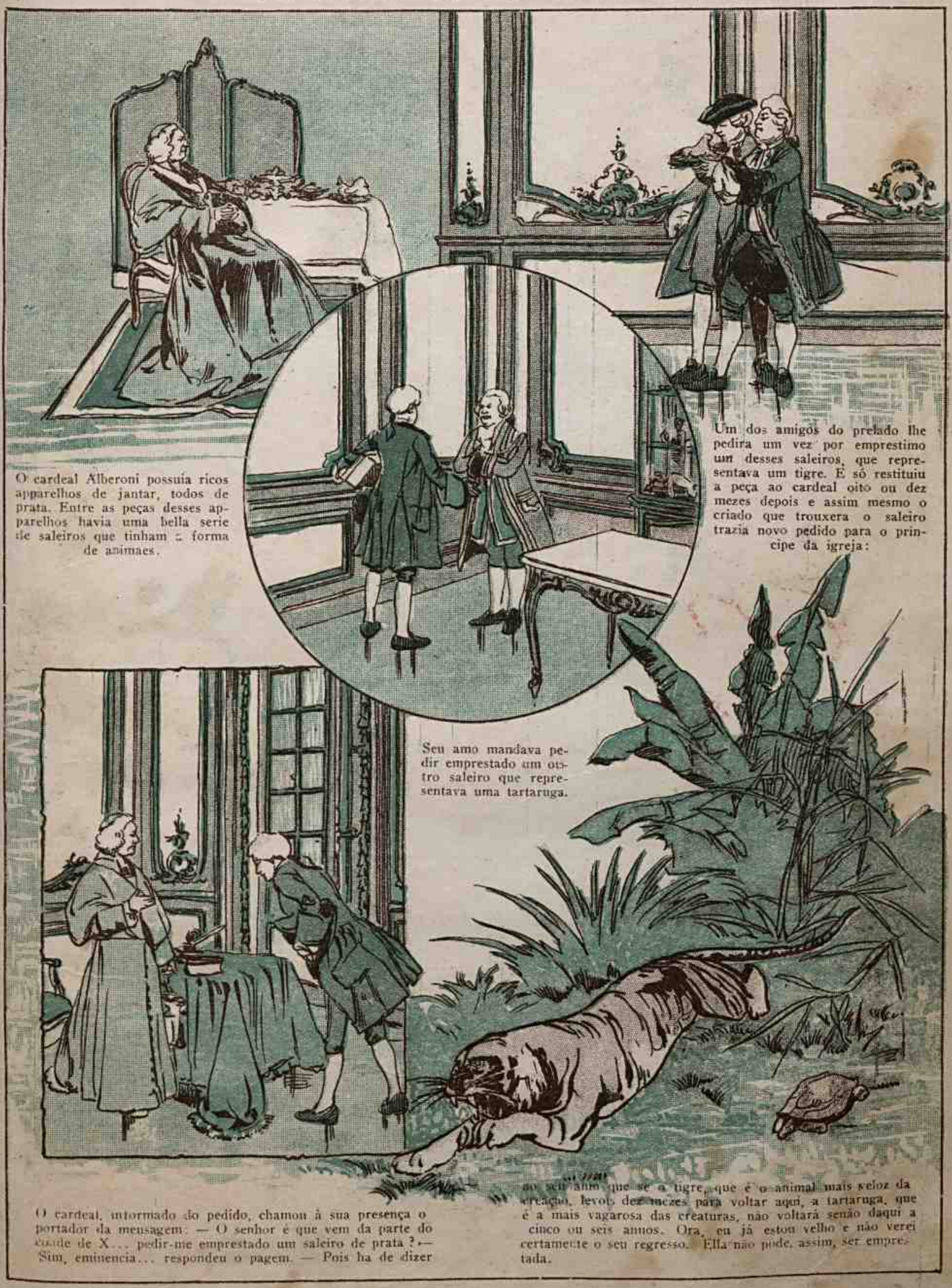
— Pois bem, minha filha, disse-lhe um dia sua mãe, já que o trabalho e o estudo te aborrecem, eu te autorizo a não mais estudar nem trabalhar. Paulina, inconsciente, deu pulos de alegria!

E olhava com commiseração para os outros meninos que passavam a caminho da escola. — Ah! — dizia ella — eu não irei mais, eu fico. E parece gosar a mais completa felicidade, por não ter cousa alguma em se occupar. Mas, se bem que tenha muitos brinquedos e se divirta, a menina começa pouco a pouco a se aborrecer, a se enfastiar pela ociosidade.

— Se fosse dormir? — interroga a si mesma. Não o consegue, no emtanto; alguma cousa em seu intimo a impede de conciliar o somno.

Durante tres dias, que lhe pareceram sem fim, Paulina supporta o supplicio que ella só agora conhece: estar ociosa. E é ella propria quem vem pedir aos paes perdão, porque está convencida de que o ocio e os divertimentos só são agradaveis quando constituem um intervallo do trabalho e dos estudos.

OS SALEIROS DO CARDEAL



O cardeal Alberoni possuia ricos apparelhos de jantar, todos de prata. Entre as peças desses apparelhos havia uma bella serie de saleiros que tinham a forma de animaes.

Um dos amigos do prelado lhe pedira um vez por emprestimo um desses saleiros, que representava um tigre. E só restituiu a peça ao cardeal oito ou dez mezes depois e assim mesmo o criado que trouxera o saleiro trazia novo pedido para o principe da igreja:

Seu amo mandava pedir emprestado um outro saleiro que representava uma tartaruga.

O cardeal, informado do pedido, chamou á sua presença o portador da mensagem: — O senhor é que vem da parte do conde de X... pedir-me emprestado um saleiro de prata? — Sim, eminencia... respondeu o pagem. — Pois ha de dizer ao seu amo que se o tigre, que é o animal mais veloz da creação, levou dez mezes para voltar aqui, a tartaruga, que é a mais vagarosa das creaturas, não voltará senão daqui a cinco ou seis annos. Ora, eu já estou velho e não verei certamente o seu regresso. Ella não pode, assim, ser emprestada.

Saudação á Bandeira

Salve, Bandeira do Brasil querida,
Toda tecida de esperança e luz!
Pallio sagrado sob o qual palpita
A alma bemdita do Paiz da Cruz!

Salve, Bandeira! O teu aceno immenso
De ouro e esmeraldas o teu manto real,
Nossa alma em vôo pelo azul se lança
Nessa esperança de dourado ideal!

Salvee, Bandeira! O teu aceno immenso
E' como o lenço de uma mãe que diz,
Saudando o filho e lhe apontando o norte;
" Sê nobre e forte, e me farás feliz "!

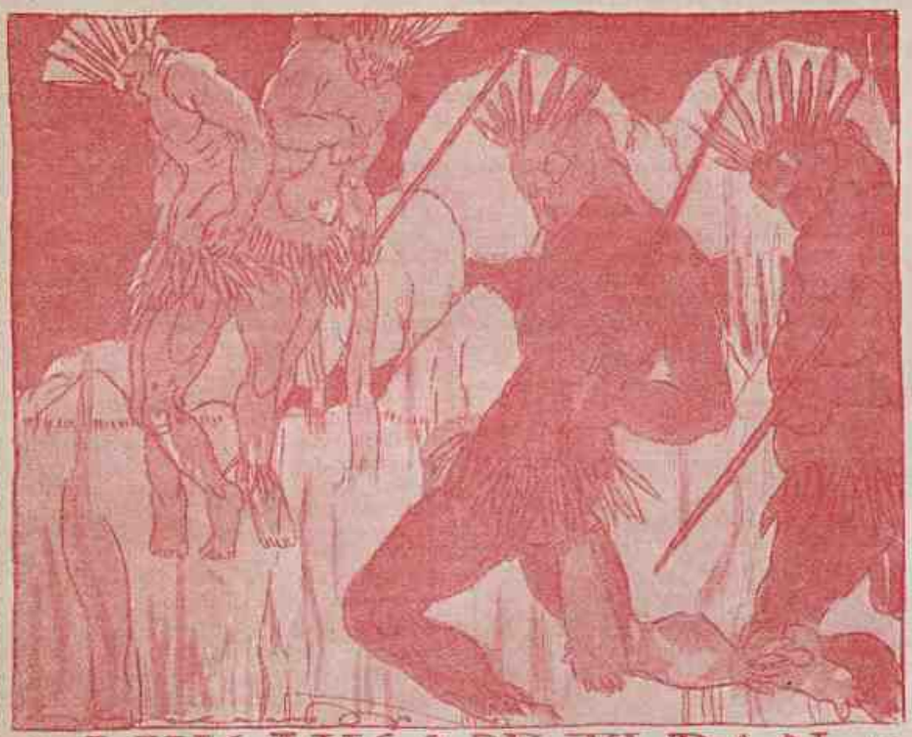
Salve, Bandeira! Como tenda arfante,
Que se levante no deserto nú,
Tu nos sorris e toda dôr desfazes,
Ha sempre oasis, onde fulges tu!

Salve, Bandeira! A nossa vida é barca,
Que singra e arca com um mar fatal;
Tu és a vela que jamais se perde,
Vela auriverde a demandar o ideal!

Salve, Bandeira, que és suave e justa,
Mortalha augusta para os bravos teus;
Mas, como a tunica de Nesso, ardes
Para os cobardes, para os vis e os reus!

Salve, mil vezes, ó gentil Bandeira,
Pura, fagueira, fulgurante, audaz!
Salve, nas ondas e na firme terra!
Salve, na guerra e na rosada paz!

DOM AQUINO CORRÊA (*Odes*)



A VINGANÇA DE TUPAN *

NHAARÚ, chefe dos Pichunas, senhores da terra, que era, então, um immenso e merencoreo alagado, sempre em porejo, recolhendo pensativamente á sua cabana lacustre, construida sobre estacas feitas de grossos troncos cravados no meio da mais profunda lagôa, depondo a rija maça de pedra, o arco e as frechas mais longas do que palmeiras, sentou-se sombriamente no estrado que lhe servia de throno.

Fincando, então, os cotovellos nos joelhos montanhosos, com a rude e negra face nas mãos largas, que abarcavam um cedro ao rés das raizes, ficou a pensar na tristeza daquellas tardes ennevoadas e lugubres, frias e de arripiado pavor pelas ciladas a que expunham os guerreiros errantes, rastreados por monstros nas florestas humidas ou trahidos pelos fojos dos lameiros, que os engolfavam de sorvo, com voracidade mais refrega do que a dos grandes saurios.

Os olhos do taciturno Pichuna, fitos no sol que descambava nas extremas da terra rasa, espalhando nas aguas superficiaes a sua claridade dourada, reluziam com ferocidade, parecendo, por vezes, accender-se em labaredas, como as crateras dos montes incendiarios, em cujos flancos adustos era continuo e torbulento o despenhar de lavas inflammadas e blócos esbrazidos, rolando para os paúes escuros, onde entravam rechinando férvidos, bolhando borbulhas que explodiam em fumo e espantando os enormes jacarés que se atropelavam espavoridamente, fugindo em sulcos para os lamaçaes.

Por que não haviam os Pichunas, senhores da terra florida e frondosa d'arvores, de possuir, como os homens das alturas, braza igual áquella que fumegava nuvens, ardendo sempre em clarões e uma flor de luz como a grande e pallida que desabrochava á noite, como as das lagôas, entre as açucenas brilhantes das estrellas?

Então, olhando as montanhas azuladas, que topetavam com o céo, sentiu crescer-lhe no coração orgulhoso o desejo audaz de subir lá acima, á frente de um bando de guerreiros escolhidos e arrancar o sol e colher a lua.

Era a hora timida, mysteriosa e balsamica em que todos os seres se calam, as aguas cantam baixinho e as flores respiram aroma.

Os guerreiros chegavam da caça com animaes ás costas ou de rastos e as mulheres, que haviam preparado os bolos e o licor excellente de many, esperavam-n'os felizes no limiar das ocas cobertas de palmas, estacadas sobre esteios de braúna, por entre os quaes, nas aguas luridas, os jacarés passavam com um patejar peganhento exhalando o almiscar que os denunciavam.

Por vezes um rapido, logo cortado grito ou estrangulado anhido alvoroçava os curumins que saltavam da rede procurando armas: eram os grandes carnivoros que preavam pelas margens ou no lodo, insinuando-se, ás surdas, por entre os densos juncaes floridos onde os patos e os jassanans dormiam.

Accenderam as fogueiras vigilantes, espadanando chammas altas que se reflectiam na agua negra e lisa, reluzindo grossa e empastada como betume em fusão, no qual ardessem profundas chammas e alastrassem coruscantemente veios de lava combusta.

Nhaarú levantou-se e a sua enorme e corpulenta estatura ultrapassou a copa dos coqueiros, que se perfilavam nas margens da lagôa escura, parecendo, elle só, um coqueiro gigante com kamitar de longas plumas escuras que lhe frondejava a cabeça.

Olhando a aldeia em volta, rumo: jante da alegria que dá a abundancia, esteve largo tempo a pensar. Por fim, em gesto decidido, abocando o borê, que trazia á tiracollo num engranzado de dentes ponteagudos, tres vezes, á força plena, o soprou em som de guerra.

Com o estrondo reboante voaram em espavorida abalada as aves que já se haviam recolhido aos ninhos e houve na tranquillidade nocturna tempestuoso rumor d'azas. Grita heroica e clamores, silvos de tembis, estrepito de maracás responderam ao alarma do grande chefe e toda a aldeia acudiu em alvoroço ao chamamento, na presumpção de um ataque de tribu montanhesa que houvesse ousado descer aos alagadiços da fertilidade, ou assalto de sucury que tivesse subido por alguma das estacas, cahindo de improviso sobre a rêde do guerreiro e enleiando-o nos anneis formidaveis.

Na pressa aforçurada em que sahiram furiosamente os Pichunas era estrondoso o entrebater dos arcos, o estalar das frechas, o fragor das ivarapenas chocando-se e o tropel dos guerreiros resoava rolantemente como as trovoadas.

Varios levavam archotes de palmas e brandiam-n'os fustigando as trevas e iam em desordem tumultuosa, saltando de estiva em estiva; alguns remavam igaras a toda a arrancada; outros, mais insoffridos e ageis, na ancia de matar, de vingar a tribu da affronta que soffrera o chefe, fosse de inimigo ou de féra, corriam por cima de antigas e já apodrecidas estacas, que rangiam e oscillavam na vasa.

E as mulheres, rilhando os dentes apontados, em delirio de cannibaes, soltavam gritos como de dôr funda, bradavam allucinadamente pelos seus manitós, agadanhavam-se, mordiam-se tripudiando freneticas, emquanto os curumins, correndo em volta das fogueiras, com tições e fachos, antegosavam a delicia de uma festa sangrenta com folguedos e dansas e vasta carnificina.

Nhaarú esperava immovel como uma grande arvore nas suas raizes.

A chamma alta da fogueira, accesa á beira da sua oca, dava-lhe á pelle escura a tisnada fulguração do bronze. Os olhos brilhavam-lhe como dois astros no cimo duma collina.

A gente Pichuna acercou-se daquelle que tinha a tangapema tres vezes tinta no sangue do Yapurú.

Os que não puderam chegar ao estrado apinharam-se nas margens da lagôa, porque a voz de Nhaarú era forte, sonora e estrondava como o trovão, na colera de Tupan. E Nhaarú falou assim:

— Guerreiros Pichunas, Tupan, Pae dos Homens, creou o céo e a terra, o fogo e a agua e tudo que vive para força e gloria da nossa raça. A terra lisa pertence-nos e as montanhas pagam-nos o tributo perenne das aguas que enchem os nossos rios e lagôas, além das que temos nas grotas e nas areias salgadas do verde paraná sem fim; o fogo, accendemol-o com as lascas dos rochedos; a caça, o peixe, o fruto, a flor trazem a nossa força destra.

Onde não chegam as nossas mãos attingem as nossas frechas, o que resiste ao braço do Pichuna não lhe escapa á astucia. Assim, senhores de tudo, por que não havemos de ter comnosco o sol e a lua? Direis na vossa timida prudencia que, antes de a tanto nos aventurarmos, devemos ouvir Yuyreté, o pensativo, que mora no fundo da terra e eternamente entrelaça as raizes das plantas. Yuyreté nunca viu o sol e a lua e, se lhe disserem que são luzes do céo, logo receiará a colera de Tupan.

Os guerreiros não devem recuar diante da força, qualquer que ella seja, porque é melhor morrer pela frecha do raio do que viver repellido de todas as rêdes com vulta de covarde. Sinto que os meus dias estão findando: minh'alma inclina-se no meu coração como o sol nos montes. Vou dormir o somno grande.

Antes, porém, quero deixar a tribu senhora da luz, para o sempre aquecida e aclarada, com o sol e a lua, fogos que

se não apagam em cinzas. Aquelle que arrancar o sol do céo e colher a lua será acclamado chefe dos Pichunas e receberá das minhas mãos o ivarepema real.

Bolharam ferventemente as aguas grossas da lagôa escura, uma columna de fogo explodiu com estrondo da lama e, dentre as labaredas abertas em flor, sahiu uma voz, que disse:

— O sol e a lua estão do outro lado da vida. E' preciso passar pela morte para alcançal-os. Se queres possuir o sol e a lua e as estrellas e todos os bens eternos, morre, primeiro, Nhaarú.

Os Pichunas tremeram ouvindo a voz que sahia das aguas pela bocca de uma flor de fogo, mas o chefe bradou com heroismo:

— E' Yuyreté que vos falla. A terra teme o céo porque o não conhéce, como a creança chora no escuro com medo do que imagina. O céo é como a escuridão para os timidos, mas o heróe não deve recuar diante do perigo, seja elle qual fôr. Quanto mais pelejado é o combate mais bella é a victoria. Que orgulho póde ter um homem em desunhar passarinhos? Aquelle que só tras da floresta ovos de jurity deve cobrir-se com a arasoya das mulheres. Digno do aço e da ubira é o que entra na furna e afuróa o canguçú ou arremette á caiçara inimiga e, sósinho, desafia a combate os mais valentes.

O sol e a lua serão daquelle que tiver coragem e esse, se os trouxer, será o chefe de todos os guerreiros e, em volta da sua rêde de pennas, sentar-se-ão todas as moças com os seus cintos de flores de acacia.

A montanha lá está, coberta de nuvens — é a escada para o céo. O heróe que galgar o seu cimo entrará pelas campinas azues e chegará ao sol e á lua e na volta, coroado de estrellas, será o chefe dos Pichunas, senhor da terra lisa, das montanhas e das aguas e mulher alguma lhe recusará a flor do seu sorriso.

Na madrugada seguinte, quando as abelhas sahiram para a colheita do mel, de homens restava apenas na aldeia taciturna um pagé centenario que, acocorado á beira das aguas lobregas, resmungava pressagamente um canto melancolico lamentando a extincção da tribu dos Pichunas.

Tres vezes as acacias cobriram-se de flores, tres o Yapurá cantou na brenha e as mulheres que, todas as tardes, se ajuntavam olhando saudosamente o céo, a verem se nelle descobriam os esposos ou os noivos, os paes ou irmãos que haviam partido na ousada aventura, começavam a murmurar contra Nhaarú, que as deixara desamparadas na terra, quando, no ardor mais fulgurante de um dia de verão, viram, subitamente, empannar-se, escurecer o sol e uma sombra immensa e fria cahir, estender-se densamente no mundo anoitecendo o meio dia. E logo espalhou-se a noticia da victoria dos Pichunas e as mulheres, accendendo fogueiras para aquecerem-se e alumiarem-se, poseram-se a dansar alegremente em volta das chammas.

Um silencio de morte fechou cerradamente a natureza obumbrada. De improviso um clarão alumiou irradiante a treva lugubre, estrondos explodiram no ar incendiando relampagos sulfurinos, blócos de fogo refulgiam lançando faiscas crepitantes, uns dourados como o sol, outros argenteos como a lua e a terra estourava abrindo-se em grotas, escancarando-se em cavernas, as montanhas fendiam-se, arregoavam-se os campos e as florestas inflammavam-se em incendio levantando labaredas sanguineas dentro de espessos bulhões de fumo.

De todos os vãos e reconcavos, dos montes e dos rios, das lapas e dos paues corriam animaes espavoridos, uns aos pulos, outros de rastos ou voando atordidamente e as aguas referviam em olheirões, o ar fulgurava, estrallejava em chispas e, um sobre outros, continuamente, rolavam da altura grandes blócos coruscantes que, ao cahirem no sólo, fragmentavam-se esparzindo-se em estrias e scentelhas. Crescendo a tempestade de fogo todas as aguas seccaram, reduziram-se a cineral as

culturas ferteis, desappareceram incineradas as aldeias sociaveis; arderam as florestas e as montanhas, talhadas de meio a meio, esboroadas, migadas pelas explosões, espalharam estilhaços de pedra pelas campinas, outr'ora limpas, e assim ficaram desmembrados dos seus corpos primitivos esses rochedos solitarios que avultam, aqui, alli nos desertos arenosos, no meio dos bosques, na orla dos littoraes e até em ilhas no largo oceano, nús e adustos, attestando o cataclysmo tremendo desse dia formidavel em que se manifestou, em toda a sua violencia, a colera potente de Tupan.

E o mundo revolvido, sem a lhanura das chans primévas, sem o arredondado regular das montanhas, desmantellado, triturado, mixto de terra e pedras, como o corpo de um guerreiro esmagado á ivarepema, no qual os ossos se misturam, em esquirolas, com a carne ensanguentada, jazeu deserto e calado.

E Yuyreté que, no seu palacio subterraneo, previra prudentemente a catastrophe, reconheceu e proclamou a omnipotencia de Tupan, lamentando a ambição orgulhosa dos homens incontentaveis, tão tristemente anniquilados por haverem escalado o céo para arrancar o sol e colher a lua.

E o mundo, desprezado do seu Creador, ficou sem vida, frio, apagado e em silencio durante tempos sem conta e não refloriria jámais se Yuyreté, saudoso das raizes que entretecia, das fontes que amoldava, das sementes que recebia, de tudo que era vida, emfim, não se decidisse a subir á flor da terra para offerecer a Tupan um sacrificio expiatorio.

Só então póde elle avaliar a enormidade da ousada affronta que soffrera o Creador vendo o sol, que era liso e luzente, sem mancha ou gelha e a lua que dantes não tinha em toda a face branca erva alguma que a deformasse, ambos escalavrados, esfuracados pelos ivarepemas, pelas ubiras e pelas frechas dos Pichunas.

Lá estavam os vestigios do tremendo assalto e os blócos, que haviam rolado da altura, arrasando o mundo, não eram senão pedaços de sol e de lua, atacados furiosamente pelos terriveis guerreiros negros.

Yuyreté contemplou tristemente a terra devastada e, para que nella não ficasse lembrança do crime nefando dos homens insaciaveis, chamou o seu expedito povo de tatús negros, ordenando-lhes que recolhessem todos os fragmentos do sol e da lua, escondendo-os em minas subterraneas, encerrando-os em rochas e lançando nos rios a poeira que delles ficasse.

E assim foi feito.

E Tupan acceitou na sua misericordia o sacrificio do solitario, consentindo em restituir a vida á terra e em repovoal-a. Lembrando-se, porém, que fizera os negros Pichunas com o lodo escuro dos paues, disse na sua decisão suprema:

— As arvores voltarão das proprias sementes, os animaes resurgirão menores, mas o homem, esse será feito com a terra vermelha, terra que ficou manchada com o sangue dos Pichunas. Para que outros não pensem em novas escaladas vou levantar o céo, afastando-o do cimo das montanhas. Mas o sangue dos incontentaveis ha de sempre ferver no coração dos homens e, assim como os Pichunas subiram atrevidamente ao céo para arrancar o sol e colher a lua, os que vão nascer da terra ensanguentada hão de entranhar-se nas minas, hão de rebentar os rochedos, hão de coar a agua dos rios em busca dos pedaços de sol e de lua que escondeste. E nunca se darão por satisfeitos e por essas migalhas do sol e da lua virão ao mundo as guerras e todos os tormentos da vida.

Disse e, tomando nas mãos a terra vermelha, fez o homem, pol-o entre as novas arvores, á beira de limpidas aguas de uma fonte recem-nascida.

Passou radioso o primeiro dia, deslisou toda em luar a primeira noite. E o homem, no raiar da segunda manhã, viu na terra materna, brilhante como o sol e alvo como a lua, um filão de ouro e um veio de prata.

Fuzilaram-lhe cubiçosamente os olhos,

e, rilhando os dentes, como de furor, foi-se de rasto, attento ao bulicio das folhas tenras e ao ligeiro, fugitivo murmurio das aguas ligeiras e poz-se a arrepanhar o que luzia, relanceando olhares de fera a um lado e a outro e, com as unhas, que rebentaram em sangue, cavou uma cova, escondeu nella o achado e, para guardal-o, bem defendido, quebrou um rijo galho de arvore, desfolhou-o, alisou-o e, raspando uma das extremidades, com a lasca das rochas aguçou uma lança.

E Tupan, que o observava da altura, entre as nuvens, cerrou sobre si a noite, contente com o exito da sua vingança eterna.

COELHO NETTO.

Do livro: *Paranduba*.

A EMBRIAGUEZ

Era horrivel a situação daquella infeliz familia. O chefe, ebrio habitual, era um verdadeiro carrasco, sem coração, dotado de feroz selvageria, que chegava ao ponto de quasi matar a esposa, sempre carinhosa e paciente. Os filhos enfraqueciam a olhos vistos; um delles já morrera, minado por cruel enfermidade, proveniente das pancadas que lhe dava o miseravel pae.

Maria, a boa esposa, não cessava de trabalhar, para dar aos filhos o pão que dia a dia mais lhe faltava e para isso não deixava um instante a costura, que algumas almas caridosas lhe davam para fazer.

Joaquim, o selvagem, cada dia mais se entregava ao vicio, á perdição, esquecendo completamente a familia. E aos que o aconselhavam a regenerar-se e tornar-se um homem de bem respondia brutalmente:

— Qual familia, qual nada: a minha familia, a minha vida é o alcool e só a elle é que amo. Não posso viver sem elle; o homem que não o ama não póde e nunca poderá ser honesto. Façam todos como eu, vejam bem o meu exemplo e depois que se arrependam de não o terem seguido!

Maria, a pobre martyr, devido ao excesso de trabalho, adoeceu e não póde mais alimentar seus filhos. Era de cortar o coração ver aquellas creanças tão magras, pallidas e a gritarem a todo o momento estas palavras desoladoras:

— Mamãe, quero pão, tenho fome!

A pobre mãe via este quadro sem poder fazer qualquer cousa para minorar os soffrimentos dos filhos e della propria.

.....

No dia seguinte, Joaquim, ao entrar em casa, não póde conter uma exclamação de horror, ao ver os corpos de sua mulher e de seus filhos, sem vida, estendidos no chão, numa attitude terrificante. Este espectaculo fez-lhe voltar a razão e elle, pegando numa faca sobre a mesa, cravou-a no coração, fazendo justiça por suas proprias mãos.

.....

A que ponto chega a embriaguez!...

F. A. GONSALVES.

Parahyba do Sul.

De que é feita a fumaça?

A fumaça é o resultado de combustão imperfeita. Se se pudesse queimar de modo perfeito como o carvão mineral a maioria das substancias, que dão tanta fumaça, só produziria gazes invisiveis, que se desvaneceriam no ar e não fariam mal a ninguem. Mas a combustão tão perfeita do carvão exige cuidados muito especiaes. Quando o carvão arde num fogão ordinario não se lhe dá bastante ar. Põe-se novo carvão não queimado por cima do fogo, em vez de accrescental-o na base, como era preciso; assim o carvão não arde senão em parte: pequenas parcellas de carvão, não ardidas, são levadas pela corrente de ar do fogão e constituem a fumaça. A materia que constitue a fumaça é, pois, simplesmente carvão reduzido a parcellas de tamanhos differentes. Além disso ha outro inconveniente; é que uma grande porção de materia oleosa sáe tambem do carvão e reveste as parcellas que estão na fumaça, de modo que essas parcellas adherem aos objectos que encontram.

Actualmente a fumaça produz nevoeiros em grande numero de cidades industriaes, privando os habitantes da luz solar necessaria a todo o vivente e ainda sujando tudo, destruindo arvores e plantas, e penetrando nos pulmões. Ninguem faz caso da fumaça; entretanto tudo que vae na fumaça poderia ser queimado, e fazendo o fogo muita fumaça, se desperdiça grande porção de combustivel.

O nome de Deus em 36 linguas differentes

EM hespanhol, *Dios;* em italiano, *Iddio;* em provençal, *Diou;* em francez, *Dieu;* em celtico e gaulez, *Diu;* em irlandez, *Diê;* em allemão antigo, *Diat;* em latim, *Deo;* em portuguez, *Deus;* em baixo bretão, *Dorve;* em inglez e antigo saxonio, *God;* em teutão, *Goth;* em allemão-suisso, *Gott;* em flamengo, *Godt;* em norueguez, *Gud;* em dinamarquez e sueco, *Gut;* em americano, *Teut;* em egypcio antigo, *Teuti;* em egypcio moderno, *Tenu;* em grego, *Theos;* em cretense, *Thios;* em arabe, cyriaco e turco, *Allah;* em malaio, *Alla;* em polaco, *Bang;* em slavo, *Buch;* em ceromandez, *Brama;* em chaldeu, *Eloah;* em hebreu, *Jehovah;* em eólio e dorico, *Hos;* em pamonio, *Istu;* em chinez, *Pussa;* em pernari — Pachaca, *Mas;* em zembra, *Feizo;* em indostão, *Rain;* em japonez, *Geeyur;* em guarany, *Tupá.*

Poder-nos-iamos aquecer com o fogo que está no centro da terra?

NINGUEM ainda poude chegar até o fogo que se suppõe existir no centro da terra, e não parece que se possa conseguil-o. Com effeito, uma das maiores profundidades alcançadas, cavando o solo das minas, não vae além de 2 kilometros e, segundo os calculos feitos, o fogo central deve estar numa profundidade infinitamente maior. Parece singular não se poder, com os meios actuaes, chegar até lá.

Não se deixa entretanto de cogitar que, debaixo da crosta inteiramente fria sobre a qual vivemos, existe um nucleo incandescente, que se poderia tornar fonte de calor mais potente que todas as de que nos servimos, exceptuando todavia o sol, incomparavelmente mais poderoso e maior.

Porque não podemos ver o fundo de um rio?

FALANDO do eco, já vimos que quando uma onda, deslocando-se, passa de um meio para outro, em geral uma parte é rejeitada ou reflectida: a luz é uma especie de onda e segue a regra geral. Quando passa atravez de uma janella, uma parte é reflectida, permittindo assim, ás vezes, vermo-nos numa vidraça, por exemplo, na vidraça de um trem, ao passar por um tunel. O mesmo acontece quando a luz passa do ar para a agua: uma parte della é reflectida e ás vezes o é bastante para vermos o nosso rosto como num espelho. Mas esse phenomeno depende de muitas cousas; observa-se, por exemplo, se ha bastante luz, e se a luz vem de uma determinada direcção.

Quantos annos vive o caracol

Vocês sabem quantos annos vivem o caracol, o interessante bichinho que anda com a casa ás costas? Segundo um autor inglez, Sr. Rope, o caracol vive muitos annos. Assim affirma o estudioso autor, porque teve uma prova que não lhe deixou mais duvidas a respeito. O Sr. Rope levou para seu jardim um certo numero de caracoes, adoptando as necessarias precauções para elles não fugirem por cima dos muros e não serem devorados por passaros ou reptis. Pois vinte annos depois ainda todos os caracoes viviam! E o Sr. Rope assegura ainda que os caracoes eram os mesmos, visto como nunca teve occasião de ver exemplares jovens, o que parece provar que os primeiros caracoes não se reproduziram.

Não se afastavam nunca do sitio onde tinham sido postos, encontrando-se sempre em um espaço de poucos metros de superficie, proximo de um monte de madeira secca, sob o qual se refugiavam, provavelmente para passarem a estação fria. Nunca appareceram antes do mez de Maio, e na primeira quinzena de Agosto tornavam a esconder-se.

Protecção aos passaros

COMO OS PASSAROS DEFENDEM AS PLANTAS CULTIVADAS, COMENDO OS INSECTOS E AS SEMENTES DAS HERVAS DAMNINHAS

SE não fossem os passaros, as plantas que cultivamos nos jardins e hortas, nos pomares e roças, não produziriam boas colheitas, dando tanto dinheiro aos agricultores, porque em redor de cada planta, de cada botão, de cada flor, de cada fructo, voam dia e noite, numa ronda perigosa, enxames de borboletas e mariposas, de pulgões e besouros, de moscas e mosquitos, pousando nelles, parecendo beijal-os, para pôrem ovos, pequenos como grãos de poeira, e dos quaes nascem lagartas e outras larvas que vão roendo e damnificando botões, flores, folhas e galhos, troncos e até raizes, e quanto mais crescem mais devoram, furando e estragando tudo, sugando a seiva e a vida das plantas, impedindo, assim, que os pomares multipliquem as fructas saborosas, e os algodoaes produzam longos capuchos de lã alvissima pendendo de todos os galhos, e os arrozaes verguem ao peso dos grandes cachos bem granados, rastejando o sólo fecundo, e os cannaviaes gerem assucar, com abundancia, em cada gommo de canna.

Attenta bem neste milharal em flor, *embonecando*, criando grãos de milho; põe os olhos nesta folha de milho, larga, aspera e longa; vês uma lagarta sahida dos destroços das folhas novas mover-se, arqueando o corpo franzino sobre os numerosos e pequeninos pés, buscando mais folhas novas e a flor do milho, a *boneca*, a espiga que está sendo feita, e dentro da qual já ha lagartas, roendo-a, e que ella vae tambem roer, destruir com a bocca voraz...

Mas repara, naquelle galho proximo, um tico-tico á espreita, seguindo-lhe os movimentos, com os olhinhos vivos e ferozes, e agora ensaia o vôo, e vôa rapido como um raio, e com o biquinho aberto agarra-a, e engole-a, sacudindo as azas de contente.

E como aquella, ha milhares e milhões de lagartas aqui e além, arqueando agora o corpo listrado sobre as folhas deste milharal e de outros e outros, ainda maiores e mais novos, movendo-se na mesma direcção das folhas novas, das espigas tenras, de onde vão sahir as colheitas proximas, destinadas á criação dos animaes domesticos e ao sustento dos agricultores...

Felizmente, em redor dos milharaes de todo o mundo ha sempre galhos, sobre os quaes milhares de passarinhos de côres e qualidades varias estão cantando e espreitando, de olhos accesos, as lagartas, os pulgões, as moscas, os besouros e mais inimigos das plantas cultivadas, com os quaes alimentam os filhos e enchem o papo.

Agora, volta os olhos para este arrozal, á direita, começando a florescer, invadido pelas hervas damninhas, amarellando as folhas...

Ouves, deram um tiro, espantando a passarada que dentro delle estava, matando passarinhos de qualidades varias, e de um, mal ferido, ouvem-se os gritos agudos, para abafar os quaes, estaes vendo, o caçador, que é o dono do arrozal, torce-lhe o pescoço, mettendo-o na bolsa de caça, misturado com os passaros mortos, palpitando ainda, sob a sua linda plumagem, de topête encarnado, peito branco e corpo cinzento: é um *gallo de campina*, o bonito e trefego passarinho, que acorda muito cedo o agricultor para as lides da roça.

Vem commigo á casa do caçador, que encheu a bolsa de passaros, mortos nas suas plantações. Aqui, o pomar florido, aqui, a horta viçosa, aqui o canteiro dos cravos brancos e vermelhos; por toda a parte, vês, a passarada está cantando, pulando, de galho em galho, de canteiro em canteiro, atraz de lagartas e besouros, de moscas e mosquitos, de borboletas e pulgões, inimigos todos das plantas, e inimigos terriveis que os passarinhos agarram com os bicos afiados, engulindo-os sem demora, ou levando-os para os ninhos, onde os espera a bocca aberta dos filhos, pedindo alimento.

Olha, na porta da cozinha abriram os passaros, e de todos elles abriram tambem os papos, dentro dos quaes, repara bem, ha quantidades enormes de sementes miudas das hervas damninhas, que estão amarellando o arrozal em flor, e tanto mal fazem ás plantações, dando prejuizos de milhares e milhares de contos de réis á agricultura de todo o mundo, sementes que os passarinhos comendo não irão mais nascer nas culturas, amarellando-as, enfraquecendo-as, sendo por causa disso grande o lucro de cada agricultor.

E fica sabendo: tambem, á noite, este pomar e horta, este canteiro de cravos brancos e vermelhos, são defendidos pelos passaros, pelos passaros nocturnos, as *corujas*, os *bacuráos*, os *curiangos*, os *caborés*, a *mãe da lua*, e a *rasga-mortalha*, tão injustamente chamadas *aves de agouro*, porque, por causa dos olhos, só á noite é que podem viver melhor, atraz das borboletas nocturnas, dos besouros e dos vagalumes, cantando como os demais passaros cantam, pelos caminhos e campos, pelos pomares e roças, sem agourarem a ninguem, soltando apenas o seu canto de guerra, na caça que fazem aos inimigos das plantas para alimentarem a si e aos filhos.

... .

E, entretanto, o lavrador mata os passaros, que dia e noite lhe defendem as plantações, e os filhos roubam-lhes os ninhos, dentro dos quaes estão as crias, de bicos abertos, piando, piando, pedindo alimento, a lagarta, a mariposa, o pulgão, destruidores das colheitas...

Que mal póde fazer — um pouco de milho, um pouco de arroz, um pouco de qualquer colheita, que os passaros tirem, para elles e os filhos, se, cuidando de si e dos seus, livram os agricultores de tantos inimigos, de tantos prejuizos, ajudando-os a colherem mais, e melhor?

Guarda bem na memoria e no coração o grito do passaro ferido e estrangulado pelo caçador, cujo arrozal defendia, e lembra-te sempre, com o mesmo affecto piedoso, da figurinha do valente tico-tico, de biquinho aberto, olhos vivos e ferozes, engulindo a lagarta que ia destruir o milharal em flor, o sustento de tanta gente...

Guarda-os bem, na memoria e no coração, porque assim, tu, homem ou creança, não consentirás mais que se mate tanto, e tão barbaramente, aquelles que nos ajudam a viver melhor, a ganhar mais, e sem pedirem — nem dinheiro, nem gratidão.

Que os Paes e os Mestres digam sempre aos filhos e discipulos a utilidade dos passaros e o prestimo dos passarinhos.

(Do *A. B. C. do Agricultor*, do Dr. Dias Monteiro).

O homem é o mais fraco dos seres vivos

Se dissessemos a vocês que o homem, sob o ponto de vista physico, é o mais fraco dos animaes, uma gargalhada de incredulidade seria a resposta que receberiamos. Mas estariam vocês muito enganados. E querem saber por que? Ouçam: A natureza não deu ao homem armas de defesa contra o frio, não lhe deu o pello das féras, as garras da aguia, os dentes do leão. Fel-o nú e incapaz, por si só de prover á sua existencia. Se a mãe ou a ama lhe faltassem na primeira idade o homem morreria logo ao nascer.

Comparado a certos insectos que elle olha com desprezo, o homem é uma creatura bastante rudimentar e pobremente dotada. Certos insectos, por exemplo, possuem milhares de orgãos visuaes perfeitamente conformados, ao passo que o homem só possue dois.

A mosca domestica tem nos olhos 4 mil facetas, que constituem cada uma um perfeito apparelho visual. A borboleta tem 17.000.

Póde-se facilmente imaginar a impressão que teria uma dessas felizardas moscas se pudesse collocar o homem num gabinete scientifico para observal-o ao microscopio.

Ella diria:

— Que miseranda creatura é o homem! Coitado! elle só tem dois olhos, ao passo que eu os possuo aos milhares; elle nem mesmo póde vêr para atraz das costas; não póde vêr, sem se virar, o que acontece atraz de si! E' extraordinario, é incrivel não ser morto a cada momento! E vejam os seus pés... não têm ventosas... elle nem mesmo póde caminhar com a cabeça para baixo!... E não tem tambem azas!... O homem é na verdade um animal pouco favorecido!

Assim diria a mosca — e, na verdade, si o homem não tivesse a intelligencia superior que lhe permitte crear artificialmente as armas que a natureza lhe negou, seria incapaz de defender-se contra o minimo animal, e não poderia resistir por muito tempo.

A respeito da sua conformação, certos insectos possuem uma força muscular estupenda; outros são mesmo dotados de um modo excepcional para os *sports:* o pulo, a corrida a pé, a natação, etc.

Sabemos bem que é inexacta a affirmação de que o homem salta uma distancia menor do que a pulga, porque, mecanicamente falando, só o trajecto percorrido tem importancia, sem que seja preciso consideral-o em relação á estructura ou ao peso do animal. Mas é curioso, entretanto, calcular o que seriam os *records* dos nossos athletas, si a sua força fosse proporcionada ao seu tamanho, em relação á pulga, á aranha, etc. Si os nossos melhores puladores igualassem, em altura, os *records* da "Federação sportiva das pulgas", um pulo da torre Eiffel abaixo seria uma brincadeira para elles e exigiria, apenas, um pequeno esforço.

Outros insectos deslocam pesos 300 vezes maiores do que o seu proprio.

Um vendedor ambulante deveria, na proporção da nossa hypothese, puxar um carro de vinte toneladas.

E como seria sensacional o *record* do levantamento do peso com o braço estendido, si fosse de 2.000 kilos? Si um homem pudesse levantar sobre um enorme prato um elephante?

A aranha, além de milhares de musculos fortes que possue, é dotada pela natureza de um systema de levantar pesos cem vezes mais engenhoso do que o dos nossos guindastes mecanicos: systema que lhe permitte levantar pesos colossaes, relativamente ao seu proprio peso.

Supponhamos que um rapazito capaz de levantar do chão uns dez kilos tenha que levantar á altura de alguns centimetros uma plataforma tendo em cima dois pesados cavallos, ou um total... digamos de 1.000 kilos.

Si o rapaz tivesse á sua disposição um certo numero de cordas elasticas, podendo sustentar um esforço de tracção de 5 kilos, bastar-lhe-ia prender á plataforma que deveria erguer um desses cabos elasticos que, depois, fixaria estendido a uma outra plataforma fixa e posta acima da primeira. Depois, passando uma outra corda, o rapaz esticaria por sua vez e assim em seguida na razão, por exemplo, de quatro cordas por minuto.

Ao cabo de cincoenta minutos o rapaz teria estendido assim 200 cordas de borracha que levantando cada uma 5 kilos, com a sua tracção conjuncta levantariam a plataforma de 1.000 kilos. O rapaz não precisaria empregar nunca um esforço de mais de 5 kilos.

E' isso que faz a aranha, dotada pela natureza do poder de fabricar um fio resistente e elastico.

Quando esse insecto quer levantar um peso enorme para elle, estende entre esse peso e um ponto fixo uma porção de fios elasticos, em numero sufficiente para que as suas tracções simultaneas levantem a carga.

O pequeno desenho que aqui damos apresenta o peso que um homem levantaria, se a Providencia o tivesse dotado com um poder semelhante ao da aranha.

Mas não invejemos os insectos. E não invejemos tambem os leões. O homem, indefeso como é, fraco e desfavorecido, é sempre o que esmaga o insecto sob o seu sapato ferrado e que leva a féra á jaula, para divertimento das suas horas de descanso e para se vingar da sua fraqueza muscular.

A natureza, que é

A TORRE DE BABEL

BABYLONIA ERA MAIOR QUE LONDRES E PARIS REUNIDAS ?

OS JARDINS SUSPENSOS DE SEMIRAMIS

Qual era a area da cidade de Babylonia ?

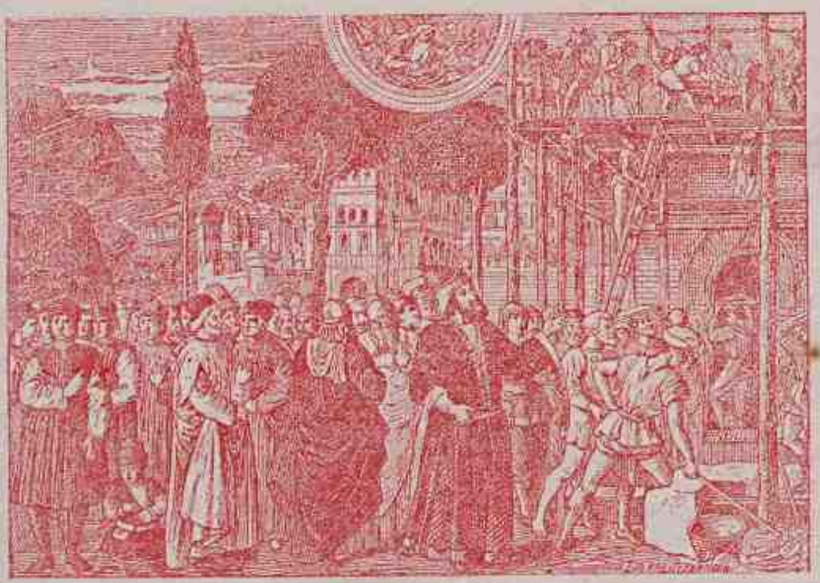
As opiniões dos escriptores divergem. Como os meninos devem saber, Babylonia foi considerada a maior cidade que tem existido no mundo. Ainda hoje, quando o povo quer dar idéa de uma cidade enorme diz — é uma Babylonia.

Ao que se dizia Babylonia era simplesmente colossal. Roma, que foi uma cidade immensa, era pequena ao lado della.

Segundo o historiador Herodoto, Babylonia formava um quadrado cujo perimetro media cerca de 90 kilometros. Isso parece muito. Noventa kilometros correspondem a uma superficie igual á de Paris e Londres reunidas.

E' de mais.

As explorações que se têm feito ultimamente reduziram os calculos de Herodito. Babylonia não era tão grande como se suppunha e como a fama affirmou.



A construcção da Torre de Babel, segundo Gozzoli.

Hoje, calcula-se que a poderosa cidade não tinha mais que 15 kilometros. Na época era uma cidade colosso.

Para bem comprehender o aspecto geral das ruinas de Babylonia é preciso ter presente que a cidade não foi destruida. Foi abandonada pouco a pouco. No anno de 52 (antes de Christo), durante uma guerra interna no reino de Partha, ella ainda figurava como praça forte. Depois, morto lentamente, o nome da cidade se foi apagando e em redor della se fez tudo silencio e solidão. A população a foi deixando aos poucos.

Missões archeologicas têm ido estudar o local em que existiu a formidavel cidade. O traçado de Babylonia e de seus edificios tem sido demoradamente estudado. Sabe-se hoje quaes os principaes edificios da immensa capital do mundo antigo.

Quanto á torre de Babel, que, como se sabe, fica em Babylonia, e quanto aos maravilhosos jardins suspensos que dizem ter sido construidos por Semiramis, não foram até hoje descobertos os locaes. Calcula-se que numa colina chamada Babil fosse a situação dos taes jardins e a famosa torre de Babel se erguesse perto do templo de Exagila. São apenas calculos.

O grande palacio dos reis foi destruido pouco a pouco, até quasi ás suas bases, par retirar material de construcção, e essa destruição durou quasi vinte seculos. Apezar disso, ainda se póde determinar o plano em todos os seus detalhes; e esse plano, bem como os remanescentes das muralhas e de fragmentos architectonicos e decorativos, permittiram uma reconstrucção muito approximada do proprio palacio, que era de uma grandeza e de uma magnificencia incriveis.

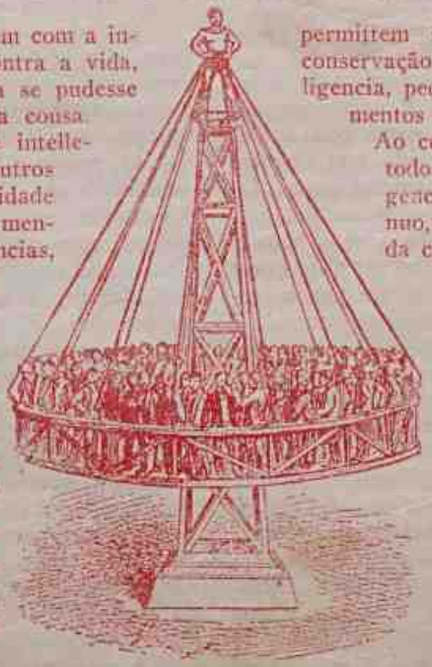
---

sempre previdente, tendo dotado o homem com a intelligencia, quiz deixal-o sem defesa contra a vida, justamente para que essa intelligencia se pudesse exercitar e pudesse servir para alguma cousa. Não é sómente pela sua superioridade intellectual que o homem domina todos os outros animaes; mas tambem pela sua inferioridade physica que, obrigando-o a dar tratos á mente, pelo conhecimento de todas as sciencias, deu-lhe a primasia sobre todas as creaturas.

A prova mais convincente da verdade que affirmamos está no progresso continuo do homem. Os animaes são ainda como Deus os creou: dotados de faculdades limitadas e aos mesmos fornecidas desde o instante do seu nascimento, com as armas principaes que lhes permittem satisfazer o principal instincto, o da conservação; os animaes não precisam da sua intelligencia, pequenina que seja, para procurar os elementos necessarios á sua vida.

Ao contrario, o homem sempre precisou, em todos os tempos de recorrer á sua intelligencia physica — e foi esse esforço continuo, infatigavel, febril que o levou ao cume da civilisação e do poder que elle hoje tem.

Riam-se, pois, de nós as moscas com os seus milhares de olhos e ventosas dos seus pés. Os nossos unicos dois olhos têm-nos, entretanto, servido para perscrutar as vias celestes, e os nossos pés, apezar de obrigados a pousar no chão, não nos impedirão de navegar nos raios solares.



Os melhores cavallos pódem galopar 50 kilometros por hora e trotar 30. Com passo mais moderado pódem percorrer 70 ou 80 kilometros diarios.

Em Bruxellas (Estados Unidos), na fachada de uma fabrica de relogios, ha um relogio enorme, cujos ponteiros têm seis metros de comprimento.

A outra mãe...

Quando, durante uma villegiatura naquella pequena terra bretã, vendo-a nas proximidades de ser mãe, seduzidos pela sua physionomia suave e seria e pela frescura sã de sua côr de aldeã, aquelles ricos burguezes de Paris haviam tentado despertar a sua cubiça, offerecendo-lhe muito dinheiro para que consentisse em criar o herdeiro que elles esperavam. Anna Josepha recusou com uma simplicidade resoluta e firme, revelando mesmo uma especie de secreta indignação. Seu leite pertencia a seu filho! Não lhe podia dar outra cousa e disto não queria prival-o para favorecer qualquer outra creatura!

Yann, seu marido, concordára com esta decisão e os parisienses tiveram de partir, deixando, em todo o caso, o seu endereço.

Mas, algumas semanas depois do nascimento do filho de Anna Josepha, o mar, o insaciavel devorador de homens, atirára á costa o pobre Yann, incuravelmente mutilado, juntamente com o cadaver do marido de Desriée, irmã mais velha de Anna Josepha e com os destroços da barca de pesca, com a qual os dois homens, havia muitos annos, ganhavam o sustento para a familia.

Impoz-se então ás duas raparigas resolverem um problema arduo! Desriée estava criando o seu terceiro filho.

— Dá-me o teu! disse á irmã mais moça: tenho leite para os dois e o pequeno não soffrerá. Assim tu poderás ir para a casa daquelles parisienses que, no verão passado, te fizeram tantas propostas vantajosas. Em Paris ganharás tanto que poderás ajudar a todos, até que Yann readquira, ao menos em parte, as suas forças.

Abandonar seu Yann doente e o seu Maturino que, desenvolvendo-se a olhos vistos, já começava a conhecel-a e a sorrir-lhe! e a pobre Anna Josepha chorava. Mas a miseria já havia entrado em casa! O vigario escreveu aos "parisienses" e estes se apressaram em despedir a ama que tinham tomado e acceitar o offerecimento de Anna Josepha!

Ella estava anciosa para ver o entezinho extranho que nos seus braços ia occupar o logar do seu Maturino!

Muito honesta para consideral-o responsavel pela substituição que a necessidade lhe impunha, já tinha promettido a si mesma querer-lhe bem, embora não deixasse de pensar no filho.

Levaram-n'a para junto de um berço, adornado de rendas brancas, no qual o "patrãozinho" brincava tão graciosamente que a robusta camponeza, comparando-o involuntariamente ao seu Maturino, experimentou um sentimento complexo de piedade e de orgulho ao mesmo tempo.

— Pobre creaturinha! Desconfio que não pesa nem quatro libras; o meu pesava mais de nove.

A senhora ouvia-a humilhada, arrependendo-se muito tarde da sua elegante rebeldia aos conselhos do medico.

Mas já Anna Josepha se havia apoderado do pequerrucho e, com rara pericia, com aquella facilidade delicada que espanta os profanos, desembaraçava-o das fraldas e dos cueiros!

Depois, beijando com carinho aquelle pequeno rosto pallido, disse simplesmente:

—Não se incommode, minha senhora. Póde confiar em mim. Terei muito cuidado com seu filho. Juro-lhe, e embora seja fraquinho, creio que poderei garantir-lhe que o criarei.

E manteve a sua promessa que, aliás, não foi tão facil como esperava. Teve de lutar com a morte para salvar a pobre creaturinha!

Afez-se a elle com paixão, obstinadamente, com uma abnegação incansavel, animada, nessa luta extrema, pela piedade que lhe inspirava aquelle pequeno ser, decerto mais abandonado na opulencia daquella casa do que "o outro" que ficára na Bretanha.

A mãe, contentissima de poder deixar que todos os seus deveres fossem executados por uma ama tão conscienciosa, voltára aos divertimentos, ás festas, á vida brilhante e muitos raros eram os momentos que dedicava ao filho!

"Meu anjinho! Meu thesouro! Meu amor!"

Certo, não era avára em taes exclamações! Mas todos os cuidados, toda a anciedade da maternidade deixava-os á ama, que aliás merecia a mais absoluta confiança.

O pequeno crescia entre os braços daquella mulher: vis, em todos os instantes da sua existencia, o rosto sereno e amoroso daquella mulher que não era sua mãe.

Assim cresceu com elle um affecto profundo, absoluto, exclusivo, por aquella ama tão amorosa que, um dia ou outro talvez, tivesse de separar-se delle!

Certa manhã, de facto, Anna Josepha recebeu, da sua terra, uma carta em que lhe annunciavam que Desriée estava gravemente doente e que Maturino tambem estava doente a privado dos cuidados necessarios! Os mais insistentes pedidos, as promessas mais generosas, não conseguiram induzil-a a ficar perto da creança que criára, que já deixára de amamentar, mas que ainda soffreria muito com a sua ausencia. Poderia ella sacrificar o proprio filho por um de outra mãe? E partiu, ou antes fugiu, separando-se chorosa e tristissima daquelles pequenos braços que, em vão, procuravam prendel-a, escondendo o rosto com as mãos, para não ver o olhar desesperado da creança abandonada e para não ouvir o seu choro tão triste.

Foi então que a mãe poude comprehender quanto tinha sido culpada em deixar que uma extranha occupasse o seu logar!

O filho repellia-a obstinadamente, gritando desesperado: Mamãe! Mamãe! Mamãe!

Que cruel punição para ella!

Partindo a ama, sua "verdadeira mãe", o pequeno começou a recusar os alimentos, teve febre, delirou, os medicos declararam-se impotentes para cural-o de um mal cuja origem mysteriosa escapava á sua sciencia! Anna Josepha recebeu innumeros telegrammas. Os paes da creança doente offereciam, para que ella voltasse, tudo o que quizesse.

Mas certos sacrificios não se pódem pagar!

Quando finalmente e depois de ter salvo o seu Maturino, Anna Josepha voltou a Paris, para arrancar á morte tambem o outro filho, encontrou-o agonisante!

— Toda a esperança está perdida! tinham sentenciado os medicos.

A ama approximou-se do pequeno leito branco, sobre o qual já pairava o anjo das azas negras.

— Então—oh! milagre do amor!—a pobre creança, apenas reconheceu a voz da mulher, cujo abandono, deixando-o inconsolavel, por pouco não o matára, elevou-se para o rosto amoroso de Anna Josepha, beijou-o avidamente, depois de ter estado muitos dias sem falar:

— Mamãe! Minha mamãe!

Estava salvo!

Mas, sobre o humbral da porta daquelle quarto, de onde a morte, rapida, se afastava, a verdadeira mãe chorava copiosamente.

F. POULIGUEN

O CORCUNDA

A FILHA do Marquez das Tres Estrellas, governador de um grande Estado, era muito bonita e muito rica. Só o que lhe deixara a mãe era uma enorme fortuna. Por esse motivo todos os figurões dos arredores queriam casar com ella.

A rapariga, porém, não se mostrava inclinada por nenhum. E como tivesse perdido um irmão, de que gostava muito e era corcunda, disse um dia a uma prima:

— Só com um corcunda me casarei.

Essa exquisita resolução foi espalhada, sendo muito criticada nos castellos mais proximos.

Para ver se afastava da filha a original idéa, o Marquez preparou um grande baile.

Foram distribuidos centenares de convites. Na noite do baile viram chegar um corcunda. Receberam-n'o. Depois veiu outro, mais outro, dez outros... Que seria aquella enfiada de corcundas?

Quando todos haviam entrado e estavam reunidos no salão, comprehenderam as pessoas presentes o caso diante das risadas da rapariga.

E' que cada pretendente tinha arranjado uma corcunda postiça para lhe ser agradavel.

Mas ao fundo do salão, timido e envergonhado, estava um corcunda verdadeiro, o unico. A rapariga foi a seu encontro:

— Já o conheço, disse-lhe. Sei que o senhor é poeta e tem uma grande alma.

— Oh! Por quem é! balbuciou o corcunda authentico, confuso.

— Espere-me ahi um pouco.

Correu para junto das amigas e declarou a uma destas:

— Em caso algum darei a minha mão a um corcunda. Quero um rapaz perfeito e elegante!

Immediatamente os falsos corcundas abandonaram as mochilas e voltaram a ser desempenados e pretenciosos, esforçando-se por conquistar a joven herdeira.

Ella, diante dessa transformação, poz-se a miral-os, pareceu hesitar, e disse:

— Volto á primeira idéa...

Dirigiu-se ao corcunda verdadeiro e proferiu estas palavras, em voz alta:

— Aqui está minha mão.

O poeta ajoelhou-se e beijou-lh'a, doido de alegria.

Realisou-se o casamento, havendo uma festa que durou tres dias e tres noites.

E a filha do Marquez foi muito feliz. Escolhendo o defeituoso poeta, sabia muito bem que a sua alma era perfeita e que mais valem as qualidades moraes que a belleza que possa ter o corpo.

O galante menino Alvaro Guimarães, nosso leitor residente em Curityba.

As novellas japonezas são interminaveis. Uma dellas, a mais celebre, é intitulada "A historia dos oito cachorros". Esta obra tem cento e dezseis grandes volumes e nella, além dos oito cachorros, figura a ninharia de quinhentos personagens.

* * *

A estatua mais rica do mundo é a do deus Daibusu, em Yokoama (Japão). Tem vinte metros de altura e pesa 400 toneladas, das quaes 250 kilos são em ouro.

PORQUE NOS DEVEMOS LAVAR

TRANSPIRAR significa *respirar através;* a transpiração faz-se pelos pequenos orificios ou póros da pelle. Collocae a ponta do dedo perto de um pedaço de vidro, sem lhe tocar, e logo vereis o vidro embaciado e humido. E por que? Porque a transpiração passou do dedo para o vidro. O mesmo succederia a este, se o chegasseis muito perto de outra qualquer parte da pelle.

Quando estamos muito quentes, a transpiração vem depressa, e podemos então vel-a perfeitamente sobre a pelle, em gottas de agua.

Compõe-se a transpiração em parte de agua e em parte de uma substancia gordurosa e impura, que fica sobre a pelle, depois que a parte aquosa, penetrando no ar, seccou. Essa materia gordurosa é que faz com que as nossas roupas e a pelle, por si mesmas, fiquem sujas, sem de outro modo termos concorrido para isso; e, se não nos lavarmos e mudarmos de roupa a miude, saibamos que tal estado se torna completamente offensivo, assim para a vista como para o olfacto. Além disso, é necessario, para a saude, ter a pelle sempre limpa; do contrario, os póros ficam tapados e a pelle não póde expellir tão bem a materia inutilisada, que é muito prejudicial á saude, se permanecer no corpo. Aquelles, portanto, que se não lavam bem, são mais sujeitos a constipações e outras doenças do que os que andam sempre limpos. Pessoas ha que se julgam muito asseadas por lavarem o rosto e as mãos todas as manhãs. Porém, como a transpiração se deve fazer sempre por todos os pontos da pelle, ninguem verdadeiramente póde ser limpo quando não lave regularmente o corpo todo.

As roupas que trazemos sobre nós estão absorvendo de continuo a parte impura da transpiração, e essa immundicie das roupas offende tanto á pelle como se lhe estivesse sobreposta. Todos conhecem perfeitamente a consolação que se sente depois de a pelle ter sido bem lavada e esfregada, e depois de se vestir roupa limpa. Esta agradavel sensação é causada, principalmente, por estarem bem abertos os póros, tanto da pelle como do tecido das roupas. — *Dr. Alberto Telles.*

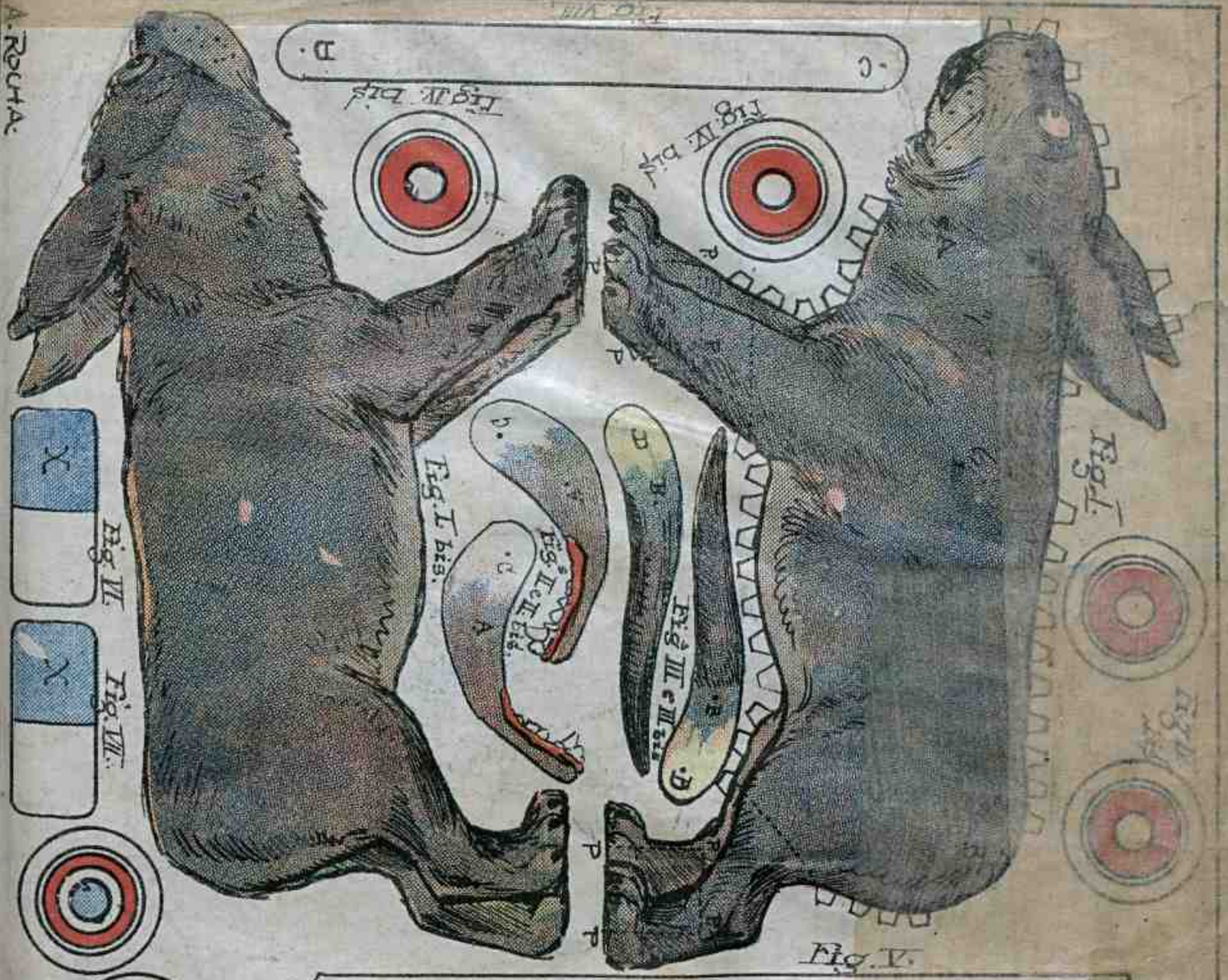
* * *

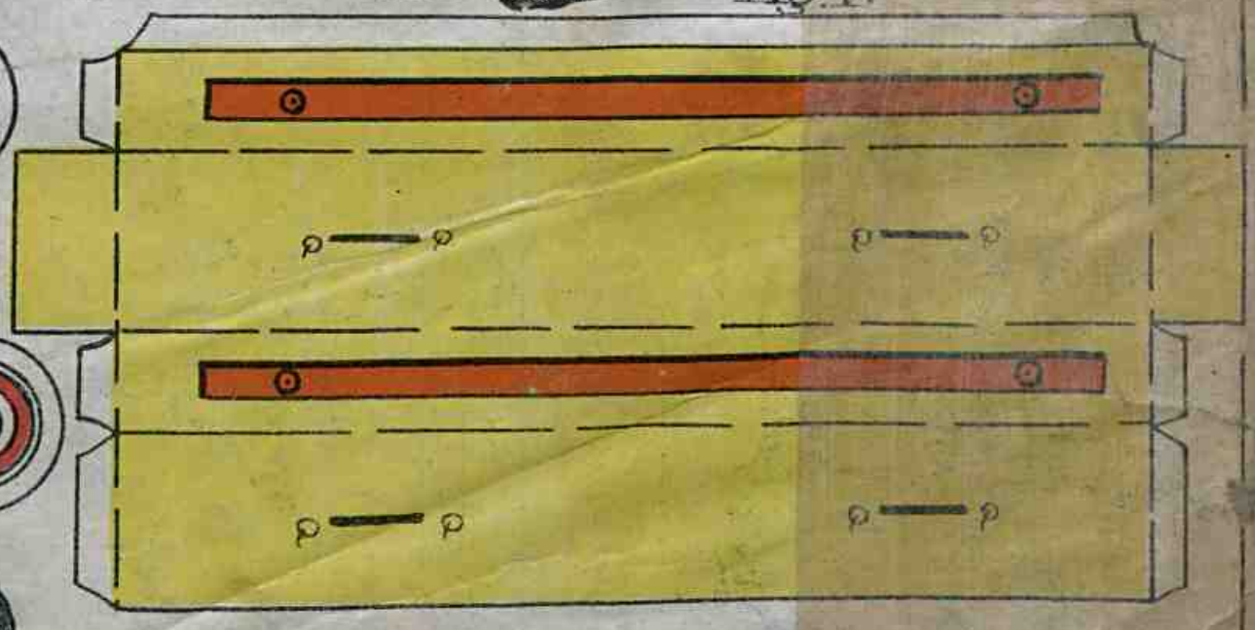
A melhor das vinganças

Aprigio era um menino muito máo, que vivia a maltratar as creanças mais fracas do que elle. Um dia começou a atirar pedras a Joanninha, filha de um lenheiro e a magoou muito. O lenheiro, vendo a pequenita a chorar, ficou furioso, apanhou um páo e, guiado pela menina, saiu á procura do malvado, para lhe dar uma sóva. Mas de repente ouviram gritos desesperados.

Aprigio, vendo que o lenheiro o queria apanhar, deitara a fugir e cahira no rio. Estava quasi a morrer afogado, quando o lenheiro, com o páo, conseguiu puxal-o e lhe salvar a vida.

— Foi bem castigado! disseram o pae e a filha. E levaram o perverso para casa e cuidaram delle com carinho, secando-lhe as roupas. Aprigio, commovido, arrependeu-se e emendou-se. Nada ha melhor neste mundo que pagar o mal com o bem. Só com o bem póde ser vencido o mal.





Se lhe puxarem o rabo, elle abrirá a bocca. Preguem tudo em cartolina e recortem a canivete. Junta frente com as costas II e II bis, III e III bis, IV e IV bis, e I e I bis esta não deve ser pregada em cheio e sim no dentado depois de voltado para dentro. Os pés do cão, entretanto, podem ser pregados em cheio, collocando antes as figs. VI e VII entre as duas peças na altura do quadrado PPPP. Entre a fig. I e I bis, collocar-se-ha a combinação formada pelo queixo, rabo e fig. VIII como se vê no modelo. Abram as barras presas QQ da fig. V e fechem esta formando uma caixa. Introduzam pelas aberturas QQ as extremidades XX que já se acham na fig. I. Depois colloquem as rodas com uma cortiça pela face interna para poder segurar o eixo. Os pontos A, B, C, D, serão ligados por meio de nos de linha.

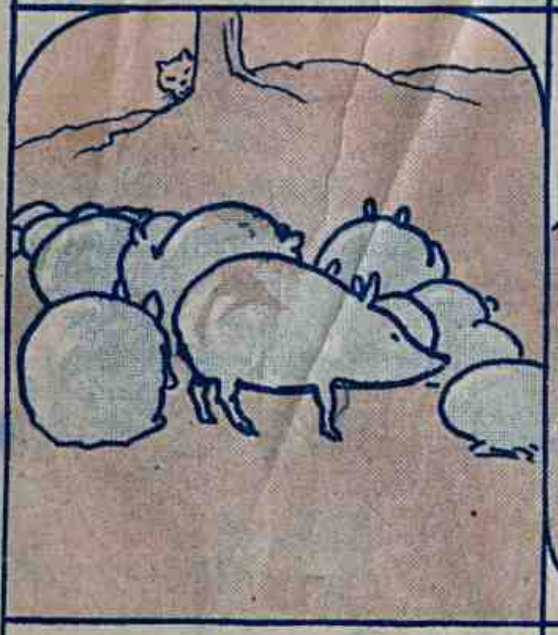
O porco domestico e o C[illegible]tú

Andavam uns porcos domesticos fugidos de uma fazenda. Um delles, desgarrando se dos companheiros, embrenhou-se no matto...

...e encontrou um caetetú, porco selvagem muito commum no Brasil. — Olá, amigo! — disse-lhe o caetetu', — o que fazes por estas alturas?—Fujo do supplicio!...

...respondeu-lhe o suino domestico. Fujo da morte certa. Vivo n'uma fazenda onde tenho alimento, tecto e cuidados, porque o meu senhor engorda-me para depois...

...matar-me! Não imaginas, até sinto arripiar-me o pello quando me lembro que hei de ser amarrado e ver depois a lamina aguda da faca assassina!



— Ora imaginas tu! respondeu-lhe o outro, que nós passamos peior: Somos sempre acompanhados e perseguidos pelas onças, não dormimos tranquillos; roubamos para...

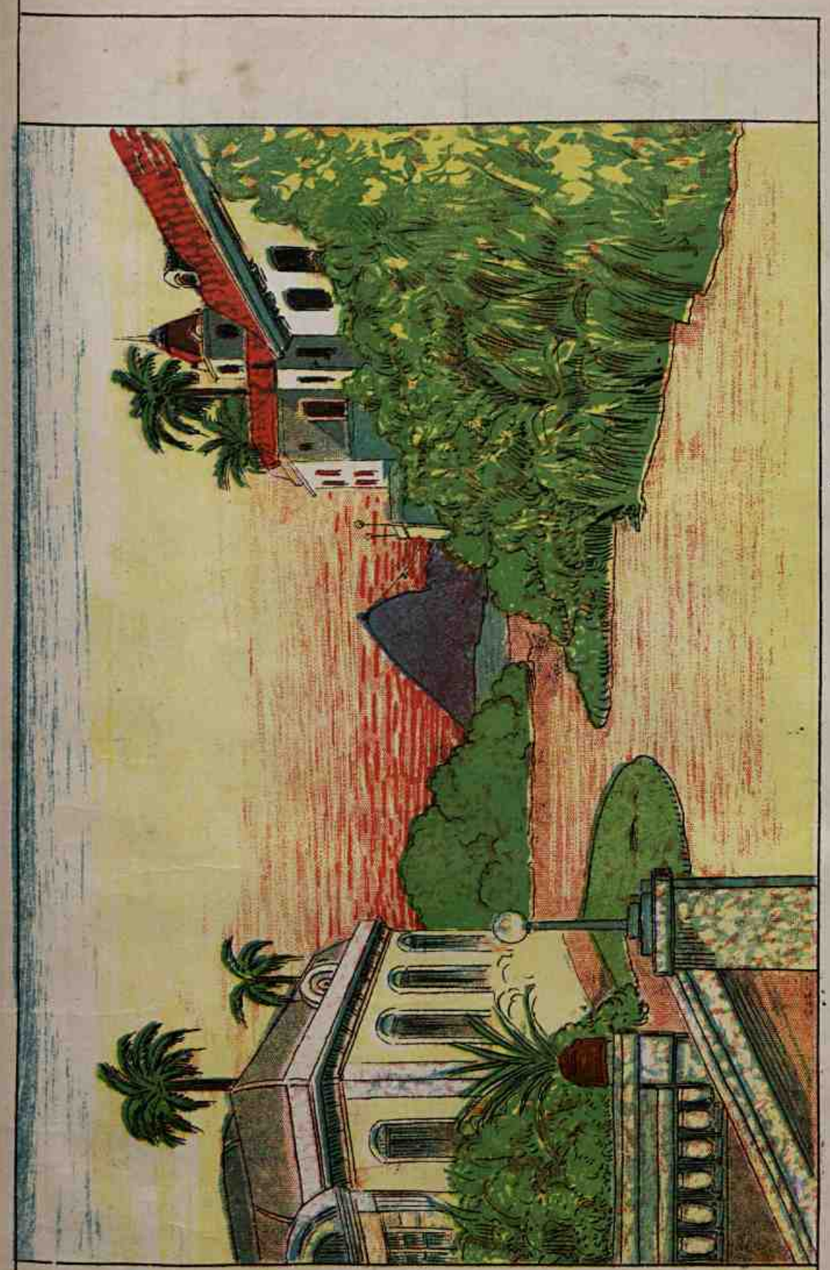
...comer e os perversos caçadores perseguem-nos com seus cães, não nos dão treguas dia e noite e, quando conseguimos encontrar um refugio, no...

...ôco de um pau, elles introduzem fumaça. — esperam a nossa sahida e matam-nos sem piedade. Luctamos para viver, para...

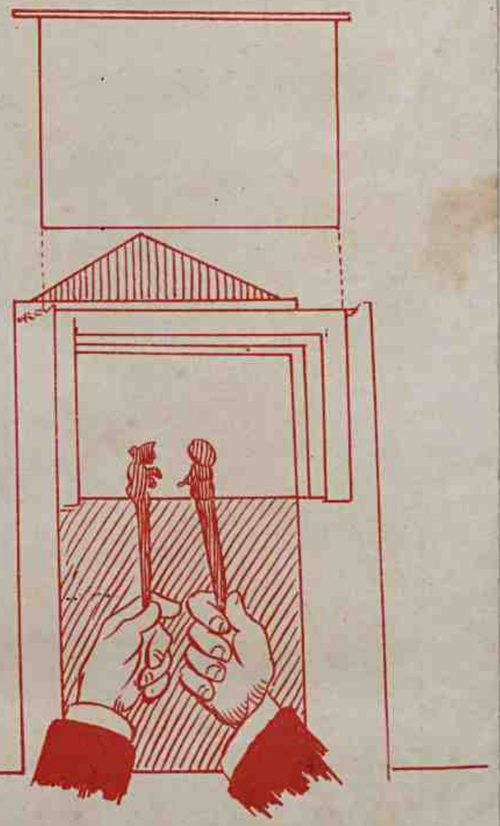
...comer e morremos assassinados como você. O porco domestico, á vista disso, resolveu voltar para a fazenda e esperar pela morte.

(Continuação)

THEATRO-CINEMA JAGUNÇO



S.C. A.



O theatrinho visto por detrás, mostrando a posição das mãos que devem segurar os actores que representam.
Em cima apparece um scenario no momento de ser collocado no logar respectivo e numerado.

Nº 1 A.

Explicação

Este theatrinho, systema *guignol*, é simples e bem interessante.

Arma-se primeiramente o theatro, dobrando-se as partes B. B. para dentro, formando-se um quadrilatero. As partes C. C. são collocadas para dentro e apoiadas na mesa seguras por uma tira consistente que tambem traz as lettras C. C.

A tira que tem as lettras B. B. é uma segurança que deve collar as partes B. B.

Recortam-se cuidadosamente os pontos que têm os numeros e lettras P. 1,º 2,º 3º S. C, que servem para apoiar o panno de bocca S. C. B; o n. 1 A; o n. 2 A; o n. 3 A; e no fim o S. C. A, cujo conjuncto forma a scena com o respectivo panno de bocca. O que está em branco com o n. 1 B, serve para o cinema, e para isto deve-se recortar o quadrado interior e collar um papel de seda bem liso, de maneira que, collocando-se uma vela accesa na parte interior do theatrinho, as sombras dos bonecos se projectem sobre o papel de seda dando a impressão de silhuetas

Quanto ao espectaculo commum, basta ver as duas figuras que reproduzimos e que dão idéa perfeitamente do modo como deverá ser armado o theatrinho.

N. B.—Collar tudo em cartolina!

Nº 3 A.

Vejam explicação no texto

A MOLESTIA DO SOMNO

O Sr. Morpheu e seus sonhos — Por Seth

Uma destas noites, o Sr. Morpheu apanhou, por acaso, entre os seus papeis velhos, uma revista de medicina e levou-a para ler, na cama.

Entre outros, havia na revista um artigo muito interessante sobre a mosca chamada *tsé-tsé*, que existe em certos lagos da Africa. Esta mosca é a transmissora da molestia do somno, que faz victimas...

...geralmente, entre os negros africanos. O Sr. Morpheu nem chegou a terminar a leitura do artigo, porque ferrou logo no somno... e começou a sonhar. Sonhou que se achava nos sertões da...

...Africa, quando uma enormissima mosca o atacou. Por mais que se defendesse, o Sr. Morpheu não poude evitar que a terrivel *tsé-tsé* o mordesse. Preso então dum profundo somno, cahiu...

...por terra. Estava já roncando a bom roncar, quando viu um bando de negros selvagens que vinham certamente devoral-o. Sem se lembrar de que estava com a molestia...

...do somno, Morpheu voou! Com a velocidade da carreira, foi parar no deserto do Sahara. Mas não contava com o terrivel vento Simoun, que achou de soprar naquella occasião.

Soprando com uma violencia indescriptivel, o vento levou-o pelos ares, e Morpheu foi...

...dar com os costados no Egypto, cahindo sobre o cume...

...duma pyramide. Não podendo, porém, equilibrar-se, cahiu, mas cahiu...

...da cama! A quéda fez acordar a sua esposa, D. Prudencia, que deu por isso o desespero...

PERDOAR, PARA ENGRANDECER

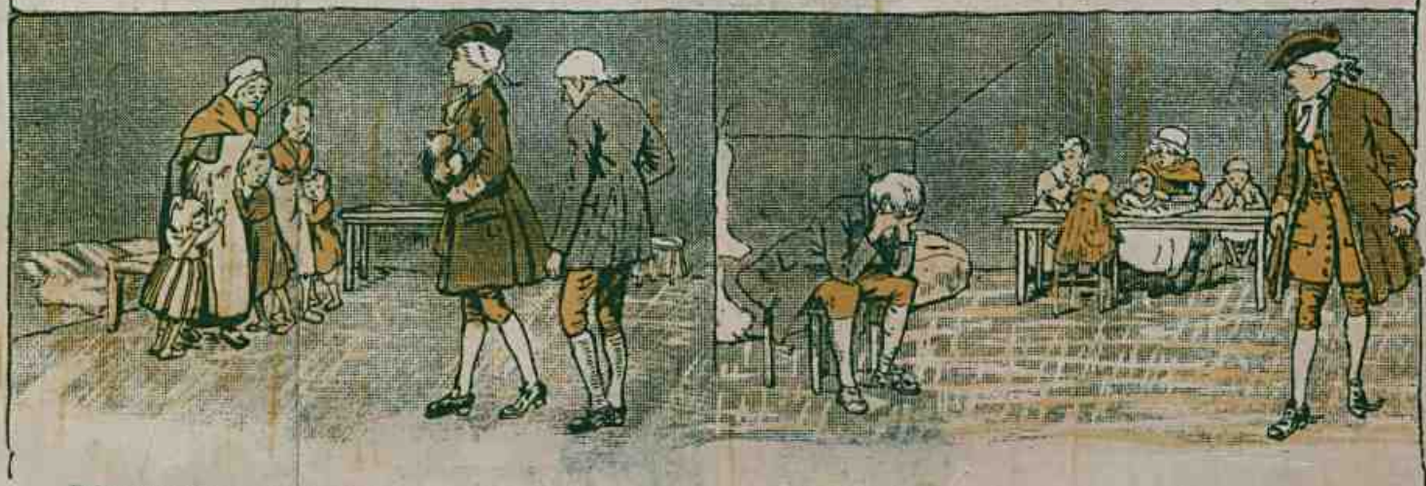
Era uma vez um marquez que voltava para casa quando, numa rua estreita e deserta, foi assaltado por um desconhecido que queria roubar-lhe a carteira de dinheiro. O marquez, que era um homem musculoso, abotoou o salteador, perguntando:

— Porque te entregas ao roubo? Não sabes que eu posso te entregar á policia?

O salteador, banhado em lagrimas, disse:

— Perdoai-me, senhor... Eu não sou um ladrão de profissão. Até hontem fui honesto; foi a...

miseria que me seduziu: minha mulher e meus filhos morrem á fome! — Leva-me á tua casa — disse o marquez. O salteador, de cabeça baixa, obedeceu.



Pelo caminho o marquez comprou varias provisões de cereaes. Chegando á casa de seu aggressor, ahi encontrou uma mulher e quatro creanças extenuadas e famintas, que se atiraram sofregamente á alimentação, que o marquez lhes levara.

Emquanto isto, o pai, sentado, escondia a cabeça entre as mãos, chorando. Deixando aquelle lar miseravel, o marquez foi syndicar dos antecedentes do homem que o assalara. Soube effectivamente que elle era honesto, bom esposo...

... bom pai e que fôra a miseria que lhe fizera perder a cabeça. Dias depois, o marquez voltou á casa do seu aggressor, que tinha o officio de cordoeiro e chamando-o, bem como a familia, levou-os...

... a uma loja munida de todos os apetrechos para a fabricação de cordas, e disse: — Tudo isto te pertence, trabalha, sê honesto, porque eu te arranjarei freguezia.

Sensibilisado, o homem cahiu de joelhos, agradecendo -aquelle que, perdoando uma falta, um crime, salvou uma familia, resituindo um transviado ao convivio honesto dos homens.

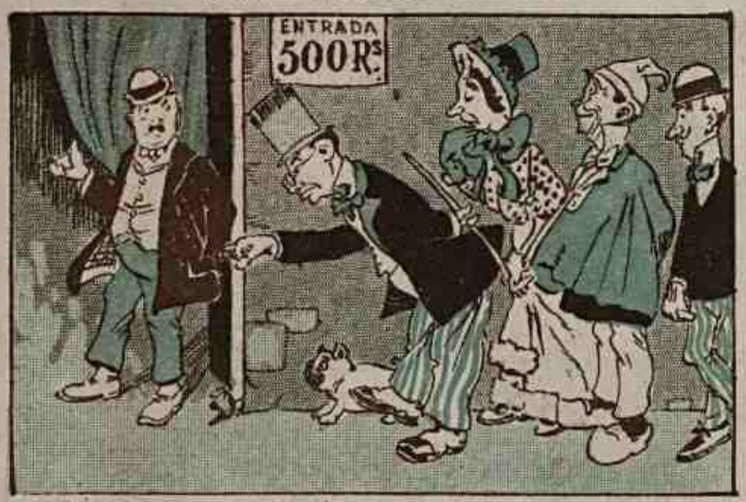
O CARANGUEJO E O MACACO

ERA uma vez um grande caranguejo, que morava num buraco na base de uma montanha do Japão. Um dia encontrou elle no chão alguns restos de arroz que um peregrino deixara cahir, quando fizera refeição. Muito alegre, o caranguejo foi levando o arroz para a casa, quando um astuto macaco, que o espiava, offereceu trocar pelo arroz a metade do miolo do caroço de uma saborosissima fructa chamada kaki, que elle tinha comido. O caranguejo pensou por algum tempo e accedeu em effectuar a troca.

Demorou muito, antes do macaco vir por aquelle caminho, mas um dia aconteceu casualmente passar por alli e viu o caranguejo sentado em baixo de uma arvore de kaki, que nascera do miolo que elle, caranguejo, plantara e da qual pendiam fructos abundantes. O macaco pediu licança para apanhar alguns fructos e o caranguejo, que, como todo o mundo sabe, não pode subir ás arvores, consentiu, com a condição do macaco repartir com elle metade do que colhesse. Mas o astuto velhacão atirava para baixo sómente os fructos podres ou verdes, emquanto comia e guardava nos bolsos os sazonados. O caranguejo então falou : — Senhor macaco, sois na verdade um habil trepador de arvores, mas estou certo de que, por terdes comido muito, não podereis dar um giro no galho da arvore. Tocado em seu orgulho, o macaco deu rapidamente tres giros no galho da arvore e todos os kakis que escondera no bolso cahiram ao chão. O caranguejo apanhou-os depressa, mas o macaco, raivoso, desceu e o esbordoou severamente.

O caranguejo apanhou muito, mas não morreu. Querendo vingar-se do macaco, foi falar com seus amigos : a abelha, um vaso de guardar arroz e um ovo. Todos combinaram dar uma lição no macaco, quando este viesse comer o resto dos kakis. Assim, o vaso de arroz collocou uma trave junto á porta, a abelha encheu um balde de agua e o ovo ficou quieto no chão, emquanto o caranguejo se escondia na area. Logo depois o macaco appareceu á porta e, não vendo ninguem, entrou. Depois encontrou o ovo e o atirou ao fogo. O ovo immediatamente estalou em pedaços, que feriram a face do macaco e o arranharam dolorosamente ; louco de dores, o macaco quiz ir ao balde molhar a cabeça, mas a abelha nesse instante voou e o mordeu num braço. O macaco gritou e correu para a porta, mas, nesse momento, o vaso de arroz cahiu-lhe sobre a cabeça e o matou. O caranguejo estava vingado e depois disso viveu muitos annos em paz, debaixo de seu pé de kaki e cercado de seus bons amigos a abelha e o vaso de arroz.

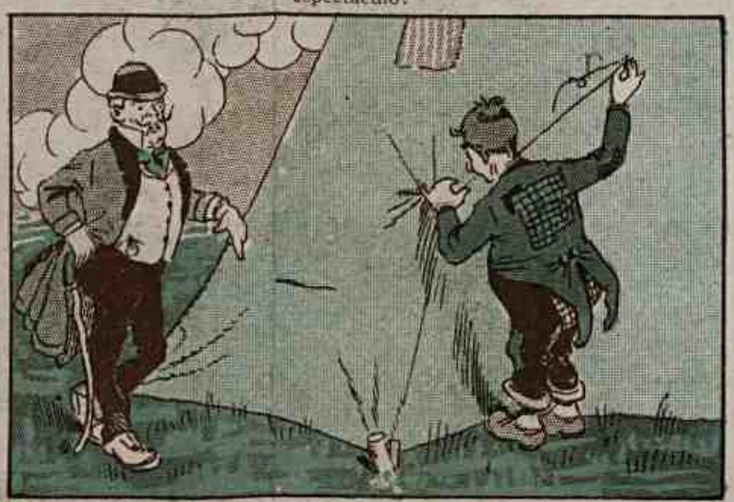
UM ESPECTACULO SENSACIONAL (Continuação)



Meia hora antes do horrivel desastre de que os nossos leitores tiveram conhecimento na pagina anterior, o director do grande Circo Americano regosijava pela grande multidão de espectadores que procuravam os *guichets* de entrada.

O programma da funcção era attrahente, muito attrahente mesmo, tanto que muitos meninos vadios e peraltas fizeram furos na lona do circo para assistir gratis o sensacional espectaculo.

Os endiabrados meninos, porém, não sabiam que, durante o espectaculo, o director do circo, armado de cacete, rondava vigilante em torno de sua barraca de diversões.



Depois de ter posto em fuga os travessos meninos, o director chamou o *Pé de Anjo*, um dos palhaços, para cozer com agulha e linha os rasgões que foram feitos na lona.

Pé de Anjo, sem o perceber, tinha cozido á lona as roupas dos espectadores que estavam recostados á tenda. Terminada a funcção, quando os espectadores quizeram se retirar levaram comsigo o circo, preso aos fundilhos das calças ou ás saias. Eis a causa, leitores, do terrivel desastre do grande Circo Americano.

UM ESPECTACULO SENSACIONAL

Pim! Pam! Pum!!! Que desastre, que catastrophe!! O grande Circo Americano, installado luxuosamente, acabava de desabar em plena funcção e, cousa extraordinaria, os espectadores que quizeram fugir não conseguiram. Estavam presos por uma força mysteriosa!... Que força seria essa? Vocês, caros leitores, irão saber na pagina seguinte.

A Boneca

No rebanho não havia melhor cabra. Branquinha e airosa, era um gosto vêl-a saltar pelo campo, tasquinhando aqui uma herva tenra, correndo além a trincar um rebento de arvore, marrando, por brincadeira, um cabritinho atrevido, arreliando as companheiras para se divertir, como quem morre pela folia e de tudo tira partido para se rir.

A pastora não a largava de vista, porque era terrivel, um diabrete cheio de intelligencia e vivacidade que não poucos cuidados lhe dera já e não poucas multas tambem fizera pagar aos patrões.

Quando mal se precatava, ia encontral-a de patinhas no ar, invadindo, com o mais soberbo desprezo das leis, a propriedade alheia. Depois, uma vez lá dentro, era um destroço que bem caro pagavam em multas.

Mas, a par disso, era tão meiga e tão intelligente que tudo lhe perdoava e até fôra ella quem a baptisára com o nome engraçado por que a conheciam. *Boneca* para aqui, *Boneca* para ali, andava na bocca de todos o nome da cabrinha, que era a flôr do rancho.

Não havia cabritinho que lhe não quizesse como a uma boa mamã, nem ovelha que a não amasse como á melhor das companheiras.

Só as outras cabras lhe tinham inveja e murmuravam despeitadas:—que a sua graça era loucura, a sua belleza nada para espantar, e que os seus delictos eram tremendos crimes que a deviam levar ao patibulo das cabras, o açougue!

Muitas espalhavam malevolamente: — que era por certo feiticeira quem assim conseguia agradar aos donos, á pastora e até ao proprio *Fulo*, o bravo cão do rebanho, que raras vezes mostrava os dentes num riso, como quem se quer muito respeitado na sua autoridade.

A *Boneca* não dava importancia ás linguas invejosas e, quando lhe vinham dizer o que as visinhas espalhavam, ria-se com desprezo e respondia: — que o rei tem costas e só se diz mal das pessoas de importancia...

E assim folgando passava a existencia, sem se importar das linguareiras que lhe denegriam a reputação.

Depois, se fosse só isso! Mas o leite que tinha! Como aquillo nenhuma; e muito docil, muito boa, não fazia como as outras que o sabem recolher, deixando os guardas compromettidos.

Ora um dia nasceu em casa dos patrões um menino, um pequenino muito engraçado e forte, que reclamava alimento com toda a força dos seus berros. Como a boa mãe não tinha infelizmente leite algum e se aborrecessem de aturar amas, resolveram experimentar um animal para criar a creança.

Mandaram ordem parà o campo e a *Boneca*, a cabritinha branca, a mais linda do rebanho, a preferida da pastora, é claro que logo foi a escolhida, como sendo a melhor e a mais digna de ir servir em casa dos patrões.

Apezar do muito que apreciava a liberdade de correr e saltar pelos campos, sem nunca ter soffrido a injuria de uma corda, não fez grande escarcéo. Despediu-se dos companheiros e dos filhos, despediu-se da pastora que tão sua amiga era, chorou ainda pelos campos a que estava afeita, mas, valente para os trabalhos e para a magua, lá entrou desembaraçada e esperta na casa dos senhores. Como era intelligente e docil, rapidamente se acostumou ao novo rumo que levára a sua vida.

Quem tem bom senso trata de viver o mais alegremente possivel nas circumstancias em que o acaso o colloca e assim se livra de muita semsaboria.

O quarto da creança foi disposto no rez-do-chão, de modo que a *Boneca* podia entrar e sahir á vontade. Mandaram-lhe construir no pateo um pequenino, mas elegante estabulo, onde ella se alojava muito á vontade.

Num instante se entenderam a ama e o pequenino, que a chamava em altos gritos, quando tinha fome e queria que lhe chegassem á bocca a tetinha cheia de leite.

Os outros irmãos já crescidos andavam contentissimos e entretinham-se muito a brincar com a *Boneca*, que ás vezes, quando estava de pachorra, até lhes puxava um carrinho de verga onde se sentavam os mais novos.

Depois, tambem lhes contava muitas historias que sabia, ouvidas ás estrellas e ás arvores, que as pedras e tambem os outros animaes lhe tinham confiado, quando, livre pelos campos, pouco conhecia da vida dos homens.

Só o terror que os lobos causavam! Não poucas vezes tinham elles perseguido o rebanho, que a pastora mettia no redil, toda a tremer, emquanto o *Fulo* ladrava com desespero. De uma vez até chegaram a levar duas cabras mesmo nas barbas do guarda, que os espantou depois com uma grande lumieira, mas já tarde, quando as pobres victimas estavam mortas. Tambem contava cousas alegres, quando saltava disfarçadamente para as propriedades visinhas, a comer umas couves verdes que

vira, ou rebento de videira ainda tenro. Bem ouvia a pastora chamal-a; mas, caladinha como um rato, não mexia senão o queixo a roer, que era para a não sentirem. Mas lá vinha a maldita de uma mosca atrevida, e de tal sorte a picava que não tinha remedio senão saccudil-a, abanando a cabeça. Então o chocalho retinia alegremente e era descoberta pelo guarda que lhe atirava furioso com o cajado, jurando que a mandaria para o matadouro. Mas isso mandava elle; aquillo era falar, porque, apezar de tudo, era boa como os que são e estimavam-n'a muito.

Tinha defeitos, e quem os não tem? Mas as qualidades eram ainda superiores a elles.

Assim correu o tempo, e a creança, criada á maravilha, já era crescidinha. Andava e brincava com os irmãos, mas com respeito a alimento é que não queria mais do que o leitinho da sua *ama*. Ninguem era senhor de lhe dizer nem fazer nada que a contrariasse, porque se punha a berrar e a *Boneca* corria furiosa, estivesse onde estivesse, para defender o seu menino. Uma vez até se feriu nos vidros da porta que partira para entrar.

Por isto tudo resolveram os paes retirar a cabrinha, que mandaram sem mais cerimonia para o rebanho donde viera.

A *Boneca*, quando se viu longe do pequenito a quem dera o seu leite de ama e os seus carinhos verdadeiramente maternaes, teve um tão grande desgosto que foi a admiração dos que julgam que os animaes são insensiveis.

A creança chorou tambem por ella; mas porfim, a pouco e pouco, a foi esquecendo e, se mais tarde lhe dissessem que tinha estimado tanto um pobre animalzinho, talvez sentisse vergonha. A triste é que não o esqueceu mais. Andava pela serra balando, passava pelo comer com indifferença, não mais saltou alegremente um muro para invadir a propriedade alheia.

De quando em quando parava, parecendo que escutava os gritos da creança, e punha-se a correr como maluca, transpondo montes e valles, imaginando encontral-a. Outras vezes afastava-se melancolica e curtia sósinha a sua grande magua.

Por mais que a pastora a chamasse e acarinhasse não sentia com isso alegria nenhuma; e em vão, para a distrahir, os cabritinhos pulavam na sua frente. Nem a conversa das amigas nem os conselhos do *Fulo*, nada a distrahiu da sua grande saudade. Assim se foi finando, finando, até que acabou de todo nos braços do guarda, que chorava como uma creança, ao contar aos patrões o triste caso.

Tambem elles lamentaram a *Boneca* e se arrependeram da ingratidão usada para quem tão bem os servira, embora tivesse defeitos; mas já era tarde!

Como aquella, talvez já não appareça outra no rebanho.

ANNA DE CASTRO OSORIO

AS ARVORES

A PRESENÇA do arvoredo regula e modifica a acção da chuva. Onde as arvores faltam, a chuva facilmente fórma correntes caudalosas, que desnudam as montanhas, devastam os campos, arrazam as colheitas e matam homens e gados.

A acção do arvoredo é hoje bem conhecida. Terriveis exemplos têm provado que o córte dos bosques tem feito dum bom um pessimo clima, de campos ferteis desertos estereis. As arvores, tirando lentamente o excesso da humidade á atmosphera, minoram as grossas chuvas e as suas desastrosas consequencias. Quando estas caem, as arvores com as suas raizes prendem a terra, e dividem com os seus troncos as aguas que correm sobre o sólo; diminuem a intensidade da corrente dessas aguas.

Ainda, por outra maneira, as arvores regulam os climas. Exercem uma acção notavel nos nevoeiros, detem-n'os quando passam sobre ellas e lentamente os condensam. Todos têm visto como nas serras as arvores cobertas de folhas facilmente se toucam de nevoas. As folhas, molhadas pela humidade atmospherica, escorrem umas sobre as outras; e destas, a agua baixa pelos troncos até o chão, onde vem formar um regato ou uma fonte, sem que chova.

Assim se explica que hajam desapparecido fontes pelo córte dum bosque; ou que hajam brotado aguas onde não as havia, só pela plantação de uma consideravel massa de arvores.

Um notavel exemplo da influencia das arvores nas chuvas é o que se está dando no Cairo (capital do Egypto). Ha annos, eram alli escassas as chuvas; uma ou duas vezes por anno, era o mais que chovia; mas, depois que em volta da cidade se fizeram plantações em grande escala, principalmente de acacias, a quantidade de chuva triplicou.

Assim, pois, a pratica mostra, em toda parte, que as chuvas crescem e as fontes se tornam mais abundantes, quando se vestem de mattas as montanhas.

Ha nascentes cuja origem fica logo abaixo da superficie do sólo, e outras a grandes profundidades; umas e outras crescem com as chuvas e seccam mesmo quando as chuvas faltam por mais ou menos tempo.

Vê-se, pois, que o arvoredo influe em todas: o effeito é, porém, mais rapido, nas fontes de origem pouco profunda.

A ORIGEM DAS NOTAS

ASSEGURA-SE que a invenção das notas de banco provém da China. Nos começos do reinado de Hian-Tsoung, da dynastia de Thang, cerca do anno 807 da nossa éra, o imperador ordenou que todos os commerciantes e pessoas ricas do paiz depositassem no Thesouro o dinheiro que tivessem, afim de attender ás necessidades creadas pela grande fome que então lavrava no imperio.

Em troca do metallico entregavam-se bilhetes chamados *Fey-thsian* ou *moeda volante*, e apezar de ao fim de tres annos decorridos se supprimir essa moeda-papel na capital, continuou circulando nas provincias.

Em 960, *Thai-Tsá*, fundador da dynastia de *Sung*, tornou a pôr em pratica o bilhete, facultando aos negociantes o depositarem o metallico no Thesouro, onde em troca se lhes entregavam umas notas denominadas *Pian-thsian*, ou seja *moeda corrente*.

Marco Polo achou estabelecido na China o uso das notas de banco sobre bases mais perfeitas.

Na Europa começaram a usar-se, pelo seculo XII, nas opulentas republicas italianas.

Tambem se diz que o primeiro que as falsificou foi um tal Vaughan, de nacionalidade ingleza, e escrevente de um advogado. Isto succedeu em 1758. O autor da falsificação foi enforcado.

A PREGUÇA

TRES peixes viviam no mesmo lago. Um era prudente, outro altivo e outro preguiçoso. Certo dia, alguns pescadores deitaram as suas linhas no lago. O primeiro peixe, que era prudente, desconfiou da isca e fugiu, em vez de se approximar della.

O segundo, que era altivo, embora se sentisse tentado, envergonhou-se de se aproveitar de uma cousa que podia alcançar pelo trabalho, e passou ao largo.

O terceiro, que era muito preguiçoso, molle e indolente, vendo que podia comer sem trabalhar, não quiz saber de onde lhe vinha tão bello manjar, abriu a bocca e o enguliu.

Pagou, porém, com a vida a sua preguiça, a sua falta de prudencia e de dignidade, porque foi pescado, frito e comido.

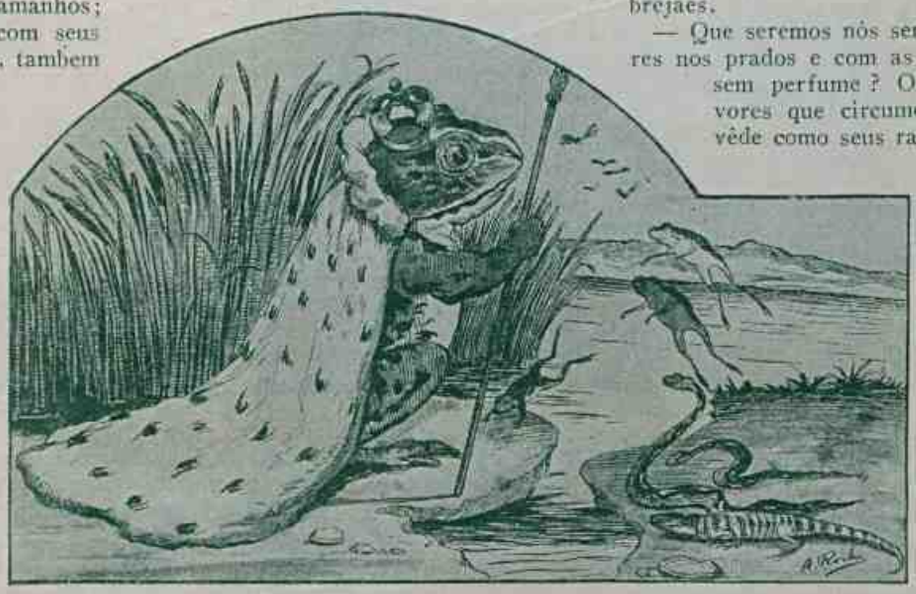
HISTORIAS DE BICHOS

O PAE SAPÃO

QUANDO os animaes falavam e mantinham entre si a mais completa harmonia, a mais solida amizade, o sapo, que era o rei dos pantanos e dos brejos e não tinha, como hoje tem, os olhos empapuçados, a pelle rugosa e o corpo chato, começou uma noite a coaxar mais alto que do costume. O bichano soltava cada coaxo que mais parecia o grito de um pato indefluxado do que o canto do soberano dos brejos da terra. O primeiro grito do sapo alarmou todos os pantanos e brejos, todos os lagos e lagôas.

Os sapos todos que dormiam no fundo das aguas, nos buracos das casas, nas moitas escuras e humidas dos prados, sahiram a correr em demanda do brejo real, na supposição de que o rei, *PAE SAPÃO*, como era chamado o soberano, estivesse a soffrer alguma dôr.

Mas, não foram só os sapos que acudiram; todas as rãs, verdes e cinzentas; as cobras e lagartos de todas as côres e todos os tamanhos; e até os grillos, com seus *cri-cris* estridentes, tambem vieram ao encontro do *PAE SAPÃO*.



— Que seria? — interrogavam todos assustados. S. M. *PAE SAPÃO*, áquellas horas da noite, gritando assim, era porque o assumpto devia ser muito importante !...

Cada qual corria mais, procurando chegar primeiro ao brejo do rei. Os sapos davam cada salto que fazia as cobras e os lagartos se admirarem de tamanha destreza. E toda a carreira, de ancia de soccorro, era acompanhada de um choral lugubre — talvez o prologo de symphonia de dôr e de tristeza que todos houvessem de entoar. As rãs, os grillos, todos, numa correria louca, estavam a caminho do palacio do *PAE SAPÃO*, que não cessava de soltar, de instantes a instantes, grasnados lancinantes.

Dentro de pouco tempo todos chegavam ao brejo real e viram el-rei *PAE SAPÃO*, solemne e de pé, de olhar carrancudo, severo, á beira dagua.

Diante de tão ameaçadora attitude, ninguem ousou falar; cada qual, após a reverencia da praxe, tomou o seu logar e um grande semi-circulo foi formado em torno do monarcha gritador.

Quando todos, sentados, arfando ainda de cansaço da carreira que deram, iam interrogar o monarcha, este, levantando uma das patas, falou trovejante:

— Chamei-vos aqui para vos denunciar um caso grave ! A paz dos nossos dominios está ameaçada de ser perturbada e todos nós talvez estejamos condemnados a morrer de tristeza !

Os nossos campos vão ficar sem flores, as nossas aguas não terão mais a perfumar-lhes o olor das açucenas, das violetas, dos cravos, das roseiras.

Grandes hostes de inimigos chegaram ás nossas fronteiras, invadiram-n'as e estão já em meio do horrendo trabalho de destruição de todos nós ! E vós, subditos lerdos e medrosos, não vistes ainda tão ferozes vandalos ?

A bicharia, tremendo de horror, olhou para o céo e só via estrellas; para o norte, só divisava a silhueta de longinquas montanhas; para o sul, só percebia a matta virgem, quieta e negra como o fundo das cavernas.

Olhares cruzavam-se, interrogando-se mudamente. Ninguem, absolutamente ninguem, tinha visto ainda os inimigos de que falava o *PAE SAPÃO*.

O silencio de todos obrigou o monarcha a falar novamente.

— E' o medo do combate, certamente, que vos cega: Mas eu, rei e soldado, não conheço a timidez. Os inimigos que estão em nosso reino são as abelhas — insectos vorazes e damninhos — que juraram juntar em colheitas todo o mel e perfume das flores que embalsamam o ar de nossos prados e saturam de essencias as aguas dos brejaes.

— Que seremos nós sem flores, sem flores nos prados e com as aguas dos brejos sem perfume ? Olhae para as arvores que circumdam este brejo e vêde como seus ramos já se vergam ao peso das colmeias cheias de mel !

Os subditos olharam, olharam, e viram de facto uma colmeia, mas ninguem entretanto ousou falar. Todos pensavam, e com acerto, que os temores do rei não tinham fundamento. Se as abelhas eram muitas, na verdade, as flores eram por sua vez innumeras, sem conta, e nunca poderiam ser exterminadas pelos enxames das laboriosas e inoffensivas abelhas.

— E então, covardes, poltrões, que attitude tomaes ? — interrogou, feroz, o *PAE SAPÃO*.

Uma voz unicamente então se ouviu; era a voz da experiencia, da razão, a voz de um sapo idoso e respeitavel :

— Nenhuma, senhor rei ! O perfume que todas as abelhas possam porventura roubar ás flores dos nossos prados é tão insignificante que não nos anima a guerreal-as !

Os olhos do *SAPÃO* brilharam de colera :

— Desgraçados aquelles que não sabem defender a honra do seu paiz ! Afastae-vos, covardes, e eu vos mostrarei que, logo que o dia clareie, eu só, sem o auxilio de nenhum de vós, irei enxotar do meu reino os crueis inimigos.

A bicharia toda afastou-se e foi se esconder nas moitas, esperando que nascesse o dia para ver a valentia do rei.

Mal o sol despontou, todos olhavam, attentos, para o brejo real. De repente, o *PAE SAPÃO*, aos saltos, encaminhou-se para a margem do pantano e parou diante de uma colmeia ao rez do chão.

Com tanta força se lançou *PAE SAPÃO* á colmeia, que ficou com os dedos presos á céra. As abelhas, na de-

fesa de seu trabalho prodigioso, atiraram-se a ferroadas nas costas do *PAE SAPÃO*, que gritava de dôres, pedindo soccorro, sem se poder desprender da cêra.

Seus subditos, de longe, vaiavam-n'o com assobios e caretas.

Milhares de abelhas cahiram sobre o valentão, que, de um arranco forte, conseguiu se desprender, indo bater de encontro a um tronco de arvore. As abelhas deixaram-n'o então.

Mas, coitado, estava o *PAE SAPÃO* em mísero estado: os olhos inchados, as costas cheias de pipocas das mordeduras das abelhas, as cabeças dos dedos cheias de cêra e o corpo — pobre rei! — todo achatado, asqueroso, nojento, disforme, abominavel!

E é por isso — saibam vocês — que todos os filhos do *PAE SAPÃO*, os sapos, até hoje são horrivelmente feios.

Carlos Manhães

O NO' GORDIO

(Conto mythologico)

NO tempo em que as Divindades protectoras da Grecia habitavam as alturas do vasto céo azul, muitas vezes deixavam os seus palacios e vinham á Terra castigar os homens máos ou tolos, e recompensar os que o mereciam.

Na Phrygia vivia um pobre lavrador, que possuia apenas uma junta de bois. Trabalhava sem cessar, mas o seu trabalho não parecia abençoado dos deuses: quanto mais trabalhava, mais a vida se lhe tornava insupportavel; a um dia máo succedia outro peor, até que a indigencia lhe entrou em casa.

Acceitou resignado o decreto dos deuses immortaes; nem um queixume soltou.

Jupiter, o deus dos deuses, quizera experimentar até á ultima a virtude de Gordio (assim se chamava o lavrador), e satisfeito da sua piedade e paciencia, resolveu fazer delle um rei poderoso.

Um dia estava Gordio lavrando, e notou que os regos se abriam quasi sem o ferro da charrua tocar a terra, que os bois puxavam quasi sem esforço.

Estava muito admirado de tão espantosa mudança, quando viu descer uma aguia e pousar sobre o jogo dianteiro da charrua, e em seguida muitas aves de diversas especies adejando sobre a sua cabeça e cantando, cada qual melhor podia.

Ao pôr do sol largou o trabalho; as aves, que não haviam cessado os seus cantos, acompanharam-n'o, pousaram sobre as arvores proximas e sobre o tecto da cabana, e levaram toda noite a cantar.

Gordio não pôde conciliar o somno; sentia que a sua alma se extasiava com a suavidade do canto das aves.

Ao romper da aurora, não sabendo explicar tal prodigio, resolveu dirigir-se á cidade visinha, afim de consultar os interpretes das aves.

Quando chegou ás portas sentou-se fatigado junto duma fonte. Uma donzella, de longos cabellos soltos, semelhantes aos das deusas, com um vaso á cabeça, approximou-se para o encher d'agua.

Gordio pediu-lhe de beber, e emquanto ella enchia a vasilha, olhava para o forasteiro dum modo particular e com o sorriso nos labios. Então o lavrador contou-lhe a maravilhosa aventura da vespera, e pediu-lhe que dissesse se na cidade haveria algum sabio que interpretasse aquelle prodigio.

— O' estrangeiro, respondeu a donzella, se para isso vieste á nossa cidade, podes voltar para os teus campos, que eu te digo o que pretendes saber. Meus fallecidos paes me instruiram na arte de adivinhar as manifestações das aves. Em verdade te digo que serás rei. Se duvidas, recebe-me por tua mulher, leva-me comtigo, e se em pouco tempo não reinares em toda a Phrygia, dá-me a morte que se dá ás mentirosas e impudentes.

Gordio voltou para os seus campos acompanhado da donzella, a quem recebeu por esposa, e no fim de um anno nasceu um filho, que teve o nome de Midas.

Certo dia a mulher lhe disse:

— A colheita foi muito abundante; põe os bois á canga, enche a carroça de trigo e vae vendel-o á cidade.

Gordio obedeceu.

Ora, entre os Phrygios lavravam fundas discordias desde a morte do ultimo rei, e não tinham ainda podido escolher successor.

Os sabios haviam consultado dias antes o oraculo de Jupiter, que tinha um templo na cidade.

O oraculo respondeu:

— As discordias dos Phrygios terão fim quando escolherem para seu rei o primeiro homem que entrar ás portas da cidade em cima da sua carroça, puxada por uma junta de bois.

Ora, Gordio foi o primeiro que appareceu ás portas da cidade, e assim as principaes pessoas sahiram-lhe ao encontro, mandaram vir as insignias e vestes reaes e acclamaram-n'o rei da Phrygia.

Gordio viu que a predicção de sua mulher se cumpria: foi buscal-a ao campo e a trouxe para os ricos palacios dos monarchas seus antecessores.

Em memoria da sua elevação ao throno consagrou a Jupiter o seu carro de lavrador e as correias que prendiam os bois.

Estas correias estavam por fórma tal entrançadas e unidas por um nó, que não se lhe conhecia nem principio, nem fim.

Gordio reinou por muitos annos e morreu de avançada idade, sempre amado e respeitado de todos.

Por sua morte, o oraculo predissera que — "o imperio da Asia havia de pertencer áquelle que desatasse o nó das correias dos bois de Gordio."

Midas, que succedera ao pae, não deu importancia ao vaticinio, e Alexandre da Macedonia, querendo apoderar-se de toda a Asia, veiu á Phrygia e tentou *desatar o nó gordio* (nome que lhe ficara em memoria do rei *Gordio*). Não o conseguindo, apezar dos seus muitos esforços, puxou furioso da espada e o cortou, illudindo assim a predicção do oraculo.

Isto fez alarme, e não se ouvia senão dizer que Alexandre da Macedonia *cortara o nó gordio*. Este assenhoreou-se effectivamente da Asia, mas não póde gosar a sua conquista, porque morreu.

O direito de propriedade

Uma vez o ex-imperador Francisco José deu uma audiencia publica no palacio real de Budapesth.

Um trabalhador apresentou-se envergonhado, balbuciando:

— Eu queria um retrato de V. M., dedicado a mim.

— Com muito gosto dar-lh'o-ia — respondeu sorrindo o bom imperador — porém não tenho aqui nem lapis nem caneta.

— Isso não importa, — replicou o trabalhador — lapis tenho eu.

Tirou com effeito um lapis do bolso, e entregou-o ao imperador.

Francisco José escreveu a dedicatoria no retrato e depois, distrahidamente, guardou o lapis no bolso.

Vendo que o solicitante não se ia embora, o imperador perguntou:

— Posso fazer mais alguma cousa por você?

— Sim, magestade, devolver-me o lapis.

Para educar as creanças

Logares de passeio e de estudo

OS nossos leitores, nas férias escolares, nos domingos e dias feriados, entregam-se, como é natural, aos prazeres dos passeios pelos pontos pittorescos do Rio. A belleza dos panoramas, o encanto dos sitios que a Natureza por si propria se encarregou de embellezar, seduzem os olhos maravilhados.

E' preciso, no emtanto, que de cada passeio, de cada excursão aos sitios da cidade vocês apprehendam um certo numero de conhecimentos, a historia, a origem, a significação de tudo que observam.

Ha muitos sitios onde vocês poderão ver e aprender muita cousa.

O Museu Nacional, por exemplo, foi creado em 1918, e ora é situado no Parque da Bôa Vista, onde era a residencia dos imperadores.

E' franqueado ao publico, todos os dias, das 8 ás 17 horas, exceptuadas as segundas-feiras, em que a visita só póde ser permittida pelo director.

Divide-se em 4 secções e 2 laboratorios.

As secções são: 1.ª Zoologia; 2.ª Botanica; 3.ª Mineralogia; 4.ª Anthropologia e Ethnographia.

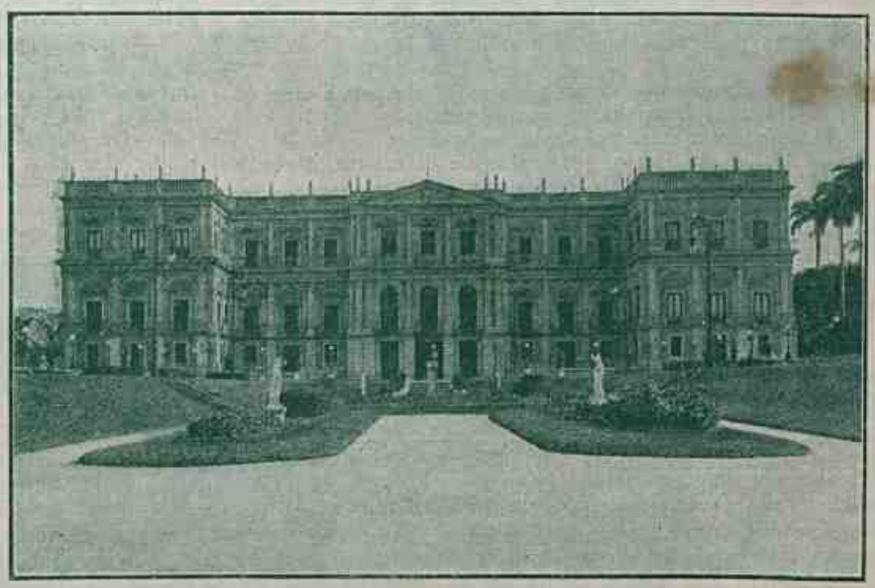
Os laboratorios são: 1.º Entomologia agricola; 2.º Chimica analytica.

O visitante ao entrar entrega ao porteiro o guarda-chuva ou a bengala, recebendo do mesmo uma chapa numerada, ou senha. Ao sahir, o visitante entregará ao porteiro a senha, recebendo o objecto que lhe havia entregue ao entrar.

Para percorrer as diversas salas do Museu gasta-se, no minimo, uma hora.

Um guia, um professor, que acompanhe e explique a cada um de vocês a razão da exposição de todos os objectos que se encontram no Museu, valerá, estamos certos, tanto como se vocês fizessem uma rapida leitura sobre cousas do Brasil e do mundo inteiro.

Outro passeio, muito bonito e onde vocês poderão ver arvores seculares, grutas bellissimas, formosos lagos, é o Parque da Bôa Vista, que era chamado até a proclamação da Republica, em 1889, Quinta da Bôa Vista, onde se achava o palacio de residencia dos imperadores, hoje transformado e occupado pelo Museu Nacional, como acima dissemos.



Edificio do Museu Nacional

Anteriormente á Independencia do Brasil, em 1822, o rei de Portugal, D. João VI, que, devido á invasão desse paiz pelas forças de Napoleão I, se installára no Rio de Janeiro, escolheu esse sitio pittoresco e tranquillo, distante da cidade, que então apenas chegava ao Campo de Sant'Anna, hoje Praça da Republica.

O parque occupa uma área de 500.000 metros quadrados, em um terreno accidentado, offerecendo por isso, ao espectador collocado nos pontos elevados, deslumbrantes paysagens. E' cortado pelo riacho chamado da Joanna.

Esse bello parque é franqueado ao publico todos os dias, das 6 ás 22 horas, e é muito concorrido, não só em dias de divertimentos campestres como durante o tempo de calor, em que ali se realisam jogos e *pic-nics*.

Dão accesso a esse logradouro publico tres entradas: uma, a principal, na avenida Pedro Ivo, transversal á rua de S. Christovão; outra, á rua Paraná, que desemboca no largo da Cancella; a terceira, á rua General Canabarro, junto á cancella da Estação de S. Christovão, da E. F. Central do Brasil.

Outro passeio que vocês poderão fazer, com muito proveito para os conhecimentos que têm da botanica, é ao Jardim Botanico, fundado na regencia do principe D. João VI, em 13 de Junho de 1808.

Foi seu primeiro director o carmelita Frei Leandro do Sacramento.

Está aberto todos os dias, desde 6 1|2 até ás 18 horas, nos mezes de Maio a Outubro; e das 6 ás 18 1|2 horas nos outros mezes do anno.

Logo á esquerda do portão encontra-se o decano dos vegetaes indigenas do Jardim, o Itó, dos indigenas, hoje conhecido por Carrapeta ou Marinheiro. Em frente vê-se a alameda das palmeiras, com a extensão de 740 metros, a alêa central, contendo 134 palmeiras, de 25 metros, altura média, com um metro de diametro.

Vista da Quinta da Bôa Vista, tirada da frente do Museu

Duas parabolas de Kahlil Gibran

Kahlil Gibran é um poeta e escriptor arabe contemporaneo, ignorado em nossa lingua, mas que tem grande copia de seus escriptos traduzida para o hespanhol, o francez e o inglez. São de sua autoria as duas lindas parabolas, "Os dois eremitas" e "As somnambulas", que damos a seguir.

OS DOIS EREMITAS

Em uma solitaria montanha viviam dois eremitas, que adoravam a Deus e amavam-se mutuamente.

Esses dois eremitas tinham uma tigella de barro, e era só o que possuiam. Um dia, perverso espirito penetrou o coração do eremita mais velho que, approximando-se do joven, lhe disse:

— Ha já muito que vivemos juntos. E' chegada a hora de nos separarmos. Distribuamos quanto temos.

O mais joven entristeceu-se então e disse:

— Afflige-me, irmão, que tenhas de deixar-me. Mas, se necessariamente deves te ir, assim seja.

E trouxe a tigella de barro e deu-lh'a, dizendo:

— Não podemos dividil-a, irmão; que seja tua.

Então o eremita mais velho disse:

— Não acceito caridades. Não tomarei senão o que é meu. Deve dividir-se.

E o mais joven respondeu:

— Se a tigella se partir, que utilidade terá para ti ou para mim? Se quizeres, podemos lançal-a á sorte.

Porém o mais velho disse ainda:

— Quero só o que é de justiça e é meu, e não confiarei á sorte a justiça nem o que é meu. A tigella deve dividir-se.

O mais joven não poude então argumentar mais e disse:

— Se essa é tua vontade, quebraremos a tigella, agora.

Mas o rosto do mais velho ennegreceu-se e elle gritou:

— Oh, maldito, cobarde, tu, que não queres discutir!

AS SOMNAMBULAS

Na cidade onde nasci viviam uma mulher e sua filha, que eram somnambulas. Uma noite, emquanto o Silencio envolvia o mundo, a mulher e a filha, caminhando, posto que adormecidas, encontraram-se em seu jardim, coberto pela neve. E falou a mãe:

— Emfim, emfim, minha inimiga. Tu, que destruiste minha juventude, que tens construido tua existencia sobre as ruinas da minha! Quizera poder matar-te!

E a filha respondeu:

—Oh, odiosa mulher, egoista e velha! Tu, que querias que minha vida fosse um éco de tua decrepita vida! Quanto daria para que tivesses morrido!

Nesse instante cantou um gallo e despertaram ambas as mulheres. A mãe disse, docemente:

— Eras tu, minha linda?

E a filha respondeu, com gentileza:

— Sim, querida minha!

JUVENAL SANTOS DE MELLO

(Traduzido do castelhano.)

A aléa *Candido Baptista*, lateral, parallela á rua Jardim Botanico, da qual está separada por cerca de murta, mede 550 metros de extensão e encerra 142 palmeiras com altura média de 22 metros.

Vêem-se no Jardim arvores uteis e curiosas: uma rua de cravos da India; um bosque de pés de canella; *palma mater* (Palmeira Real), que mede 35 metros de altura e 1 metro e 30 centimetros de diametro na base, palmeira esta plantada, em 1809, pelas régias mãos de Sua Magestade D. João VI; monumentos a D. João VI e a Frei Leandro; estatuas de Diana e de uma Nayade, do mestre Valentim; portões dos viveiros e do salitre; cascatas velha e nova; lagos das cegonhas e da victoria régia; fonte da avenida das palmeiras; templos grego e da Dea Palmaris; grande vaso, chalet para musica; tres estufas e a jaqueira sob a qual se sentava Frei Leandro.

E quando vocês quizerem admirar e estudar o reino animal, a zoologia, peçam ao papae para fazer uma visita ao Jardim Zoologico, em Villa Isabel, que está aberto diariamente de sol a sol.

O Jardim Zoologico, de propriedade particular, acha-se situado na encosta da montanha, que separa os bairros de Villa Isabel e Engenho Novo; faz frente para tres ruas: Visconde de Santa Isabel, onde fica a entrada, Costa Pereira e Barão do Bom Retiro; tem de frente (para as tres ruas) 671 metros; a área total do seu terreno é de cerca de 270.000 metros quadrados. Possue uma magnifica floresta secular.

Topographicamente é considerado o mais bello Jardim Zoologico do mundo.

Foi fundado pelo Barão de Drummond, natural de Minas Geraes, e inaugurado em 6 de Janeiro de 1888. Ahi têm sido exhibidos os mais valiosos exemplares das faunas indigena e exotica, que quando mortos vão enriquecer as collecções do Museu Nacional.

Entre os specimens notaveis no Jardim Zoologico, actualmente, destacam-se:

a) Os famosos enormes tigres reaes de Sumatra (Asia), um casal que produziu tres filhotes, nascidos em 20 de Novembro de 1919 — Nota curiosa: Nos tres primeiros dias após o nascimento dos tigres é vedado vel-os, porque, se a femea presentir que alguem ou mesmo o macho os viu, ella os come; por isso, dias antes, é transportada para um local onde esteja tranquilla.

b) O Jaguar negro, procedente de Santa Catharina (do Contestado), — animal de inestimavel valor — rarissimo em collecção zoologica, actualmente o unico no mundo.

c) O colossal urso "Jerso" da Siberia, ferocissimo e de enormes dimensões.

d) Os lobos do Brasil, (Canis Jubatus) um casal — rarissimos em Jardim Zoologico.

e) Grandes monos — Anubis e Mandrillambos da Africa.

f) Um casal dos "Emus" da Australia — (vulgarmente avestruz) com tres filhos nascidos em 9 de Agosto de 1919. O facto curioso entre os *emus*, como em todos os representantes da familia das aves corredoras, é que sómente o macho choca os ovos e cria os filhos, sendo mesmo necessario, quando em captiveiro, separar a femea para que ella não os mate. O ovo do Emú é enorme e de côr verde escuro; na entrada do Jardim Zoologico ha sempre um em exposição.

g) Os Phacoceros africanos (javalis), importantes specimens, cuja conformação grotesca é curiosissima. A cara dos phacoceros é de aspecto horrivel, com protuberancias corneas e os enormes dentes, de cerca de 28 centimetros, salientes.

h) A raposa voadora — (Vampiro), animal que vive sempre de cabeça para baixo, assim se alimentando e bebendo agua.

i) Os grandes condores dos Andes. As maiores aves voadoras; a sua envergadura attinge a 4 metros.

Quando vocês forem ao Jardim procurem saber onde se acham as *pombas apunhaladas*, originarias das Filippinas, pois que ellas representam um dos mais curiosos caprichos da natureza. A mancha sanguinea que ellas apresentam no peito, como se tivessem levado uma punhalada, é verdadeiramente inexplicavel.

Apezar da impossibilidade da importação de animaes estrangeiros, desde 1914, ainda assim o Jardim exhibe um avultado numero de animaes da Africa, Asia, Australia e Europa, cada qual mais digno da admiração de todos nós.

MODA DE TODO O ANNO

Interessantissimos e novos modelos de vestidos para creanças, de 2 a 10 annos

O ABYSMO INSONDAVEL

EM tempos immemoriaes existiu um rei que era um verdadeiro monstro. O seu maior desejo era ver o sacrificio do seu povo. As suas festas eram todas sanguineas, horrendas! Quasi sempre, quando não havia um meio de ver uma ou duas victimas sacrificadas, esse barbaro rei mandava matar miseravelmente, em sua presença, alguns presos.

Eram assim o seu maior divertimento.

Uma vez, querendo ter um meio pelo qual os seus olhos mais se embriagassem de ver o sacrificio do seu povo, mandou um dos seus ministros jogar ao fundo de um abysmo, que media quinhentos metros de profundidade, um annel de brilhante, dentro de um pequeno cofre de marfim.

Isso feito, mandou publicar o seguinte artigo:

"No fundo de um abysmo, que mede quinhentos metros de profundidade, existe um annel de brilhante dentro de um cofre de marfim; quem descer por uma corda, que está atada a um ferro á bocca do abysmo e vae até o fundo do mesmo, e tirar o referido annel, no espaço de cinco horas, casar-se-á com minha filha e será dono de tudo quanto possuo."

Logo que se espalhou essa noticia, appareceram milhares e milhares de moços de todos os paizes para concorrerem á nefasta proposta do rei.

Convém, desde já, advertir aos leitorezinhos que a corda que servia de escada ao profundo abysmo só attingia a uma distancia de tresentos e cincoenta metros, ficando, assim, cento e cincoenta metros sem corda.

Ora vejam o meio infernal por meio do qual esse monstruoso rei veria morrer milhares de pessoas, sem que nenhum lhe tirasse o referido annel.

Essa estrategia não era descoberta por ninguem, porque a corda fôra ali posta por uma pessoa de sua confiança e por lado nenhum se poderia chegar ao fundo do abysmo, a não ser por esse meio.

Como já dissemos, affluiu grande quantidade de moços de todos os paizes para ganhar a fortuna do rei.

E começou-se a infernal tarefa.

Milhares de pessoas já tinham morrido!

O monarcha achava nisso o seu maior contentamento.

Um principe guerreiro, afamado pela sua coragem e feitos bellicos e que amava a princezinha filha desse rei, apresentou-se concurrente a tão arriscada empreza, dizendo que só por possuil-a faria até o impossivel e, portanto, iria buscar o annel.

Apezar dos choros e supplicas da sua adorada, elle foi ao encalço dessa joia prodigiosamente guardada.

Chegou á bocca do abysmo e, lançando um olhar para dentro do mesmo, só viu um nevoeiro immenso!

Ezaldo Ferreira, residente nesta capital e já grande admirador d'"O Tico-Tico"

O seu corpo estremeceu de horror, mas, sentindo-se ao mesmo tempo envergonhado dessa subita emoção e para não faltar á sua palavra ao rei, decidiu concluir a sua tarefa.

Pegou da forte e grossa corda e lá se foi pelo abysmo abaixo.

Dusentos metros, apenas o principe tinha descido, quando a sua força já começava de faltar; mas isso não o desanimou de todo.

Continuou a descer; mas eis que, com indizivel terror, elle viu que a corda não attingia ao fundo do abysmo!

Quiz retornar ao logar de onde viera, porém as suas forças acabaram-se completamente!

As suas mãos falsearam-se e seu corpo foi despedaçar-se de encontro ás pedras do fundo do abysmo!

E nunca mais viram o valente guerreiro.

Emquanto isto se passava, acudia á idea de um moço pobre, que morava no mesmo reinado, a lembrança de que em seu poder existia uma varinha, que lhe dera uma velha, quando elle a salvára das pedradas de uns meninos desoccupados.

Lembrou elle das palavras da velha:

"Guarda esta varinha, meu bom moço, e tudo que quizeres della ser-te-á concedido, apenas que lhe fales: "Minha varinha, valha-me".

Sem perder tempo o rapaz apresentou-se ao rei, que, ao vel-o, soltou uma estridente gargalhada.

No outro dia, com grande assistencia, foi o rapaz á procura da fortuna.

Quando João — que era seu nome — olhou o abysmo, sentiu um terror, que quasi lhe fez desistir da tarefa; mas apertou a varinha que trazia no bolso e disse-lhe — "Minha varinha, valha-me" e o seu medo desappareceu como que por encanto. Sem mais demora, João pegou da corda e foi arrastando-se pelo abysmo abaixo.

Quando chegou ao final da corda, João viu diante de si a morte: olhou para baixo e só viu um nevoeiro distante; lembrou-se então da varinha, que o medo o tivera feito esquecer. Pediu-lhe que o salvasse e, mysteriosamente, a corda espichou e elle póde chegar onde estava a sua fortuna. Pegou o annel, e qual não foi o espanto dos assistentes quando o viram de volta, trazendo comsigo aquelle cofre precioso!

O rei, quando viu entre a multidão de gente, chegar aquelle prodigioso rapaz com a joia, cahiu morto, como se fôra fulminado por um raio!

Dois dias depois deste acontecimento, João esposava a linda princezinha e tomava conta do então seu reinado, que, dali por diante, continuou a ser admirado por todos, tal era o seu progresso e a beatitude e lealdade do novo rei.

(Itajubá). S. AUGUSTO DE BRITO.

— PELO ESPAÇO —

HA HABITANTES NA LUA?

UM VULCÃO NA LUA, EM PLENA ACTIVIDADE

VOCÊS todos conhecem de sobejo a Lua, o nosso satellite, e já ouviram nas lições astronomicas d'*O Tico-Tico* sensacionaes reverencias ao minusculo planeta, que se suppõe, até hoje, não ser habitado. Como nota curiosa vamos dar a seguir algumas palavras do professor Charbonneau, do Observatorio de Melun. O sabio affirma que a Lua não está morta, que possue atmosphera e, por conseguinte, deve ter habitantes. Eis as suas palavras:

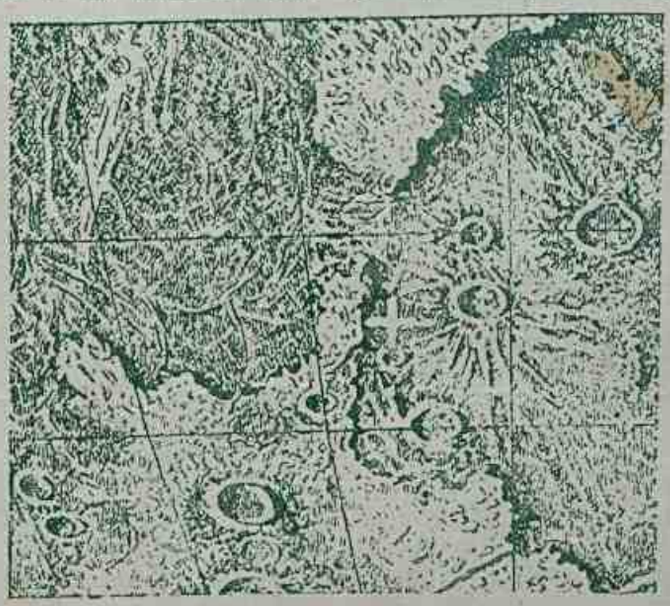
"Observando, do Observatorio de Melun, o satellite da Terra, vi uma cousa que se me afigurou uma nuvem de fumo. Surprehendeu-me o phenomeno, e estudei-o com a maior attenção. Pude confirmar o que primeiramente tinha visto. Vi, repetidamente, sahirem nuvens de fumo de uma parte da Lua.

"Achava-me em presença de um vulcão em plena actividade na superficie do nosso satellite.

"O fumo procedia de uma pequena cratera situada nas immediações do grande vulcão extincto, que nos mappas lunares se designa com o nome de Theeteto ou "Theætetus".

Ora, se o vulcão está em actividade, é claro que ha atmosphera na Lua e o sabio continua:

"O nosso satellite deve ter atmosphera, pois sem ella não poderia haver fogo. E desde que a Lua tem atmosphera, é logico presumir que nella existe vida, e por conseguinte, que não é um mundo morto, como durante muito tempo se acreditou. E' para mim, como para toda a gente o será, um mysterio, a razão de se não ter observado durante tantissimo tempo esse signal, que parece demonstrar a existencia de seres animados na Lua".



FRACÇÃO DO MAPPA DA LUA

Proximo do centro da gravura está representada uma cruz branca, a cujo pé está o vulcão Theeteto.

Se as observações dos diversos astronomos confirmarem as de Charbonneau, a descoberta deste será uma das mais notaveis da astronomia moderna.

Se na Lua se verificasse alguma grande erupção vulcanica, o facto interessar-nos-ia sob dois pontos de vista.

Em primeiro logar, se procedesse de algum dos vulcões maiores do nosso satellite, alguns dos quaes teem 75 kilometros de largura, o espectaculo seria magnifico e excederia tudo quanto é possivel imaginar-se, principalmente sendo observado ao telescopio.

Ainda á simples vista observar-se-ia um resplendor brilhante numa parte da superficie da Lua, rodeado pelos vapores negros, ou talvez de diversas côres, da erupção. Seria um espectaculo visivel para todos os habitantes da Terra, em qualquer longitude e em qualquer latitude. Nem mesmo o mais esplendido cometa poderia competir, então, em interesse com a Lua.

Em segundo logar, algumas das materias expellidas pelo vulcão chegariam, tarde ou cedo, á Terra. Funda-se tal affirmação numa das theorias mais curiosas da sciencia astronomica, theoria segundo a qual os bolides procedem dos vulcões lunares.

E' evidente que os vulcões da Lua, quando estão em actividade, excedem enormemente em força os da Terra. As suas immensas dimensões tendem a proval-o. O Etna mede novecentos metros de largura; Kilauea, o maior vulcão da Terra, tem uma cratera de 4 a 5 kilometros de largo. Emquanto que a Lua possue uma porção de crateras, de 40 a 90 kilometros de largura. Além disso, a força de gravidade da Lua é só de uma sexta parte da da Terra, e portanto qualquer força eruptiva, que emane de uma cratera lunar, não encontra mais do que um sexto da resistencia que a mesma erupção teria que vencer na Terra. Um corpo despedido pela Terra com uma velocidade de 12.964 metros por segundo, escaparia á attracção da Terra e não voltaria mais a ella. Se fosse despedido pela Lua bastar-lhe-ia uma velocidade de 1.852 metros por segundo para escapar á attracção do nosso satellite. A existencia de nuvens de fumo, procedentes de um vulcão da Lua, tem, tambem, um interesse immenso, porque demonstra, como diz Charbonneau, que na Lua ha atmosphera, sendo, muito embora, possivel, que seja de um genero distincto da nossa.

Um vulcão em actividade indicaria que o interior do nosso satellite não está frio e completamente solidificado, como até agora se suppunha, mas que, como succede com a Terra, tem regiões em cujas entranhas ha tambem calor sufficiente para produzir erupções vulcanicas.

Sendo isto assim, a Lua não póde ser considerada como um mundo morto, como sempre foi tida desde os tempos de Herschel. E', pelo contrario, um mundo vivo e activo, por muito que, sob outros pontos de vista, diffira da Terra.

A posição occupada pela cratera donde Charbonneau viu sahir nuvens de fumo é muito significativa. Está no meio de uma região que sempre se distinguiu, mais do que nenhuma outra da Lua, pelos seus phenomenos mysteriosos e até agora inexplicaveis. Está no hemispherio norte, e muito proxima da mesma latitude que o Etna occupa na Terra. Encontra-se quasi no ponto de enlace do Caucaso e dos Apenninos, do mundo lunar. Ha outras muitas crateras relativamente pequenas, proximas do Theeteto, e de uma dellas foi que viu sahir fumo o professor francez.

Torta á Alfonsina

Sua Magestade o Rei D. Affonso XIII, soberano da Hespanha, tinha, quando era pequeno, um excellente appetite, que até hoje conserva e que praza aos céos dure ainda muitos annos, porque é um signal evidente de saude um mortal mostrar boa disposição para comer.

O rei *niño*, como o chamavam na intimidade, não só tinha um bom appetite como tambem gostava de bons pratos e manifestava desejo de ter sempre á régia mesa uma grande variedade de pratos, o que é muito proprio, aliás, nos artistas da mesa. Dizemos artistas da mesa porque vocês devem saber que o comer é tambem uma arte e das mais delicadas.

Um dia, contava Affonso XIII nove annos de idade, ao voltar de um passeio pela Casa de Campo, onde o exercicio que fizera, a pureza do ar e o forte aroma dos montes visinhos lhe serviram de excellente aperitivo, furtando-se um momento á costumada vigilancia das aias, desceu ás cozinhas do palacio. Sua visita não causou estranhesa aos cozinheiros e copeiros, porque não era a primeira. Sua Magestade ia algumas vezes áquelles sitios e, com a lhaneza do seu caracter, falava com uns e com outros, perguntando-lhes cousas que se relacionavam com suas occupações. E, com o chefe dos cozinheiros, o rei discutia e combinava a relação dos pratos e seus diversos ingredientes e condimentos.

Naquelle dia, tendo examinado a relação dos pratos a serem servidos e pouco satisfeito, quiz mostrar os seus conhecimentos culinarios e perguntou:

— Não poderias fazer uma torta com taes e taes cousas?

— Sim, Magestade — respondeu o chefe da cozinha — Seria excellente e nova... Mas tinha a desvantagem de não ter nome.

— O nome? — respondeu sorrindo o rei-menino — *Torta á Alfonsina!*

Assim se fez e o novo prato figurou com tal nome no *menú*. Quando S. M. a Rainha-mãe perguntou a origem do novo prato, Affonso XIII a explicou com o legitimo orgulho de todo o inventor.

A *torta á Alfonsina* teve o exito merecido. E é pena que não tenhamos á mão a sua receita para explical-a aos nossos gentis leitores com um elogio, é claro, ao augusto e querido monarcha, que é, dizem, um entendido em assumptos culinarios.

A UNIÃO FAZ A FORÇA

REUNIDOS em importante congresso, em New-York, illustres sabios discutiam as vantagens de suas sciencias. Num violento discurso, Fogg declarou que o futuro pertenceria á chimica. Orpington, luminar da engenharia, protestou indignado. Azedou-se a discussão, e a cousa acabou a socco.

Separados os congressistas arrelientos, ficou resolvido que se batessem em duello. Os desaforos e, principalmente, os murros tinham sido fortes. Assentado o duello, foi deliberado que fosse bem á americana. Fogg, em um aeroplano, cujo motor funccionaria com uma essencia de sua invenção, travaria combate com Orpington, dirigindo este um automovel de novo typo, de que era fabricante.

O duello sahiu mais perigoso para as testemunhas que para os adversarios. Prevaleceu o alvitre de ser suspenso o combate. Fogg e Orpington, não desistindo da desaffronta, quizeram bater-se a carabina. Mas a vigilancia da policia não lhes permittiu o encontro.

— Em terra é impossivel? disseram. Pois será no mar.

O chimico tomou um pequeno vapor de que era proprietario, movido a ar liquido, preparado em seus laboratorios. No passadiço esperava o ataque do engenheiro. De repente ergueu as sobrancelhas. Avistou qualquer cousa... a cem metros de distancia.

— Bem desconfiava eu de que o tal Orpington ia atacar-me com um submarino...

Sorriu. Deu uma ordem ao machinista pelo portavoz. E logo dois jactos fortes de vapor sahiram do costado do navio.

Phenomeno admiravel! O mar, numa grande extensão, á volta, congelou-se immediatamente. E o submarino ficou preso no gelo como uma mosca num prato de crême. Fogg havia lançado sobre as ondas ar liquido, cuja evaporação rapida gelara a agua.

Feito isso, Fogg tratou de descer á superficie tornada solida e, munido de uma enorme bomba explosiva, tencionava fazer saltar pelos ares o adversario. Mas escorregou e a bomba, rolando, rebentou mais distante, com uma detonação espantosa, atirando longe fragmentos de gelo, os dois navios e os dois sabios.

Por um acaso extraordinario vieram os adversarios encontrar-se sobre o mesmo blóco de gelo, um iceberg, que se ia derretendo aos poucos, sob a acção do sol, diminuindo a cada momento de volume e os obrigando a uma approximação imprevista, que a igualdade do perigo tornou fraternal...

Diante da morte, os illustres inimigos reconciliaram-se. Começou em seguida a soprar um vento forte, que arrastou o blóco para uma costa. Conseguiram saltar em terra firme, e Orpington construiu uma barraca, emquanto Fogg, internando-se na floresta, foi buscar alimentos.

Descobriu uma arvore cuja seiva podia produzir alcool, por meio da distillação. Com uma garrafa arranjou um alambique. E preparou um licor que lhes deu forças e conforto.

Orpington, de seu lado, poz-se a fazer traços no panno da barraca, recortou-o em pedaços, juntou-os a outros recortados de lonas do navio que tinham vindo dar á praia. Fogg preparou uma mistura parecida com borracha liquida, obtida da resina da arvore, e uniu solidamente tudo.

Feito isso, não lhes foi difficil improvisar um balão, que, uma vez cheio por meio do novo alcool preparado por Fogg, pôde transportal-os para a costa americana. Ficou provado que a união faz a força e que as sciencias reunidas conseguem o que qualquer dellas isoladas jámais podia produzir.

LENDA DOS BOSQUES

A Princezinha das Campanulas

TODAS as creanças que nos lêm já contemplaram por certo muitas vezes essas delicadas floreszinhas que, quer enfeitando as portas e janellas das casas de campo, quer vicejando entre as hervas dos prados ou se agarrando aos troncos das arvores ou arbustos, entreabrem as pétalas e exhalam suavissimo perfume por todas as horas quietas das noites de nossa terra. Essas encantadoras flores, as campanulas, saibam vocês agora, tiveram, em tempos remotos, por senhora e rainha, uma princezinha loura, de olhos côr do mar e de porte primoroso. Delicada como um raio de luar, seus cabellos eram hervas finissimas de côr dourada e sua tunica, a acreditarmos no que dizem os velhos livros de outr'ora, era formada e tecida com o pollen suavissimo das açucenas e dos lyrios. Todos os dias, quando o crepusculo começava a descer sobre a terra, a princezinha surgia de entre o musgo de esmeralda que se apegava aos troncos de arvores seculares e subia a um coche de crystal brilhante, mimosa carruagem do tamanho de uma casca de noz. O cocheiro, que era um bezourinho dourado, guiava o corsel, pelluda mariposa cinzenta. E a princezinha, no seu mimoso coche, precedida, á guisa de arautos, por uma legião de insectos zunidores e luzentes vagalumes, começava a despertar as campanulas que se conservaram, timidas medrosas, fechadas, emquanto a luz do sol lhes beijára. Para isso, batia-lhes com seu sceptro de esmeralda e se alguma, ao receber o golpe, se mostrava vagarosa ou insensivel, conservando-se fechada, a princezinha condemnava-a logo á morte. E era então má a princezinha porque se tornava surda ás lamentações da campanula, mofando mesmo das lagrimas da pobresinha e mandando que seus arautos a injuriassem com ditos de sarcasmo, com epithetos de velha, malcriada e preguiçosa. E' que a Princezinha das Campanulas, ao contrario do que todos pensam, tinha o coração tão duro como o metal luzente do diadema que lhe ornava a fronte. Depois que a princezinha passava, no silencio da noite quando, sob a calma infinita do céo salpicado de estrellas, um ou outro pio de ave se ouvia, revelador talvez de um sonho desfeito ou de um queixume de peito opprimido, as desventuradas campanulas, medrosas, murmuravam queixas contra a maldosa rainha. E, ao voltar a princezinha com o primeiro raio de luz, as campanulas, ao golpe do sceptro, cerravam ligeiras as corollas das quaes pendia sempre uma lagrima que aos olhos de qualquer ser humano passaria por uma gotta de perlado rócio.

E a princezinha, frivola e maldosa, ia passando indifferente á dôr das floreszinhas.

Certa noite sahiu a cruel rainha, como de costume, a cumprir seu fadario, orgulhosa e sempre má. Ao internar-se num espesso bosque surgiu á frente dos arautos uma multidão consideravel de gnomos, que cercaram o coche brilhante e travaram formidavel luta com o sequito da maldosa soberana. A luta foi espantosa. A relva do bosque ficou juncada de insectos, de vagalumes; o cocheiro foi trucidado, a mariposa teve as azas arrancadas. Não sobreviveu um unico cortezão da comitiva. Os gnomos atacaram então a princezinha: assustaram-na com suas grandes barbas brancas, com seus capuzes vermelhos e despojaram-na do manto real, do sceptro, da corôa, do throno e do coche, deixando-a depois só e desfallecida no meio do grande e escuro bosque. Horas depois, a princezinha acordou e com grande esforço poz-se a caminhar, e parou de campanula em campanula:

— Subdita minha — dizia ella com humildade — queres fazer-me o favor de abrir a corolla?

E todas as campanulas começaram a rir, jurando que não a conheciam. A princezinha chorou então, verteu abundantissimo pranto e comprehendeu bem, ainda que tardiamente, que todo seu reino não queria reconhecel-a, pelo desamor e crueldade com que ella o havia sempre tratado.

E ainda hoje, com a fronte coberta de cabellos brancos que a dôr fez nascer, a princezinha caminha só pelos bosques, dizendo ás hervas e ás flores:

— Quem semeia ventos colhe tempestades... Nenhum imperio mais forte e duradouro póde existir sobre os corações do que o do amor e o do bem.

Em regra geral, os homens favorecidos pela fortuna são insolentes. — *Publio Siro.*

✣ ✣ ✣

A 2 de Dezembro de 1697 foi celebrado o primeiro officio religioso na cathedral de S. Paulo, em Londres.

O homem civilisado é um producto da educação de cinco mil annos de experiencias.—*Cuvier.*

✣ ✣ ✣

Os mais desgraçados não são os que soffrem as injustiças, mas sim aquelles que as commettem.—*Montesquieu.*

NOSSO ALBUM

Maria de Lourdes Werneck, nossa gentil leitora, residente em Cachoeiro do Itapemirim, Estado do Espirito Santo.

O ARCO

O arco usado desde a antiguidade tem mudado de forma nas differentes nações. O arco dos Scythas tinha a forma da lettra C, e o dos Tartaros descendentes dos Scythas conservou essa mesma forma. O arco dos Gregos era tão forte que exigia consideravel habilidade e robustez para manejal-o. Eram esses arcos muito pequenos demais para serem de grande uso, e relativamente uma pequena parte das tropas era armada com elles. Os Romanos levaram para a Inglaterra o arco, que teve alli muito grande acceitação e durante a idade Media constituia importante elemento dos exercitos desse periodo. Eram os archeiros inglezes os primeiros do mundo, e a sua habilidade decidiu das batalhas de Crecy, Poitiers e Agincourt. Os arcos usados eram de duas especies — o comprido e o denominado bésta. A bésta era feita de chifre ou de aço e era tão dura de manejar que se empregava um apparelho mecanico para curval-a e ajustar a corda.

Replica espirituosa

Sevillano, que foi ministro da fazenda, em Hespanha, e que era um parlamentar de grande vivacidade, sobretudo na réplica, teve um dia a coragem de responder, em plena sessão da camara, e do alto da tribuna, aos que lhe perguntavam se conhecia não sabemos que livro util, de um celebre economista:

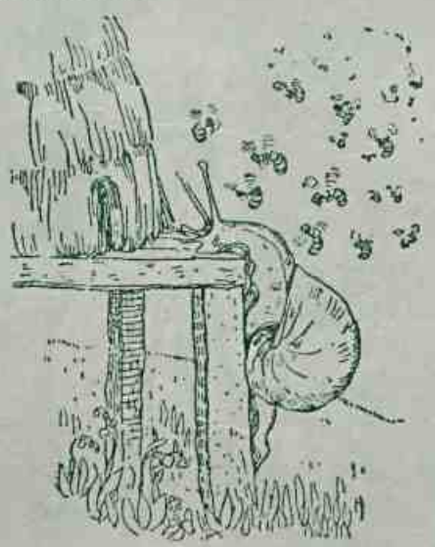
— Em toda a minha vida tenho aberto dois livros só; e como um provava exactamente o contrario do que dizia o outro, deixei de ler desde então e comecei a pensar.

A intelligencia dos animaes

AS abelhas, que, como vocês não ignoram, são insectos pequeninos, pouco maiores do que as moscas, sabem se defender contra toda a especie de inimigos, não sómente porque dispõem de uma terrivel arma — o ferrão — como tambem porque possuem intelligencia admiravel, que lhes permitte inventar varios recursos de combate, todos muito engenhosos.

Notem que as abelhas, fabricantes de delicioso e perfumado mel, têm muitos inimigos, que frequentemente atacam as colmeias, attrahidos pelo cheiro do mel.

Ratos, borboletas e caracóes são os principaes inimigos das abelhas, que se defendem energicamente, para evitar que esses salteadores lhes roubem o fructo de seu longo e habilidoso trabalho.



Quando as abelhas são atacadas avançam em nuvens cerradas, com inaudita coragem, por maior que seja o assaltante, e ferem-n'o com centenas de ferroadas até que este fuja ou succumba.

Quando esse inimigo, seja um ratinho ou uma borboleta, morre dentro da colmeia, as abelhas comprehendem que mesmo morto esse inimigo ainda lhes póde fazer mal, porque vae apodrecer e empestar toda a colmeia.

Usam então os intelligentes insectos de um recurso que denota a habilidade e sciencia de que são possuidores.

Espalham-se pelos campos, extrahem de certas plantas um licor resinoso chamado *Propolis*, e com elle cobrem o corpo do inimigo. Não descansam emquanto não envolvem completamente o seu corpo em uma camada de resina que immediatamente secca e se torna rija.

Assim ficam tranquillas. O seu corpo já não póde apodrecer; esta embalsamado.

Se é um caracol que assalta a colmeia, as abelhas obrigam-n'o, com ferroadas, a recolher-se á sua casca e apenas elle se recolhe ellas mais que depressa tapam a entrada da casca com cêra, de modo que o caracol, sem poder mais sahir, morre lá dentro de fome.

Quando são atacadas por uma borboleta, ellas não a podem matar facilmente porque a borboleta vôa tambem e varre as abelhas com as azas.

Mas para isso usam de outro recurso.

Collocam diante da entrada da colmeia uma porção de paredes de cêra, formando estreitos corredores em zig-zag. As abelhas, que são pequeninas, entram por alli muito bem, mas a borboleta atrapalha-se, acaba por amassar as azas, fica bloqueada; então as abelhas vêm todas, matam-n'a, depois procedem ao embalsamamento, que já explicámos.

Assim, com os recursos da intelligencia, as pequeninas abelhas não receiam os maiores inimigos.

A solidão mostra-nos como deviamos ser; a companhia mostra-nos como somos.

* * *

Ler sem reflectir no que se lê, é o mesmo que comer sem digerir o que se come.

ALBUM INFANTIL

A graciosa Tita Gonçalves de Abreu, filha do Sr. Carlos Gonçalves de Abreu, residente em Tijucas, Estado de Santa Catharina.

Como se póde ser artista

MUSICA FACIL

VOCÊS gostam de musica ? Gostam, seguramente, porque todos os meninos adoram a harmonia dos sons, mesmo quando pequeninos, que dormem ao som das canções com que as amas ou as mamãs embalam o berço. E se vocês gostam da musica, muito mais razão têm para gostar se vocês proprios, construirem os instrumentos que a produzem. Os desenhos que damos a seguir mostram diversos instrumentos musicaes que vocês pódem fazer sósinhos; sem grandes despezas.

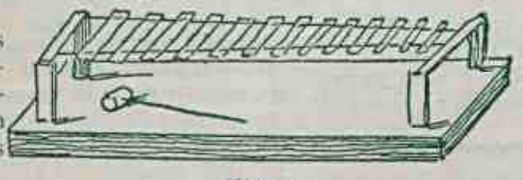


Figura 1

A figura 1 é uma especie de psalterio e mostra claramente como se armam as traves que sustêm o teclado. Nellas se atam, bem esticados, dois fios de barbante forte, sobre os quaes se collocam os crystaes, ou, melhor, laminas de vidro, que pódem arranjar de uma vidraça quebrada, cortando-as com um diamante apropriado. As laminas prendem-se aos barbantes por meio de pedacinhos de arame fino, desses proprios para o fabrico de flores artificiaes. O martello, com o qual vocês tirarão os sons do psalterio, é tambem de facil construcção: um cylindro de madeira atravessado por um arame grosso.

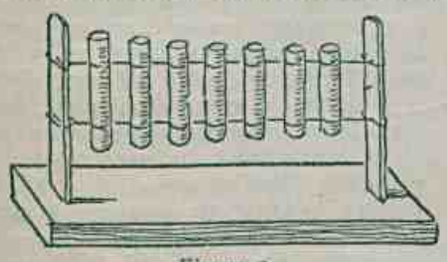


Figura 2

O instrumento representado na figura 2 é de construcção analoga ao anterior, mas nem todos os nossos leitores o pódem fazer, porque as téclas são canudos de papelão resistente, desses que se empregam para expedição de revistas e télas no correio. Collocam-se sobre os barbantes os canudos, do maior ao menor, como apparece no desenho, e está prompto o interessante instrumento, que se toca com uma varinha ou com um martello semelhante ao que fizeram para a figura 1.

Com os cartuchos usados nas espingardas de caça tambem se faz um instrumento musical bastante interessante. Tomem cartuchos de diversos calibres, graduando-os, pondo dentro de cada um delles pedaços de papelão, e preguem-n'os quasi juntos num pedacinho de madeira ou cartão resistente. Toca-se tão bello instrumento passando-o rapidamente pelos labios, tal qual fosse uma dessas flautas rusticas que os doceiros ambulantes usam muito com o fim de chamar a attenção da petizada para as gulodices que trazem á venda. E' a figura 3.

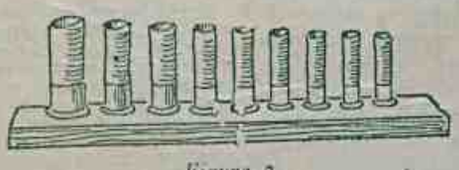


Figura 3

O instrumento de todos o mais facil é o que está representado na figura 4. Para possuil-o, nada mais têm vocês a fazer do que se munirem de um pente commum, de alisar cabello, cobril-o com um pedaço de papel de seda, encostal-o em seguida aos labios e trautear um trecho qualquer das muitas musicas que sabem de cór. O som produzido é de bem agradavel impressão e vocês pódem tirar os sons que entenderem, pois o instrumento para tal se presta.

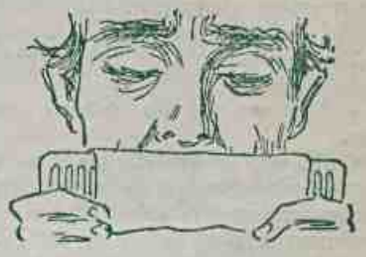


Figura 4

O mesmo effeito musical póde-se tambem obter atando ao extremo de uma canna, de um pedaço de bambú fino, cujos nós tenham sido antes serrados, um pedaço de papel de seda e soprando-se, a cantar, pelo lado opposto. Vejam a figura 5 e comprehenderão melhor a fabricação do instrumento. Por ultimo, pódem ainda construir um roncario, ou réla, brinquedo muito antigo e interessante (figura 6). Tomem um cylindro de papelão, um dos dois pedaços de caixa de perfume, arranquem-lhe o fundo e cubram este com um pedaço de pergaminho, em cujo centro façam um pequeno furo pelo qual deve passar um fio de crina ou de barbante bem encerado. A outra extremidade do fio prende-se á ponta de um bastão qualquer. Com um movimento do bastão que produza o giro do cylindro vocês obterão um som rouco muito semelhante ao coaxar das rãs.

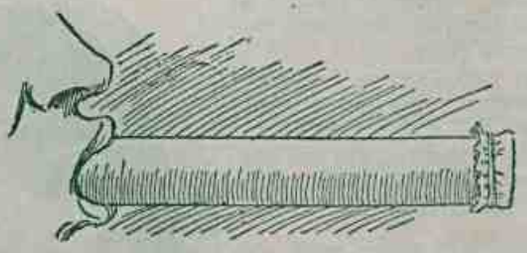


Figura 5

Com o mesmo modo de construcção pódem vocês ainda fazer a *zabumba*, que muito se usou nas festas de Reis e ainda se usa nos prestitos de cordões carnavalescos, para dar cadencia ás marchas.

Convém que o cylindro, neste caso, seja muito maior. Em vez de pôr no pergaminho um fio, como na figura 6, introduzam um pedaço de pau bem roliço e justo ao orificio. Depois, com um movimento de vae e vem, que imprimam á bengala tirarão do pergaminho roncos fortes, semelhantes a mugidos altos de um boi cançado.

Construam taes instrumentos, com licença da mamã, é claro, e digam-nos depois se não são bastante interessantes.

Figura 6

Nuvens nocticulas

Chamam-se assim umas nuvens luminosas, em geral de aspecto argentino, que, segundo as indagações de Jew, se formam a uns oitenta ou noventa kilometros acima do horizonte, não estando ainda defenida a sua natureza exacta, mas que se suppõe poderem ser formadas por uma repentina affluencia de poeira finissima, nas altas regiões atmospherica.

Dizem alguns medicos que, de mil meninos que começam a estudar piano antes dos doze annos, seiscentos mais tarde soffrem phenomenos nervosos na vista.

A CONSCIENCIA

(VICTOR HUGO)

CAIM, com os cabellos desgrenhados, acompanhado da mulher e dos filhos, cobertos com pelles de animaes, chegou, ao cahir da tarde, ao pé de uma montanha.

Sua mulher e seus filhos disseram-lhe :

— Deitemo-nos no chão, e durmamos.

Caim não podia dormir ; permaneceu acordado ao pé do monte. Levantou casualmente a cabeça, e, no fundo dos negros céos, viu um olho enorme, aberto nas trevas, que o fixava.

— Estou muito proximo de casa,— murmurou, estremecendo. E, despertando os filhos e a fatigada mulher, recomeçou em fuga precipitada.

Caminhava com a pallidez no rosto, estremecendo ao menor ruido, olhando constantemente para traz, sem descansar, sem dormir. Chegou ás praias do mar, ao paiz onde mais tarde se estabeleceu Asur.

— Paremos aqui — disse — porque este asylo é seguro ; chegámos aos confins do mundo

Mas, quando se sentava, viu nos sombrios céos o mesmo olho, que o contemplava. Então apoderou-se delle a vertigem.

— Escondei-me !—gritou.

Os filhos contemplavam assombrados o pae, no seu desespero insensato.

Caim disse a Jabel, pae dos que habitam o deserto sob tendas de pelles :

— Muda para este lado a tua tenda.

E, depois de mudada, perguntou Tsilla, a loura menina, a filha de seus filhos, com voz doce como a aurora :

— Ainda vês alguma coisa ?

Caim respondeu :

— Ainda vejo o mesmo olho.

Jubal, pae dos que atravessam as aldeias tocando gaita e tambor, exclamou:

— Eu construirei uma barreira.

E construiu um muro de bronze, detraz do qual collocou Caim.

Mas Caim disse :

— O olho ainda me fita.

Henoch accrescentou :

— Vamos construir um circulo de torres, tão formidavel que ninguem possa approximar-se delle. Edifiquemos uma cidade com a sua cidadella, e fechemol-a depois.

Então, Tubalcain, pae dos ferreiros, construiu uma cidade maravilhosa. Emquanto a edificava, seus irmãos davam caça aos filhos de Enós e de Seth. Se alguem passava por alli, tiravam-lhe os olhos ; de noite disparavam settas contra as estrellas.

O granito substituiu as paredes de pelles, as pedras estavam unidas umas ás outras com laços de ferro ; parecia uma cidade infernal. A sombra das torres escurecia os campos vizinhos ; os muros tinham a espessura dos montes ; sobre a porta gravaram-se as palavras: *Nem Deus passa.*

Quando tudo estava concluido, collocaram o avô no meio de uma torre de pedra, e alli ficou inquieto e lugubre.

— Meu pae — perguntou Tsilla com voz tremula — o olho desappareceu ?

E Caim respondeu :

— Não, ainda o vejo !

E accrescentou :

— Quero viver debaixo da terra, como um morto sob o sepulchro. Ninguem me verá, nem eu verei cousa alguma.

Abriu-se uma cova, e Caim disse :

— Está bem.

Depois, desceu, só, ao interior daquella sombria abobada.

Apenas se sentou, e cahiu a pedra que fechava o subterraneo, Caim levantou a cabeça e ficou aterrado: o olho estava dentro do tumulo e fixava-o torvamente.

PETIZES

A graciosa menina Neuza Turmalina Terra, nossa amiguinha

Os cedros do Libano

Sir Joseph Hooker, eminente sabio inglez, examinou os famosos cedros do Libano em 1860, que eram 398 arvores espalhadas. Entre esses estavam 15 arvores muito maiores que as outras, e o seu tamanho e proximidade da capella Maronita indicam que são sobreviventes dos 28 velhos cedros descriptos por Belon em 1550.

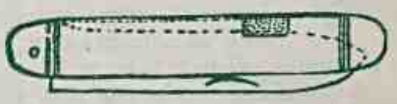
Nos trezentos e dez annos que permeiam ha os testemunhos de successivos viajantes sobre o gradual desapparecimento dos trese que faltam. Sir Joseph, ao exame da arvore, considera que a maior dellas deve ter uns dous mil e quinhentos annos de idade.

No Museu de Madeiras de Kew existe um pedaço de cedro trazido do Libano pelo Sr. Cyril C. Graham. Esta secção de um galho mostra duzentos e trinta e cinco circulos annuaes, variando em largura, conforme o tempo em que esses aneis foram formados.

Como se abre facilmente um canivete

Poucas pessoas haverá que não tenham lascado alguma vez a unha do dedo pollegar, por quererem abrir um canivete cuja folha, já desgastada pelo uso, penetra excessivamente na respectiva cavidade do cabo.

Na gravura junta vê-se a maneira de evitar quer a dammificação das unhas, quer a da folha do canivete. Colloca-se



no fundo da cavidade ou ranhadura um bocadinho de cortiça *A*, de maneira que o fio descanse sobre elle. A cortiça não embota o corte da folha e conserva esta sufficientemente levantada para o canivete se abrir todas as vezes que se quizer com a maior facilidade. A cortiça póde collocar-se quer ao meio da ranhadura, quer num dos seus extremos ; o essencial é estar bem apertada para não cahir quando se abre o canivete.

Ovos de tartaruga

Na Birmania se faz grande consumo de ovos de tartaruga, que chegam a Rangoon em grandes quantidades, vindos da Ilha do Diamante á bocca do Rio Rossein durante os mezes quentes de Dezembro a Abril. São redondos esses ovos e um pouco menores que uma boia de bilhar, envolvidos numa pelle ou casca dura como couro. A gemma tem o gosto das de ovos de gallinhas, mas a clara, mesmo cozendo durante um quarto de hora, nunca endurece completamente. A pesca de ovos de tartaruga na Ilha do Diamante é arrendada pelo governo e rende milhares de *rupias* annualmente. O arrendatario não póde apanhar as tartarugas, e só tem direito aos ovos. A tartaruga põe os ovos na areia, á noite, depositando de 150 a 200 ovos, que depois ella cobre com areia, deixando-os alli para serem chocados pelo calor do sol. São em geral colhidos no dia seguinte pelo arrendatario.

O philosopho e o insecto

Conta-se que um dia o grande philosopho Leibnitz foi visitar o jardim de um sabio seu amigo, que andava a esse tempo entregue a observações de microscopia. O grande philosopho exprimiu o desejo de fazer algumas observações com esse precioso instrumento, cuja invenção datava já de um seculo; mas que tinha recebido, havia pouco, alguns notaveis aperfeiçoamentos. Terceira pessoa, que estava presente, apressou-se a collocar sobre a placa, um insecto qualquer, que viu alli sobre o arbusto mais proximo, e cujo aspecto era feio e repellente.

Depois de o ter observado muito tempo com a lente, Leibnitz que, em outra qualquer circumstancia, teria, sem duvida, repellido o insecto ou talvez mesmo o tivesse esmagado, pegou-lhe delicadamente e foi collocal-o sobre uma folha. E a razão era simples: era que, tendo-o visto melhor, pela primeira vez, graças ao augmento, não pudera deixar de admiral-o.

"Tal espectaculo, diz Kant, havia-o instruido e fôra para elle grande beneficio." Leibnitz, agradecia dessa maneira a lição que a natureza, auxiliada pela arte do homem, lhe havia dado.

Kant accrescenta: "Acabámos por amar as cousas na contemplação das quaes sentimos augmentar o desenvolvimento das nossas faculdades de conhecer."

A FESTA DO RISO

O CARNAVAL

VOCÊS, como toda a creança, como toda gente, como todo brasileiro, especialmente, gostam muito do Carnaval, não é verdade? E quem não gosta da ruidosa alegria das mascaras, dos guizos, dos confetti, das serpentinas, das renhidas batalhas de lança-perfumes, dos imponentes prestitos de carros allegoricos, precedidos de fanfarras e de bandas de musica? Certamente ninguem, pelo menos aqui, no Rio de Janeiro, que é a unica cidade do mundo que festeja com magistral imponencia o Carnaval. Não ha cidade, villa ou recanto sertanejo do Brasil onde não se brinque, não se folgue com inexprimivel alegria durante os tres dias consagrados a Momo, dias estes que cahem este anno nos dias 6, 7 e 8 de Fevereiro.

Muito pouca gente sabe, ou para melhor dizer, ninguem poude até hoje provar a origem dessa festa, que desde a mais longinqua antiguidade vem sendo celebrada annualmente, com diversos nomes. A propria origem da palavra *Carnaval* ainda não está sufficientemente provada. Querem alguns historiadores e perspicazes investigadores que a significação da palavra Carnaval esteja na phrase *Carne vale* — adeus á carne, despedida da carne — porque logo depois das festas carnavalescas se entra na Quaresma, periodo em que a Igreja prohibe aos fieis comer carne. Essa opinião não merece inteira fé, porque muito antes de haver a prohibição do uso da carne na Quaresma já havia a palavra Carnaval e as festas de grande monta.

No Egypto, entre os hebreus, na Grecia e em Roma essas festas sempre existiram, com diversos nomes, é verdade, mas em todas havia a permissão dos disfarces, das dansas, dos cantos, de inteira liberdade. Os grandes chefes da Igreja tentaram prohibir essas festas, que chegavam aos limites dos desregramentos; não conseguiram senão regulamental-as, tirando-lhes os excessos. Já foi uma grande victoria da Igreja moralisar, pela regulamentação, o desenfreio da verdadeira loucura, que eram as festas carnavalescas de outr'ora.

O carnaval de hoje, ainda festejado com a imponencia e esplendor de que somos testemunhas, aqui, no coração do Rio de Janeiro, não chega ao que foi, seculos atraz, em Roma. Na Italia as festas carnavalescas attingiram uma grandeza e uma pompa inegualaveis. Os carnavaes de Roma e de Veneza, dizem as velhas chronicas, deslumbraram todo o mundo com a riqueza de suas exhibições; a gente mais rica da Europa corria ás duas cidades e desfrutava a maior alegria na torrente faiscante do ouro, do riso, do prazer.

"Até 1506 — lêmos numa chronica — as festas carnavalesras constavam de jogos floraes, corridas de touros nas arenas romanas, em tardes de sol e de ruido, de juxtas famosas á lança, de bigas triumphaes, de tumultuosas mascaradas, em que a fantasia e a diversidade dos costumes podiam comparar-se á exaltada imaginação da populaça e á vehemente alegria dos foliões.

Roma, ainda hoje, festeja com imponencia o Carnaval: ha os bailes, os mascarados, as batalhas de confetti, os corsos, os prestitos magestosos.

O Carnaval de Veneza foi, no emtanto mais celebre e mais concorrido do que o de Roma — talvez pelo facto de o ultrapassar em licença e por durar a maior parte dos mezes de inverno. A sua riqueza era incomparavel. Nos canaes, á noite, ao clarão da lua branca ou sob a luz indecisa das estrellas, erravam as gondolas feéricamente illuminadas, com as suas tripulações de mascarados, de musicos e de remadores enchendo a laguna, onde marulhava a agua morta, de canções, de serenatas e de barcarolas. Na cidade, havia feéricas illuminações e queimavam-se vistosos fogos de artificio; a populaça, inebriada, louca, circulava pelas ruellas estreitas, farandolando.

Toda Veneza ria, vibrava, no dominio da mais franca alegria e entre todos os milhares de attracções eram os jogos de azar, autorisados nas épocas de folia, que ali reuniam todas as pessoas abastadas da Europa.

O tempo passou e pouco a pouco Veneza viu fugir dos seus canaes a imponencia dos carnavaes de outr'ora, que inspiraram artistas, compositores e poetas e que serviram de thema para um dos mais bellos poemas de Lord Byron.

Hoje, o Rio de Janeiro — dil-o todo o mundo — celebra o mais pomposo e rico carnaval. A' magnificencia dos carros allegoricos que formam os deslumbrantes prestitos da *Terça-feira Gorda* juntam-se a alegria, a desenvoltura, a vibração de todo o povo carioca — essencialmente carnavalesco — que, póde-se dizer sem medo de errar, no caracter francamente popular só possue uma festa — o Carnaval!

Cidade civilisada, com grande policiamento, com quasi dois milhões de folgazões durante os tres dias de Momo, o Rio de Janeiro bate o *record* relativamente á ordem e compostura, se levarmos em conta a liberdade de que gosam os mascarados.

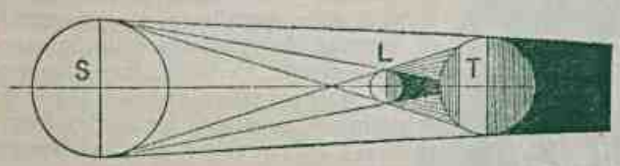
O brasileiro é um povo carnavalesco e nós estamos a apostar que a estas horas vocês já estão se preparando para ir a alguma batalha de lança-perfumes, das milhares que se vão realisar para solemnisar a entrada do Anno Novo. Sim, porque nós somos tão carnavalescos que desde as vesperas de S. Silvestre entramos, corajosos, nas infindaveis "batalhas" com todo seu cortejo de fantasias e cantos.

ASTRONOMIA

ECLYPSES HISTORICOS

VOCÊS já sabem o que é um eclypse, porque nestas columnas, por diversas vezes, já temos explicado. Não sabem, com certeza, qual o mais antigo eclypse de que se tem noticia. Mas nós vamos dizer. Foi um eclypse do sol, importantissimo, occorrido no dia 13 de Outubro do anno 2128 antes do nascimento de Jesus Christo, e delle temos noticia por ser encontrado nos annaes chinezes. Os filhos do celeste imperio foram, desde a mais remota antiguidade, excellentes astronomos e muito orientaram os povos nos assumptos astronomicos.

Outro dos mais famosos que a historia registra succedeu no anno 585 antes da nossa éra. Foi notavel, entre outras cousas, porque o predisse Thales de Mileto, que foi o primeiro astronomo da antiguidade que deu a verdadeira theoria destes phenomenos, e tambem porque serviu para fixar a data exacta de um importante successo da historia antiga.



Eclypse do sol: S, sol; L, lua; T, terra

Nos seus escriptos, Herodoto fala-nos de uma guerra entre lydios e médos, que permanecia indecisa, sem a victoria se declarar nem por uns nem por outros.

Durante o sexto anno da guerra houve um combate, no qual, quando estava mais renhido, subitamente o sol entrou a escurecer, apagando-se cada vez mais, até que á luz do dia se succederam trevas completas.

Tão inesperado caso tinha-o predicto Thales de Mileto aos jonios, annunciando com toda a precisão o momento em que havia de acontecer.

Quando os exercitos combatentes notaram a mudança, suspenderam a batalha, e com grande empenho concertaram a paz, que, para ser duradoura, foi confirmada, contrahindo casamento os soldados de cada partido com mulheres do paiz inimigo.

A data precisa deste interessante acontecimento discutiu-se durante muito tempo, até que, graças ao trabalho de Airy, se sabe hoje com toda a certeza que succedeu a 28 de Maio de 585 A. C.

Xenophonte menciona na sua *Anabase* outro eclypse importante, que foi causa da tomada de Larissa, cidade da Média, pelos persas.

Na retirada dos gregos para a margem oriental do Tigre, pouco depois da prisão dos seus chefes, succedeu o que Xenophonte refere nestes proprios termos: "E com esta perda partiram os inimigos. E assim os gregos, caminhando com segurança todo o tempo que ainda restava do dia, chegaram ao rio Tigre, onde havia uma cidade grande e despovoada, que se chama Larissa, a qual noutro tempo foi habitada pelos médos... Esta cidade teve-a cercada o rei da Persia, quando os persas ganharam o reino dos médos, e nunca a poude tomar, até que a escureceu o sol coberto de nevoas, e os cidadãos, desmaiados de susto lh'a deram e assim foi tomada..."

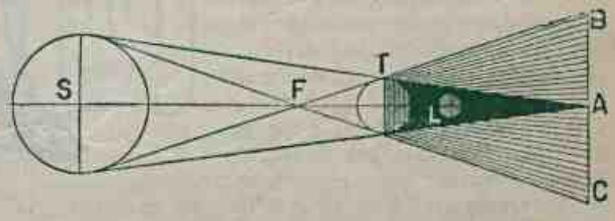
A minuciosa descripção de Xenophonte permittiu a Layard, Jones e outros identificar a cidade de Larissa e a de Mespila.

Claro está que o phenomeno a que se refere o autor grego, e que permittiu a captura da indicada cidade, não foi senão um eclypse do sol. Airy calculou que este occorreu no dia 19 de Maio do anno 558 A. C.

Quando se effectuou a expedição contra os lacedemonios deu-se outro eclypse total do sol, cuja data se suppõe a 3 de Agosto do anno 431 A. C., e que por pouco não mallogrou a empreza, o que teria succedido se não fosse occorrer um engenhoso artificio a Pericles, chefe do exercito. Verificou-se o phenomeno, quando a esquadra já estava disposta e Pericles a bordo da sua galera. Foi então, que o escurecimento repentino encheu de espanto os marinheiros, que o consideravam de máo agouro. Vendo Pericles o assombro e a confusão do piloto, despiu a chlamyde, e cobrindo-lhe os olhos com ella perguntou-lhe se via alguma cousa que lhe parecesse terrivel e de pavoroso agouro. O piloto respondeu que não, e então Pericles accrescentou: — E então que differença ha entre *isto* e *aquillo*, a não ser apenas que uma cousa maior do que a minha chlamyde produz o eclypse? Os eclypses da lua têm tambem sua menção historica. As observações antigas que a historia registra são devidas aos chaldeus. Cita um que foi causa de grandes desastres para o exercito atheniense, devido á obstrucção do general Nicias. Os calculos modernos demonstram que o eclypse foi total em Syracusa.

O eclypse da lua, occorrido em 13 de Março do anno 3 antes da éra christã, é interessantissimo porque serve para determinar a data do nascimento de Jesus Christo. Herodes morreu tres mezes depois, e segundo Josepho coincidiu este successo com um eclypse lunar, comprovado pelos calculos modernos.

Outro eclypse do nosso satellite, occorrido no dia 1 de Março de 1505, foi de grande utilidade para Christo-



Eclypse da lua

vão Colombo. Achava-se o grande navegador na ilha de Jamaica, e os naturaes della se negavam a facilitar-lhe viveres, que já escasseavam nas embarcações. Annunciou-lhes Colombo que se lhes não trouxessem as provisões que havia pedido os castigaria, privando a lua da sua claridade; mas os selvagens não fizeram caso, ao principio, da ameaça, até que o eclypse começou.

Quando elles viram que a lua se ia apagando a pouco e pouco lançaram-se mortos de terror aos pés do almirante, promettendo-lhe abastecer as náos hespanholas de tudo o que estas necessitassem, crendo que Colombo era um feiticeiro, que fazia dos astros o que queria.

A "lua de mel" deve seu nome ao costume que tinham os antigos germanos de beber agua misturada com mel, nos trinta dias de matrimonio.

A casa real mais antiga da Europa era a de Mecklenburgo. Descendia do rei vandalo Genserico, que saqueou Roma no anno 455 de nossa éra.

OS VESTIDOS DE BEBE — (Pagina de armar)

A FILHA DO REI

Isolina era filha de um agricultor que possuia muitas terras, mas era vassallo e visinho de um rei muito ganancioso e mau.

Um dia a menina voltava fatigada de um longo passeio e colheu um cacho de uvas para mitigar a sêde. Os limites das terras não estavam ainda fixados, e a menina, que suppunha estar em terras de propriedade paterna, tinha colhido as uvas, sem o saber, nas terras do rei.

Vendo-a, um guarda prendeu-a e, surdo ás lagrimas e pedidos da joven, levou-a á presença do rei, que a condemnou a ser vergastada.

Quando a sentença ia ser cumprida, Beatriz, filha do rei, ajoelhou-se aos pés do pae e pediu-lhe perdão para a pobre joven. O monarcha accedeu.

Isolina voltou á casa paterna. Mezes depois, passeando no campo em companhia de seu pae, Isolina ouviu o ruido de um galope furioso e gritos de desespero. Viram então passar...

... numa nuvem de pó, Beatriz agarrada á sella de um cavallo, que tomára o freio nos dentes, e, qual um corisco, ia se precipitar num barranco profundo.

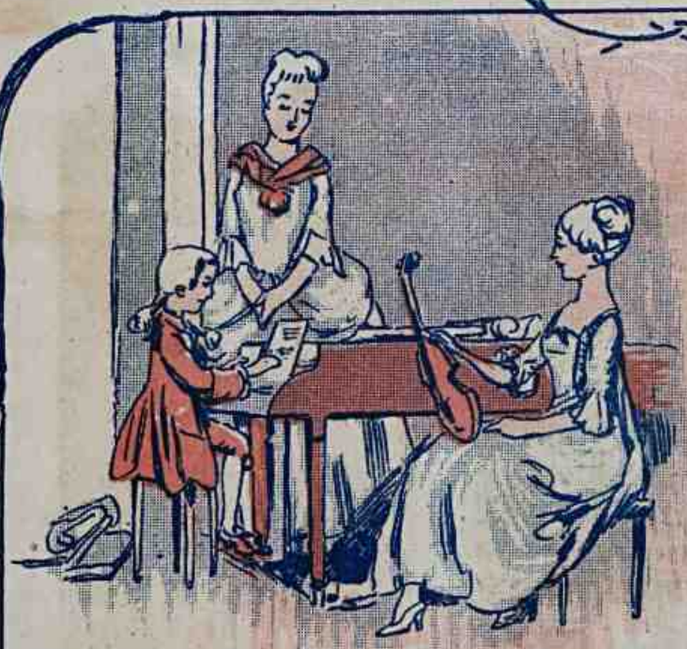
Isolina soltou um grito: — Salve, meu pae, a bondosa princeza! E seu pae, corajoso e veloz, tomou a frente do animal e conseguiu fazel-o parar a dois passos do abysmo profundo.

Depois de acalmar o animal, o agricultor tomou-o pelas redeas e levou Beatriz, sã e salva, á casa paterna. O rei, reconhecido e arrependido de sua acção passada, agradeceu e condecorou seu leal vassallo e visinho.

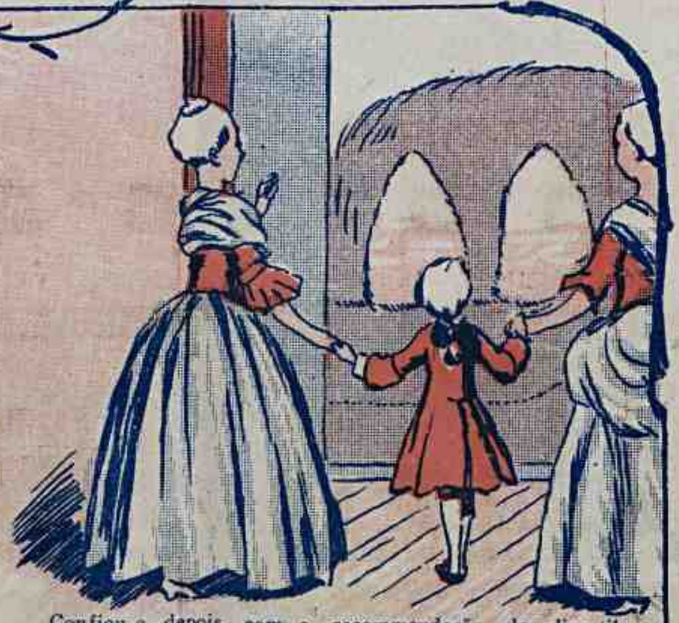
A partir desse dia, Beatriz e Isolina são amigas inseparaveis e felizes.

A CASA SUISSA (PAGINA DE ARMAR)

Um episodio da infancia de Mozart

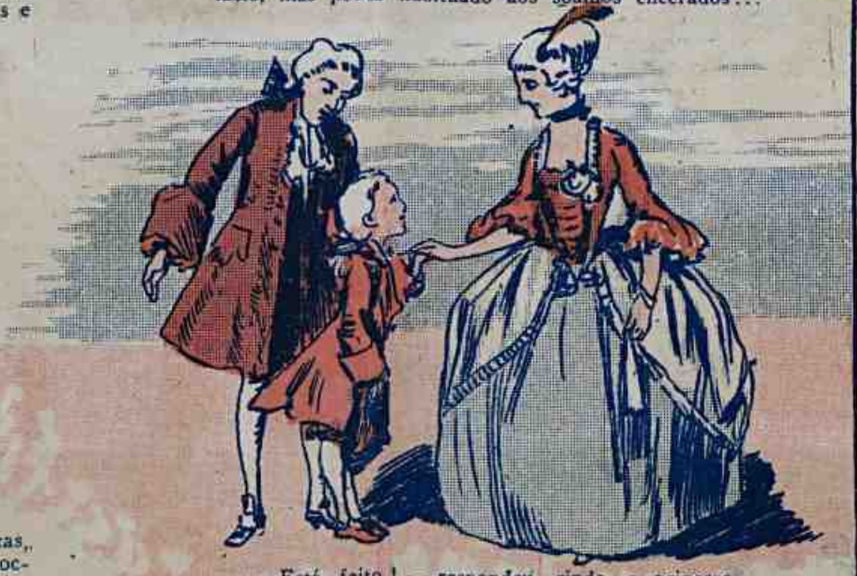


Na idade de sete annos já Mozart era musico admiravel e compunha e tocava violino como um *virtuose*. A imperatriz Maria Thereza quiz um dia ouvil-o e cumulou-o de elogios e carinhos.



Confiou-o depois, com a recommendação de divertil-o, aos cuidados de suas duas filhas. As jovens archiduquezas brincaram muito com o menino, passeando nos salões do palacio, mas pouco habituado aos soalhos encerados...

...Mozart escorregou e cahiu. Uma das archiduquezas, Maria Antonietta que foi mais tarde rainha de França, soccorreu-o, animando-o maternalmente. — A senhora é muito boa e eu, por isso, quando crescer, quero casar com a senhora!



— Está feito! — respondeu, rindo, a princeza.

Instantes depois, o pequeno mestre foi apresentado a uma dama de honra que não lhe prestou grande attenção, falando apenas ligeiramnte. O artista offendeu-se e foi queixar-se...

... a Maria Antonietta: — A dama orgulhosa apenasolhou para mim! Ignora, por certo, que fui abraçado pela imperatriz e sou noivo de uma princeza! Com certeza teminveja de não ser, tambem, minha noiva!

O ANNEL ROUBADO

Havia uma vez um rei de Aragão, chamado Affonso, que era muito bom e de habitos excessivamente simples. Os mais humildes de seus subditos falavam-lhe, na rua, sem o menor constrangimento.

Um dia, o rei deixou o palacio, em companhia de varios fidalgos da côrte, para ir a um ourives comprar joias. O cortejo, como sempre, era simples, porque o rei Affonso amava a simplicidade, tanto como malqueria o fausto.

O ourives, radiante por tão honrosa visita, poz diante do rei todos os thesouros e joias dos escrinios que possuia. O rei escolheu um collar, pagou e retirou-se.

Logo após a sahida do real freguez, o negociante verificou que fôra roubado num annel de grande preço. A principio ficou bastante desolado, mas depois resolveu...

... ir ao palacio e, levado diante do rei, expoz-lhe o prejuizo de que havia sido victima.

Affonso immediatamente voltou á loja do negociante e ordenou que fosse collocado sobre o balcão um vaso cheio de farello.

— Que todos que estiveram commigo nesta casa mergulhem a mão fechada neste vaso, afim de que o annel deste homem appareça! — disse o rei. Eu serei o primeiro! — e mergulhou a mão no vaso.

Todos os cortezãos imitaram o gesto do monarcha, depois do que o ourives encontrou o annel occulto no farello. O bom rei não conheceu, assim, o ladrão.

CONTRADIZENDO A FABULA

A Cigarra

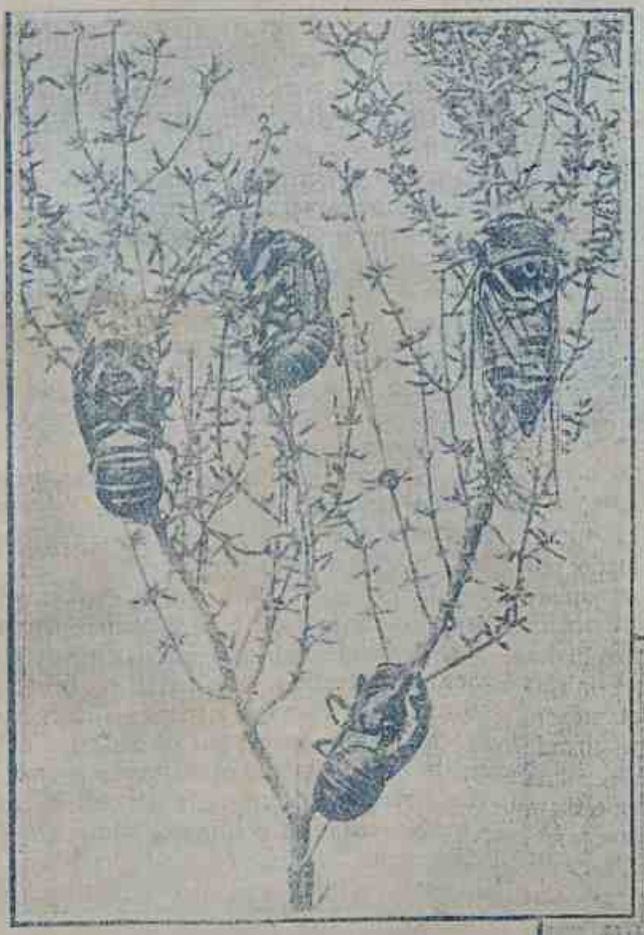
"Cantaste?

"Pois dansa agora!"

Foram estas, como vocês todos sabem, as duras palavras com que a formiga, a pequenina e industriosa formiga, negou á cigarra, a bohemia do verão, uma migalha, um excesso do farto celleiro, para matar a fome!...

Todos vocês conhecem a fabula da cigara e da formiga, e somos capazes de apostar que, depois de a terem lido, não deram razão, não approvaram o gesto da formiga. A formiga devia ter coração! E o tinha, mas, acima da vontade de ser caridosa, ella, a formiga irrequieta, catadeira de grãos e de folhinhas verdes, de bagos adocicados, tinha o desejo de ficar conhecida na historia do mundo como a grande mestra da previdencia e da economia. E occasião mais propicia não havia — pensou naturalmente a formiga — embora tivesse a cigarra de viver pelos seculos em fóra amarrada ao poste deprimente da imprevidencia e do descuido. E no emtanto a cigarra vive até hoje da calumnia, do desprezo, do vilipendio da formiga, tendo, é verdade, de quando em quando, um defensor, um abnegado, que procura desfazer a fabula, esconder o gesto da formiga ingrata, com uma rehabilitação, aliás merecedora. E a cigarra não é, como disse a formiga, um insecto inconstante, nem descuidoso. E querem a prova? Eil-a: Todos os annos, do principio ao fim do verão, vocês não ouvem, de manhã á noite, o cicio da cigarra como que a marcar, num rythmo musical, as horas do calor? Ouvem, por certo, e têm nisso uma prova de que a cigarra não é inconstante, nem se descuida de cantar no verão. Depois, todos sabem que a cigarra morre logo que chega o inverno; ninguem ignora que a cigarra não se alimenta de grãos. A fabula, por isso, principalmente por isso, não é verdadeira. Nem se admitte que seja justa. Ao contrario, leitores, a fabula está invertida. A formiga é quem, até hoje, se aproveita dos trabalhos da cigarra, tornando-se parasita nas reservas de alimentação da cantadeira do verão. E querem vocês saber por que? Leiam o trecho seguinte, de Tude Souza: "Fixada sobre ramos tenros das arvores, a cigarra fura a casca, para sugar delles a seiva do seu sustento, que vae bebendo sempre, nos curtos intervallos da cantoria.

O sol cae a prumo, o calor suffoca e então as vespas, as mostas, muitos outros insectos e formigas—formigas sobretudo—gulosos e theios de calma, ahi vão em romaria sobre as fontes abertas pela cigarra matar a sua sêde, afogar lautamente os seus appetites gulosos.



A cigarra e os seus despojos de chrysallida

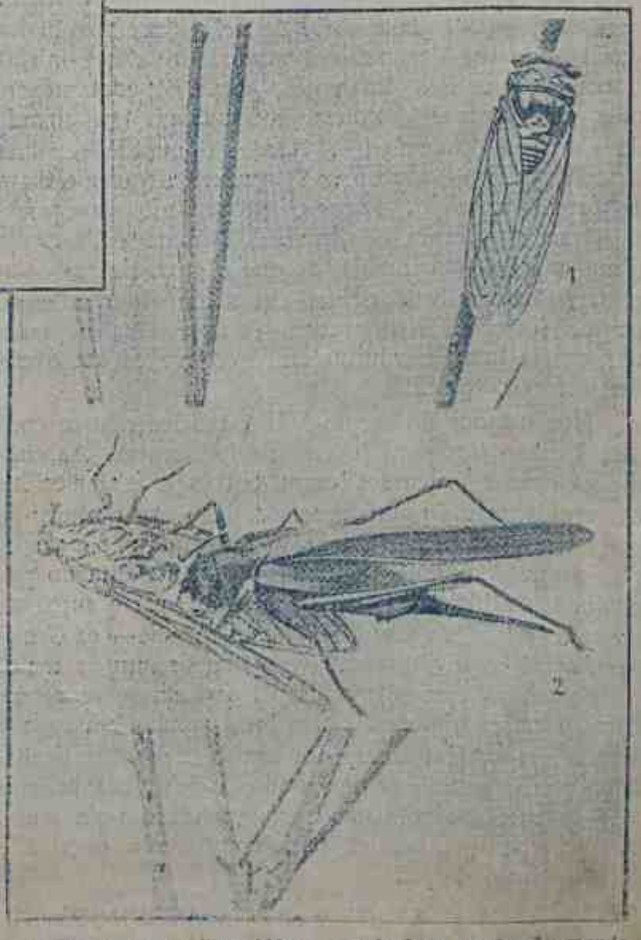
Picam-na, tratam-na mal, e ella, cheia de paciencia, não recalcitra e lá vae, como Deus é servido, bebendo os restos que lhe deixam os invasores.

Qual é pois a evolução da vida da cigarra? Inicia a sua postura, depondo os ovos em pequenos e delgados ramos seccos, nos quaes abre ranhuras para este fim. Cada femea póde pôr 300 a 400 ovos, brancos como marfim, o que garantiria uma larga reproducção, se não houvesse outros animaes que os destróem; tres mezes depois começam a romper-se os ovos, para darem sahida a pequenissimas larvas, que pouco tempo depois cahem sobre a terra, furando-a até profundidade bastante onde não cheguem os frios do inverno, mas que as pequenas raizes alcancem, para nellas se alimentarem.

Abrem galerias subterraneas e ali se demoram durante quatro annos, correspondentes a outros tantos estados de vida, até que, já com azas rudimentares, vêm para a luz do dia, ao solsticio do verão, fazerem-se insectos perfeitos e morrerem ao fim de cinco semanas, depois de terem enchido os campos com a cegarega do seu canto e depois de terem dado ao sol criador os germens abençoados da vida, que dá a perpetuação da especie.

A seguir o seu cadaver ressequido cáe sobre o piso duro dos caminhos, onde ainda o viandante o vae achar arrastado pelas formigas, que lhe dão por sepultura os seus celleiros, para um dia o devorarem num ultimo festim".

Triste sorte a da cigarrra, que morre no fim do verão, mas vive amesquinhada pela preoccupação de economia da formiga.



A cigarra na postura (1) e o gafanhoto verde, devorando a verdadeira cigarra, a cantadeira do verão.

OS SPORTS ANTIGOS

A LUTA GRECO-ROMANA

A ORIGEM DA LUTA REMONTA AOS TEMPOS DOS HERÓES E DOS DEUSES

A luta nos tempos modernos

Tão importantes eram as lutas na Grecia antiga que foram cantadas em todos poemas homericos

A LUTA greco romana, que vocês todos conhecem, porque já foram certamente aos theatros e circos onde ella se pratica, era muito antiga entre os gregos que a cultivavam como exercicio gymnastico. Sua origem, tanto quanto se póde hoje determinar, vem dos tempos dos heróes e dos deuses que povoaram a Hellade lendaria. Apollon, Hermes, Hercules e Theseu tomaram parte nesses exercicios, que poderiam naquelle tempo se denominar verdadeiros combates. Nos poemas homericos, que vocês mais tarde irão ler, varios desses combates são descriptos em todas as suas minudencias. Durante todo o periodo historico, a luta fez parte da educação gymnastica dos jovens. Os athletas preparavam-se para as lutas sujeitando-se a continuos exercicios e a um regimen todo especial de vida em geral e particularmente de alimentação.

Todo o joven, que ia preparar-se para tomar parte nessas lutas, era primeiramente examinado por uma commissão de athletas consummados, aos quaes incumbia a tarefa de *treinar*, preparar os discipulos para os jogos. Toda a sorte de golpes acompanhados das respectivas defesas, era administrada aos iniciadores, que, muitas das vezes, antes de conseguirem uma *performance* completa, succumbiam em virtude da violencia dos embates. Não raro mesmo perdiam a vida no campo de aprendizagem, mal se iniciavam no brutal exercicio. Todos os golpes, violentos, mortaes mesmos, eram admittidos. Tinham os mestres a supposição, sem duvida, de que a garantia para dominar, abater o adversario, era a impetuosidade no ataque furioso. Essa pratica, esse systema de ensinar ou de lutar, perdurou entre os gregos até o começo do seculo VII.

Nos meados do seculo VII estabeleceram-se concursos e torneios para jovens e adolescentes. As condições desses concursos eram outras e estabelecidas em regulamentos muito precisos. Não era permittido, por exemplo, atacar o adversario a ponta-pés e a soccos, o que distinguia a luta propriamente dita do pugilato. Os athletas combatiam sempre núa e sujos de azeite e areia. Os vencedores desses torneis — os *Grandes Jogos*, como lhe chamavam — obtinham as maiores honrarias, eram cantados pelos poetas e representados pelos esculptores. Foi a luta popular em todo o mundo grego. Em Roma foi muito menos praticada, salvo pelos imitadores dos modos e costumes hellenicos; os medicos romanos recommendavam-n'a como exercicio de therapeutica para combater a obesidade e fortificar o corpo.

Foi nessa época que a luta alcançou o seu apogeu. Perdeu o caracter de franco pugilato e adquiriu fóros de sport violento, impetuoso, mas muito do gosto dos temperamentos da época. Nenhuma sensação poderia, parece, fazer vibrar mais a alma hellenica, nos recintos onde se realisavam os torneios, os jogos, do que assistir á brusca quéda, ao completo abatimento de um athleta, subjugado por um outro athleta, que nessa occasião tinha então honrarias excepcionaes. Aos vivas da multidão, secundados pelos clangores de centenas de trombetas azucrinantes, era o vencedor carregado em triumpho e cantado pelos rhapsodos durante tempos longos. Mas na propria Hellade, com o correr dos annos, a luta foi pouco a pouco se modificando e perdendo, felizmente, o feitio de pugilato.

Da Hellade passou a luta grega — violenta, de combate — para a luta exercicio de gymnastica em Roma, e dahi, modificando-se sempre, para os outros povos.

A luta que se pratica hoje, na França, no nosso amado Brasil e em quasi todos os paizes, chama-se greco-romana — não obstante nada ter de parecido com o antigo jogo grego.

O escopo da luta antiga era anniquilar o adversario; o da luta de hoje é apenas derrubal-o, de costas, de modo que as espaduas toquem o sólo, e isso mesmo abstendo-se de certas praticas, não só pouco artisticas como perigosas — taes são o torcer os braços, dedos, golpes no estomago e collar de força. Estas praticas são hoje admittidas nas lutas chamadas *livres*, que outra cousa não são senão pugilatos.

Nos centros civilisados, ou, para falarmos mais claramente, nas cidades onde ha policiamento, não se levam a effeito, por não permittirem as leis, as lutas *livres*.

As lutas modernas são mais simples até mais empolgantes do que os *assassinatos* de ourtos tempos. Regem-se por determinadas convenções.

Ha regulamentos que estabelecem posições de ataque e de defesa e todo lutador que os transgride é multado. Os lutadores combatem vestidos de um *maillot* e não lhes é absolutamente facultado falar durante o jogo. E tão rigorosa é a observancia dessa prohibição que muitos lutadores, ovacionados ou censurados pela assistencia, são multados e suspensos por varias lutas, quando, mesmo após a luta, dirigem palavras á assistencia.

Jogo ha pouco tempo praticado entre nós, os golpes da luta romana têm nomes francezes e são, os principaes, os que damos, numerados pela gravura da pagina junta.

A França é considerada como uma das primeiras nações que possuem mais campeões da luta romana. Entre os campeões da luta romana da França, de cincoenta annos para cá, citamos os seguintes: Dubois, Abdullah, Bamboula, Raoul Bordeaux, Kara-Osman, Raoul e Constant le Boucher, Omer de Bouillou e Nitzler. Dos amadores brasileiros, como José Floriano, alguns já se tem batido com vantagem com campeões estrangeiros.

O FAKIR E O RAJAH

Era uma vez um fakir que viajava pelas Indias exhibindo suas habilidades. Um dia de sol escaldante e de calor suffocador, o fakir, sedento e faminto, avistou um sumptuoso palacio, que pertencia a um rajah.

A' cata de um pouco de sombra, o fakir não hesitou em entrar no palacio e sentar-se no vestibulo para descansar. Ahi, commodamente, tirou do sacco que levava uma côdea de pão e um pouco de mel e começou seu modesto repasto. Um criado appareceu na occasião interpellando-o rudemente:—o' camarada, onde pensas estar?—Num hotel!—respondeu calmamente o fakir.

— Desaforo — exclamou o criado chamando os guardas do palacio — Vejam vocês este mendigo que diz estar num hotel!... — Estás no palacio do rajah e é preciso que te retires já!—disseram os guardas.—Estou num hotel, já disse, e daqui não saio!—respondeu o fakir. E a discussão continuou acalorando-se cada vez mais.

Attrahido pelo barulho, appareceu o rajah e inteirou-se immediatamente do que estava acontecendo.—Meus criados estão com toda a razão, esta casa é meu palacio!

— Antes de ser vosso, de quem era este palacio?—perguntou o fakir.—Era de meu pae!—E antes de ser de vosso pae?—Era de meu avô.—E antes delle?—De meu bisavô.—E de quem será quando morrerdes?—De meu filho!—Então, senhor—respondeu o fakir—uma casa que muda de dono tantas vezes não é um hotel?

O rajah deu como resposta uma gargalhada e divertido pelo espirito das palavras do fakir convidou-o para jantar no palacio e ordenou aos servos que hospedassem o fakir durante o tempo que este desejasse.

O THESOURO

Aquella rustica vivenda, de telhado vermelho, situada na fralda daquella velha pedreira, era a morada de tres pessoas honestas e boas; a viuva do explorador de pedras, antigo possuidor daquella montanha dura e daquellas terras aridas, sua filha, moça não feia, e seu filho Pedro.

A' custa de numerosas explosões de dynamite nas gretas da pedreira, o pae de Pedro accumulou dinheiro, deixando-o á sua familia, quando morreu.

E era dessa herança que aquelles tres viviam.

Pedro, rapaz forte e sadio, era, comtudo, preguiçoso; sonhava com fortunas faceis e fabulosas. Certa vez, como já se escasseasse o dinheiro legado por seu pae, como sua pedreira já não desse boas pedras e não se sentisse com animo para cultivar as terras, Pedro, espirito sonhador e romantico, abraçando a irmã e a mãezinha, que ficaram em casa, á soleira da porta, tristes e pensativas, partiu em busca do ouro de seus sonhos. Venceu estradas poentas, transpoz caudalosos rios, caminhou por sobre vergeis de flores e pantanos horriveis, galgou montanhas, residiu em villas e cidades, e, no emtanto, a sua tão idealisada esperança fugia delle como a sua propria sombra.

Já dois annos haviam decorrido, quando, relembrando a casinha que o viu nascer e tornar-se homem, sua mãe e maninha queridas, que, lá tão distantes, haviam "ficado á soleira da porta, tristes", quando elle partiu para longes terras, contou a uma velhinha a sua historia e os seus desejos.

A velhinha, compadecendo-se delle, entregou-lhe um pequeno sacco e disse-lhe:

— Não era necessario que sahisses de casa, que viesses cá tão longe em busca de fortuna, pois nas proprias terras de tua propriedade está um thesouro. Não sei bem o ponto onde elle se esconde, mas revolve toda a terra que o acharás. Leva comtigo este sacco e, em cada buraco que fizeres para encontrar o thesouro, joga um pouco destas sementes.

Elle, acabando por acreditar nas palavras da velha, voltou para a sua casa que, então conservando o mesmo aspecto, estava, comtudo, mais pobre do que deixára.

A decepção de sua mãe e sua irmã, não o vendo voltar rico como promettera, foi proporcional á esperança de encontrar o thesouro em suas terras.

E Pedro, nos dias que se seguiram, desde que o sol cahia até que o leitoso disco da lua voltava aos céos, revolveu o terreno seu, debalde, á procura do thesouro promettido.

No meio da tarefa teve forte desanimo, chegando a blasphemar contra a velha que o enganára.

No emtanto, reanimando a esperança do seu premio, continuou a revolver as terras e a deixar nellas as sementes que trouxera.

Emfim, depois de revolvido todo o terreno e de espalhar todas as sementes, Pedro não encontrou o thesouro. A tristeza e a desolação voltaram a sua casa.

No emtanto, decorridos alguns mezes, em toda a terra que cavára e semeára brotou o louro trigo, que cresceu lindo, dando aos seus tres donos, nesse anno, uma abundante colheita, com o que ganharam bastante dinheiro.

Foi só então que Pedro comprehendeu o sentido das palavras da velhinha.

Deixar de parte a preguiça e trabalhar persistentemente; saber aproveitar, com o trabalho honrado e continuo, as riquezas que a natureza esconde, era o thesouro de que ella falára.

E Pedro, agradecendo a lição daquella mulher, todos os annos continuando a "procurar o thesouro", prosperou, fazendo felizes sua mãe e sua irmãzinha.

Rio, Abril—1920.

Santiago

1) Saudação—2) Guarda—3) Segundo tempo de uma *ceinture de devant*—4) 5° tempo—5) 6° tempo—6) Parada—7) 3° tempo de uma *ceinture de derrière*—8) 5° tempo—9) 6° e ultimo tempo—10 e 11) Duas paradas de uma *ceinture de derrière*—12) 3° tempo de uma *ceinture à rebours*—13) 4° tempo—14) 5° e ultimo tempo—15) Uma posição de ataque—16) 1° tempo de um *tour de bras*—17) 4° tempo—18) Parada de um *tour de bras*—19) 1° tempo de um *bras roulé à terre*—20) 10° tempo de um *tour de tête*—21) 4° tempo—22) 5° e ultimo tempo—23) Um *pont*—24) *Prise de tête à terre*—25) Preparo para o golpe anterior—26) 10° tempo de um *tour de hanche en tête*—27) Uma *gravata* e [illegible]—Volta do *pont*.

A MORTE DE NOVEMBRO

I

Beatriz é uma creança linda
Um anjo de santidade,
E' muito pequena ainda
Só tem seis annos de idade.

E' uma belleza triumphante
Feita de neve e carmim,
Não sei se a Beatriz de Dante
Quando pequena era assim.

O seu riso de crystal
E' o riso de uma estrella,
Não ha outro riso igual
Ao riso dos labios della.

A's avesinhas formosas
Dedica o seu coração
Mais puro que as grandes rosas
De uma dourada illusão.

Logo que o dia amanhece
Abrindo o calix das flores
Ella faz a sua prece
Cheia de infantis fervores.

Salta do leito cantando
E vae, entre jasmineiros,
Visitar o alado bando
Dos passaros galhofeiros.

A fresca brisa, de leve,
Lhe agita os cabellos soltos
Sobre os seus hombros de neve
Pendidos, negros, revoltos.

Tomadas de vago encanto
Ao avistarem-n'a, então
As aves erguem o canto
E vêm poisar-lhe na mão.

Junto della, alegre, vôa
Um dourado beija-flôr,
Uma viuvinha entôa
Mimosas canções de amor.

Com ellas enternecida
Não vê o tempo passar
Na sua infrene corrida,
No seu louco galopar.

E quando, acabada a empreza,
Regressa do seu passeio
Já o almoço está na mesa
E o dia vae quasi em meio.

Papá sorri e mamã
Vendo a querida filhinha
Vermelha como a romã,
Ligeira como a andorinha.

Pergunta-lhe entre carinhos
Onde estiveste, estouvada ?
Beijando as aves nos ninhos
Ao romper da madrugada.

II

Emquanto entre brancas rosas,
Lyrios, magnolias, jasmins
Beatriz as aves mimosas
Affaga pelos jardins.

Helena, a sua irmãzinha,
Qual no casulo e crysalida
Em casa triste e sósinha
Está summamente pallida.

A tisica silenciosa,
Negra, esqualida, sombria
Sua existencia preciosa
Vae gastando noite e dia

A's vezes heroicamente
Tenta correr mais não póde,
Rompe a chorar mansamente
Beatriz, apressada, acóde.

III

Um dia de Outubro, lindo,
Sem se esperar, de repente
Cahiu de cama tossindo
Doente, muito doente.

O prognostico fatal
Foi de uma crua evidencia,
Para enfermidade tal
Não tem recursos a sciencia.

E o doutor que não sorria
Gravemente meditando
Disse que ella morreria
Em Novembro começando.

Beatriz quando o ouviu dizer
Escondida atraz da porta
Sentiu-se desfallecer,
Cahiu no chão quasi morta.

Ha dois dias que não come,
Quer morrer com a irmãzinha
Que a enfermidade consome
E o genio do mal definha.

Não acorda mais á hora
Dos grandes deslumbramentos
Quando as cornetas da aurora
Bradam : dia, aos quatro ventos.

Sentindo a falta das suaves
Caricias de Beatriz
Cantam de desgosto as aves
Uma canção infeliz.

A mamã, allucinada,
Passa os dias a chorar
Trazendo a flôr desbotada
Nos braços, sem descançar.

E Beatriz que a vê chorando
Começa a chorar tambem
E na irmãzinha pensando
No jardim sentar-se vem.

O vento as folhas agita
Uivando lugubremente,
Uma tristeza infinita
Envolve o mystico poente.

A luz mortiça dos cirios
Vibra na face das rosas,
Empallidecem os lyrios
E as açucenas mimosas.

Tudo é dôr, tudo é tristeza,
Do mar soluçam as aguas,
A ridente Natureza
E' um sepulchro de maguas.

IV

Um dia Beatriz gemia
No jardim o seu desgosto,
Fins de Outubro. Anoitecia,
O sol ha muito era posto.

Ia habitar só no mundo,
Sua irmã ia morrer,
Ai ! que silencio profundo
No jardim, ao entardecer !

Questão de horas sómente
E tudo está terminado,
Novembro tropegamente
Vem caminhando embuçado.

Seu porte severo e mudo
Assusta o mais animoso,
O seu olhar que vê tudo
E' um olhar anguloso.

Tudo acabado ! A irmãzinha
Tão virginal e tão pura
Vae jazer morta e sósinha
No horror de uma sepultura.

Mas nisto brilhou na sua
Fronte um lampejo infantil
Mais luminoso que a lua
Das noites claras de Abril.

Ha poucos dias ouvira
Que da folhinha da sala
Cada folha que se tira
O dia passa, ao tiral-a.

Novembro, pois, o malvado
E sinistro algoz sombrio
Ia ficar estirado
Morto, ensanguentado e frio.

E entrando em casa escondida
Lançou o olhar em redor,
E' uma esplendida partida
Não ha occasião melhor.

Então Beatriz, inclemente,
Cada uma de sua vez
Arrancou triumphantemente
Todas as folhas do mez.

Deixando morto na arena
Cortado, membro por membro,
O assassino de Helena,
O embuçado Novembro.

RIBEIRO DE SENNA

Bahia.

HARUN AL RASCHID E ABDALLAH

DIZEM as chronicas que o sabio Harun al Raschid, isto é, o justo, punha o seu maior prazer em promover o bem-estar do seu povo, e cuidava constantemente da prosperidade do seu reino.

Não ignorava o bom monarcha que os administradores e empregados nem sempre cumprem religiosamente o seu dever, quando se julgam isentos de fiscalização e por este motivo o califa frequentemente se disfarçava, mettia-se entre o povo, ouvia-lhe as conversas e queixas, e quando descobria alguma irregularidade mandava prender immediatamente o culpado e o castigava severa e justamente. E o povo o amava sinceramente. Muitas vezes tambem Harun ouvia historias extraordinarias.

Uma noite em que havia sahido com o seu grão-vizir Giafar, e percorria disfarçado as ruas de Bagdad, o Sultão ouviu uma voz plangente que dizia assim:

—Quem quer que sejas, tu que passas, tem dó de um pobre cégo e dá uma esmola.

Harun puxou de um sequin e o deu a Giafar para entregal-o ao cégo.

O ministro obedeceu e o cégo agradeceu, dizendo:

—Completa agora o beneficio e dá-me uma bofetada!

Riu o vizir, pensando que o cégo estava gracejando, e quiz seguir o Sultão, que havia dado alguns passos. O cégo, porém, reiterou o seu pedido, até que o ministro de leve lhe roçou a cara com a mão. Pareceu-lhe, porém, tão extraordinaria a supplica do pobre, que a referiu ao califa. Este sentiu curiosidade de conhecer o motivo de tão estranho pedido, e ordenou a Giafar que conduzisse o cégo ao palacio. Obedeceu o ministro, e, levado o mendigo á presença de Harun, este lhe disse:

—Não tenhas medo, que ninguem te molestará: conta-me tua historia para que eu possa comprehender porque pedes ser esbofeteado.

—Ah! — respondeu o cégo, — é uma penitencia que eu mesmo me impuz para castigar-me de indomita cubiça. Ouve, e verás que ainda é diminuto o castigo.

"Quando meu pai morreu, era eu um mancebo de dezoito annos, de poucos haveres, mas robusto e amante do trabalho, herança do meu progenitor. Com o mingoado patrimonio comprei algumas fazendas, que levei a varias cidades onde tinham bom valor.

Sorri á sorte, e em pouco tempo cheguei a possuir oitenta camellos, com os quaes fazia as minhas jornadas. Um dia, tocando diante de mim os meus animaes, que iam descarregados, alcancei um sitio fresco e aprazivel do deserto, onde descancei á sombra de platanos e palmeiras. Dahi a pouco appareceu um dervis, que se sentou ao meu lado. Entrou a conversar commigo, e depois de longa pratica me disse:

— Sympathisei comtigo e quero enriquecer-te de modo que nenhum soberano da terra te exceda. Não longe daqui ha um palacio subterraneo, cujas salas estão cheias de ouro, prata e pedras preciosas. Abre-se este palacio ao meu mando, e como não preciso de riquezas, nem tenho animal para as transportar, dar-te-hei tantas quantas os teus oitenta camellos possam levar.

Louco de alegria, atirei-me aos pés do dervis, beijei a orla de sua vestidura e agradeci-lhe do fundo da alma. Deixei arrastar-me pelo enthusiasmo e lhe offereci um camello, com todos os thesouros que pudesse transportar, sem me lembrar de que este offerecimento era summamente ridiculo, comparado com a offerta esplendida que o santo homem acabava de me fazer. Havia nascido a cubiça como um gigante em meu coração, e mal soltei a palavra já me arrependia, porque me parecia que os setenta e nove camellos restantes não valiam tanto como o unico que acabava de prometter. O bom do dervis bem o comprehendeu, e para me infligir um pequeno castigo disse:

—Enganas-te, amigo, se pensas que vou contentar-me com *um* camello. Basta que te deixe quarenta; os outros quarenta serão para mim.

Assustado com esta decisão, puz-me a rogar: fiz vêr ao dervis que elle não carecia de riquezas, que sempre o palacio estava á sua disposição, que devia deixar-me uma ventura completa, para que eterna fôsse a minha gratidão. Mas o dervis, para me castigar, manteve-se firme. Tive que me resignar, porque, por fim, estava nas mãos do homem o negar-me tudo. Atrellei os meus camellos e montámos dous dos melhores, porque tremia de impaciencia por entrar no gozo dos thesouros promettidos.

Em poucas horas alcançámos um valle estreito, onde se erguia um paredão ingreme e de altura vertiginosa. Parámos, e o dervis, puxando de uma vara que trazia escondida na vestidura, encaminhou-se ao paredão, bateu tres vezes na pedra e exclamou:

— Genio da vara, abre-me a porta do rochedo!

Passou pelos ares um sussurro violento, como quando a refrega sacode a copa das arvores, e com horrivel estrondo abriu-se o rochedo, patenteando-se aos nossos olhos larga entrada.

— Passa sem susto, — disse o dervis.

E entrou. Segui-lhe tremulo os passos, e vi obra gigantesca, como não póde existir outra igual. Erguia-se diante de nós um palacio immenso com torres e paredões altissimos, tudo cortado no rochedo de um só pedaço. Era manufactura dos genios subterraneos, como me affirmou o dervis.

Penetrámos em uma sala mui vasta, e fiquei deslum-

brado das riquezas que ali se acham amontoadas. Ardendo em cobiça, atirei-me aos montões de ouro e enchi todas as algibeiras com as preciosas moedas. Ao cabo de um momento me disse o dervis :

— Cega-te a tua cobiça. Que vale aquelle ouro comprado com estas pedras finas? E com ellas que deves carregar os teus camellos.

Comprehendi a observação do dervis, e, trazendo grandes bolsas de carregar fazendas, enchi-as de diamantes, saphyras e outras pedras preciosas, lançando a um lado o ouro, como se fosse vil cascalho. Trabalhei, trabalhei, até que o suor em bagas me inundava a fronte, e bem depressa os oitenta camellos se achavam tão carregados que gemiam sob o peso, e comtudo ainda sobejavam tantas riquezas que nem sequer se notava a falta das oitenta cargas.

No momento de partir, o dervis encaminhou-se para um vaso azul, do qual subtrahiu uma pequena boceta de páo, que escondeu na vestidura.

Apenas haviamos transposto o limiar do palacio maravilhoso, fecharam-se os rochedos hermeticamente e o dervis disse :

— Escolhe, Abdallah, os quarenta camellos, e segue para o oriente; quanto a mim, partirei na direcção do occidente.

Com tanta seriedade foi proferida esta ordem, que não me atrevi a fazer objecção alguma; apartei quarenta camellos, despedi-me do dervis e toquei para o oriente.

Apenas havia dado cem passos, voltei a cabeça e segui com a vista o dervis que se afastava com os meus camellos. Vi que a grande custo tocava os animaes, e tomei esta circumstancia por pretexto de alcançal-o e pedir-lhe que me cedesse mais alguns camellos.

— Meu santo protector, — disse-lhe eu, — muito trabalho lhe darão todos estes animaes para conduzil-os; dê-me mais dez, e a sua tarefa diminuirá.

Sorriu o dervis e respondeu :

— Tens razão, Abdallah, escolhe mais dez.

Com grande satisfação aproveitei-me da autorisação do dervis, agradeci e retirei-me, emquanto que o dervis seguiu o seu caminho.

Tendo alcançado os meus camellos, zanguei-me novamente, pois que a alegria causada pelo accrescimo de riqueza fôra turbada pela reflexão de que deveria ter pedido maior numero de animaes.

Lembrei-me da condescendencia do dervis, e resolvi voltar ainda uma vez á carga. Como o santo varão não andasse longe, ouviu os meus clamores, parou e me deu outros dez camellos, sem saciar comtudo a minha cobiça, pois que não descansei emquanto não obtive os vinte restantes.

E agora, poderoso Sultão, talvez penses que me dei por satisfeito com os oitenta camellos carregados com as mais preciosas joias ? Era tal a minha riqueza que com ella poderia ter comprado todos os reinos da terra...

Mas, ai de mim ! cobiçava ainda a posse da bocetinha de páo que o homem tirára do vaso azul.

Ainda uma vez segui os passos do dervis, prostrei-me deante delle e lhe disse com lagrimas amargas:

— Oh ! meu bemfeitor, não posso deixar-te partir sem conhecer o segredo da bocetinha que escondeste em tua vestidura; sem duvida alguma é o mais precioso thesouro do mundo, e é absolutamente mister que me satisfaças.

Ao ouvir estas palavras, negra nuvem de pezar inundou a testa do dervis.

— Desgraçado ! — exclamou, — não peças a tua perdição ! Tornei-te o mortal mais rico do mundo, e te mostras tão ingrato querendo arrebatar-me a ultima posse ? Retira-te e que nunca mais te veja !

E deu-me as costas.

Ah ! quem me dera haver-lhe obedecido !

Louco porém, de cobiça, pedi, supppliquei, solucei, até que por fim o dervis puxou da caixinha, e, abrindo-a, mostrou-me que não continha senão um simples unguento pardo.

— Estás vendo, — disse elle, — apenas é um unguento para os olhos.

Eu, porém, não dei credito ás suas palavras, e bradei que o mataria se não me revelasse as virtudes secretas do unguento.

— Seja feita a tua vontade, — disse o dervis, — mas não te queixes ! Esfregando um pouco deste unguento na palpebra esquerda, apparecem todos os thesouros do mundo, quer escondidos no seio da terra, quer sepultados no fundo do mar; esfregando, porém, com o unguento a palpebra direita, cegueira eterna fere a vista, toldando para sempre o esplendor do sol, o meigo brilho das estrellas.

Apenas havia ouvido estas palavras pedi ao dervis que me ungisse a palpebra esquerda, e tendo elle obedecido revelaram-se por todos os lados, aos meus olhos deslumbrados, thesouros indescriptiveis, incalculaveis.

E, comtudo, duvidei ainda da sinceridade do dervis, e, persuadido de que o unguento estendido na palpebra direita dava a posse de todas as riquezas que havia visto, obriguei quasi o santo varão a ungir-me a vista direita. Bastante resistiu elle... mas, por fim, teve de ceder aos meus impetos... e cegueira eterna me feriu os olhos. Castigo horrivel, mas justo, da minha ingratidão e cobiça ! Suppliquei ao dervis que tivesse pena de mim, que pelo menos me conduzisse para fóra do deserto; mas elle não me ouviu: juntou os camellos e deixou-me só. Muito tempo escutei o tropel dos animaes que ia enfraquecendo, até que se perdeu na immensidade arenosa.

E eu estava só, abandonado no deserto sem fim, sem viveres, entregue aos remorsos, porque não podia desconhecer a minha culpabilidade. Fiz então a promessa de que, no caso de ser salvo, pediria a qualquer transeunte que me desse uma bofetada para me castigar.

E fui recolhido, moribundo, por uma caravana, que me conduziu a Bagdad.

Despido de todas as minhas riquezas, impossibilitado de trabalhar, tive de implorar a caridade publica: sorte cruel para quem havia possuido tantos thesouros. E mendigo me encontraste, oh ! grande Sultão, nas ruas de tua capital, e te dignaste ouvir a narração das minhas bem merecidas desgraças".

Tendo-se calado o cégo, disse o califa:

— Bem pagaste, Abdallah, os teus delictos. Desobrigo-te da tua promessa, e não quero que continues a mendigar: d'ora em diante viverás no meu palacio, e terás um guia quando quizeres passeiar. Não me agradeças, porque soffreste e fizeste penitencia. A paz esteja comtigo !

Assim falou o nobre Harun al Raschid, e assim se fez; e Abdallah viveu ainda muito tempo, abençoando o seu bemfeitor.

(Traducção de C. Jansen)

A FALSIDADE PUNIDA

Era uma vez um lenhador, que morava em um logar muito afastado da cidade.

Precisando de ir á villa fazer umas compras, fez-se acompanhar dos seus dois cães: *Sultão* e *Leão*. No meio da floresta encontrou um pobre que lhe pediu uma esmola. No momento em que se virou para tirar da bolsa uma moedinha, sentiu uma forte paulada nas costas, e cahiu ao chão, sem sentidos.

Os cães correram em perseguição do pobre, jogaram-no ao chão e o morderam muito, ficando o homem todo chagado.

Depois voltaram para onde se achava o lenhador, e tanto lhe lamberam o rosto que elle voltou a si.

O lenhador então levantou-se, e começou a arrumar o ouro que cahira no chão.

Ouvindo, porém, gemidos muito fortes, dirigiu-se para o interior da floresta, encontrando o pobre que lhe havia dado a paulada cahido no chão, todo cheio de sangue.

O lenhador, compadecido, tirou da bolsa grande os remedios que levava, lavou as feridas do mendigo, atou-as com gaze, deu-lhe umas moedas e disse-lhe: "Segue o teu caminho e lembra-te sempre de que não devemos fazer mal a ninguem, mormente quando se recebe o bem."

ISABEL GYRÃO LINS WANDERLEY

PEDAÇOS ALHEIOS

"Palavras aos meninos brasileiros" de OLAVO BILAC

Qual o menino que não conhece, ao menos de nome, Olavo Bilac, o principe dos poetas brasileiros? Nem um, estamos certos. Poeta dos mais primorosos, jornalista e escriptor ardoroso, Olavo Bilac era da Academia Brasileira de Lettras e publicou varios livros como "Poesias", "Chronicas e novellas" e "Tarde", de versos de um esmerado lavor de forma. Ultimamente, no apogeu da sua gloria de poeta e escriptor, Bilac fez-se paladino da mais justa causa: o soerguimento moral da mocidade em prol da grandeza do Brasil. A morte veiu arrebatal-o em meio da peleja, enlutando as lettras patrias. "Palavras aos meninos brasileiros" é um dos primorosos discursos patrioticos do "Principe dos poetas brasileiros", publicado no boletim da Liga de Defesa Nacional.

Fallando-vos, meus amigos, não fallo já a creanças, mas aos homens que já deveis ser. Nesta crise perigosa da formação do Brasil, é preciso que a vontade, a seriedade e a attenção já estejam dominando os espiritos das creanças. A tarefa é immensa e urgente, o tempo da vida é breve, os acontecimentos precipitam-se; — é necessario que nos corpos de dez annos já se temperem almas de vinte, e que na innocencia do menino já se affirme a energia do cidadão.

Sois felizes porque entraes na vida justamente na epoca em que o Brasil entra no auge da sua virilidade moral. Eu, e os da minha edade, não veremos a verdadeira e perfeita Patria, que está surgindo; vel-a-eis, e della vos orgulhareis, se souberdes desde já manter e desenvolver este impulso heroico, esta arrancada sublime, em que vibra a nossa nação, neste alvorecer de pujança. Para que esta alvorada se perpetue em dia glorioso, é indispensavel que desde já vivaes, penseis e trabalheis como homens.

Não seria eu o primeiro para aconselhar-vos agora, como novidade, a pratica das virtudes primordiaes, que os vossos mestres todos os dias vos indicam e pregam: — a honra, sem a qual a vida é um opprobrio; — a bondade, sem a qual a melhor intelligencia e a mais brilhante força podem mudar-se em agentes funestos e destruidores; — o amor da verdade e da justiça, sem o qual não pode haver sociedade moral; — a coragem e a generosidade, que se não podem divorciar, porque coragem é força de coração, e porque a simples bravura, sem generosidade, é bestial; — a diligencia, que é constancia e attenção no labor, promptidão, iniciativa e zelo, qualidades sem as quaes a actividade se dispersa em trabalho inutil; — a liberdade e a disciplina, que se não guerreiam, e, ao contrario, se equilibram e completam, porque, sem a liberdade, a disciplina é escravisação, e, sem a disciplina, a liberdade é licença e desordem.

Sei que, a todas as horas, os vossos professores abrem para o horizonte destas indispensaveis disposições moraes os vossos espiritos.

Deixae, apenas, que eu insista sobre dous pontos essenciaes da vossa educação: — sêde fortes, e sêde crentes!

Adestrae-vos, e conquistae força physica e moral. A força do corpo, sem a força da alma, é brutalidade. Mas tambem, sem o vigor do corpo, o vigor do espirito diminue e annulla-se. A fraqueza physica, que acarreta a enfermidade e a miseria, gera a debilidade do amor proprio, o descontentamento, o despeito, o medo, a inveja. Heroismo é filho de saude organica e physica. Não póde haver um herôe em um corpo sem alma; porém, tambem, não póde haver um herôe em um espectro, em uma alma sem corpo.

Força e crença! Sêde fortes; e, sendo crentes, o vosso valor será indomavel, criando mundos de incomparavel belleza.

E' a falta de crença que cria e mantém a mais perniciosa das castas de que se compõem as sociedades: a dos indifferentes.

Dante, quando entrou no Inferno, ainda no vestibulo da morada dos eternos castigos, antes de visitar o vórtice dos nove circulos horriveis, encontrou uma triste multidão, cujos longos gemidos resoavam no ar escuro, na temerosa noite em que não ardiam estrellas. Eram as sombras dos "sem alma", dos neutros, dos indifferentes, dos que vivem sem merecer louvor nem desprezo.

O mundo está cheio de almas como estas: não são boas, nem más; atravessam a existencia sem fé, sem enthusiasmo, sem ideal, — pobre rebanho de consciencias debeis, de vontades enfermas, de corações sem azas... Condemnou-as Dante, porque ellas não aproveitam a vida que Deus lhes concedeu; vivem sem viver, e não deixam no mundo memoria sua; e, ao mesmo tempo, as desprezam a Justiça e a Misericordia.

Os indifferentes são ainda peores do que os máos. Porque os máos podem algum dia ser bons. Mas não se póde extrahir bondade dos que não são bons, nem máos, — entes amorphos, indolentes, apathicos, que têm olhos e não querem pensar...

Fugi da indifferença, interessae-vos por tudo, e tende crença! O pessimismo é uma enfermidade repugnante.

Quando ouvirdes em vossas casas, ou nas ruas, alguma phrase de desanimo ou de descredito em que se malsine o Brasil, — protestae! Em geral, essa maledicencia é de brasileiros velhos ou de edade madura, que não foram infelizmente educados como estaes sendo... Educae-os vós, creanças, com o vosso protesto e o vosso exemplo: — envergonhados, os maldizentes hão de calar-se e emendar-se.

Aperfeiçoae-vos cada vez mais. Estudae; prestae toda a attenção a todas as vossas tarefas, grandes e pequenas; esforçae-vos, desenvolvei a vossa energia, exercitae a vossa intelligencia, apurae a vossa curiosidade; e amae todas as cousas nobres da vida, a sciencia e a arte, o culto da belleza em todas as manifestações do pensamento e da acção, a diligencia que dá o alimento e a paz, a bondade que dá a alegria.

Quando crescerdes, quando fordes cidadãos e paes de familia, desejae e procurae, com zelo e dignidade, não a riqueza e o luxo, mas a fartura e a facilidade da existencia. Na vida publica interessae-vos por todos os problemas philosophicos, economicos, sociaes do vosso paiz; e, se vos sentirdes capazes, ambicionae sem ganancia os cargos politicos, não como recreio ou meio de profissão, mas como a pratica de um dever; não como uma fonte de dinheiro ou de vaidade, mas como um serviço prestado ao bem da communhão. E dae toda a saude do vosso organismo e toda a crença da vossa alma em favor deste proposito: que, no Brasil, todos os Brasileiros trabalhem, para que todos sejam bem alimentados e bem instruidos, e que todos pratiquem o culto da justiça, para que todos sejam bons e felizes!

OS DOIS ESPELHOS — (de Anatole France)

Um espelho de superficie perfeitamente plana encontrou-se, um dia, num jardim, com um espelho convexo.

— E's insolente — disse-lhe elle — em reflectires a natureza pelo modo como o fazes. E' preciso estar doido para representar todas as pessoas de ventre enorme, de pernas torcidas e de cabeça e pés minusculos, trocando, além disso, em linhas curvas, todas as rectas.

— Tu é que desfiguras a natureza, — respondeu o espelho convexo; — como és plano, imaginas que tudo é recto, que todas as arvores são rectas. Enganas-te; os troncos das arvores são curvos. E's um espelho embusteiro.

Começavam a inflammar-se os animos dos dois disputadores, quando succedeu passar um geometra pelo sitio da contenda.

— Tendes ambos razão, meus amigos, — disse-lhe elle. — Ambos reflectis os objectos conforme as leis da optica. As imagens que recebeis, um e outro, são de exactidão geometrica. Todas ellas são perfeitas. Um espelho concavo reproduziria uma imagem differente da que vós reflectis, a qual seria tão perfeita como as vossas. A verdadeira imagem da Natureza, ninguem a conhece; e é provavel, até, que ella não a possua senão nos espelhos que a reflectem. Aprendei, portanto, senhores espelhos, a não questionar, pois o que é facto é que não recebeis o mesmo reflexo das cousas.

O CAMINHO...

ERAM, uma vez, dois homens que, levando o mesmo destino, sahiram em viagem pela mesma estrada.

Fim de estio. Alvorada. Andava o sol dizendo bom dia ás terras, ás aguas, ás arvores, aos passaros, aos rebanhos, ás gentes.

Fôram a seguir pela mesma estrada.

Adolescentes ainda.

Mais tarde, quando attingissem o termo, lá-longe, os primeiros cabellos brancos teriam florido já nas suas frontes, e um começo de cansaço e de velhice lhes traria do passado o enlêvo da manhan em que partiam, na graça morrente da estação.

Um, taciturno, fixava sempre para diante, e pensava que, de passo em passo, a distancia diminuia e que mais proximo estava o poiso procurado. Tudo em torno lhe parecia indifferente. Logo se adiantou do outro.

O outro, de instante a instante se detinha. Perto de uma fonte, de um canteiro, de uma sombra. A fonte, como se o outonno, antes de ir adoecer as payzagens, ali houvesse parado, cantava, na sua vóz de agua tombante, a tristeza, o encanto, a doçura da sina que Pan lhe entregára. O caminheiro deixava o corpo cahir ao lado da fonte, ficava ouvindo... Os olhos lhe deitavam n'alma a imagem della, entre pedras... Entrava-lhe na memoria aquella voz quasi humana... Ao vir da noite, adormecia, ao embalo que a fonte cantava. O seu somno era povoado de sonhos, de sonhos que vêm, ás horas quietas, abrir palacios e mostrar a felicidade...

Depois, a luz acordava. Elle acordava com ella. Punha o manto aos hombros, proseguia.

Em pouco de novo se detinha.

E assim continuou, até que uma tarde, uma tarde fria, conseguiu pisar o chão do paiz remoto.

Envelhecêra. Mas forte, ditoso.

Ao canto de uma rua, encontrou um homem alquebrado, que o fitou algum tempo, que se lhe acercou a perguntar:

—"Não me conheces?"

—"Não. Cheguei agora, d'além... Não conheço ninguem aqui."

—"Chegaste agora?! Pois sahimos juntos da nossa aldeia. Eu cheguei ha muitos annos. Vieste de vagar, tu..."

—"Mal te reconheço. Mudaste tanto. Tinhas os cabellos negros..."

—"Os teus cabellos eram loiros..."

—"Envelhecêmos..."

—"E' triste a velhice. Entretanto, pareces contente, amparado de ventura. Vaga um sorriso em ti. Os teus olhos são mais brilhantes. As tuas mãos são mais leves, não têm rugas."

—"Olhei a estrada. Estendi os braços para o amor. Ah! linda viagem nós fizemos! Não te lembras?..."

—"Não me lembro..."

—"Havia madrugadas côr de sangue, que mergulhavam na carne uma força nova. Meio-dias de inverno, acalentadores; a terra toda era um quarto de convalescente. Certos crepusculos, á beira dos rios, davam vontade de chorar. Havia noites azues, em que o silencio era tão grande que os pensamentos se tocavam, sem que os balbuciassem as boccas. Não te lembras?..."

—"Não me lembro..."

—"E as torres das cidades, as igrejas antigas, cheias de nichos e de sinos... E as pequenas povoações onde os jardins nos espreitavam de dentro das grades rusticas... E as florestas immensas, as montanhas vestidas de nuvens, os campos, o mar..."

—"Nada vi... nada vi... Só me lembro da hora do adeus... e de que a estrada era longa, e de que eu me apressava para chegar..."

—"Não achaste um beijo nunca? um abrigo? uma affeição?!..."

—"Nunca!"

—"Escuta: eu trago cá dentro a saudade de tudo. Não serei sósinho jámais! Recordo tudo. E' como se estivesse a resentir... A belleza da minha estrada illuminou de belleza a minha vida. Porque muito olhei, muito posso imaginar... Escuta: naquella manhan..."

E tudo recordou.

Quando se separaram, o homem que chegára ha muitos annos, quedou immovel, extatico, ainda escutando as palavras do outro, o que o outro lhe contára.

E desde então, vae pelas ruas, sonnambulo, sempre a murmurar, a repetir:

—"Como eu caminhei inutilmente... como eu caminhei inutilmente..."

ALVARO MOREYRA.

Amor da Patria

Havia, ha muitos annos, numa cidade do norte, uma velhinha muito boa, que tinha uma neta, a quem estimava muito.

Numa tarde de verão, quando o astro-rei tombava no occidente todo em fogo, a avósinha chamou a sua querida neta para contar-lhe uma historia.

A netinha, muito alegre, lançou-se nos braços de sua querida avó, pedindo-lhe que contasse uma linda historia, mas muito linda. A avósinha pediu a attenção da netinha e começou:

— Numa aldeia de França, na guerra de 1870, um soldado zuavo, quando teve de partir, despediu-se de seus queridos filhinhos, abraçou-os e os beijou pedindo-lhes que rezassem para que elle voltasse são e salvo.

Os filhos responderam-lhe:

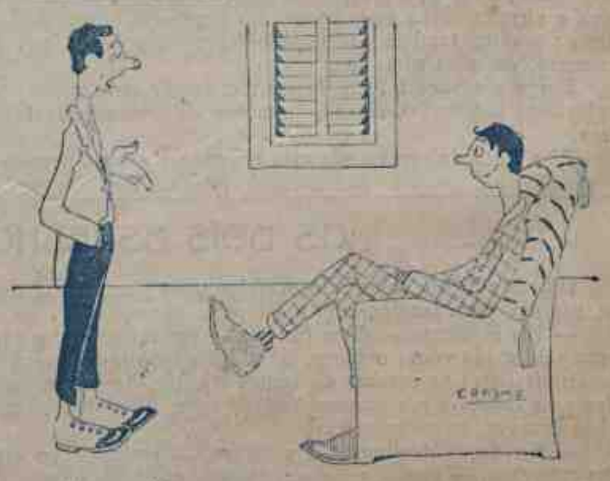
— Papae, defendei a nossa querida Patria e deixae estar que o Nosso Bom Deus, Nosso Redemptor, não deixará que vós succumbaes, afim de que possaes tornar a nos abraçar e continuar a nossa educação, para mais tarde podermos tambem ser uteis e defendel-a com todas as nossas forças.

— Vês, minha netinha, que bellos corações os dos filhos do soldado! Desde pequenos já pulsavam de enthusiasmo patriotico.

— Sim, vovósinha, peço-te sempre que contes historias sempre lindas, como esta.

OSWALDO MAIA COSSENZA — (13 annos)

HEROE DE FAMILIA



— Tu acreditas, amigo, que eu ha mezes andei cinco kilometros, a pé, para brigar com um rapaz?

— E voltaste, tambem, a pé?

— Não; voltei no automovel da Assistencia...

ORACULO DO CHIQUINHO DO ALMANACH DO TICO-TICO

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

PERGUNTAS

Comp. e desenho de STORNI.

LUIZINHA SONHOU

Luizinha gosta muito de brincar com bolhas de ar. Munida de uma tijela com agua e sabão e de um canudo de bambú eil-a, todos os dias, debaixo de uma arvore, a soprar e a fazer bôlhas de ar, ante os olhos de *Sultão*, maravilhado por ver sahir do canudo bellas bôlhas brilhantes, que se elevam aos ares e vão arrebentar, ao alto, numa chuva de gottas prateadas.

Para maravilhar cada vez mais o cãozinho, Luizinha faz uma grande bolha, sopra bastante... mas — ó surpresa! — a bôlha não se desliga do canudo, cresce, cresce e subindo arrasta comsigo a menina. *Sultão* quer acompanhar sua senhora.

Nova surpresa! — Cria azas, tal qual uma borboleta, e vôa tambem. Luizinha sobe, já está nos primeiros ramos da arvore, onde, num ninho, passarinhos pipilam de fome. Luizinha quer apanhar uma abelha que passa. Esta, voando, roça na bôlha, que co neça...

... a murchar e a aeronauta, docemente, desce para a terra. *Sultão* cerca-a com latidos, festejando-a. A bôlha, bem perto da terra, arrebenta. Luizinha tem um grande medo...

... e acorda em baixo da grande arvore. A tijela está tombada, o canudo cahido, mas a "viajante" nada soffreu. Fez, em sonho, uma bella viagem

O Sr. Morpheu e seus Sonhos — Por Seth

NO POLO NORTE

Num destes dias de muito calor, disse o Sr. Morpheu, cheguei á casa, enfiei o meu pyjama e puz-me a tomar limonada gelada.

Apezar dos conselhos de Prudencia, minha mulher enchi-me de gelo. Não tardou muito, uma somnolencia esmagadora cahiu sobre mim.

Sonhei que me achava sobre uma garganta gelada dos Alpes, (naturalmente porque minha mulher me falára em garganta), e olhava com terror para...

...aquelle desfiladeiro. Inesperadamente comecei a descer a montanha, deslisando velozmente sobre a neve, trepado num par de skis. Quando dei por mim,...

...estava em pleno Polo Norte. Tudo ali era solidão! Mas acreditem os meus amiguinhos que vi a cousa mais linda que tenho visto: a aurora boreal!

Sentindo uma sêde devoradora, corri a tomar uma limonada gelada, bem a dous passos duma phoca que me olhava enternecida.

Mas a desgraça foi quando vi surgir um urso branco, muito commum nas regiões polares! Corri a todo o panno Mas tão...

... infeliz fui que cahi num buraco d'agua gelada e molhei-me todo! Estava já prestes a ser devorado, quando acordei e...

... verifiquei que tudo fôra obra de meu gatinho *Sultão*, entornando-me limonada gelada nas pernas!

As grandes figuras da Historia

SANTA JOANNA D'ARC

Sua origem, sua infancia, seu amor a Deus e á Patria

Existe ainda a casa onde nasceu a Santa, em Donremy

PARA os nossos meninos, as creanças brasileiras, que são catholicas e educadas na religião do bem, cremos não poder offerecer leitura mais apreciavel do que dizermos alguma cousa sobre a vida de Joanna d'Arc— a heroina que teve a gloria de salvar a França e que foi, desde meados do anno findo, santificada, num cerimonial dos mais empolgantes de que ha memoria nos annaes do Vaticano e ao qual assistiram milhares de devotados peregrinos.

Joanna d'Arc — a *Donzella de Orléans* e hoje a santa mais nova do reino dos Céos — nasceu no anno de 1412 no burgo de Donremy, nos confins da Lorena. Filha de modestos trabalhadores Jacques d'Arc e Isabel Romée, que viviam, no entanto em relativo conforto, Joanna d'Arc teve na infancia uma vida humilde, não aprendendo siquer a ler e escrever; fez-se pastora dos rebanhos paternos e nas horas de ocio ajudava a mãe em trabalhos e fiava e cosia. A piedade, virtude que desde cedo lhe brotara no coração, foi em toda a sua vida de relevante preponderancia. As meninas de sua idade, bem raras, eram de vasta bondade e tão affeitas á prece nos santuarios como a pastorinha de Donremy. O amor a Deus e o amor á Patria eram cultos fervorosos que viviam latentes na alma de Joanna. A guerra ensanguentava então a França e a humilde donzella pedia a Deus, em preces fervorosas, a salvação da Patria. O burgo de Donremy não era theatro habitual da guerra, mas até lá chegavam os écos dolorosos dos desastres dos exercitos da França. Uma lenda corria então pelo paiz: dizia-se que o reinado perdido por uma mulher, Isabel de Baviera, seria salvo por uma virgem. E a virgem libertadora foi Joanna d'Arc, que em seus recolhimentos de prece ouvia vozes celestiaes que lhe recommendavam primeiramente ser boa e piedosa e depois correr em soccorro do delphim.

Imagem de Santa Joanna d'Arc

Após angustiosas hesitações, Joanna d'Arc acabou por obedecer á ordem imperiosa do céo. Conduzida ao prefeito de Vaucouleurs, por duas vezes, não foi attendida nem ouvida. Não desanimou entretanto a pastorinha; queria falar ao delphim e o conseguiu após muitos trabalhos.

A casa onde nasceu e viveu a heroina em Donremy.

A situação de França era a mais angustiosa possivel; havia mezes, o ultimo reducto da realeza Orléans, lutava contra o cerco dos inglezes. Carlos VII tinha esgotado as ultimas reservas em homens e dinheiro e esperava a cada momento ver cahir nas mãos do inimigo a heroica cidade. Recebeu a pastorinha com desconfiança e julgou intimamente que aquella joven era uma embusteira. Mandou-a, no entanto, aos clerigos de Poitiers, que lhe perguntaram em que lingua falavam as taes vozes celestes. Joanna sahiu desta prova a que foi submettida triumphante:

— Fallam numa lingua melhor do que a vossa! Mandam-me tomar a frente das tropas e salvar a França!

O tom de convicção com que fallava deu-lhe ganho de causa. Nomeada commandante das tropas, recebeu do rei uma armadura de combate e mandou buscar uma espada que as vozes do céo lhe disseram existir atraz do altar de Santa Catharina de Fierbois e um estandarte representando numa das faces Deus, sentado num throno sobre nuvens e cercado de dois anjos em adoração, tendo cada um nas mãos uma flor de liz. Uma bandeirola trazia as palavras: *Jesus-Maria*. Na face opposta dois anjos sustentavam o escudo da França. Após intimar os inglezes a se rendzrem em nome do rei dos céos, Joanna d'Arc marchou sobre Orléans, onde entrou ao meio de grande enthusiasmo dos habitantes. Em poucos dias abasteceu a praça, expulsou os inglezes das fortes posições que occupavam, atirou entre elles o panico e os forçou a uma retirada desordenada. E sempre á frente das tropas, empunhando o divino estandarte, sem temor de avançar para as posições inimigas, Joanna d'Arc não se servia da espada, senão para beijar-lhe a copa, em fórma de cruz. O exercito, e os forçou a uma retirada desordenada, os soldados, até então libertinos e piratas, tornaram-se piedosos e penitentes. Orléans foi libertada. Mas Joanna quiz cumprir ainda outra missão: conduzir o delphim a Reims, para alli ser sagrado. Conseguiu-o, graças a muitos esforços; Deus a inspirava e era seu guia. Ficou ainda á tesla do exercito e foi ferida no assalto á porta de Saint-Honoré.

Em 1430 correu em soccorro de Compiégne sitiada e teve aviso do céo de que seria presa. Assim aconteceu: cahiu em mãos dos Bourguignons

Duas estatuas equestres de Santa Joanna d'Arc.

e, tentando fugir, foi detida pelo conde de Luxemburg, que a vendeu aos inimigos. Sujeitaram-n'a a um processo, que foi para ella uma verdadeira tortura moral: accusaram-na de feiticeira, de bruxa, de criminosa em mil delictos. Finalmente em 30 de Maio de 1431 foi levada ao logar do supplicio, em Rouen, e queimada viva, morrendo com a maior resignação e pronunciando, de olhos fitos no céo, o doce nome de Jesus — nome que figurou no estandarte glorioso que tremulou em todas as etapas da victoriosa salvação da Patria franceza.

Entrada de Joanna d'Arc em Orléans

— A casa onde nasceu e habitou Joanna d'Arc é um dos monumentos historicos. Foi adquirida pelo governo francez em 1818 e reconstruida, tanto quanto possivel, no seu aspecto primitivo. A porta principal é encimada por tres escudos com inscripções. Tem tres grandes aposentos: o quarto da santa, onde se encontram muitos objectos que serviram e que cultuam a memoria da Heroina, e outros dois onde existem monumentos, entre os quaes uma estatua em bronze da Donzella, trabalho da princeza Maria de Orléans.

O estandarte de Joanna d'Arc

Os passaros conhecem as horas

QUANDO em Junho do anno de 1916 começou a vigorar em França a hora de verão (augmento de uma hora em todos os relogios), notou-se que o facto não causou grande surpresa aos passaros dos jardins de Paris. Com effeito, uma senhora, Mme. Nageotte, communicou á Sociedade de Biologia esta interessante observação: Havia dois annos que ella tinha por habito atravessar o jardim do Luxemburgo todas as manhãs, ás 9 horas, levando um pequeno fornecimento de miolo de pão para o dar, em migalhas, aos passaros, que já o sabiam e que todos os dias se juntavam, em grande numero, no caminho de passagem da sua amiga, esperando-a com viva impaciencia, quando ella chegava com algum atrazo. Ora, no dia 15 de Junho, Mme. Nageotte não passou ás 8 horas, como de costume; mas á hora nova, adiantada de 60 minutos sobre a da vespera, e, portanto, de facto, ás 7. Pois os passaros lá estavam, reunidos da mesma maneira, como se conhecessem perfeitamente a alteração effectuada! Donde parece concluir-se que elles, para os seus negocios, se baseam muito mais sobre os acontecimentos da rua do que sobre as variações da luz.

Mas já se não dá o mesmo caso para os seus cantos da madrugada e do entardecer do dia.

NOSSAS PAGINAS DE ARMAR

Um canhão em campanha

Para que os nossos leitores possam armar esta bella pagina, que publicamos em outro logar deste *Almanach*, damos a seguir a necessaria explicação:

"Collar tudo em cartolina ou em papel grosso consistente. Dobrar a peça H, que serve de base do canhão, nos pontos A A, e em seguida armar as rodas, dobrando o eixo G, para enfial-o nos pontos recortados das rodas D D e B B, atravessando naturalmente os pontos recortados V. V. V. V. Completar e cobrir o eixo das rodas na parte exterior como está no modelo, com os accessorios M. M. M. M. e A 2 - A 2 - A 2 - A 2. Dobrar a peça que forma o cano do canhão K e collocal-o na base do canhão com os devidos accessorios J. J. J. J. e K 5 K 4. As demais peças são facilmente armadas e applicadas á vista do modelo. Tudo isto deverá ser collocado no estrado, ficando as peças N. N. e S. S. nos logares indicados no referido estrado.

Uma senhora ultimamente fallecida em Vienna deixou a seu sobrinho e herdeiro o cuidado de tratar de seus 36 gatos.

Os animaes monstruosos

A SERPENTE PYTHON

Vocês que já leram os contos das *Mil e uma noites* devem estar lembrados de que por varias vezes nelles se fala da *serpente Python*, um dos animaes mais raros e singulares do mundo.

Essa serpente só existe actualmente no norte da Asia e tem sido tão perseguida que é já muito raro encontrar hoje alguma. Outr'ora era muito facil vel-a pelo Egypto e no tempo do imperador Sesostris causava terror pela quantidade em que apparecia.

A *Python*, tambem conhecida pelo nome de serpente *Boa dos Hieroglyphos*, tem o couro amarellado, quasi da mesma côr da areia em que gosta de se esconder; tem os olhos rodeados de escamas muito duras e uma mancha escura no alto da cabeça. A gravura que damos aqui é copia da photographia de uma *Python* que se acha no Jardim Zoologico do Cairo, que é a capital do Egypto.

Durante o dia a *Python* se deixa ficar escondida na areia ou no alto de uma arvore, dormindo; sahe á noite e apezar de ser enorme (porque tem geralmente cinco metros de comprimento) só ataca animaes pequenos como cabritos, esquilos, coelhos e passaros.

A femea da *Python* põe cerca de cem ovos de cada vez e choca-os cuidadosamente. Os filhos sáem dos ovos com vinte a quarenta centimetros de comprimento.

Os egypcios caçam a *Python*, apreciam muito a sua carne, que comem e dizem ser saborosissima, e fazem com a sua pelle uma especie de marroquim muito bonito.

A palavra "doutor" foi inventada no seculo doze, quando se fundaram as universidades. A primeira pessoa que usou esse titulo foi Irnerius, professor de Direito na Polonia.

O AMBAR

Sua origem e a opinião de varios geologos

Vocês todos sabem o que é o ambar e já o viram por certo. E' uma especie de resina, de natureza fossil, quebradiça, opaca ou quasi transparente, e que varia de côr desde o amarello desmaiado até o vermelho claro. Com esta resina é que se fabricam os collares, rosarios e as piteiras para os fumantes.

Os antigos faziam apreciações erradas ácerca do ambar.

Assim, Aristoteles attribuia ao ambar uma origem puramente vegetal; Averroes e Cesalpino julgavam que se tratava de uma especie de camphora, e Theofrasto suppunha que a transparente substancia não era senão o fructo de uma planta submarina. Mas não acertavam melhor, Dioscorides pensando que o ambar era um producto da acacia, o insigne Buffon assegurando que tão apreciada materia podia considerar-se como cêra de formigas e mel solidificados.

Presentemente, e segundo a opinião dos geologos, póde dar-se como certo que o ambar é a resina de um pinheiro que vegetava nas praias do mar Baltico em epoca terciaria. A este respeito, assegura Mr. J. Sollar, que ha 400.000 annos os continentes tinham uma orographia muito differente da actual, pelo que toda a Europa do Norte se achava coberta pelas aguas, sobresaindo da inundação certas montanhas, ou antes, o cume de algumas montanhas, taes como os Apeninos, os Alpes e os Pyrineus. Outro geologo, o professor R. Klebs, apresentou a theoria de que existiu uma ilha ou talvez um vasto territorio que communicava com as regiões scandinavas e se estendia até o sul da Inglaterra, onde cresciam gigantescas coniferas que requmavam a resina transparente que os phenicios e os romanos tanto usavam para adornar os seus vestuarios e certos moveis. Segundo todas as probabilidades, essas arvores apodreceram, e, passados muitos centenares de annos, fossibilizaram-se, espalhando a sua rica seiva na terra lamacenta que as rodeava, e assim se formaram, pouco a pouco, os immensos jazigos de ambar que todos os dias se vão descobrindo. Esta opinião é confirmada por alguns bocados de ambar em que apparecem ainda restos de vegetaes aprisionados pela substancia amarella. Mas o phenomeno mais curioso é que o ambar converte-se, por vezes, em tumulos de milhares de insectos, formando assim o mais remoto museu enthnologico do mundo.

Até agora só tinha sido possivel dar uma ideia graphica, approximada, desses insectos surprehendidos nos seus vae-vens aereos pela viscosa seiva, ha mais de 400 seculos. Mas hoje, graças ás placas ortomocraticas, conseguiu-se photographar os insectos, apezar de alguns delles se acharem em bocados de ambar de varias grossuras e de côres que variam entre o amarello claro e o amarello tostado, bem escuro. Este ambar foi provavelmente envolvido por camadas de liquido, em consequencia de novas perturbações geologicas, e lavado depois incessantemente pelas aguas do mar, que acabaram por o arrojar, por fim, á praia, especialmente nas immediações de Koenigsberg. Temos pois ante os nossos olhos, uma especie de espelho magico que reflecte uma parte da fauna daquelles remotissimos tempos. Como deve calcular-se, os insectos estão admiravelmente conservados, em virtude dos azeites causticos da resina os terem morto quasi instantaneamente.

Pelas photographias que se teem tirado vê-se que são de varias especies os insectos aprisionados no ambar. Ha, por exemplo, o gorgulho, que tem grande analogia com o coleoptéro, cuja larva tanto damno causa ás ervilhas, favas e outros legumes. Vê-se tambem o petrobio, um insecto muito curioso, o bicho de conta, etc.

Estas amostras da vida animal de ha centenares de seculos, muito parecidas com as que hoje existem em paizes quentes, além do seu interesse entomologico, servem para demonstrar que naquellas épocas remotas do nosso globo, nas praias do mar Baltico, reinava então a primavera eterna, talvez uma temperatura tropical.

NOSSOS LEITORES

A gracioza Lilian Irené de Wall, de 2 annos de idade, filha da Exma. viuva D. Lily M. de Wall

OS QUE ESTUDAM

Amadeu Nylander Lopes, nosso leitor e applicado alumno do Educandario Norte do Brasil

MENINAS

Helena e Stella, graciozas filhinhas do Sr. Realino Valença

TRES FLORES

A' minha filha Eloah

HA muito anoitecera.

A lua cheia, erguendo-se no horizonte, côa por entre as frondes do arvoredo seus filetes argenteos, pondo aqui e ali claros-escuros, projectando sombras que se movem e diminuem á proporção que a rainha da noite avança no firmamento.

Num vasto jardim de rico palacete, de onde se evolam perfumes de variegadas flores, vê-se uma elegante senhora reclinada em sofá de arame, entretida a olhar para tres meninas, lindas como as rosas, ridentes como Abril, e que não se cansam de seus innocentes folguedos.

As gentis creanças, garrulas, saltitantes, não param um momento, a correr nas aléas do jardim, onde as malacachetas reflectem variegadas côres, como se fossem myriades de brilhantes verdadeiros, e onde as sombras projectadas nos arvoredos semelham outros tantos pequeninos séres fantasticos, com ellas a brincar.

Mirando as queridas filhas assim a correr, tão despreoccupadas da vida, a elegante senhora deixa pender a encantadora fronte, emmoldurada por bastos cabellos negros. Seu olhar vagueia por algum tempo, sem ponto determinado, ficando por fim estactico a contemplar uma silhueta vaga, indefinida, ao mesmo tempo que a bocca breve se lhe entreabre num sorriso ineffavel.

Talvez nesse instante lhe passasse pela mente a lembrança de sua meninice, cheia de encantos, de risonhos brincos; e esse quadro se lhe reproduz na retina com seus fulgurantes matizes, indelevelmente impressos em sua memoria.

Subito seus labios se contraem e de seus olhos, limpidos ainda ha pouco, brotam duas lagrimas.

Por uma successão de idéas, quem sabe? ao primeiro quadro succede outro menos risonho talvez: — o de sua mocidade. Nelle entrevê os sonhos de outr'ora, as suas alegrias, os seus pezares, as suas venturas, as suas desilluisões... E essas traiçoeiras lagrimas, depois de brilharem por um momento nos cilios, deslisam-se-lhe pressurosas pelas faces, indo esconder-se nas dobras de seu roupão de cachemira escura.

.. ..

As tres meninas, cançadas de brincar, param um momento, conversando baixinho, como em conciliabulo; depois, cada uma vae para seu lado a colher uma flor.

A mais nova das tres, a mais travessa, colhe uma rosa; a do meio, um jasmim do Cabo, de embriagante perfume, e a mais velha, uma violeta. E, novamente correndo, vão, cada uma por sua vez, depôr a sua présa no regaço materno.

Despertada do extasi, a elegante senhora beija as filhas carinhosamente e, tomando as tres flores em seus delicados dedos, assim lhes falla:

— Minhas filhas, hoje sois creanças innocentes e descuidosas da vida. Levaes os dias e as noites a brincar, como o fazeis neste momento — e suspirou. Não tardareis, no emtanto, a ficar moças, e só então podereis comprehender o que agora vos digo.

A's meninas sem modo succedem moças estouvadas, que são da gente seria por certo desprezadas e postas á margem.

Sêde, pois, bem comportadas nos bailes e nas festas, para serdes queridas.

As moças que são bonitas, como os jasmins e as rosas, estão sujeitas a mil desventuras. Si fordes, como as rosas, bellas e risonhas, procurae conservar-vos puras como este jasmim, que se mancha á approximação do olfacto menos puro.

Já sois carinhosas, sêde tambem modestas como esta violeta, que deixa que a presintam pelo seu suave aroma, mas que humildemente se occulta, esperando que a procurem.

E' o que a vossa mamã deseja.

As tres meninas, até então risonhas, beijaram-na com ternura e, baixando os olhos, quedaram-se enternecidas.

.. ..

O formoso astro, que já se elevara bem alto, espargindo nesse momento seus raios sobre o jardim, tornava esse quadro mais poetico e encantador.

Rio, 9 de Junho de 1920.

CODRO PALISSY

A INSTRUCÇÃO NOS ESTADOS

Alumnos da Escola Mixta de Guaberuba, Brusque, Estado de Santa Catharina

A MACACA

HAVIA num opulento paiz, lá para as bandas do Oriente, um rei e uma rainha, já velhos, que tinham tres filhos.

O mais velho chamava-se Rubi, porque os seus olhos se incendiavam de colera á menor contrariedade. O segundo era Esmeraldino, porque verdes como a inveja eram os seus olhos falsos. O terceiro chamava-se Diamante, porque a sua alma era pura como o brilhar dessa pedra preciosa.

Eram os tres moços principes guapos cavalleiros, instruidos e corajosos, mas o mais novo sobrelevava aos irmãos em tudo e por isso merecia o affecto da côrte e do povo, que já por vezes tinham requerido ao rei para que o deixasse herdeiro do throno, tal era o terror que os mais velhos inspiravam.

Tambem os monarchas estimavam muito esse filho, que, ao contrario dos outros principes e cavalleiros da sua idade, passava o tempo a estudar os optimos livros da bibliotheca real e a conversar com os sabios e artistas, que de todo o mundo corriam a honral-o pela fama de sabedoria que universalmente gosava. E não o impediam os estudos sérios de ser um galante trovador e nos serões do paço encantar as damas com a graça do seu espirito, nem tambem de ser a sua espada das mais gloriosas entre as dos mais valentes do seu tempo.

Os paes, que o amavam sobre todas as cousas, a ninguem queriam mostrar tal preferencia para que os principes Rubi e Esmeraldino, que já se enraiveciam com a maior sympathia que o irmão gosava entre os subditos, não se despeitassem a ponto de causarem alguma desgraça.

Temendo levantamentos e revoltas, que depois da sua morte devastassem aquelle paiz tão rico e florescente, o velho rei mandou um dia reunir na sua côrte os mais nobres e ricos homens do reino, os sapientes prelados e os mais conscienciosos representantes do povo, para que todos dissessem qual devia ser o herdeiro do throno. A uma só voz todos gritaram — que o principe Diamantino é que devia ser o futuro rei.

— "Não façamos barulho — disse o soberano — nem aos principes meus filhos se dará parte do resultado deste conselho, que eu vou mandal-os viajar por um anno, e aquelle que me trouxer o cão mais bonito esse é que herdará a corôa.

Todos approvaram a idéa do rei e elle chamou os tres principes e deu-lhes parte do que se tinha resolvido. Os dois mais velhos ficaram satisfeitos por irem correr mundo e assim poderem satisfazer os seus genios aventureiros. O mais novo ficou triste porque levaria muitas saudades dos paes e dos seus amigos e pouca consolação teria coom a vista de novas regiões e costumes — que tudo elle já conhecia dos livros.

Chegou o dia marcado para a partida, e os tres irmãos, despedindo-se dos paes e da côrte que das janellas do paço assistiam á despedida, montaram os seus vigorosos e bonitos cavallos de viagem e partiram a galope. Assim foram seguindo juntos, até que ao cahir da tarde depararam com tres caminhos que se cruzavam. Disse então o principe Rubi:

— "Irmãos, cada um de nos seguirá por caminho differente, e de hoje a um anno aqui estaremos para entrarmos juntos na capital.

Despediram-se, e cada qual seguiu o seu destino. Rubi, que foi pela direita, encontrou-se, já alta noite, á porta da morada dum pobre pescador. Bateu e pediu agasalho, e, como visse que a filha do dono da casa era muito bonita, tratou logo de encetar conversa e contar ao que vinha, já com pouca vontade de sahir dali. A filha do pescador, que não tinha nada de estupida, disse-lhe:

— "Meu principe, triste cousa é andar a correr mundo sem um pagem que o acompanhe, sem ninguem que o trate! O melhor é V. Alteza ficar comnosco.

— "De vontade ficaria eu, se não fosse ter de procurar uma prenda, que ha de ser um cãosinho, para levar ao rei meu pae.

— "Nós temos uma cadella de agua muito bonita; em tendo um filho cria-se com todo o cuidado e V. Alteza o levará ao rei.

O principe achou boa a idéa, e por ali ficou.

Esmeraldino, que fôra pela estrada do centro, foi andando, andando, até que chegou á casa dum moleiro. Bater á porta, disse quem era, e pediu agasalho por essa noite. Tambem o moleiro tinha uma unica filha, que era bonita devéras. A farinha que a empoava ainda mais formosa a fazia e não a deixava queimar do sol nem crestar com as ventanias do norte. Ficou o principe muito satisfeito, e, para passar o tempo contou ao que vinha. Disse-lhe a moleirita:

— "Então V. Alteza ha de ir assim por esse mundo de Christo, exposto a mil perigos? Melhor seria aqui ficar comnosco.

— "Bem ficaria, se não fosse ter de procurar a prenda que meu pae deseja.

— "Ora! Isso não o deve apoquentar, por que a nossa cadella de caça vae ter um cachorrinho que vamos criar com todo o cuidado, e V. Alteza o levará ao rei seu pae.

O principe deu razão á rapariga, e por ali ficou tambem.

Diamante, o mais novo dos irmãos, que tinha ido pela esquerda, andou por um caminho muito pedregoso e triste onde não via sombra de cousa viva. Assim passou a noite e o dia seguinte e ainda outra noite, até que ao fim do terceiro dia — em que já estava desanimado e dizia com os seus botões: — Senhor, que caminho será este e para onde me levará tão cheio de pedras, tão esquecido de Deus e dos homens? ! — avistou ao longe uma luzinha a brilhar. Mais animado para lá se dirigiu os passos do pobre animal, que mal podia mexer-se. Depois de muito andar deparou com as portas duma grande quinta, abertas de par em par. Como não tinha onde se mettesse, não esteve com cerimonias, entrou e viu uma lindissima rua de arvores seculares igual a outras que formavam uma bella matta. Depois deu com jardins esplendidos, e no fim, todo illuminado, como para sumptuosa festa, um enorme palacio, melhor que todos os que elle até ahi tinha habitado e até visto nos livros.

Muito intrigado perguntava a si mesmo que região, que paiz seria aquelle que tinha atravessado e onde se encontrava, e de que os seus mappas não davam conta?! Emfim, resolveu-se a entrar e a pedir pousada, visto que ninguem apparecia ali que o attendesse. Apeou-se, amarrou o seu ca-

vallo a uma columna de marmore do pateo, e subiu as largas escadarias que eram uma verdadeira maravilha. Não fazia senão admirar os quadros, as estatuas, as tapeçarias riquissimas que ornavam aquella habitação, e, percorrendo muitas salas, cada qual mais bella, chegou á casa de jantar. Muito surprehendido ficou quando abriu o resposteiro e viu a mesa posta com todo o luxo, mas só com um talher. Como estava cheio de fome e o appetitoso cheiro dos manjares ainda mais lh'a augmentasse, sentou-se e começou a servir-se, dizendo :

— Se vier alguem contarei o que me succedeu e não terá coragem para se zangar commigo.

Elle que pensava isto, quando uma porta do fundo se abriu, e viu com a maior surpresa uma dama ricamente vestida, com uma coróa de perolas e brilhantes na cabeça, um leque precioso nas mãos cheias de aneis, mas com um horrendo focinho de macaca. Atraz seguiam dois pagens, a segurar-lhe a cauda do manto, e muitas damas e cavalleiros, mas todos com a mesma cara de macacos. Diamante estava verdadeiramente surprehendido, mas não deu a perceber, como é de boa educação. Levantou-se logo, fez á macaquinha a mais respeitosa reverencia, e pediu desculpa do seu atrevimento.

—"Não tem que pedir desculpa, meu principe, — respondeu-lhe com a mais suave das falas — já era esperado neste palacio e por isso todos nós estamos em festa. Queira desculpar de o não ter mandado receber pelos meus homens de armas, pagens, musicos, cavalleiros e nobres senhores que me servem, mas tive receio de o assustar, visto que todos são semelhantes a mim.

O principe Diamante ainda uma vez se confessou agradecido a tanta gentileza e deu a mão á dama *Macaca* para a conduzir á mesa. Ella bateu as palmas e logo uma nuvem de criados fardados veiu servir o hospede. Quando acabou a refeição, a que a dona da casa assistiu sem comer nada, levantou-se e disse para o principe, que a imitou :

—"Agora vou mostrar-lhe os seus aposentos e amanhã conversaremos, porque hoje o que precisa é descansar.

O moço cavalleiro estava cada vez mais admirado pela ordem, riqueza e belleza de tudo quanto via. Ao lado da camara, que lhe era destinada, e estava preparada como se ali o esperassem, mostrou-lhe a *Macaca* a livraria mais rica que jámais tinha visto.

—"Como V. Alteza estima muito estes fieis companheiros, escolhi o seu quarto proximo delles. Tambem aqui tenho alguns sabios que muito honrados ficarão se os chamar para continuarem os seus estudos.

Diamante agradecida tudo e quando se viu só não fazia senão dizer comsigo :

—" Mas onde estarei eu, que paiz de macacos será este que não conheci'a ? Com que cara ficarão os meus geographos quando lh'o disser !...

Como não podia resolver tal problema, adormeceu, e já a manhã ia alta quando acordou. Mal tocou na campainha appareceram-lhe tres criados, tambem com caras de macacos, carregados com agua, perfumes e riquissimos trajes de côrte para o vestirem.

Foi almoçar, e a *Macaca* appareceu, com o cortejo do costume — pagens a segurarem a cauda, damas e cavalleiros vestidos com a maior gravidade e luxo. Ella sentou-se á mesa, a fazer companhia ao hospede, conversando com intelligencia e espirito e mostrando possuir uma fina educação e ser instruida como raramente o são as mulheres, mesmo da mais alta aristocracia. O principe caminhava de surpresa em surpresa e dizia comsigo: — Senhor, a macaca é muito feia, mas eu estou aqui tão bem que nada me lembra.

Os divertimentos que a senhora *Macaca* imaginava para distrahir o seu hospede eram tantos que elle nem tinha tempo de pensar que o tempo corria. Theatros, corridas, caçadas, saraus, concertos, nada faltava para alegrar o joven principe e fazel-o passar o tempo sem dar por isso.

Uma noite, quando Diamante ceiava, viu a *Macaca* muito triste, levando o lenço aos olhos a cada momento.

— "O que tem, minha senhora, — perguntou elle afflicto — que assim a apoquenta ? Tem razão de estar aborrecida porque eu vim para passar uma noite e cá já estou ha uns poucos de dias !

—"Oh principe, não diga tal ! Eu estou pezarosa mas é porque amanhã faz um anno que aqui chegou e terei que o ver partir.

—"O que ha de ser de mim, senhora ? Pois, se é certo que estou aqui ha um anno, onde poderei agora ir procurar a prenda para meu pae ? E o meu pobre cavallo, que será feito delle, que nunca mais me lembrei de o mandar tratar ? !

—"Descance, que elle foi bem tratado, e amanhã o verá. Emquanto á prenda, não pense nisso, que eu já pensei. O que lhe peço é que não se esqueça de mim.

—"Como me havia de esquecer de quem me tratou tão bem, que me pareceu alguns dias apenas o anno que passei neste palacio !

—"Pois aqui voltará, meu principe, e não será tarde. Amanhã metta a mão debaixo do travesseiro, que lá encontrará a prenda para seu pae. Mas não a veja senão depois de a entregar.

No outro dia, logo que acordou, metteu o principe a mão debaixo do travesseiro e encontrou uma cadessinha muito pequenina. Sem saber o que continha, a guardou no bolso.

A *Macaca* já o esperava na sala: depois do almoço, acompanhado de toda a *macacada*, seguiu até ao fim da quinta, e, despedindo-se de todos com grande magua, partiu.

Quando chegou á encruzilhada viu que os irmãos traziam dois enormes cães presos por uma corrente e pensou: — meus irmãos trazem dois bellos cães, e eu que levarei aqui ? Seja o que Deus quizer, que em nenhum empenho faço em ficar rei.

Os outros dois olharam um para o outro e disseram com muita satisfação: — olha o nosso irmão não traz nada ! E' tão esperto e não soube procurar o cão que nosso pae exige para escolher o que ha de ser herdeiro da coróa.

Mal chegaram defronte do palacio, onde tudo já estava a postos para os receber, começou o povo a dar vivas ao principe mais novo; mas o rei mandou calar tudo porque só no dia seguinte as prendas seriam apresentadas.

Os tres irmãos apearam-se no pateo e correram a abraçar os reis, passando todos aquella noite na maior harmonia.

Ao outro dia já o conselho estava reunido quando os principes foram chamados e com elles entrou toda a côrte e abriram as janellas para o povo saber do que se tratava.

—" Meus filhos, entregae as prendas que vos pedi e que deve ser um cão bom e bonito para nosso guarda, — disse o rei com solemnidade — por elle se julgará qual tem de ser o rei.

Adeantou-se o principe Rubi e entregou um bonito cão da agua, dizendo com soberba :

—" Esta, Senhor, é a prenda que vos trago; melhor não ha na sua raça. Espero pois ser eu o eleito.

—"E' bom para guardar o jardim — respondeu o rei.

Veiu Esmeraldino e entregou com orgulho o formoso cão de caça que a filha do moleiro tinha criado com todos os cuidados.

—"E' muito bom para quando formos montear — respondeu o rei.

Por fim adeantou-se o terceiro, e, com um ar de modestia que lhe ficava muito bem, disse:

—"Entrego-vos esta cadessinha para V. Magestade mandar abrir.

O rei levantou a tampa e disse:

—"Filho, dentro só está uma noz.

—"Meu pae, faça V. Magestade o favor de a mandar partir.

Partiram a noz e saltou de dentro um cãosinho de ouro, a cousa mais graciosa e linda que olhos humanos tinham deparado.

Tinha um cadeado ao pescoço que dizia — *para a rainha* — ladrava como se fosse de carne, e a correr se foi metter na manga do vestido da sua dona.

Quando a côrte viu esta preciosidade começaram todos a gritar :

—"Viva o principe Diamante, que ha de ser o nosso rei ! Viva, que elle é quem ganhou o premio de ser rei !

O pae, vendo que Rubi já espumava de colera e Esmeraldino parecia premeditar alguma traição, disse em alta voz :

—"Calae-vos, senhores, que os meus filhos ainda tem que ir fazer outra jornada de um anno. Não se ganha o throno assim com essa facilidade.

Quando tinham passado alguns dias e os julgou descansados, chamou-os e deu-lhes parte que os mandava viajar por outro anno e daria o throno áquelle que lhe trouxesse uma peça de linho tão fino que coubesse pelo fundo de uma agulha.

Os dois principes mais velhos ficaram satisfeitos por verem adiada a eleição e tambem por poderem ir encontrar-se com as raparigas de quem gostavam, mas Diamante, apezar de muito estimar a *Macaca*, ia triste por deixar os paes.

Mal chegaram á encruzilhada despediram-se, e o mais velho partiu como um raio em direcção á casa do pescador.

Abriram-lhe logo a porta com toda a alegria, e, quando elle contou ao que vinha, respondeu a rapariga:

— Ora! não vá correr mundo por tão pouco. Eu tenho ali uma porção de linho, vou já principiar a fial-o, e depois de tecido se fará a peça que S. Magestade deseja.

Aquelle por ali ficou.

O segundo chegou á casa do moleiro, foi recebido com a mesma alegria, e, quando disse o que o trazia, logo a rapariga lhe respondeu:

— Não vale a pena V. Alteza correr riscos e perigos por uma cousa que eu poderia fazer. Tenho estopa para fiar. Vou amanhã pol-a na roca e depois de tecida ninguem dirá senão que é fina bretanha.

Esmeraldino, que nada entendia dessas cousas e que desejava ficar, acceitou logo a proposta.

Diamantino seguiu o caminho já conhecido, até chegar junto da sua querida *Macaca*.

Se no primeiro anno as festas e os divertimentos eram muitos, no segundo então não se fala! Ali passou o tempo, sem que o joven principe se lembrasse de deixar aquelle palacio. Quando ao fim do anno lhe appareceu a *Macaca* toda chorosa e disse o mesmo que no anno precedente tinha dito, ficou todo afflicto, por ver que tinha terminado o praso, e disse:

— O que ha de dizer meu pae quando eu lá apparecer sem prenda alguma?!

— Quanto a isso você não se apoquente, que onde achou a primeira achará a segunda.

De manhã, quando acordou metteu a mão debaixo do travesseiro e apenas encontrou uma avelã. Pegou naquillo e guardou muito bem guardado, apezar de lhe parecer uma cousa muito insignificante. Depois seguiu-se a despedida, que ainda foi mais cordeal e saudosa que no anno precedente. Quando deu o ultimo adeus á *Macaca*, disse-lhe ella com tristeza:

— Espero que não se esqueça de mim, e tenho fé que voltará breve.

Quando os tres irmãos se avistaram, disse o mais novo comsigo: — que grandes peças de panno que meus irmãos levam! como poderão caber pelo fundo duma agulha? E eu, quem sabe o que levarei aqui?!... E os mais velhos, todos satisfeitos, disseram um para o outro: — então o nosso irmão não trará nada? Pois nós levamos bem boas peças de linho!

Mal chegaram em frente do palacio, onde toda a gente os esperava, levantou-se grande brado a victoriar o principe Diamante; mas o rei mandou calar tudo e só no dia seguinte foram apresentadas as prendas. Rubi entregou a sua peça de panno de linho, e o pae disse-lhe:

— E' boa para toalhas da despensa.

Esmeraldino entregou a peça de estopa, e o rei disse:

— Sim, é boa para toalhas da cozinha. E voltando-se para Diamante: meu filho, a prenda que te pedi?

— Aqui vos entrego, real Senhor, esta avelã. Peço o favor de a mandar partir.

— Filho, dentro da avelã está um agulheiro.

Abriu o agulheiro e sahiu de dentro uma agulha com uma peça de linho enrolada, enfiada pelo fundo. Começou a desenrolar-se, e um metro a medir panno sem conta, a cousa mais fina e delicada que até ahi se tinha visto no mundo. Só mãos de fadas em seus paizes sobrenaturaes poderiam ter fiado e tecido esse panno mais fino que teia de aranha e consistente bastante para se poder fazer toda a obra.

Celeste Barbosa, graciosa filhinha do Sr. Messias Barbosa, fantasiada de Republica Brasileira no ultimo carnaval

Ora, toda a gente se enthusiasmou com tal belleza e levantou-se logo um grande alarido a acclamar o moço principe.

Então falou a rainha assim, vendo a raiva dos dois irmãos, Rubi e Esmeraldino:

— As prendas mais bonitas tem sido as do nosso filho Diamante, mas isso não basta para que se lhe deixe o throno. E' preciso que voltem todos tres a viajar e que no fim dum anno tragam cada um a sua noiva. Aquelle que escolher a mulher mais formosa e instruida será o nosso herdeiro.

Dahi a dias tornaram os principes a apromptar-se para a viagem. Os dois mais velhos iam muito contentes por terem ainda mais alguma esperança e tambem por tornarem a poder passar um anno com as filhas do moleiro e do pescador, e ellas mais contentes ainda ficaram quando souberam que ao fim desse anno seriam feitas princezas.

Diamante ia muito triste a pensar: — que vou eu fazer da minha vida? Os meus irmãos têm noivas pobres, mas são boas raparigas e bonitas, e eu nada tenho que possa apresentar a minha mãe! Só conheço a *Macaca*, e é della que gosto, porque só na sua companhia o tempo me corre doce e ditoso. Mas como hei de eu levar para a côrte uma *Macaca*?

Neste proposito se dirigiu ao palacio, onde tudo o esperava em festa, e em breve se esquecem da sua preoccupação, porque as festas, as leituras e as conversas com a dona da casa, tudo parecia melhor e mais interessante do que nos outros annos. O principe dava-se perfeitamente com aquelle povo de macacos, que só na cara o eram, pois em tudo mais eram homens e senhoras com a mais perfeita educação e intelligencia.

Assim se passou um anno sem dar por isso. Quando chegou a vespera da partida, veiu a *Macaca* carregada de luto, choramlo, e igualmente toda a sua côrte. Perguntou-lhe o hospede qual a causa de tanta afflicção.

— E' que faz amanhã um anno que chegaste aqui e tendes que vos ir embora.

— Ai! o que ha de ser de mim, que não procurei noiva para levar a minha mãe! Que ella ha de dizer?

— Se não levaes noiva é porque não quereis. Levae-me a mim.

— Então eu hei de apparecer lá com a senhora?!...

— Os seus irmãos levam as suas namoradas e V. Alteza porque não me levará?

— Não, não, isso não farei! Sou muito seu amigo, e então fico na sua companhia, mas leval-a não levo.

— Muito obrigada, mas não posso aqui tel-o mais tempo. Ou me ha de levar ou então tem que partir, e nunca mais nos veremos.

E nisto se poz a *Macaca* a chorar tão afflictivamente que o principe não poude resistir mais e disse-lhe:

— Pois então leval-a-ei! Tudo, menos perder uma tão boa e querida companhia.

Imagine-se como a *Macaca* ficaria contente, ella e toda a sua côrte! Foi a noite de maior alegria de todas quantas o principe Diamante ali tinha passado. De ver a *Macaca* tão feliz, estava elle tambem tão satisfeito que dava por bem empregado tudo quanto depois soffresse.

Ao outro dia de manhã quando acordou já veio toda a *macacaria* a postos, e notou com pena que a dona da casa, que costumava sempre andar riquissimamente vestida, tinha escolhido o traje mais ridiculo e feio que se pode imaginar. A carruagem que os esperava não parecia senão que na sua

vida nunca tinha visto agua, e dum feitio tão antigo e exotico que o rapaz ficou desanimado. A comitiva era enorme, mas tudo tão grotesco que elle não sabia em que pensar. Mas, como era cavalheiro e tinha dado a sua palavra, não fez nenhuma observação á noiva, que não fazia senão rir e pular de contente.

Quando chegaram á encruzilhada e foram avistados pelos irmãos, começaram elles a gritar em ar de mofa:

— Olha o principe Diamante que traz uma *macaca* para casar! Descobriu o reino dos macacos, e quer ser o rei delles.

As raparigas riam tambem e apontavam para o carro, com tregeitos de rusticas trocistas.

O principe curtia comsigo a sua magua e fingia nada ouvir, conversando com a noiva. Ella, por mais que ouvisse, não deixava de rir, e dizia para o noivo:

— Então não me acha muito bonita e bem vestida? O nosso carro é o mais rico que ha no mundo, os nossos cavallos são da mais pura raça ingleza, os criados têm uma farda brilhante, e as minhas damas vão dar brado na sua côrte pela formosura, assim como os cavalleiros pela sua opulencia, graça e alta educação.

E o moço Diamante cada vez se entristecia mais julgando que a noiva estava maluca, pois nunca a vira tão mal vestida e feia.

Assim foram andando até chegar em frente do palacio onde os dois irmãos mais velhos tinham chegado já e narravam com grande troça como vinha o irmão. Mal o avistaram ao longe chamaram os paes, e toda côrte correu á janella.

Nisto, os cavallos dão uma galopada, e num abrir e fechar de olhos tudo se transformou! A *Macaca* appareceu a mais linda mulher do mundo e tão ricamente vestida que o resplendor das joias quasi cegava. Uma varinha que trazia na mão transformou-se num sceptro feito dum rubi e na cabeça uma corôa imperial brilhava como um sol. Os criados, a carruagem, pagens, cavalleiros, damas, e os proprios cavallos, tudo se tinha mudado. O que, havia pouco, parecia velho, feio e ridiculo, só mostrava belleza, riqueza e bom gosto. Os damascos e os velludos lavrados, o ouro e as pedrarias sem preço, eis no que se tinham tornado os rasgões, a lama e as velhas cousas que faziam rir. As damas eram realmente tão formosas e os cavalleiros tão guapos e desempenados mancebos que uns e outros fizeram empallidecer de inveja tudo quanto andava na côrte com fama de bello.

Foram então apresentadas as noivas pelos seus respectivos noivos e tanto o povo como a côrte teve só uma voz para acclamar o principe Diamante.

Os mais velhos estavam desesperados, mas, tanto elles como as proprias raparigas, confessavam que era justiça, pois não havia formosura que igualasse á da noiva do irmão mais novo. Foi então que ella se adeantou, e, fazendo um gracioso cumprimento, pediu venia aos reis para falar. Em silencio escutaram todos a historia, que contou assim:

—"Senhor rei e rainha minha Senhora, principe meu futuro esposo, meus cunhados e todos vós, senhoras e senhores, ouvi a historia bem triste da minha vida. O mais rico imperador do mundo, aquelle que todos vós acataes e respeitaes como principal entre os soberanos da terra, era casado havia muitos annos e vivia desgostoso até mais não, por lhe faltar um herdeiro do seu sangue que á sua morte herdasse tão grande poderio.

"Tratava tão mal a imperatriz sua esposa, e tinha-a em tão grande desprezo, que nunca a tinham visto em passeio ou recepção; nunca o seu palacio se abriu a festas para as quaes fossem convidadas senhoras, o que obrigaria a apparecer a imperatriz. Emfim, era uma vida tão triste a desta soberana, que ella invejava mil vezes as camponezas pobres, mas alegres e livres, que via passar da varanda dos seus reaes aposentos, mais soliitarios do que uma prisão.

"Chegou a ponto que as criadas que a serviam foram um dia ter com o imperial esposo e pediram-lhe que ao menos mudasse a sua senhora para um palacio do campo, porque assim teriam mais socego e liberdade, sem ninguem a incommodar com a sua presença. O imperador consentiu e fez-se logo a mudança para um palacio escondido entre arvores e flores, que lhe pertencia, mas onde nunca ia.

"A pobre senhora, mais alliviada na sua desgraça, sentou-se á janella do seu quarto e viu um jardim lindissimo onde uma macieira vergava ao peso dos frutos mais lindos que se pódem imaginar. Desceu, saltou um muro que era baixo, e comeu a melhor maçã que encontrou, tão dourada e macia como nunca tinha visto. Depois apanhou algumas para o regaço e ia voltar para casa quando lhe appareceu o mais feio e monstruoso dos gigantes, que lhe gritou:

—"Quem te mandou vir aqui roubar os melhores frutos da minha arvore?!

—"O que? Pois estas maçãs não pertencem ao imperador, meu esposo?

—"Não; este jardim é meu e só eu aqui governo.

—"Pois então desculpae, que eu vos pago a maçã que comi e estas que aqui levava.

—"Não quero que m'as pagues, mas exijo que me tragas o seu fruto daqui a sete annos. Senão, tudo quanto pertence a teu marido será arrazado.

"Desappareceu o monstro, e ella foi para casa muito pensativa, nada dizendo do que lhe tinha acontecido.

"Passou-se tempo e um dia mandou a imperatriz chamar o marido, disse-lhe o que tinha acontecido, e mostrou-lhe uma menina que tinha nascido por milagre das maçãs magicas.

"Elle ficou doido de contente por já ter uma filha e dahi para deante levava a esposa a toda a parte, apresentava-a como tal, e fazia-lhe todas as vontades e gostos. Toda a gente admirava, e não sabia a causa, pois que a princeza ficára na quinta e era educada com o maior segredo, visto que a tinham de entregar dahi a sete annos.

"Iam vel-a muitas vezes; e de dia para dia a encontravam mais bonita e engraçada, de maneira que era uma adoração o que por ella sentiam os paes.

"Chegado que foi o dia de fazer sete annos, foram ambos á quinta e depois de muitos choros e lamentos entraram no jardim do gigante, que logo lhes appareceu, dizendo:

—"Se hoje aqui não viessem com a menina, tudo vos seria arrazado. Agora podeis ir e os vossos exercitos serão sempre victoriosos e tanto na paz como na guerra não haverá povo mais feliz.

"Os imperadores foram-se embora e o gigante foi para sua casa levando a menina nos braços. Entrou numa torre muito alta onde viviam tres velhas bruxas e entregou-lhes a menina para a educarem. Ellas criaram-n'a e ensinaram-lhe tudo quanto uma senhora precisa saber para se apresentar em toda a parte sem vergonha.

"Morreram duas das velhas e a menina ficou só com uma, que era de todas a peor. Passava uma vida muito solitaria e desconsolada, até que um dia, que a velha tinha sahido, chegou á janella e viu passar um moço cavalleiro que andava á caça. Elle tambem a viu e gostou tanto della que lhe pediu licença para lhe falar, mas a janella era tão alta que não podia dizer nada que se ouvisse.

"Estava a menina muito triste, quando lhe diz dali um carneirinho que havia na torre e era o companheiro mais fiel que tinha:

—"Se a menina não fala ao cavalleiro é porque não quer.

—"Então que hei de fazer, meu carneirinho?

—"Olhe, vá buscar a meada de linho que a velha ali tem, faça uma escada nos meus chavelhinhos, e deite-a da janella que já por ella o cavalleiro poderá subir.

"A menina assim fez e o rapaz subiu, sentando-se ambos a conversar. Estavam elles sem pensarem em desgraças, quando appareceu a bruxa desesperada como uma fura. Dirigiu-se ao cavalleiro e disse-lhe:

—"Viva, meu senhor! Por onde subiu ha de descer. Tu, meu carneiro, já foste o alcoviteiro, hei de te matar e comer. E a menina, já que seguiu os conselhos do carneiro, ha de se tornar em macaca até que um principe queira casar comsigo".

—"Eis a razão por que eu estava encantada e commigo todos estes cavalleiros e damas que eram senhores na côrte de meus paes e que o gigante mandou reunir para me servirem no lindo palacio que me deu e que o principe conhece. Agora é preciso esperar meus paes, que já mandei prevenir, e V. Magestade dê o seu reino aos principes Rubi e Esmeraldino, porque Diamante reinará commigo e será o imperador dos imperadores.

Quando a bella senhora acabou de dizer isto, todos a victoriaram muito e ao principe seu noivo, mas o povo sempre ficou triste por elle não ficar sendo seu rei.

Quando chegaram os imperadores, acompanhados da maior comitiva que se tem podido reunir no mundo, ficaram doidos de alegria por verem a filha, assistiram aos tres casamentos, nos quaes se fizeram as maiores e mais brilhantes festas que até ahi se tinham visto, e depois foram então para o seu imperio, levando a filha e o genro que logo foram jurados herdeiros.

E' excusado dizer que foram todos muito felizes, e por isso está o conto acabado.

AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOE'

O pae de Robinson Crusoé sempre procurou dissuadir o filho da idéa de viajar pelos mares em fóra. Apresentava-lhe, em palestra, os inconvenientes e os perigos das viagens em navios que ainda não possuiam o conforto e a segurança dos de hoje.

Robinson, porém, surdo ás recommendações paternas, partiu num grande navio. Estava radiante! Era a sua primeira viagem. A principio o mar estava calmo. Sobreveiu, logo depois, furiosa tempestade e...

... o navio naufragou. O pobre Crusoé lutou muito contra a furia das ondas, mas conseguiu salvar-se, nadando até uma ilha deserta. Era quasi noite.

Sem ver habitante algum, Robinson, temeroso de ser devorado pelos animaes ferozes, passou a primeira noite trepado no ramo de alta arvore.

Na manhã do dia seguinte, conseguiu chegar a nado ao navio naufragado, de onde trouxe ferramentas, com as quaes construiu uma jangada. Tencionava partir.

Construiu ainda uma especie de marco, onde gravou a data da sua chegada á ilha deserta, mas de uma belleza rara.

Pouco depois, inspeccionando a ilha, avistou uma cabra e um cabritinho. A fome era muita — o joven não comia ha varios dias — e não hesitou: matou a cabra e levou comsigo o cabrito.

A necessidade é a mãe da industria, sabia-o Robinson, e por isso tratou de construir habitação e apparelhos de varias ordens.

(Continúa)

HISTORIA DE GULLIVER

Gulliver, cujo gosto pelas viagens era bem igual ao do bastante conhecido Robinson Crusoé, de quem neste mesmo almanach reproduzimos as aventuras, vivia desde muito tempo imaginando um grande passeio pelo mar. Terminando todos os preparativos da viagem, um bello dia Gulliver partiu de sua patria, em demanda de terras longinquas, depois de se despedir da esposa adorada, que ficou cheia de saudades pelo companheiro que se apartava.. A principio, a viagem correu sem accidentes e Gulliver exultava de contentamento. No alvorecer de um certo dia, porém, uma tempestade pavorosa assaltou o navio do aventuroso joven, desarvorando-o, fazendo-o naufragar e

atirando Gulliver a uma praia desconhecida e deserta. O infeliz naufrago passou varias horas desacordado, exhausto pela fadiga, pelo grande esforço que despendeu a lutar contra as ondas enfurecidas. Quando Gulliver, algum tempo depois, recuperou os sentidos, viu que os habitantes do paiz para onde as ondas em furia o arrojaram eram os lilliputianos, que, como vocês sabem são homens cuja altura maxima é de dez centimetros. Com grande espanto, Gulliver viu que os mais altos dos lilliputianos eram quasi vinte vezes menores do que elle. E sabem em que condições o naufrago poude constatar semelhante cousa? Vamos dizer. Os lilliputianos tinham-se aproveitado do seu somno profundo, do seu prolongado deliquio, para ligar-lhe as pernas e os braços por meio de cordões e cabrestantes. Para executar semelhante trabalho parece terem sido designados todos os da Lilliputiania! O pobre captivo do minusculo povo, amarrado solidamente, não podia fazer movimento algum. Mesmo que quizesse libertar-se dos laços que o prendiam, mandava a prudencia que tal não fizesse. Nestas condições

Gulliver foi içado por altos guindastes para dentro de um carro, para elle muito pequeno mas de proporções gigantescas para os lilliputianos, afim de ser conduzido á capital do paiz. Foram precisos, dizem as velhas historias do tempo antigo, dois mil e quatrocentos homens para ligar-lhe os pés e as mãos e cem mil, sem exaggero algum, para puxar o carro onde elle fôra collocado. Teve o naufrago a felicidade de cahir nas boas graças do rei da Lilliputiania, que lhe restituiu a liberdade, mandando que toda a côrte trouxesse alimento para o gigante. Cada refeição de Gulliver equivalia á alimentação diaria de cinco mil lilliputianos. Nesta occasião a Lilliputiania declarou guerra a

uma nação visinha e Gulliver teve ensejo de mostrar a sua gratidão a tão hospitaleiro povo. Num combate naval entre os lilliputianos e os inimigos, o bravo Gulliver com uma grande rede de pesca capturou de um só golpe toda a frota adversaria, que se compunha de centenas de galeras pouco maiores do que uma caixinha de sabonetes. Em reconhecimento por tão eminente serviço prestado á patria, os lilliputianos resolveram por unanimidade que se construisse um grande navio para uso pessoal do grande heroe, que tão galhardamente annniquilara o formidavel poder naval do inimigo.

(Continúa)

HISTORIA DE GULLIVER (Fim)

Mas não foi unicamente o feito de aprisionamento da frota de guerra inimiga que tornou Gulliver querido dos lilliputianos. Uma outra vez o hospede da Lilliputiania salvou a capital do paiz, ameaçada de ser devorada por um grande incendio. Utilisou-se de um grande balde e despejou agua do mar sobre os predios incendiados. Debellada a crise do fogo Gulliver recebeu do povo uma imponente manifestação e magnificos presentes. Mas, apezar de tantas gentilezas dos seus novos amigos, que tudo faziam para se tornarem agradaveis ao gigantesco hospede, este a cada dia que passava mostrava-se entediado, aborrecido. E um bello dia, após ultimar todos os preparativos de partida, Gulliver, no bello navio que lhe fôra dado, deixou a Lilliputiania no meio da maior consternação de tão hospitaleiro povo. Depois de alguns dias da mais feliz viagem, um temporal impetuoso fez naufragar o navio de Gulliver, que ficou muitas horas a lutar contra as ondas. Mas os ventos pareciam favorecer a vida do arrojado navegante. Assim é que o atiraram a uma praia

cheia de recifes do paiz dos gigantes, homens que eram cincoenta vezes maiores do que Gulliver. Tremendo de medo ao avistar taes collossos, Gulliver consegue, andando de gatinhas, chegar a um campo de trigo e esconder-se debaixo de algumas espigas. Esse seu expediente não logrou grande exito. Era a epoca da colheita e pouco depois alguns camponezes, procedendo á recolta, descobriram-no e, apanhando-o com precaução, o collocaram dentro de um cesto onde podiam caber talvez dois mil homens da estatura de Gulliver. Os camponezes, em seguida, levaram Gulliver á

presença da rainha dos gigantes, que mostrou muito desejo de vel-o. E de tal modo ficou encantada com o tamanho e modos de Gulliver que ordenou ficasse elle no palacio real como uma rara curiosidade.

A rainha cercava Gulliver de especiaes cuidados e carinhos. Habeis carpinteiros foram encarregados de construir, com madeiras preciosas, uma casinha para morada do pequenino hospede. A casinha porém era tão leve que uma aguia baixando um dia o vôo no jardim do palacio real agarrou-a e levou-a pelos ares, justamente na occasião em que Gulliver despreoccupadamente dormia no interior.

A aguia, depois de um vôo muito longo, deixou cahir a casinha em pleno mar e Gulliver, fazendo prodigios de equilibrio no telhado, vogou durante horas infindas no immenso oceano. Felizmente porém appareceu por aquellas paragens um navio que recolheu Gulliver e o levou de novo ao seu paiz natal onde a esposa o esperava na mais desesperadora anciedade.

AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOE' (Fim)

Não se deixando dominar pelos obstaculos, o audaz naufrago, dentro de pouco tempo, conseguiu construir uma confortavel e grande canôa — sempre animado pelo desejo de...

... deixar a ilha deserta. Um dia, numa das suas longas peregrinações pela ilha, descobriu na areia, com surpresa, vestigios de passos de pés humanos.

Veiu pouco depois Robinson descobrir a origem de taes pégadas: eram as dos selvagens que percorriam a ilha. Sempre de alcatéa, para não ser surprehendido, Robinson...

... um dia salvou da morte o negro *Sexta-feira*, que os selvagens tinham resolvido matar para comer, e deu-lhe roupas e alimento. O negro tornou-se muito reconhecido a Robinson.

Tornaram-se os dois amigos inseparaveis, e resolveram dar combate de exterminio aos selvagens cannibaes que infestavam a ilha. Empenharam-se em varias guerrilhas.

O negro, tão fiel a Robinson como engraçado, era de uma agilidade de macaco, o que poz á prova no dia em que milagrosamente escapou das garras de um urso, que se divertia a se embalançar numa arvore.

A amizade e companhia do negro não duraram, no emtanto, muito tempo. Robinson perdeu seu fiel amigo, que cahiu morto, um dia, pelas flechas dos selvagens.

Depois, com esforço e trabalhos, Robinson Crusoé pôde, emfim, voltar ao seu paiz natal, depois de passar vinte e oito annos na ilha, que foi baptisada com o seu nome.

AS GRANDES INVENÇÕES

A MACHINA DE COSTURA

THIMONNIER — SEU INVENTOR MORREU POBRE
HUNT, HOWE E SINGER — SEUS APERFEIÇOADORES — FORAM MAIS FELIZES

Todos vocês conhecem a machina de costura, esse util e engenhoso machinismo, que se encontra em quasi todas as casas de familia.

Talvez não saibam, entretanto, que o seu inventor foi Bartholomeu Thimonnier, filho de um tintureiro de Lyon, França.

Thimonnier nasceu em Andresle no anno de 1793 e muito joven ainda abraçou a profissão de alfaiate, estabelecendo-se em Saint-Etienne. Espirito investigador e inventivo, metteu-se-lhe na cabeça substituir a costura á mão pela costura mecanica e alimentou essa aspiração durante longos annos com tenacidade e encarniçamento. Tudo lhe servia de meio de estudo, o seu proprio trabalho de alfaiate, mas sobretudo o exame attento do bordado dos operarios lyonezes. Finalmente em 1830 attingiu o seu fim: inventou a primeira machina de costura, engenhoso instrumento munido de uma agu-

A primitiva machina de costura

lha de *crochet*, que faz o ponto chamado de cadeia.

Thimonnier tirou immediatamente patente de invenção, procurando espalhar essa descoberta e tirar partido della. Mas não foi bem succedido: fugiam-lhe os capitaes. Essa invenção, destinada a tornar-se universal, não passou para elle de uma origem de miserias, de tormentos e de desgostos. Conheceu as privações e até a fome. A' sua passagem, a multidão ignorante chasqueava-o, apontando-o a dedo como um maluco.

Um momento sobreveiu em que Thimonnier se acreditou salvo. Seduzido pela engenhosidade da invenção e presentindo o futuro desta, um engenheiro de nome Beaunier interessou-se por elle. Levou-o para Paris, installou-o numa immensa officina e conseguiu obter-lhe uma importante encommenda de fardamentos militares. Para bem desempenhar essa empresa eram necessarias oitenta machinas; Beaunier forneceu os fundos necessarios. Desta vez alcançara o exito, a gloria talvez. A machina de costura impunha-se ao publico, fazendo as suas provas, que foram concludentes. Immediatamente, porém, teve contra ella os proprios operarios de Thimonnier, que se julgaram ameaçados de ruina num prazo breve.

Por outro lado, os alfaiates do bairro mostravam-se abertamente hostis a esse concurrente terrivel, que fornecia por um preço modico um trabalho mais rapido e mais perfeito. Para desencadear os odios, só era preciso uma occasião. Foi a revolução contra o rei Carlos X. Aproveitando a desordem geral, os inimigos de Thimonnier invadiram-lhe a officina, quebraram-lhe as machinas e tel-o-iam assassinado se elle não conseguisse fugir.

Arruinado e desanimado, o infeliz inventor retomou tristemente o caminho da terra natal, não mais esperando de sua machina nem fortuna nem gloria. Comtudo, tentou viver e montou em Villefranche, perto de Lyon, uma fabrica de machinas de costura, que vendia a 50 francos. Esbarrou com a mesma indifferença, com o mesmo desdem; os seus negocios caminharam de mal para peor.

Entretanto, os americanos apossaram-se-lhe da invenção cuja importancia technica e valor industrial rapidamente apreciaram.

Como praticos, procuraram aperfeiçoal-a e conseguiram-no. Walter Hunt substituiu, em 1834, a agulha de *crochet* pela agulha actual com um orificio perto do bico, assegurando assim a fixidez do fios Um pouco mais tarde, Elias Howe inventou a lançadeira, que permitte effectuar a costura com dois fios. Wehler e Wilson, em 1850 e Singer, em 1854, alargaram o campo da applicação da machina de costura. Por meio de orgãos moveis, adaptando-se facilmente á machina ordinaria, descobriram o meio de executar mechanicamente os pontos mais complicados, as casas, etc.

Mas, áparte as variantes, a machina é sempre a inventada por Thimonnier. Della derivaram todas as machinas aperfeiçoadas de hoje, desde a poderosa gaspeadeira até a luxuosa machina de bordar.

Não se pode contestar essa gloria a Thimonnier. Antes delle toda a costura se fazia á mão. Todavia, deve assignalar-se uma tentativa de costura mecanica em 1804. Nessa epoca dois americanos, Thomaz Stone e Jones Henderson, interessaram-se por essa questão, e, depois de bastantes investigações, pediram patente para uma "machina de confeccionar roupas automaticamente".

Esse apparelho consistia numa agulha ordinaria presa por pinças e impellida através do tecido, recebida e tirada do outro lado por um outro par de pinças, produzindo o ponto de cerzidura. Era uma machina rudimentar, sem nenhuma vantagem nem mesmo a da rapidez, sobre a costura á mão, não sendo susceptivel de ne-

A machina de costura aperfeiçoada

nhum aperfeiçoamento. Foi, pois, abandonada.

Emquanto os americanos, com a machina de Thimonnier, fundavam uma industria de dia para dia mais florescente, este, ignorado e desconhecido de todos, arrastava em Lyon uma existencia miseravel.

As suas machinas a 50 francos não se vendiam, os credores perseguiam-no e elle viu-se reduzido a andar de terra em terra, para expôr e tratar de vender a pobre machina, que era olhada com indifferença e que ninguem comprava.

Por fim, cansado e desanimado, retirou-se para Amplepuis, e os seus derradeiros annos foram uma lucta continua contra a miseria. Morreu a 5 de Agosto de 1857 no meio de todas as privações.

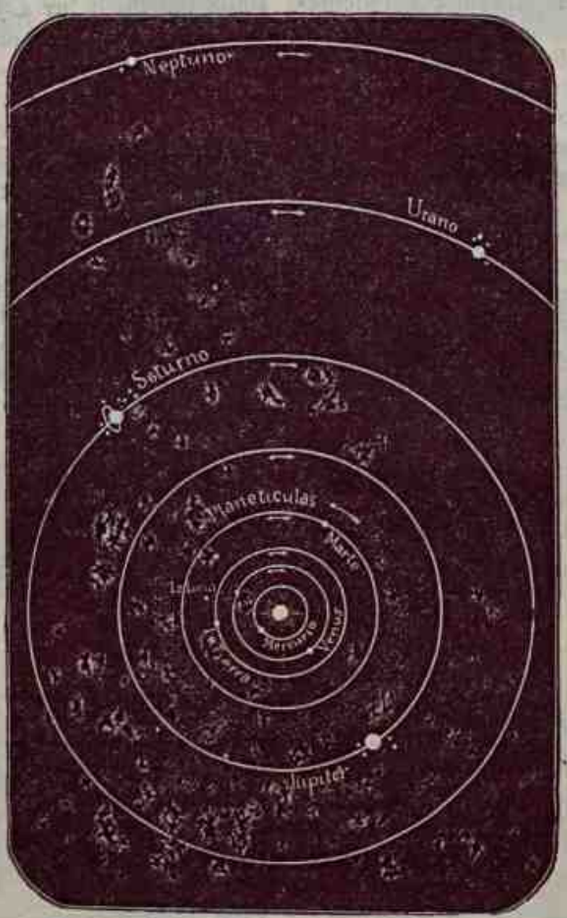
PELO INFINITO LUMINOSO

JUPITER

Particularidades do gigante dos planetas — O movimento de rotação e translação do maior dos mundos do systema solar — Calculos interessantes — Um velho da Terra é uma creança em Jupiter

Jupiter... Vocês conhecem Jupiter? Não queremos falar do poderoso deus do Olympo, mas do planeta que rola nos espaços.

Jupiter é o gigante dos mundos planetarios. E o maior de todos os planetas do systema solar. Visto a olho nú tem elle a apparencia de uma estrella magnifica. Ao telescopio assemelha-se a um enorme globo de nuvens, envolvido por uma atmosphera muito profunda, origem de formidaveis perturbações que modificam constantemente o aspecto do planeta. Essas perturbações são devidas, dizem os astronomos, ao facto do gigante dos céos não ter ainda chegado ao estado de estabilidade a que já chegou a Terra.



O systema planetario

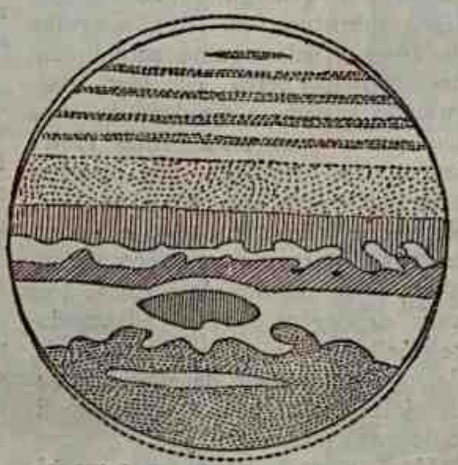
Dizem os sabios que Jupiter, pelo seu immenso tamanho, talvez não esteja completamente solidificado, isto é, todo endurecido como o mundo em que habitamos.

A Terra, como vocês sabem, tem a forma de uma tangerina. E' achatada nos polos e dilatada no meio. Assim é Jupiter, ou melhor, Jupiter tem nos polos um achatamento maior.

O planeta Jupiter é uma tangerina, dissemos. Ao pé delle, se o quizermos comparar áquella fruta, teremos que collocar a Terra do tamanho de um grão de pimenta do reino.

Como sabem, todos nós, aqui, no nosso planeta, temos quatro estações. Em Jupiter não ha disso. Só deve haver uma primavera eterna, affirmam os astronomos. Isso devido á posição do maior dos planetas; o seu eixo de rotação mantem-se quasi invariavel de direcção durante todo o curso de sua larga revolução annual, d'onde resulta a ausencia de estações e de climas.

Durante o inverno não ha neves glaciaes; o calor recebido pelo sol decresce gradualmente do equador para os polos, sem transições bruscas e os dias são iguaes ás noites.



Vista de Jupiter

Quanto á geographia de Jupiter, esse é pouco conhecido. Não se sabe se elle tem immensos continentes, se tem ilhas e outros accidentes geographicos. Nada se poude ver até hoje pelo telescopio. O que se tem visto são umas faixas mais ou menos longas, como vocês podem verificar na gravura, e umas estrias brancas e cinzentas e algumas vezes em tons amarellados, que sulcam a superficie do planeta, principalmente na região equatorial.

Jupiter tem as suas particularidades. E' um planeta muito differente da Terra. Nós temos a nossa Lua e só temos uma. Jupiter tem sete luas, ou melhor, sete satellites. Quatro são muito volumosos, visiveis nas mais pequenas lunetas astronomicas, e tres são pequenos.

Sabem os nossos amiguinhos quantas vezes Jupiter tem o volume da Terra? Onze vezes. Póde-se dizer que a Terra junto delle é uma creança.

Mercurio, Venus, Terra e Marte, collocados topo a topo, não representariam senão um pouco maior dum quarto de diametro de Jupiter, que é de 140.920 kilometros.

Seriam precisos 11 globos terrestres para igualarem a largura desse colosso planetario e 1279 bolas como a Terra, para se ter o volume de Jupiter.

Querem ter a idéa do que estamos affirmando? Um cyclista, que andasse em media 40 kilometros por dia, teria de correr durante 30 annos e 112 dias para dar a volta ao immenso planeta. Para dar a volta á Terra, com aquella mesma velocidade, gastaria apenas 2 annos e 270 dias e apenas 1 anno e 163 dias para percorrer a circumferencia de Marte.

Uma outra particularidade. O cyclista de que falamos, transportado para Jupiter, ficaria menos agil do que no nosso mundo, pois no gigante dos planetas pesaria duas vezes e meia mais do que sobre a Terra. Admittindo que o seu peso terrestre seja de 70 kilos, o pobre homem tornar-se-ia em Jupiter uma especie de elephante, isto é, com o peso de 175 kilos. A bycicleta quebraria com tal peso.

Apezar do seu tamanho colossal, do seu peso estupendo, Jupiter gira agil e rapidamente em redor do

OS JOGOS INFANTIS

O DIABOLO

Todos vocês conhecem o lindo jogo chamado *Diábolo*, pois que é elle o passatempo favorito das creanças nos jardins e nos prados. Ignoram talvez em que consiste o jogo, ou melhor, não são possuidores de certas regras cujo conhecimento é indispensavel para aquelles que querem tornar-se campeões do brilhante passatempo.

O material do jogo consta de duas varinhas e de uma corda delgada, fixa a ambas num dos extremos de cada uma. Em terceiro logar, de um carretel solto, geralmente metallico, com os rebordos de borracha endurecida, da forma que se pode ver nos desenhos juntos.

Fig. 1

Na primeira figura (n. 1), a menina firma o pé sobre um dos extremos do carretel para o levantar pelo outro e pôl-o assim commodamente sobre a corda.

Na fig. 2 já levantou do chão o carretel apoiado na corda e o está fazendo girar sobre ella, mantendo quieta a mão esquerda e subindo e descendo a direita. Esta parte do exercicio é difficil para as principiantes, as quaes devem proceder com ligeireza, para que o carretel lhes não caia no chão, antes de começar a girar equilibrado, e para que se lhes não enrede a corda.

Na fig. 3, a menina, fazendo sempre girar o carretel sobre a corda, dispõe-se a atiral-o no alto. Na fig. 4, o carretel, arremessado pela corda é animado pelo rapido movimento de rotação que se lhe deu, sobe ao ar e, quando um bom jogador o atira, alcança alturas muito elevadas.

Os principiantes começam por atiral-o á cabeça do visinho do lado. Mas o exercicio continuo acaba por tornal-o apto a atirar bem alto o carretel.

Na fig. 5 mostra-se como, ao descer o carretel, se o apanha na ponta da varinha, se lhe faz percorrer a corda e se obriga a girar de novo sobre ella para o atirar ao alto outra vez. O principiante, quando se não acautela, em vez de apanhar o carretel no extremo da varinha, apanha-o em cima do nariz, da testa ou de um olho, o que lhe faz ver estrellas.

Fig. 2

Não é, portanto, cuidado excessivo, estar provido de arnica para se começar a aprendizagem do *Diábolo*, e recommendar ás pessoas amigas que se afastem, se ellas préviamente não tiverem tido o cuidado de fazel-o.

Fig. 3

Embora seja sufficiente passatempo para, uma pessoa só, encontrar, nelle, recreio individual, o *Diábolo* é, todavia, mais animado em partidas de differentes pessoas, que atiram o carretel umas ás outras; perdendo um tanto, que se combine, aquella que deixe de apanhal-o no ar. Estas partidas jogam-se num *campo*, dividido ao meio por uma *rêde* como as do *tennis*, e com limitações aos lados e por detraz, para marcarem o terreno, fora do qual é tambem defeso que o carretel caia.

Ha ainda a tomar em conta estes conselhos: 1.º Que a corda tenha meio metro mais do que a altura do corpo do jogador; a maioria das cordas são excessivamente pequenas para pessoas altas. 2.º Que o carretel não seja demasiadamente leve e esteja perfeitamente equilibrado, sem o que não é possivel jogar bem.

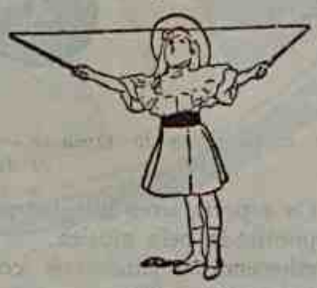


Fig. 4

Fig. 5

Para attingir a perfeição, sobretudo jogando partidas com outras pessoas, deve dar-se preferencia aos carreteis que têm o centro constituido por um nucleo de aço, que lhe dá extraordinaria elasticidade.

Sol. Effectua a sua rotação diurna em 10 horas. O dia de lá é quasi duas vezes menor que o de cá. São cinco horas de noite, cinco horas de sol.

O anno é que é maior. O nosso anno é de 365 dias. O de Jupiter é de 10.455 dias, o que quer dizer que um anno do maior dos planetas equivale a doze annos terrestres. A rotação annual de Jupiter em volta do Sol effectua-se em 11 annos, 315 dias e 12 horas.

Uma creança que aqui tivesse dez annos não teria um anno em Jupiter; um velho que aqui tivesse 80 annos, em Jupiter andaria de calças curtas, se é que em Jupiter se usam calças. Teria lá apenas sete annos.

Maravilhoso, não é?

O Japão é um dos poucos paizes do Globo onde noventa e cinco por cento da população sabe ler e escrever.

ooo

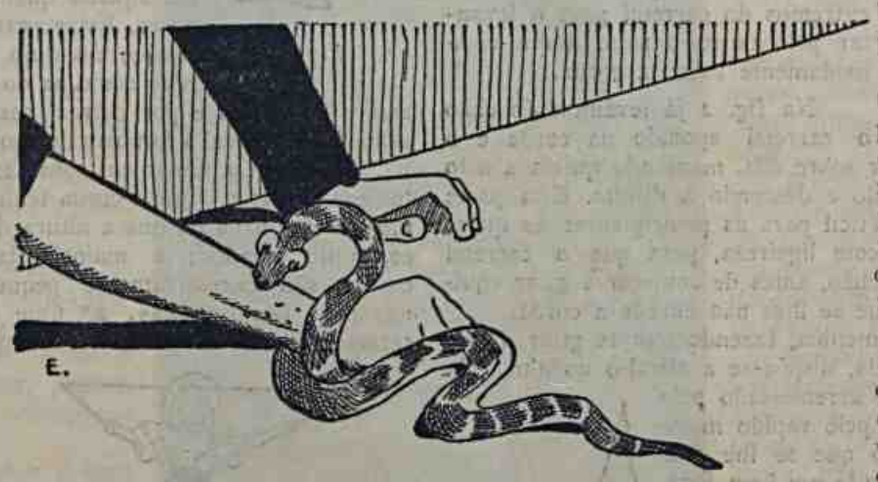
Em todo o mundo ha seguramente uns trinta mil tremores de terra annualmente.

HYPNOTISADORES DE COBRAS

Vocês, que são todos muito bons leitores d'*O Tico-Tico*, já ouviram por certo falar dos hypnotisadores de cobras na India. A existencia dos hypnotisadores de serpentes data de tempos immemoriaes. O vestuario de qualquer desses individuos é sempre amarello, cobrindo-lhes a cabeça o turbante colossal. O *tubri*, instrumento de musica e auxiliar indispensavel na hypnotisação das serpentes, produz um som semelhante ao da flauta dos pastores da Europa, com a differença de ser feito com a casca secca de um cabaz.

Como vocês sabem, as cobras são muito susceptiveis á musica, aos sons agudos. Os effeitos das notas agudas produzidas pela gaita do hypnotisador indú causam mau estar e profunda inquietação nas serpentes silvestres. Mesmo as conservadas já de longo tempo em captiveiro e até habituadas ao som da flauta dos pastores tornam-se, ao ouvil-a, invariavelmente activas e assumem attitude de defesa.

Quando retirada de sua escura prisão, no cesto do hypnotisador, uma cobra infallivelmente ha de se erguer, espichar a cabeça e pôr-se em defensiva, se perto della tocarem alguma musica penetrante e aguda. Os espectadores imaginam então ter sido a cobra hypnotisada pela musica.



Uma cobra venenosa torna-se inoffensiva depois que lhe forem extirpados os dentes do veneno.

O hypnotisador, conhecendo a fundo os costumes do reptil, pode por isso antecipar-lhe os movimentos. Inclinando seu corpo e o instrumento de um lado para o outro, elle consegue apparentemente fazer com que a serpente lhe imite os movimentos.

Esta inclinação da parte soerguida do corpo é natural entre as cobras. Quando erecta e em defesa, ella com o maximo cuidado observa os menores movimentos do inimigo, nada lhe escapando. Em taes condições, sentando-se no chão, frente a frente com uma cobra soerguida e movendo seu corpo docemente, de um lado para outro, qualquer pessoa póde conseguir que uma cobra a imite. Alarmando-se uma cobra, seu instincto primeiro é fitar seu aggressor, fixando-lhe agudissimo olhar, porque reconhece estar em desvantagem se lhe segurarem por detraz. E, tanto assim é que, se nos puzermos a andar em torno della, vel-a-emos encarando-nos sempre. O tempo por ella gasto em mover-se é exactamente egual ao que leva a pessoa a rodeal-a. Ora, pelo facto de andar á roda por algum tempo, a cobra acaba por ficar completamente cansada. Os hypnotisadores da India costumam extirpar as presas ás cobras do seu officio, cortando-lhes, quasi sempre, o osso maxillar anterior, onde se encontram taes dentes. Outros, porém, empregam sómente cobras de qualidade não venenosa.

Quando alguem lhes pede para examinar a bocca de suas cobras, elles terminantemente se recusam, dizendo que a serpente pode morder o curioso e que mordendo mata.

E' justo, porém, reconhecer que nem sempre se extrahem as presas; os mais ousados e calmos encantadores de serpentes seguram livremente a venenosissima cobra da India, apezar de seus dentes. Devido á longa observação, taes homens, conhecendo na perfeição todos os movimentos desse reptil, são de uma agilidade pasmosa nas mãos, em consequencia da muita pratica do officio. A perfeição da arte consiste em enganar a vista pela rapidez de movimentos das mãos. Muito embora mostrem despreoccupação em lidar com serpentes mortaes, os hypnotisadores indús estão, invariavelmente, vigilantes, pois sabem que uma dentada lhes occasionará a morte, sem duvida.

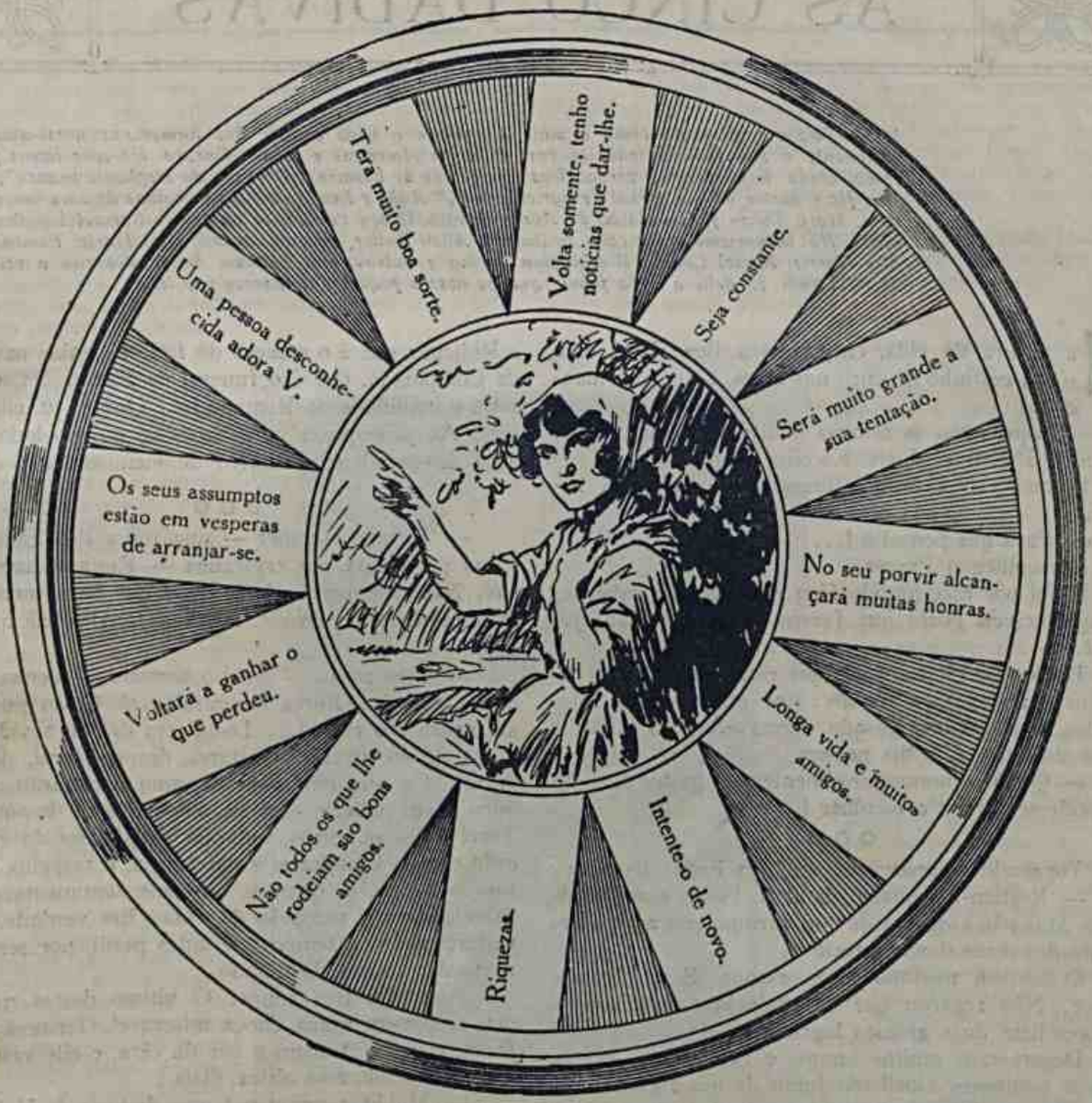
Registram-se innumeros casos de hypnotisadores que têm perdido a vida, por serem picados pelas cobras que elles pretendiam hypnotisar. Afinal, o que os encantadores fazem é conseguir que uma ou mais dellas lhes fixem a attenção.

Sendo a destreza de mãos o principal de seu officio, elles invariavelmente conseguem tirar uma das cobras escondidas e subrepticiamente collocal-a no logar desejado. Começa então a hypnotisação e a cobra é descoberta. Taes espertalhões têm quasi sempre parceiros que se incumbem de, ás occultas, pôr a cobra no logar desejado, antes de sua chegada.

Quando um desses encantadores é fiscalisado rigorosamente, falha na certa a hypnotisação. A esse respeito conta-nos um cavalheiro que, desconfiando da acção hypnotisadora de um indú e desejando pôr a *encrenca* em pratos limpos, usou do seguinte plano: fazendo grande alarido, elle diz aos seus creados indús que em seu escriptorio apparecera uma cobra. Acto continuo manda chamar o tal hypnotisador e pede-lhe que lhe faça adormecer a supposta cobra. Chegado o homem, começa logo a tocar a gaita com intervallos e por baixo dos moveis. De repente põe-se a tocar com força em um canto da sala, proximo a algumas pilhas de livros e de revistas. Dentre ellas aponta a cabeça de uma cobra. O cavalheiro avança e tomando de um cacete resolve matar o bicho O hypnotisador levanta-se, barra-lhe a passagem e

PARA DISTRAHIR

A RODA DA FORTUNA



Quem não gosta de saber o que desconhece, de sondar o futuro, de antever os factos? Todos, sem duvida. E foi assim pensando que offerecemos aos nossos prezados leitores o lindo passatempo que é a *Roda da Fortuna*. Para jogal-o nada mais têm que fazer do que fechar os olhos e dar varias voltas com o dedo index da mão direita sobre as respostas que figuram na *Roda da Fortuna* e, no espaço em que o dedo se detiver, encontrará a resposta á pergunta que previamente se faça.

---

diz-lhe: precisa agarrar a cobra e conserval-a viva. Então, abaixando-se, toca de novo a gaita e, no momento em que o reptil se levanta, elle segura-o com pasmosa agilidade e o transfere para um sacco, entre as exclamações de horror da creadagem indiana. Não é preciso dizer que tal alarme era.. uma *fita*. A cobra tambem fôra secretamente collocada pelo charlatão, no momento em que andara de gatinhas pela sala.

Quando uma pessoa se familiarisa com os costumes e modos das cobras e tenha bem se exercitado em segural-as, ha muito pouca probabilidade de ser picado por ellas. A frequencia em apanhal-as faz naturalmente com que a pessoa vá cada vez mais abandonando as precauções necessarias.

Para quem jámais tenha lidado com cobras, taes reptis são considerados com extremo horror, formando-se as mais ridiculas fantasias em torno dellas. Assim, por exemplo, ha a crendice popular de que quem consegue segurar cobras venenosas, mas em liberdade, estando a pessoa mais ou menos calmamente, ou tem força hypnotica sobre as creaturas ou então possue poder occulto que afasta perigos e males. Os hypnotisadores de cobras, sabendo disso, tiram todo o partido da superstição popular.

A tradicional affeição das serpentes pela musica é toda mythologica; o que ella consegue é excitar, irritar ou provocar-lhes a curiosidade. Uma cobra infallivelmente metterá a cabeça para fóra de seu esconderijo, toda a vez que escutar sons musicaes agudos, o tilintar de uma corrente, ou as batidas em uma alavanca ou um triangulo de aço.

Os sons de muita altura excitam-n'as, ao passo que aos graves ou ao rufar de tambores ellas pouco ligam ou não prestam attenção alguma.

AS CINCO DADIVAS

Mark Twain é apontado como o mais popular e o mais celebre dos humoristas norte-americanos. Realmente a sua fama estende-se por todas as Americas e toda a Europa. Os seus livros fizeram, como ainda hoje fazem, verdadeiros successos de livraria. "O roubo do elephante branco". "Como me fiz redactor de um jornal de agricultura", "Adão e Eva", etc., são trabalhos de uma graça irresistivel. Mark Twain falleceu a 20 de Abril de 1910. O seu verdadeiro nome era Samuel Langharne Clemens. No humorismo americano brilharam Allen Butler, Artemus Ward, Bret Harte, Browne, Chandler Harris, Russel Lowell, Washington Irving e outros, mas nenhum delles alcançou o renome de Mark Twain. E' delle a linda fabula que os nossos pequeninos leitores vão ler.

Na aurora da vida, chegou-se a Boa Fada, com o seu cestinho de ouro nas mãos, e disse ao mancebo :

— Aqui estão as minhas dadivas : Fama, Amor, Riqueza, Prazer e Morte. Escolhe depressa.

O mancebo exclamou immediatamente, sem hesitar.

— Para que pensal-o !...

E escolheu o Prazer.

E foi por esse mundo fóra e começou a saborear os appeteciveis gozos que fazem suspirar a idade juvenil...

Então começou a notar que esses gozos eram fugitivos e matavam a illusão ; que eram vãos e infecundos. Cada prazer gosado deixava-lhe nos labios o sabor do tédio. Um dia pensou :

— Quantos annos inutilmente mal gastos !... Se eu pudesse tornar a escolher !

ooo

Tornando a apparecer-lhe a Boa Fada, disse-lhe :

— Restam-me quatro dadivas. Pódes escolher de novo. Mas não esqueças de que o tempo tem azas e que só um dos meus dons é precioso.

O homem meditou largo espaço. E escolheu o Amor. Não reparou que das palpebras da Fada se desprendiam duas grossas lagrimas...

Decorreram muitos annos, e certa noite encontrou-se o homem ajoelhado junto de um ataude, num logar deserto. Em communhão comsigo mesmo, murmurou :

— Um a um, foram-se todos, deixando-me. Agora é *ella* que me abandona. As penas assolaram o meu espirito. Por uma hora de dita que me deu esse traiçoeiro mercador que se chama Amor fez-me pagal-a com annos de amargura... Oh ! maldito seja elle mil vezes !

ooo

— Escolhe de novo-! — disse-lhe a Boa Fada — o tempo é grande mestre e agora já saberás o que te convém. Restam tres dadivas. Porém só uma dellas é preciosa.

O homem reflexionou e escolheu a Fama. A Boa Fada afastou-se suspirando.

Passados annos, a Boa Fada voltou. Contemplou o homem, só e pensativo, envolto pelas melancholias de um entardecer de outono. E ella, compassiva, ouviu-lhe as queixas :

— Meu nome encheu o mundo. Voava de bocca em bocca o elogio de minhas obras. Tudo me sorria. Fui feliz um instante ; um instante só. Porque logo começou a roer-me a Inveja, a denegrir-me a Calumnia, a perseguir-me o Odio. Depois, cahiu sobre mim o Ridiculo, que é o começo do fim. E acabei nas mãos da Compaixão, que é o funeral da Fama... Oh ! miseria e inanidade do Renome !... Que és tu, em summa ? Ao principio, alvo para os dardos do lodo, e na hora da decadencia, motivo de menosprezo e dó.

ooo

— Torna a escolher — suspirou a Boa Fada, com a sua pequenina voz crystalina — Restam duas dadivas. Não desesperes. Já te disse que havia uma, verdadeiramente preciosa : ainda a tens ao alcance da mão.

— Tens razão — disse o homem. — Venha a Riqueza, que é a Força incontrastavel. Como pude ser até agora tão cego !... Daqui em deante a vida será digna de eu vivel-a. Gastarei, desperdiçarei, deslumbrarei. Os que mofavam de mim arrastarão ante o ouro a sua villeza, escabujando na lama, impotentes. Terei todos os gozos, todas as satisfações do espirito e do corpo. Comprarei a deferencia, o respeito, a estima, a adoração, quantos ouropeis sentimentaes pode subministrar o mercado da vida. Em verdade, aproveitarei agora o tempo que antes perdi, por ser ignorante das cousas do mundo.

Passaram tres annos. O ultimo destes surprendeu o homem numa choça miseravel. Tiritava ; suas faces, cavadas, tinham a côr da cêra, e elle vestia andrajos. Roendo uma côdea, dizia :

—. Malditas sejam todas as dadivas da Vida !... Enganos são e douradas mentiras... Dadivas !... Chamemos-lhes emprestimos. Prazer, Amor, Fama, Riqueza !... Sois apenas disfarces temporaes destas realidades eternas : Dôr, Desengano, Vergonha e Miseria. A Fada falou verdade : no seu cestinho de ouro apenas uma dadiva era preciosa. Quão mesquinhas, despreziveis e inuteis são as restantes, comparadas com a inestimavel, a piedosa, a suave, a excelsa ; a que afoga em sonho, sem negros pezadellos eternos, as dôres que affligem o corpo, as affrontas e penas que roem a alma ! Vem, dadiva suprema !... Estou fatigado e quero descansar.

ooo

Chegou-se a Boa Fada. Trazia num cestinho quatro dadivas. Porém faltava a Morte. E a Fada murmurou :

— Dei-a ao filho predilecto de uma mãe. Como elle ignorava deste mundo tudo, pediu-me que escolhesse eu. Tu não me convidaste a escolher.

— Oh-! desgraçado de mim !... E, então, que me resta agora ?

— O que nem sequer mereceste : o veneravel peso da Velhice.

RUY BARBOSA NO COLLEGIO ABILIO

A infancia de Ruy Barbosa é um modelo vivo e por este todas as creanças brasileiras bem poderiam procurar seguir-lhe o exemplo, no amor extraordinario de filho carinhosissimo, na obediencia ás prescripções das virtudes paternas, no apego aos livros e no esforço constante com que, no collegio, se houve para ser sempre, entre os collegas, que o queriam, o respeitavam e o admiravam, o primeiro entre os primeiros.

Ruy Barbosa não foi somente o menino que em todos os cursos obtinha notas e approvações distinctas. A intelligencia se lhe desabrochava com um vigor que ia além do espanto, porque assombrava. Elle era applicadissimo, assiduo em todas as aulas, mas, acima de tudo isso, era tambem de um procedimento impeccavel. Os mestres tinham para elle uma deferencia especialissima.

O Conselheiro Ruy Barbosa

Agradecendo a manifestação que o Partido Federalista da Bahia lhe fazia, em 7 de Fevereiro de 1893, no Theatro Polytheama, da capital daquelle Estado, elle assim se referia ao patrimonio moral que lhe haviam legado os seus Paes: "Espirito supremo daquelle que me ensinou a sentir o direito e querer a liberdade; daquelle cuja presença intima respira em mim nas horas do dever e do perigo; daquelle a quem pertence, nas minhas acções, o merecimento da coherencia e da sinceridade; emanação da honra, da veracidade e da justiça, espirito severo do meu Pae; imagem da bondade e da pureza, que verteste em minh'alma a felicidade do soffrer e do perdoar, que me educaste no espectaculo divino do sacrificio coroado pelo sacrificio; caricia do céo na manhã dos meus dias, aceno do céo no horizonte da minha tarde, anjo da abnegação e da esperança, que me sorris no sorriso dos meus filhos, espirito sideral de minha Mãe... se o bem desabotôa alguma vez á superficie agreste de minha vida, vós sois a mão do semeador que o semeou, vós, cuja energia me creou o coração e a consciencia, cuja benção derramou a fecundidade sobre as urzes da minha natureza.

Quando, na minha existencia, alguma cousa possa inspirar gratidão, ou sympathia, não me tomem senão como o fruto em que se mitiga a sêde, e que se esquece. Vós, autores benignos do meu ser, vós sois a arvore dadivosa, cujos beneficios sobrevivem no reconhecimento, que não murcha."

Nesse culto, nessa adoração, nessa idolatria á Familia, o Grande Brasileiro educou-se, antes de ir para a Escola.

***

No antigo Collegio Abilio, na Bahia, preparou-se Ruy Barbosa em humanidades. Era director, o saudoso Dr. Abilio Cesar Borges, barão de Macahubas, fallecido ha muitos annos.

A cadeira de portuguez era regida pelo então professor Ernesto Carneiro Ribeiro, hoje um dos benemeritos educadores brasileiros, grande philologo, fundador do Gymnasio que tem o seu nome na capital bahiana e a quem varias gerações de estudiosos devem as primicias da instrucção.

Ruy Barbosa era alumno do professor Carneiro, no Collegio Abilio, classificado o melhor e o de maior consideração, como, de resto, em todas as cadeiras.

Certa vez, em aula, o mestre fazia uma sabbatina, arguindo os discipulos sobre analyse logica de algumas estrophes dos *Lusiadas*. A prova era severa. Ruy, sentado quasi ao fim da sala, alheio completamente ao que se passava, o que era rarissimo, divertia-se com dois ou tres companheiros, contando e ouvindo anecdotas. De repente, no momento mesmo em que o professor acabava de concordar com a classificação de uma oração, que um dos alumnos fizera, Ruy dá uma risada mais estridente, despertando a attenção de todos os presentes. O mestre voltou-se, meio attonito, e inquiriu:

— Que foi, Sr. Ruy?

Elle não sabia o que responder. A gargalhada estalára como consequencia da brincadeira com que se entretinham ali, e confessal-a, não seria decente. Então, desapertou:

— Está errado, professor.

Carneiro Ribeiro encarou o alumno rebelde, friamente. Já havia dito que estava certo, mas, como Ruy lhe merecia, pelo seu preparo e pela sua conducta, uma amisade relevante, dispoz-se a examinar com elle a questão. E começou:

— O riso não é o melhor signal de controversia, mas, vamos ao assumpto.

A esse tempo, Ruy, afflicto, recebia de um visinho os *Lusiadas* e foi logo informado do canto e estrophe em debate. Até então, estava completamente *a quo* da materia.

Assim, durante dez minutos, partindo de um ponto de vista falso, sustentou com o mestre o que elle impugnara de *erro*, até que o professor Carneiro, quasi convencido, pediu-lhe explicação de um certo relativo *que*, na estrophe anterior. Ahi, Ruy ergueu o busto e rendeu-se nobremente:

— Este *que*, mestre, é o meu calcanhar de Achilles. Elle me desarma, e a oração foi bem classificada.

Depois da lição, approximou-se do professor, a quem deu explicações, solicitando-lhe desculpas. Carneiro Ribeiro sorriu, perdoando-o. Elle prometteu nunca mais ficar desattento.

***

De outra feita foi na aula de latim. O professor era o padre Fiuza, uma das glorias do pulpito bahiano. Traduzia-se Tito Livio e o pequeno Ruy, a respeito de uma phrase, discordou do sacerdote. Desta vez, foi a serio. O mestre não se subordinou á persuasão do discipulo e discutiram ambos. Ruy, contra os habitos, irritou-se e atirou o livro ao chão. Padre Fiuza registrou, com uma queixa amarga, o incidente, no caderno de classe, o que valeria fatalmente um castigo ao indisciplinado. Depois da aula, o Dr. Abilio Cesar Borges, informado do occorrido, chamou o alumno á sua presença. Ruy explicou-se, mostrando o trecho do historiador romano, declarando qual a sua e qual a interpretação do professor. O director reconheceu, no intimo, que o menino é quem tinha razão, mas quiz prestigiar o lente:

— Padre Fiuza sabe latim como Cicero. Vá pedir-lhe desculpas do incidente.

Ruy disse que pediria, se elle se convencesse do engano. O Dr. Abilio Cesar Borges não concordou, e ameaçou-o com o peior castigo, que era o de ficar de pé, num banco, á hora do jantar, emquanto o collegio inteiro se servia na mesa. Ruy não se atemorisou, não cedeu, por orgulho do que sabia, e foi castigado, emquanto os outros olhavam-no, succumbidos. Desde então, o *peior castigo* passou a ser uma honra para os demais.

— Ruy já passou por elle, diziam os collegas, e elle é o primeiro de nós todos!...

PAULO FILHO.

O DOMINGO NAS DIVERSAS ÉPOCAS

Muito pouco tempo após o estabelecimento do christianismo, o domingo, *dies dominica*, dia do Senhor, foi consagrado ás cerimonias religiosas. Chamava-se tambem *dia do sol*. Reuniam-se os christãos onde podiam para ouvir a leitura dos livros santos, ou uma pratica, para orarem juntos, para celebrar as cerimonias do culto e, durante todo esse dia, abstinham-se os fieis de toda a occupação temporal.

Dois seculos depois havia-se o Christianismo espalhado no immenso territorio do imperio, e Constantino o Grande, protector da nova religião, inspirava-se, a redacção do seu codigo, nos principios e na disciplina que ella preconisava.

A 6 de Março de 321 elle publicou um edito ordenando que dahi em diante o *dia do sol* seria dia de festa official, que a justiça e as administrações publicas não trabalhariam, que as obras manuaes seriam prohibidas em todas as cidades e agglomerações de cidadãos, excepção feita dos trabalhos campestres.

Foi a legislação do repouso semanal — no concilio de Orléans (538) que estendeu aos campos a prohibição do trabalho dominical, permittindo, entretanto, transportarem-se os viajantes, atrelarem-se animaes de tiro, cuidar dos trabalhos caseiros. Em 585, segundo concilio supprimiu o beneficio dessas autorisações e tornou obrigatorio para todos, applicavel em todas as circumstancias da vida, o repouso semanal ; prohibição de atrelar bois, de viajar, de transportar fosse o que fosse, de varrer a casa.

Os reis francos não foram menos rigorosos. Childeberto I completou esses regulamentos, insistindo na prohibição dos jogos, das representações bufas, das dansas, canções e outros divertimentos.

Dagoberto, em 630, lança editos mais duros : multas, prisão contra quem não respeitasse o repouso semanal, e em caso de reincidencia condemnava-se á escravidão ; se quem incorria na desobediencia era escravo, cortava-se-lhe o punho. Prohibição aos negociantes de toda a operação commercial, aos cocheiros de transportar viajantes ou mercadorias. Ninguem tinha o direito de comprar carne, pão, qualquer materia alimentar. A vida publica era absolutamente suspensa.

Essas severas leis suavisaram-se no seculo XIII, quando Felippe Augusto admittiu notaveis excepções, como o direito de reunir assembléas (feiras, mercados), de vender alguns comestiveis : grãos, carnes, legumes, pão, etc.

Quem quizer ter uma ideia das theorias economicas que prevaleceram nessa época, em materia de regularisação do trabalho, deve saber que se estabelecia como principio a absoluta prohibição ao operario de trabalhar no domingo.

Sabe-se que na Idade-Media o dia era dividido em quatro turnos de tres horas cada um: *prima* (seis horas da manhã), *tercia* (nove horas), *nona* (meio dia), *vesperas* (seis horas da tarde) ; o *toque de recolher* assignalava o fim dessa quarta divisão.

Em qual delles começava o domingo legal, no que diz respeito á suspensão do trabalho ? Variava segundo as épocas e segundo os paizes. A's vezes o repouso semanal começava já no sabbado, algumas vezes no domingo em *prima*, e outra, sobretudo no sul, começava o domingo em *nona*, isto é ao meio-dia. Vigiado pelos syndicos, jurados, *gardes de mestiers*, visitadores cuja reunião era singularmente chamada de *syndicato*, os estatutos das corporações acerca do repouso semanal eram muito exactamente observados.

Henrique III, em 1579, tornou mais rigorosa a lei do seu predecessor.

Diversas leis e muitos editos, num sentido cada vez mais liberal, confirmam a lei do repouso semanal que a Revolução acabou supprimindo... mas para instituir o repouso *décadaire*. O povo é obrigado a trabalhar no domingo — e descansar no *decadi*.

No tempo do primeiro Imperio o ministro dos cultos, Portalis, cogita em 1807 em restabelecer o repouso do domingo. Napoleão desapprova-o com uma nota que manda de Ostende.

A Restauração restabelece as leis do antigo regimen, que o governo de Juillet revoga.

O segundo Imperio, sem querer imitar a monarchia dos Bourbons, não acceitou entretanto senão como bens de inventario as theorias de Napoleão I sobre a liberdade absoluta do trabalho. Prohibiu todas as obras publicas no domingo, deixando entretanto ás emprezas particulares o direito de trabalharem e aos negociantes a liberdade de abrirem as suas lojas.

SERIA INTERESSANTE...

...se puzessemos umas pernas articuladas na phóca...

...um barrete de dormir e uns oculos azues na coruja...

...uma dentadura no elephante...

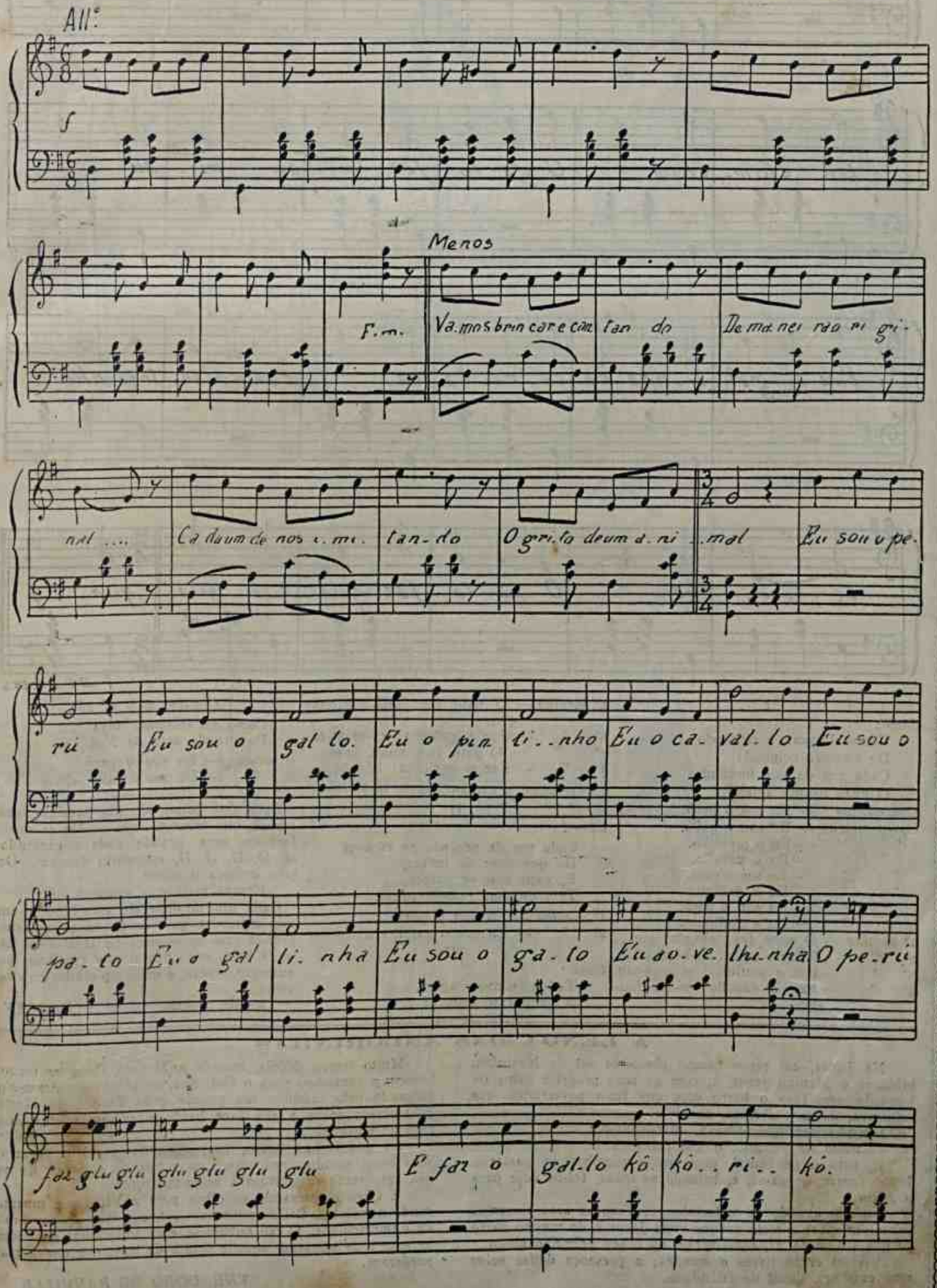
...uma cauda no urso branco dos pólos e...

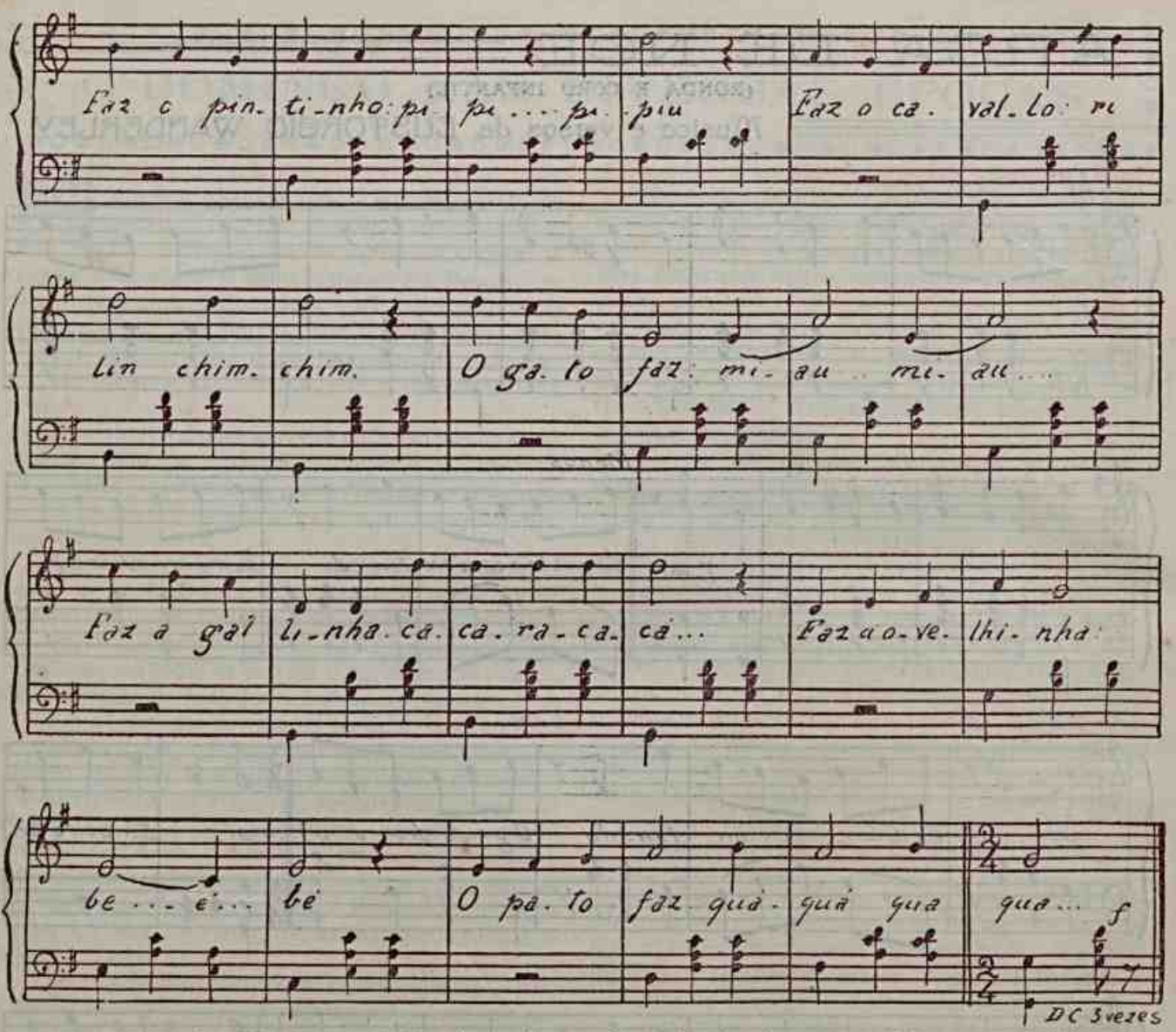
...um apparelho locomotor á vaporosa tartaruga.

ARCA DE NOÉ

(RONDA E CORO INFANTIL)

Musica e versos de EUSTORGIO WANDERLEY





I

Côro :

Vamos brincar, e cantando
De maneira original:
Cada um de nós imitando
O grito de um animal.

Um menino — Eu sou o perú.
Outro menino — Eu sou o gallo.
" " — Eu o pintinho.
" " — Eu o cavallo.
" " — Eu sou o pato.
" " — Eu a gallinha.
" " — Eu sou o gato.
" " — Eu a ovelhinha.

1° *menino* — O perú faz: glu,glu, glu...
2° " — E faz o gallo: kô-kô-ri-kô...
3° " — Faz o pintinho: pi-pi-pi-piu.
4° " — Faz o cavallo: ri-lin-chin-chin.
5° *menino* — O pato faz: quá, quá, quá-quá.
6° " — Faz a gallinha: ca-ca-ra-cá.
7° " — O gato faz: miau, miau.
8° " — Faz a ovelinha: bé-é-bé.

(Dansam e cantam: lá lá lá lá lá)

II

Côro :

Cada um de nós não se esqueça
Do que tiver de imitar,
E, caso não se pareça,
Tem de uma prenda pagar.

1° *menino* — Eu sou o perú.
2° " — Eu sou o gallo, etc.

III

Côro :

Todos reunidos agora,
A saltitar só num pé...

(*Saltam num pé só*)

Como estivessemos fóra
Da grande arca de Noé.

1° *menino* — Eu sou o perú.
2° " — Eu sou o gallo, etc.

Para esse brinquedo são precisas, pelo menos, oito creanças, que se dão as mãos, fazendo uma grande roda e cantando: *lá, lá, lá, lá, lá,* emquanto dansam. Depois começa o côro:

Vamos brincar e cantando, etc.

Cada um já deve ter escolhido o animal cuja voz quer imitar, e pagará uma prenda caso se esqueça de fazel-o ou não imite bem, ou ainda o que escolheu, por exemplo, o perú, e imite o pintinho ou viceversa.

Recife, 4—920. *E. WANDERLEY*

A LENDA DAS ANDORINHAS

Na Judéa, em pleno campo cheio de sol de Nazareth, brincava o Menino Jesus, e, com as suas proprias mãos de bondade amassava o barro com que fazia passarinhos que collocava, de azas abertas, no chão.

Um pharisêu, que passava, interpellou-o:

— Filho do peccado, o que fazes ahi?

E, com o pé brutal, procurou esmigalhar os passaros. Jesus, porém, oppoz-se, e, batendo as mãos, fel-os voar para o Além.

Tinham nascido as andorinhas... Com as azas cinzentas pousaram sobre o tecto em que vivia Jesus, e, do mesmo barro de que foram feitas, construiram ali o seu primeiro ninho.

Viviam então livres e amadas; a presença dellas sobre uma casa era signal de felicidade.

Muito tempo depois, quando o Menino Deus se tornou homem e caminhou para o Golgotha, as pobres seguiram-n'o, lançando pelo caminho um grande grito de dôr. O Mestre ia morrer; sobre a sua face livida o sangue misturava-se com as lagrimas...

As andorinhas, então, approximando-se d'Elle, com os seus bicos rosados, retiraram, um a um, os espinhos da corôa, que tanto magoavam a augusta fronte.

E Christo, baixando os olhos para a Virgem e murmurando o memoravel *Consummatum est*, entregou a alma branca e immaculada. O céo nublou-se, e as andorinhas gemeram; as suas azas tomaram aquelle manto de luto, que nunca mais perderam.

THEODORO DE BANVILLE.

FIGURINOS PARA O CARNAVAL

Como fazemos todos os annos, publicamos acima lindos figurinos para fantasias do Carnaval. São elles: ao alto, *Rajah Indiano*, *Titania*, *Margarida* da opera "Fausto", *Oberon* e *Mulher Grega*; ao centro, *Dansarina Persa* e *Soldado Irlandez*; e em baixo, *Fidalga Indiana*, *Beduino* e *Dansarina Russa*.

ASTRONOMIA

Explicação das estações do anno

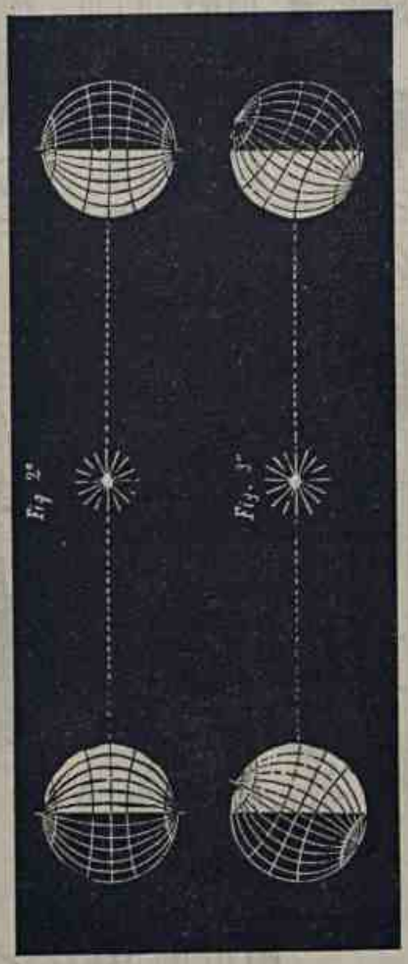
As estações dividem o anno em quatro periodos distinctos, por effeito de um dos mais notaveis phenomenos do duplo movimento do nosso planeta.

Quer viva na cidade, no campo ou sobre as aguas do mar, nenhum homem deixa de observar por si mesmo que o Sol se eleva mais ou menos no horizonte; que os pontos do Oriente e do Occidente onde se dá o seu nascimento e o seu occaso não são sempre os mesmos; que ao meio dia é mais ou menos extensa a sombra que o astro projecta, e que os dias e as noites têm duração desegual e variavel, mudando com ella as condições da temperatura e as producções do solo. Toda esta variedade, dito está, é devida ao movimento simultaneo da Terra; mas existe outra circumstancia especial, sem a qual as estações differiriam muito mais do que differem. Para a explicarmos, recorremos ás figuras 1, 2 e 3.

As duas ellipses da fig. 1 representam os planos do Equador EQ e da Ecliptica ou orbita da Terra VPI, com a posição do nosso planeta em diversos pontos desta curva. O eixo de rotação é perpendicular ao plano do Equador; está inclinado sobre o plano da orbita em angulo de uns 23 gráos e 28 minutos, e esta inclinação é constante, porque o eixo se mantém parallelo a si mesmo em todas as posições, com insignificante variação.

No dia 21 de Março, a Terra occupa o logar P da sua orbita, chamado primeiro ponto de Libra ou Equixonio da Primavera, porque principia a estação deste nome. Nesse momento, coincidem ou formam um mesmo plano o Equador terrestre e o do Sol: os polos do planeta encontram-se symetricamente collocados com relação a este plano, e, portanto, o circulo que separa o hemispherio illuminado do hemispherio obscuro confunde-se com os meridianos.

A fig. 2 demonstra isto com maior clareza: todos os pontos da superficie descreve na luz a metade da circumferencia que a rotação do globo lhe faz percorrer, e na escuridão a outra meia circumferencia; por isso, na época do Equinoxio, a duração do dia é egual á da noite, ou seja de 12 horas cada uma para todos os habitantes da Terra. Os dos polos vêem o Sol no horizonte durante toda a revolução; os do Equador têm-n'o no zenith ou sobre a cabeça ao meio dia, e nesse momento não fazem sombra; os do hemispherio norte vêem-n'o para o sul e as suas sombras projectam-se em direcção contraria, e os do hemispherio sul projectam a sombra para o seu polo e vêem o Sol para o opposto.



Do ponto P da fig 1 a Terra caminha para o ponto V durante os mezes de Abril, Maio e Junho: á medida que ella se afasta desse ponto, como o eixo que se mantém parallelo a si mesmo vae inclinando o polo norte para o Sol e afastando deste o opposto, vae assim e por isso crescendo a duração do dia e diminuindo a da noite naquelle hemispherio, ao passo que diminue o dia e cresce a noite no austral.

A maior differença occorre a 21 de Junho, em que a Terra chega a V, primeiro ponto de Capricornio ou Solsticio de Verão. A Terra está illuminada nesse dia, como a fig. 3 o indica.

Desde 21 de Junho a 23 de Setembro, a Terra passa do Solsticio V (fig. 1) ao Equinoxio de Outono, O. O polo norte mantém-se inclinado para o Sol; porém, as alternativas do dia e da noite succedem-se durante o Verão em ordem inversa ás da Primavera: isto é, vae diminuindo a duração da luz para os habitantes do hemispherio septentrional, ao passo que augmenta para os do sul. Ao chegar ao Solsticio, o nosso planeta recebe outra vez a luz, como indica a parte da direita da fig. 2, sendo de 12 horas o dia e a noite, para todos os seus habitantes.

Durante seis mezes, que comprehendem as estações da primavera e do verão, os habitantes das regiões polares arcticas vêem continuamente o Sol, permanecendo na escuridão os do outro polo. Só os do Equador têm o dia egual á noite em todo o tempo.

Desde o Equinoxio O do Outono (fig. 1) até ao Solsticio do inverno I, onde a Terra chega a 21 de Dezembro, e desde este ponto até ao Equinoxio da Primavera P, é o polo sul que se inclina para o Sol, estando illuminada a Terra, como se vê na parte direita das figuras 2 e 3, repetindo-se, ainda que em ordem symetrica inversa, os phenomenos da primeira metade do anno; de modo que o outono e o inverno do hemispherio boreal são a primavera e o verão no austral, onde a duração do dia é a maior.

Estes phenomenos não se succedem com a regularidade com que theoricamente ficam expostos, porque a orbita da Terra não é um circulo, mas sim uma ellipse; porque o Sol occupa um dos focos dessa ellipse, e porque o diametro maior não passa exactamente pelos pontos solsticiaes. O movimento de translação da Terra não é uniforme: accelera-se um tanto á medida que se approxima do foco occupado pelo Sol, por motivo da maior attracção que então experimenta, e retarda-se durante as estações do estio, em que se encontra a maior distancia; portanto, é desegual a duração desses qua-

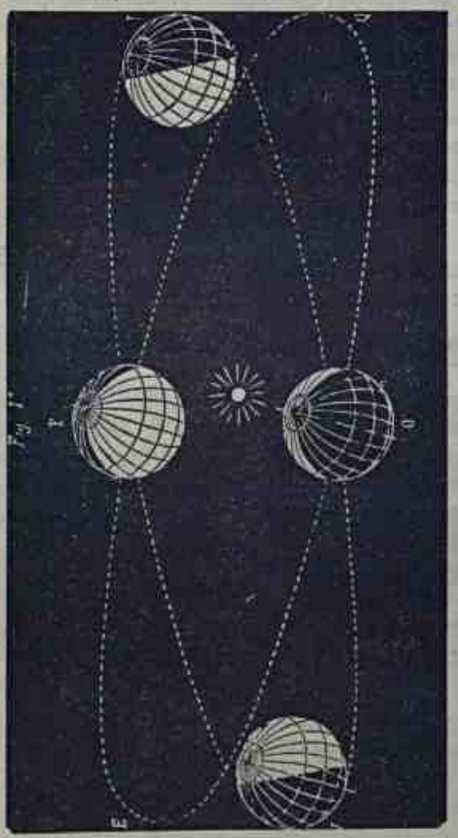
tro periodos, calculando-se a sua média assim:

Primavera. . . .	92,9	dias
Verão.	98,6	"
Outono	89,7	"
Inverno.	89,0	"

Fixando a attenção na circumstancia de se encontrar a Terra no *aphelio*, ou na maxima distancia do Sol nos primeiros dias de Julho, e de chegar ao *perihelio*, ou distancia minima, nos fins de Dezembro, adverte-se que não é a approximação do astro vivificante que influe mais no augmento da temperatura em um logar determinado da superficie do nosso planeta. As causas principaes assentam em que, durante a primavera e o verão do hemispherio septentrional é a duração do dia tanto maior que a da noite quanto mais proxima está do Solsticio: o arco diurno descripto pelo Sol eleva-se cada vez mais desde o Equixonio da primavera até o Solsticio do verão, em que começa a diminuir até o Equinoxio do outono. Os raios solares atravessam a atmosphera menos obliquamente que no outono e no inverno, e a intensidade do calor enviado cresce, diminuindo a obliquidade, por serem mais tenues as camadas atmospherica que elles têm de atravessar.

A mesma explicação é applicavel ao hemispherio austral durante as estações do outono e do inverno, que são para elle as da primavera e verão; mas como então a Terra se encontra na minima distancia do Sol, a intensidade do calor é alli maior e o frio é tambem mais intenso.

Influem na variação da temperatura outras muitas causas alheias aos phenomenos astronomicos, como são a elevação e configuração do terre-



no, a proximidade dos mares e das suas correntes, e comprehende-se que os maximos de calor e de frio não se sintam propriamente nos solsticios, mas algum tempo depois, em Julho e Janeiro, porque a Terra, aquecida pelos dias de primavera, continúa recebendo do sol durante o dia mais calor do que o que perde durante a noite; e, pelo contrario, depois de 21 de Dezembro, arrefecida a Terra pelas noites longas do outono, continúa em decrescimento, porque perde mais calor durante a noite do que o que recebe durante o dia.

Tambem as estações não são eguaes em todos os logares de um mesmo hemispherio; antes, pelo contrario, passam por gráos insensiveis desde o intenso calor do Equador ao frio extremo do polo, e distinguem-se e classificam-se dividindo superficie do globo em cinco zonas ou climas.

A *Azona torrida* comprehende, ao norte e ao sul do Equador, todos os paizes que se extendem até 23 gráos de latitude, e está, por conseguinte, limitada pelos tropicos de Cancer e de Capricornio.

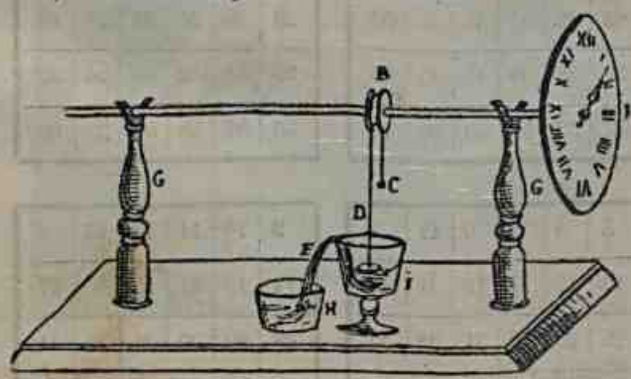
As duas *zonas temperadas* extendem-se desde os tropicos até á latitude, 66 gráos num e noutro hemispherio, ou, o que é o mesmo, até aos circulos polares. A extensão de ambas, e mais propria para a vida do homem, occupa mais de metade da superficie da Terra, emquanto que as duas *zonas glaciaes* ou circumpolares, em que a duração do dia e da noite varia entre 24 horas e 6 mezes, e o frio as faz inhabitaveis, extendem-se desde os ciruculos polares até aos polos, em pequena fracção da superficie terrestre.

AS ANTIGAS INVESTIGAÇÕES

Os egypcios conheceram o relogio

Vocês que já estudam historia sabiam que os egypcios, nas epocas longinquas do seu apogeu, conheceram o relogio?

Pois conheceram. Não o relogio que hoje possuimos, cheio de complicados machinismos e dezenas de



rodas dentadas, mas a *clepsydra*, um relogio de agua de que elles se serviam para medir o tempo naquellas epocas remotas.

A *clepsydra* egypcia, muito engenhosa, é um entretimento bonito, que recommendamos aos nossos leitores, amadores de construcções faceis.

A é um eixo que descansa em duas chumaceiras *GG* (pode servir para isso uma agulha de fazer meia, comtanto que esteja direita) num de cujos extremos se fixa um ponteiro de relogio, que gira em volta da esphera *F*, feita com um pedaço de cartão. No centro do eixo prende-se uma pequena polé *B*, com as bordas formando canal e nesse canal descansa uma porção de fio *D*, cujas extremidades estão atadas, uma a um pedaço de madeira ou cortiça *I*, e a outra a um pequeno contrapeso *C*. A mecha de algodão *E*, que sáe do fundo de um grande copo de uso corrente, termina no recipiente *H*.

Depois de se ter enchido de agua o vaso grande, colloca-se na hora o ponteiro do relogio, a mecha *E* absorve a agua do copo e despeja-a por graus no recipiente. Ao baixar o nivel da agua, o corpo fluctuante desce tambem, imprimindo o movimento de rotação ao ponteiro por meio da meada de fio.

Trata-se apenas de regular o relogio; se anda muito devagar, tem que se augmentar a grossura da mecha para que despeje o vaso grande com maior rapidez, ou diminuil-a no caso contrario.

Uma invenção curiosissima.

PELO ESPAÇO INFINITO

Como da Lua se vê a Terra

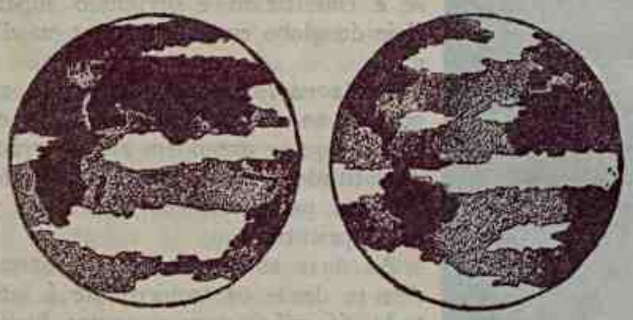
A INFLUENCIA DAS NUVENS

A Lua vista da Terra é linda, com a sua brancura immaculada, a sua doce luz maravilhosa; mas a Terra vista da Lua deve ser mais bella ainda.

E porque? Por causa das nuvens.

Até uma época muito recente não se apreciou o effeito que as nuvens produzem sobre as côres da paizagem. Um dos maiores encantos das vistas que se desfructam subindo em balão deve-se á interposição das nuvens.

Nas regiões polares e nas equatoriaes ha sempre uma grande massa de nuvens uniformes, emquanto



Como da Lua se vê a Terra

que nas zonas temperadas essa capa é menos densa. As côres principaes da paizagem terrestre vistas da Lua seriam: o azul, o verde e o amarello, devidos respectivamente, aos oceanos, ás florestas e aos desertos.

As diversas variações de intensidade destas tonalidades devem-se ás variações da capa nebulosa, ás neves e ás variações da superficie da Terra. Para um observador collocado na Lua, a Terra appareceria como um objecto de grande belleza, constantemente variavel, cheio de côres cuja tonalidade e brilho mudariam de modo incessante, á medida que fossem apparecendo as diversas partes do planeta e conforme estivessem cobertas de nuvens ou de neve, ou envoltas na luz vermelha do crepusculo.

Quando a Terra fosse *Terra cheia*, todo o nosso planeta se veria rodeado de um circulo avermelhado.

❖ ❖ ❖

O microphono é um apparelho electrico de acustica tão intensamente sensivel que, por meio delle, é possivel ouvirmos os passos de uma mosca. E, segundo a declaração de um observador, esses passos dão a sensação do patear de um cavallo.

* * *

No Japão, as creanças de seis a dez annos são obrigadas, por lei, a frequentar as escolas elementares trinta e duas semanas por anno.

* * *

Os sons de um piano são muito mais puros e volumosos quando o instrumento não está encostado a uma parede.

* * *

Proporcionalmente á sua população, ha menos cegos nos Estados Unidos da America do Norte do que em qualquer outra parte do mundo.

PASSATEMPOS DE SALÃO

Adivinhador de idades

Quando vocês estiverem reunidos num salão e quizerem um passatempo, que é muito parecido, principalmente para quem não o conhece, com uma magica, proponham aos presentes adivinhar-lhes a idade.

Com os seis cartões onde estejam collocados os quadros numericos que a seguir apresentamos, podem adivinhar a idade de qualquer pessoa até 60 annos, ou pelo menos adivinhar a idade que essa pessoa tenha posto na mente. Para isso procede-se do seguinte modo:

Entrega-se á pessoa com quem se effectua o passatempo, o maço dos seis cartões, e pede-se-lhe a fineza de restituir ao experimentador aquelles onde a sua idade figure. Este, depois disso, tem apenas que effectuar a somma dos numeros existentes no canto superior direito dos cartões que lhe tiverem restituido. Essa somma indica o numero dos annos adivinhados.

Exemplo: supponha-se que a idade é 47. Aquelle que a tiver, entregou todos os cartões, menos o 4°. Nos cantos superiores, do lado direito, de todos esses cartões estão os numeros: 2, 4, 32, 1 e 8, os quaes, sommados, dão 47. Isto pode repetir-se com todos os numeros que se quizer, desde 1 a 60, com todas as pessoas que a isso se prestarem; sempre com a mais completa exactidão. O que se deve é não escolher ninguem que tenha mais de 60 annos, porque, para esse caso, os cartões não podem servir.

3	6	7	10	11	2
14	15	18	19	22	23
26	27	30	31	34	35
38	39	42	43	46	47
50	51	54	55	58	59

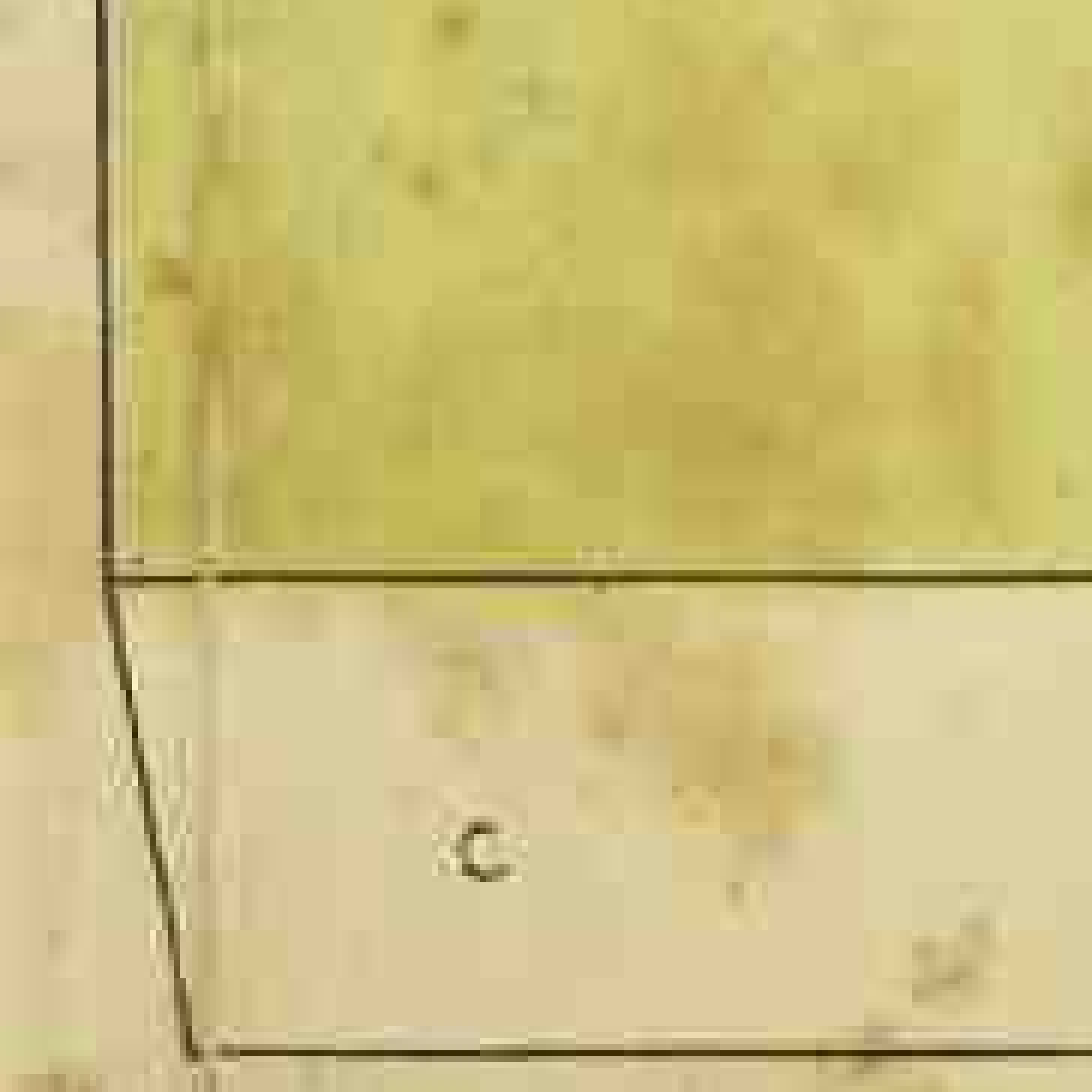
33	34	35	36	37	32
38	39	40	41	42	43
44	45	46	47	48	49
50	51	52	53	54	55
56	57	58	59	60	41

5	6	7	13	12	4
14	15	20	21	22	23
28	29	30	31	36	37
52	38	39	44	45	46
47	53	54	55	60	13

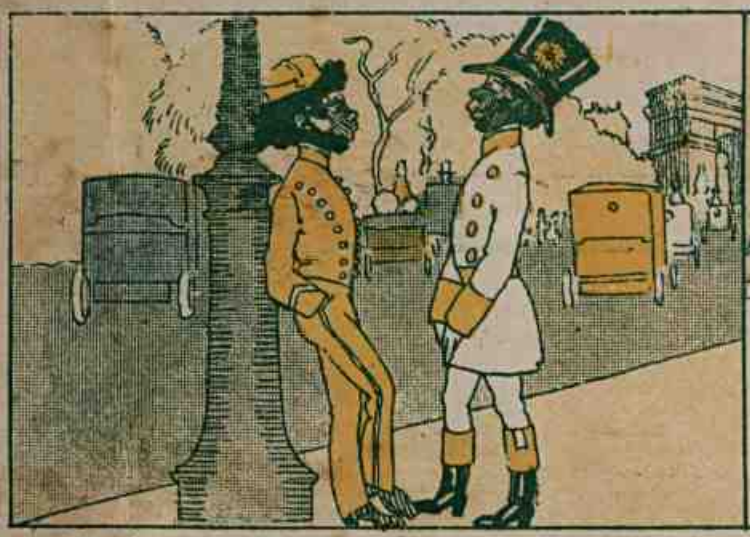
17	18	19	20	21	16
22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	48	49
50	51	52	53	54	55
56	57	58	59	30	60

3	5	7	9	11	1
13	15	17	19	21	23
25	27	29	31	33	35
37	39	41	43	45	47
49	51	53	55	57	59

9	10	11	12	13	8
14	15	24	25	26	27
28	29	30	31	40	41
42	43	44	45	46	47
56	57	58	59	50	13



CHOCOLATE E BAUNILHA EM DUELLO

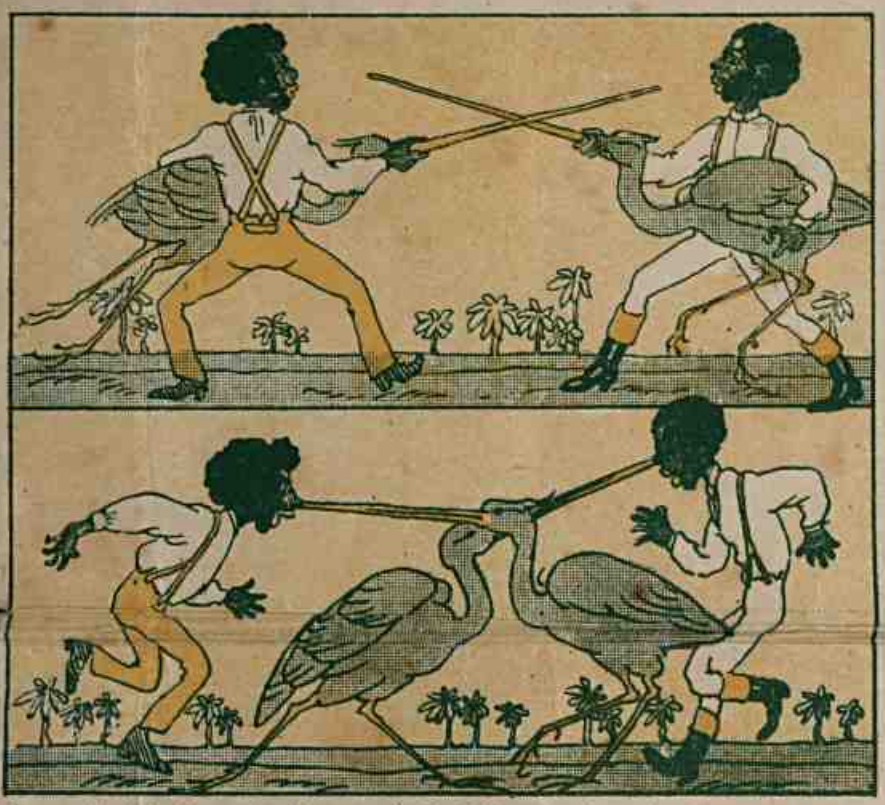


Chocolate e Baunilha, si bem que nascidos no mesmo deserto africano, só se conheceram e se fizeram amigos aqui no Brasil.

Após trabalharem alguns annos, um como caixeiro de hotel e outro como moço de recados, resolveram, um dia, voltar ao paiz natal, á Africa.

Assim fzeram, levando comsigo, é claro, todos os vicios e virtudes da civilsação, inclusive o habito, muito brasileiro, de jogar cartas.

No decorrer de um partida da "bisca", Chocolate desaveiu-se com Baunilha ; da troca de phrases asperas passaram aos "tabéfes" e os...



... "tabéfes" ao desafio para duello! Não possuiam pistolas nem espadas, mas, para supprir tal falta, agarraram duas cegonhas que, casualmente, estavam perto, e empenharam-se em lucta.

Resultdo: Escaçaram de perder cada um o nariz e reconciliaram-se immediatamente.

O DIAMANTE DO REI

O poderoso rei Potentado I perdera o mais bello diamante de sua corôa e mandara chamar um celebre astrologo:

— Se não és um impostor — exclamou o monarcha — dentro de tres dias has de encontrar o diamante que procuro. Se não m'o trouxeres, serás enforcado.

E para maior tranquillidade do astrologo, encerrou-o num quarto do palacio.

O pobre astrologo, Jeremias era o seu nome, estava já convencido de que sahiria da prisão no fim de tres dias para... a forca. Quando o soldado encarregado de levar-lhe a refeição da noite entrou na prisão, Jeremias exclamou:

— Já vi um! — querendo referir ao dia que acabava de passar.

— Já vi dois! — exclamou elle no dia seguinte, quando um outro soldado lhe foi levar a refeição. Ouvindo taes palavras, o guarda deixou cahir ao chão o prato de comida e sahiu a correr.

— Já vi os tres! — murmurou emfim o pobre Jeremias, no terceiro e ultimo dia, na occasião em que entrava um soldado na sala que servia de prisão. Este, no entanto, [illegible] aos pés do magico um cofre, e — Somos os tres ladrões, [illegible] tastes: eis o diamante!

O bom Jeremias, contando os dias, tinha adivinhado, sem saber, quaes os ladrões da rica joia do rei. Aproveitando-se, no entanto, desse feliz acaso, cobrou ao rei maravilhado um alto preço pela sua involuntaria revelação.

A MUSICA DIVINA

O Sr. Morpheu e seus sonhos — Por Set

Não tendo que fazer, o Sr. Morpheu foi, uma destas tardes, a um cinema. Mas, como os leitorezinhos sabem, os...

...cinemas tem umas poltronas macias, na sala de espera. Já sabem: Morpheu dormiu, emquanto a orchestra tocava.

Não é preciso dizer-lhes que sonhou. Estava no meio duma floresta a ouvir uma musica melodiosa, que vinha não sabia de onde.

Nisto o mugido formidavel dum leão interrompeu-o. (Naturalmente foi a buzina dum automovel que passára na rua.)

O formidavel monstro nem sequer o cumprimentou. Atirou-se contra o pobre velhote e fel-o cortar o espaço com a velocidade de uma bala.

Tanto correu o nosso heroe que, sem querer, foi parar precisamente no logar de onde partiam os sons melodiosos. Um musico dedilhava uma lyra. Morpheu...

...nem se lembrou mais do leão; e este, por sua vez, perdeu a fome! O musico encantava os proprios animaes! Foi então que Morpheu soube que aquelle homem era Orpheu, celebre musico e poeta grego.

Maravilhado, Morpheu já não encontrava palavras de admiração para o artista. Orpheu quiz por isso mostrar maiores habilidades, e poz-se a dedilhar a lyra com tal rapidez que...

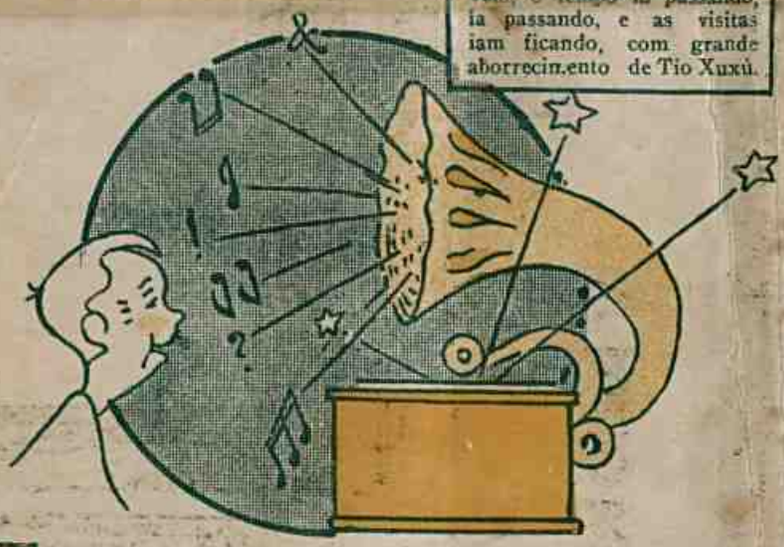
...até parecia uma campainha electrica! De facto, o que o Morpheu ouvira era realmente a campainha do cinema, que anunciava o começo da sessão.

GRAMOPHONE SALVADOR

Tio Xuxú, 1a dias, chamou o Toninho e lhe disse:
— Hoje vamos ter visitas; nada de barulho, nem de traquinadas.

As visitas de facto chegaram, prosa vae, prosa vem, o tempo ia passando, ia passando, e as visitas iam ficando, com grande aborrecimento de Tio Xuxú.

Ora, já havia 4 horas que as visitas cacetes estavam amolando Tio Xuxú, quando Toninho teve uma idéa.



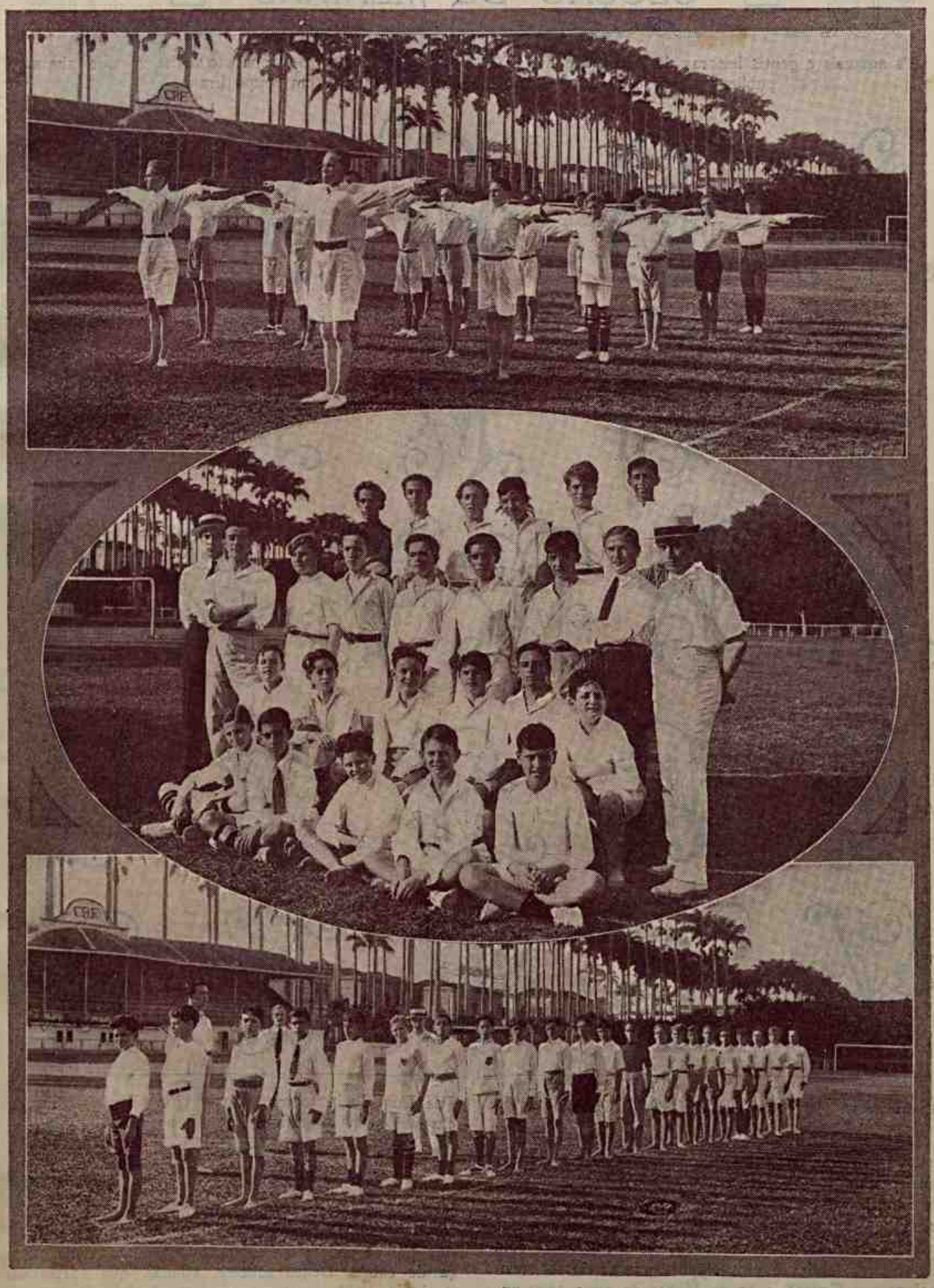
Num instante, pegando em um antigo disco cantado por seu avô, deu corda num gramophone e largou a rugir, rinchar, zunir, etc.

As visitas cacetes, com tal barulho, retiraram-se immediatamente, com os ouvidos doendo.

Tio Xuxú, nesse dia, elogiou o Toninho em "ordem do dia", por tel-o livrado de uma formidavel caceteação.

Santiago
920

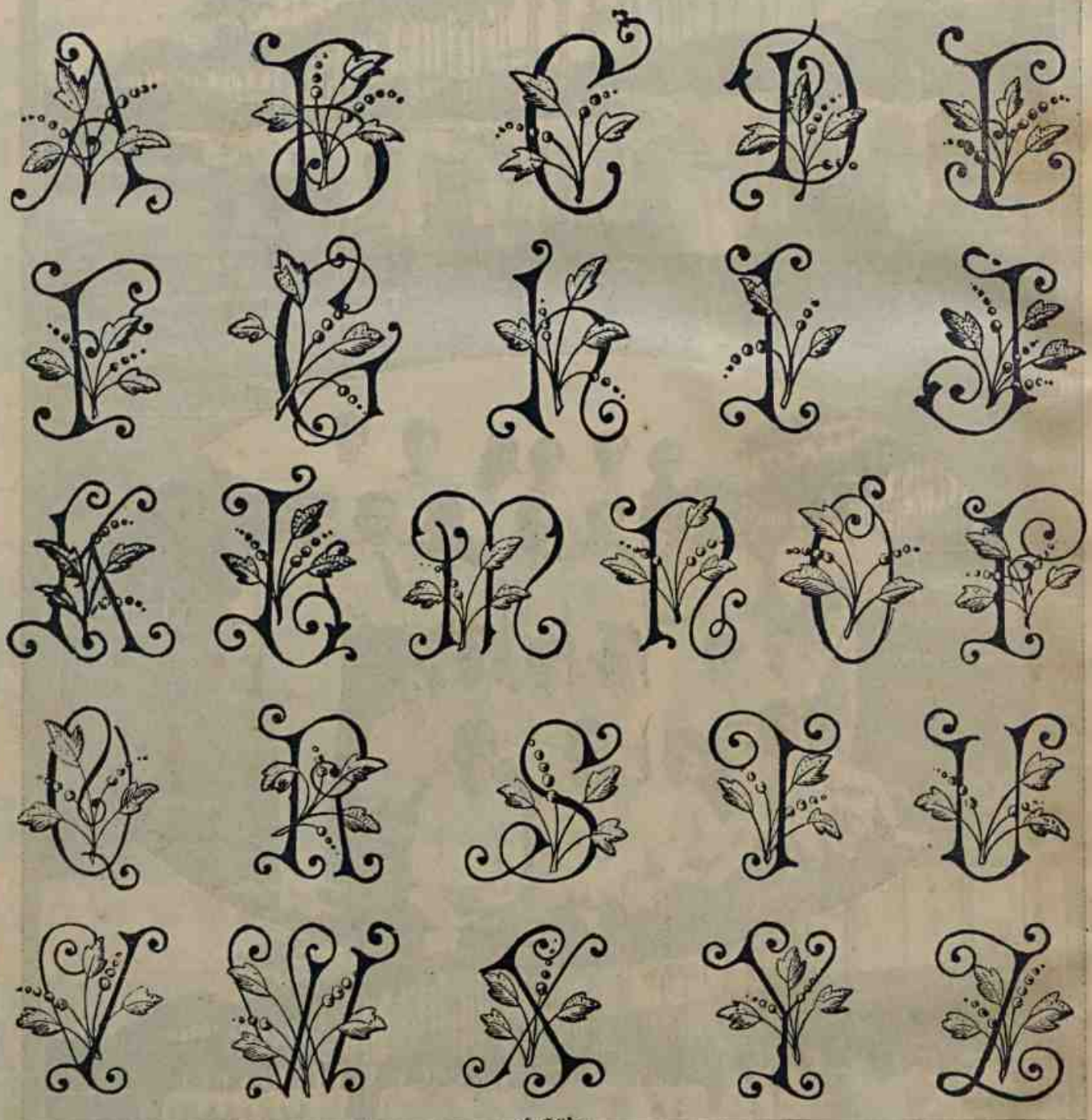
SPORT INFANTIL — C. R. DO FLAMENGO



Exercicios, no campo da rua Paysandú da secção de socios aspirantes do Club, a cargo dos Srs. tenente Loretti e Professor Poppins. Commissão directora: Dr. F. Esposel, Dr. Alberto Borgerth e Sr. Eduardo Guerra

SECÇÃO DE MENINAS

A's amaveis e gentis leitoras do Almanach d'*O Tico-Tico* offerecemos o alphabeto artistico que abaixo publicamos e que poderá servir de modelo a bordados em roupa branca.



As trevas da nova praga do Egypto

Alguns astronomos têm querido averiguar se essas trevas poderiam ter tido, como garantia da sua authenticidade, um eclypse total do sol. Na Academia de Sciencias de Vienna, E. Malher apresentou, recentemente, calculos por meio dos quaes se estabelece que o unico eclypse nas condições de ser identificado com a narrativa biblica é um eclypse annular do sol, central para o Egypto, a 13 de Março do anno 1335 antes da nossa éra. Em tal caso, a sahida do Egypto deveria ter-se dado a 27 de Março desse mesmo anno (na Lua Cheia seguinte ao eclypse) e não, como os chronologistas pretendem, no anno 1312.

Os oitenta martyres

São commemorados, sob esta designação, no calendario catholico, a 2 de Março. A igreja instituiu esta festividade pra perpetuar a memoria de oitenta martyres anonymos, que foram suppliciados pelos lombardos, por se não terem submettido a adorar uma cabeça de cabra. Delles sabe-se, apenas, que soffreram conjunctamente, e sem o menor desfallecimento no meio das torturas, o supplicio a que foram submettidos. Não se conheceu o nome de nenhum.

(Continuação)

S.C.
B.

THEATRO-CINEMA JAGUNÇO

O theatrinho armado visto de frente

N°2
A

N°1
B.

Vejam explicação no texto

O AMBICIOSO ARREPENDIDO

Gussava era filho de um poderoso rajah hindú. Um dia, seu pae fez-lhe presente de um binoculo, instrumento de optica, até então desconhecido no paiz. Satisfeitissimo com a reliquia, o joven Gussava apressou-se em experimental-a e ficou tão maravilhado com o poder ampliador do binoculo que immediatamente...

... quiz possuir uma vista tão poderosa como a que o instrumento acabara, por uns momentos, de lhe dar. E em breve o seu desejo foi satisfeito. Primeiramente, o joven divertiu-se, como acabava de fazer, mas sem o auxilio do binoculo, em distinguir pessoas e cousas muito afastadas, muito longinquas, que estavam no fim da praia distante.

Mas, deixando tal exercicio, olhou despreoccupado, para o bordo da janella e teve um sobresalto de horror. Uma enorme aranha descia ao longo da janella, avançando para elle. Nunca elle vira um monstro tão formidavel. Recuou espavorido.

A aranha desceu pelo portal, entrou na sala. Aterrorisado, o joven correu para um dos cantos do salão, a esconder-se. A aranha perseguia-o. Gussava sentia-se desfallecer de medo, mas não tinha voz para pedir soccorro. De repente a aranha desappareceu num buraco que havia no chão.

Pouco tempo depois, ainda pallido e tremulo de medo, Gussava, passando diante de um espelho, viu sua imagem; teve um sobresalto de horror: em vez da cutis fina e rosada que elle costumava ver, observou espantado um enorme rosto cheio de buracos e de pellos.

Olhou para as mãos, para os dedos, o mesmo phenomeno se reproduziu. Olhou ainda para as pessoas que se approximavam e viu-as com o nariz enorme, a bocca descommunal, semelhantes a grutas, com grandes dentes... Eram verdadeiros monstros.

A partir deste momento, o joven Gussava tornou-se triste, apprehensivo, não queria comer. Os pratos mais finos pareciam-lhe grosseiros, intragaveis. O menor insecto que, por um acaso, cahisse no prato de sopa, elle o via de tamanho colossal e a menor mancha em uma fruta apparecia a seus olhos como a mais repugnante decomposição. Um dia, por acaso, segurou o binoculo e levou aos olhos pelo lado opposto.

— Era assim, era assim — gritou muito alto — que eu desejava pudessem meus olhos ver! A sua nova ambição foi immediatamente satisfeita. Agora, elle via, de modo inverso, os objectos muito menores e mais afastados do que o eram na realidade. A principio, divertiu-se muito com o aspecto que apresentava seu braço, bastante alongado, no extremo do qual se agitava uma minuscula mão.

Na mesa, teve a primeira desillusão: os pratos appareciam-lhe muito pequenos, e os copos, quando elle estendia a mão para os pegar, acreditando-os afastados, via-os tombar. Cada um dos seus gestos, mal calculados, era causa de um desastre. Quando levava a comida á bocca, feria-se com o garfo. Mas isso não era nada.

Convidado um dia para assistir á chegada de umas feras que foram trazidas, em jaulas, para o palacio do rajah, o joven foi; mas um grande tigre elle o viu do tamanho de um gato e,sem que alguem tivesse tempo de evitar, approximou-se da fera para a afogar.

O animal enfurecido levantou a pata e fez-lhe um profundo ferimento na mão. Algum tempo depois, com o braço ainda na tipoia, Gussava passeava nos jardins do palacio de seu pae e approximou-se de um grande lago. Devido á conformidade de seus olhos, o lago pareceu-lhe estar mais longe do que de facto realmente estava. Assim, o joven, de repente, cahiu no lago e morreria certamente afogado se não corressem logo em seu auxilio, porque nem...

... o pobre Gussava não podia nadar com o braço ferido. Comprehendendo então que a Natureza só age bem, só bem se conduz, o filho do rajah pediu a Deus ardentemente que sua vista se tornasse normal como dantes. Esse desejo foi satisfeito e hoje Gussava não tem mais ambições desmedidas.

O grande banquete offerecido pelo PARC ROYAL aos amiguinhos d'O TICO-TICO

Do noticiario dos jornaes :

" O grande acontecimento social das ultimas 24 horas foi o banquete hontem offerecido por Chiquinho aos seus amigos e conhecidos, em nome do PARC ROYAL.

" A' mesa, além de Mutt e Jeff, especialmente convidados para o acto, como grandes amigos das creanças brasileiras, viam-se os vultos de maior destaque nas rodas d'*O Tico-Tico*, a saber: a melindrosa Lili, o pittoresco Zé-Macaco, Jagunço, o cachorro-reboliço, Jujuba, o innocentinho, seu pae o Commendador Carrapicho e o moleque Benjamim.

A' hora dos doces, Chiquinho, improvisando um inflammado brinde de sobremesa, relembrou o auri-fulgente nome do PARC ROYAL, generoso offertante dos comestiveis e bebestiveis, apontando-o a todos os presentes como a grande casa amiga das Creanças, a unica onde as Mamães têm a certeza de encontrar tudo quanto preserva o Conforto, a Hygiene e a Saude dos pequeninos.

" O magnifico banquete terminou já tarde, num choral de vivas ao Chiquinho e ao PARC ROYAL. "

CASA COLOMBO

GRANDES ARMAZENS

o maior stock de roupas para
Creanças na America do Sul

A caminho da CASA COLOMBO

a casa onde se vestem todas
as *Creanças do Brasil*

as Creanças devem ter ampla liberdade de movimentos; a escolha de roupas é de *maxima importancia* á saude de = nossos futuros heróes. =

Rostos Pallidos

De interesse Especial para as Mulheres das Americas Latinas

Observações Sobre o Engano Commum entre a Debilidade e a Robustez. A Côr de Saúde é a Melhor Prova da Formosura

Ha muitas pessoas que consideram a Pallidez a côr natural do seu rosto, e dizem: — Esta menina ou esta moça é pallida por natureza. O mesmo diz o marido ás vezes de sua valente companheira, quando ella talvez occulta soffrimentos de martyr. Em todas as pessoas a pallidez denota sempre pobreza de sangue, nem mais nem menos. E o pobre de sangue torna-se pobre de forças, de espirito, de intelligencia e de prazer na vida; dá-se-lhe então o nome de Anemico.

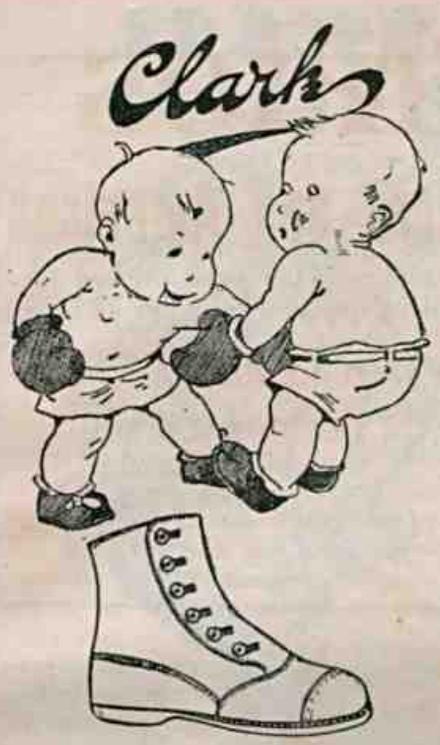
Com o sem numero de curas notaveis que têm feito as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, não ha jámais razão para permittir esse decahimento physico e moral. Estas Pilulas têm levantado muitos que nem esperanças tinham de tornar a gosar das glorias da vida. Moços que viam decahir as suas forças e ambições, na luta pela existencia, voltaram com novo ardor ás trincheiras e sahiram victoriosos dos seus ardentes propositos. Moças que viam pôr-se o sol da juventude alegre e feliz, cujos dons de formosura e vivacidade estavam quasi perdidos, têm-se tornado felizes e mais briosas do que nunca, gosando da existencia ideal da idade risonha, nos estudos ou nos affazeres domesticos, e na sociedade do sexo forte, cuja admiração ellas sempre inspiram com o seu olhar vivo e as suas faces rosadas.

A mesma joven quando se casa encara o futuro com o anhelo natural e sublime da Maternidade. Ser Mãe! Quanto não quer isto dizer? O que são os cuidados que necessariamente apparecem comparados com o prazer quando, no orgulho que anima a alma de uma Mãe, faz ella essa preciosa porção do seu proprio ser, que se chama Bébé? Muitos corpos debeis que não conheciam essas sensações celestes têm-se tornado entes robustos e dado ao mundo esses seres que trazem a felicidade indispensavel ao lar domestico. O que é uma arvore sem fructa? O que é uma esposa sem filhos?

Isso, e muito mais, fazem as Pilulas Rosadas do Dr. Williams, sementes de vida condensada contendo o calor suave do sol do Norte, a sensação da Primavera, a pureza d'uma fonte, e outros germens de vitalidade com que a Natuerza quiz dotar a humanidade.

Aquella pessoa que cuida de sua saúde, em tempo, guarda dinheiro no banco do seu futuro, pois só a Saúde abre o caminho, d e r r ibando escolhos e trepando no cume da capacidade humana. Quando este facto ficar bem estabelecido na mente da humanidade, estaremos bem quanto á perfeição nesta vida. Só a Saúde triumpha.

As Pilulas Rosadas do Dr. Williams são encontradas á venda em todas as pharmacias e drogarias do Brasil.



Clark

Em calçado para creanças temos, positivamente, alcançado a perfeição, pois, não deformando os tenros pés infantis, contribue, muitas vezes, para corrigir alguns defeitos de pisar que, mais tarde, seria impossivel.

PARA CREANÇAS

E' O MAIS CONFORTAVEL

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 105 - 107

Rua da Carioca, 38

Rua Uruguayana, 33

Rua Marechal Floriano, 176

Rua Estacio de Sá, 59

NICTHEROY

Rua Visconde do Rio Branco, 461

O uso de alpercatas dá alegria ás creancinhas

As pessoas magras podem ganhar carnes e augmentar o seu peso

Toda a pessoa magra, quer homem, quer mulher, que deseje augmentar seu peso com 5 ou 7 kilos de carnes solidas e permanentes, deve tomar por algumas semanas duas pastilhas de "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico), com cada uma das suas refeições. Eis um methodo digno de se experimentar.

Em primeiro logar, deve você pesar-se e medir as distinctas partes do corpo, depois tomar duas pastilhas de "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico), com cada refeição, durante duas semanas, e na terminação d'esse periodo pesar-se e medir-se novamente, e poderá então dar conta da differença. Não terá que perguntar a seus amigos e familiares se o acham melhorado ou, ao contrario; vel-o-á por si mesmo na balança ou romana. Qualquer pessoa magra póde augmentar seu peso de 2 1|2 a 4 kilos durante os primeiros 14 dias, seguindo o methodo que antecede, e não de carnes brandas para logo desapparecerem, senão de solidas e permanentes.

Não é o "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico) por si mesmo que produz carnes, porém, ao misturar no estomago com os alimentos que chegam lá dentro, transforma as substancias untuosas, saccharinas e feculosas que elles contêm, em alimentação rica e nutritiva para o sangue e as cellulas do corpo, prepara-o em fórma facil de se assimilar para que o sangue o acceite promptamente. Todas estas substancias nutritivas das comidas que você leva agora para o estomago saem-lhe do corpo em fórma de desperdicios; porém o "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico) porá limite a esta dissipação num breve espaço de tempo e ajudará seus orgãos digestivos e assimilativos a extrahirem das mesmas classes de comidas que até agora esteve tomando o assucar, a gordura e os amidos para transformal-os em kilos de carnes e mais de carnes solidas e duraveis.

O "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato ferruginoso organico) é absolutamente inoffensivo para a saude e agradavel de tomar, por ser preparado em fórma de pastilhas. Hoje em dia é altamente recommendado pelos medicos e pharmaceuticos.

A' venda em todas as pharmacias e drogarias.

CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

Avenida Passos, 120 - Rio

A CASA MAIS BARATEIRA DO BRASIL

Algumas marcas, para as quaes chamo a attenção dos senhores directores de collegios, das caixas escolares e dos chefes de familia, por serem fabricadas sem papelão nem pregos, tornando-se portanto de muita resistencia, sendo por isso as unicas que têm resistido ás travessuras do CHIQUINHO.

N. 1

MODELO "TANK"

Fortissimos borzeguins em vaqueta escura, solla dupla, recommendados pela sua extrema durabilidade, para collegiaes e para uso diario.

PREÇOS DE RECLAME

De 18 a 26 . . . . . 8$000
De 27 a 32 . . . . . 9$000

CREAÇAO DA NOSSA CASA

Pelo Correio mais 1$200 por par.

N. 2

MODELO "ALTIVA"

Sapatos em kangurú preto e amarello, creação exclusiva da **Casa Guiomar**, recommendados para uso escolar e diario, pela sua extrema solidez e conforto.

PREÇOS DE RECLAME

De 17 a 26 . . . . . 5$000
De 27 a 32 . . . . . 6$300
De 33 a 40 . . . . . 8$000

Pelo Correio mais 1$000 por par.

N. 3

MODELO "LADY"

Sapatos em vaqueta amarella, artigo proprio para uso de collegios, chacaras e sports, recommendados por sua extrema durabilidade e conforto.

PREÇOS DE RECLAME

De 18 a 26 . . . . . 7$000
De 27 a 32 . . . . . 8$000

Creação exclusiva da Casa Guiomar

Pelo Correio mais 1$000 por par.

N. 4

MODELO "GUIOMAR"

Sapatinhos de vaqueta escura, artigo fortissimo, para casa e collegio, creação da casa. Este artigo tem tido muita acceitação pela sua extrema commodidade.

PREÇOS DE RECLAME

De 17 a 26 . . . . . 4$500
De 27 a 32 . . . . . 5$500
De 33 a 40 . . . . . 7$500

Pelo Correio mais 1$000 por par.

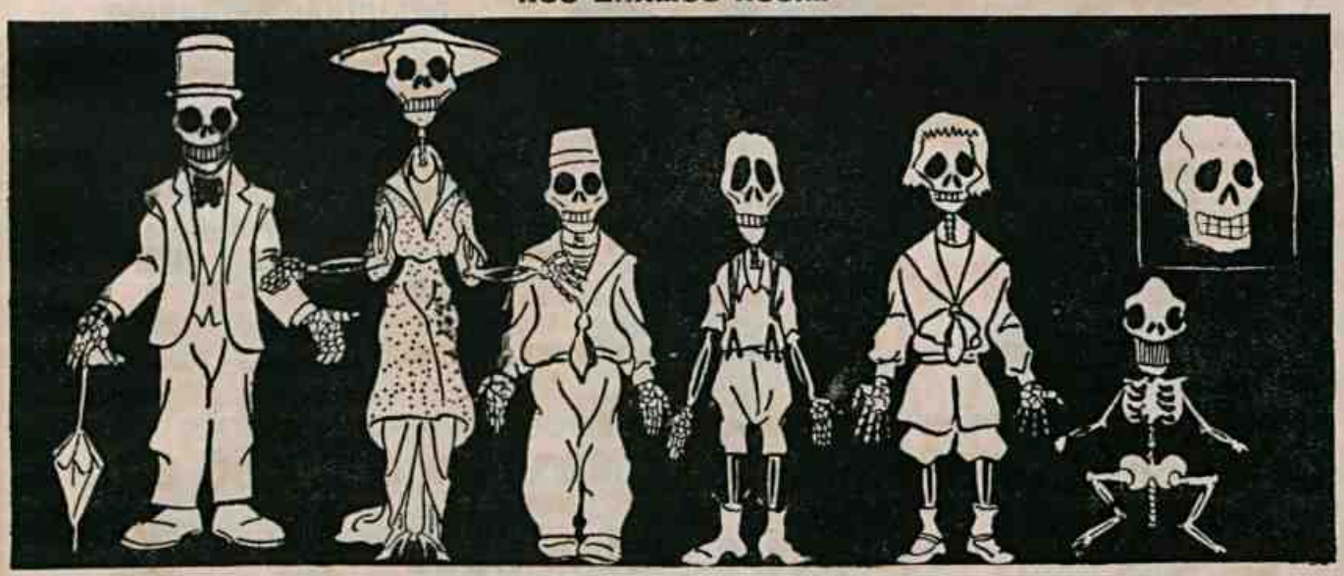
Remettem-se catalogos illustrados, inteiramente gratis, a quem os solicitar, rogando-se toda a clareza nos endereços, para evitar extravios.

Os pedidos de calçados podem vir juntos com a importancia na mesma carta registrada com valor ou em vales do Correio e dirigidos á firma JULIO DE SOUZA, successora de Graeff & Souza.

AVENIDA PASSOS N. 120 - RIO

JATAHY PRADO — O rei dos remedios brasileiros

NOS ERAMOS ASSIM



CHEGAMOS A FICAR QUASI ASSIM

Soffriamos horrivelmente dos pulmões : mas, graças ao XAROPE DE ALCATRÃO E JATAHY, preparado pelo pharmaceutico *Honorio do Prado* — poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e coqueluche

CONSEGUIMOS FICAR ASSIM

COMPLETAMENTE CURADOS E BONITOS

Em muitos casos uma ou duas doses são bastantes para a cura radical

Depositarios : ARAUJO FREITAS & Cia. — Rua dos Ourives, 88 — RIO DE JANEIRO

PARAISO DAS CRIANÇAS

Casa unica no Brasil com especialidade exclusiva de artigos para crianças, desde recem-nascidos até 14 annos

OFFICINAS PROPRIAS

— SECÇÃO DE EXPORTAÇÃO PARA O — INTERIOR DO BRASIL

Rua 7 de Setembro n. 134

RIO

Telep. Central 1231

Os melhores premios que se podem proporcionar ás crianças estudiosas

NOVA SEIVA

Este é o melhor livro que ha para crianças. E' um grosso volume, nitidamente impresso e ornado com mais de 170 illustrações onde se vêm magnificos contos instructivos, moraes e interessantes. — Edição de luxo. . . . . 5$000

CONTOS PARA A INFANCIA, escolhidos dos melhores escriptores. — 1 volume ricamente encadernado 5$000

CONTOS TRADICCIONAES PORTUGUEZES. En. . 2$000

THEATRO DA INFANCIA, trazendo grande variedade de monologos, cançonetas, etc. . . . . 2$000

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE SATURNINO FARANDOLA. . . . . 3$000

A RAINHA DOS GELOS, Julio Verne; Contos extraordinarios da guerra. . . . . 1$000

AVENTURAS DE GIL BLAS DE SANTILHANA. . 3$500

LYRA INFANTIL, Gomes Junior; Bellissima collecção de cançonetas, comedias, monologos, etc. enc. . . . . 2$500

Versos para Crianças, de José' Agostinho. . . . . 1$000

A FADA TENTADORA, Contos de Gil — Edição de luxo . . . . . 6$000

ALMA INFANTIL, Versos para uso das escolas—enc. 4$000

AS MIL E UMA NOITES (contos arabes) enc. . . . 3$000

HISTORIAS PARA CRIANÇAS, 1 volume profusamente illustrado a côres. . . . . 3$000

FANTOMAS (aventuras policiaes) 2ª, 3ª e 4ª séries a 1$500

SR. LUBIN, Grande romance policial. . . . . 3$000

2º livro de figuras (flôres). . . . . 3$000

Livros scientificos, litterarios, escolares, cadernos, etc.

A' venda na Casa BRAZ LAURIA, rua Gonçalves Dias, 78 — Rio

CRIANÇAS PALLIDAS, LYMPHATICAS, ESCROPHULOSAS, RACHITICAS OU ANEMICAS

O JUGLANDINO DE GIFFONI é um excellente reconstituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *poderoso tonico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

E' superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção o *iodo vegetalisado*, intimamente combinado ao *tannino da nogueira* (*Juglans Regia*) e o *Phósphoro Physiologico*, medicamento eminentemente vitalisador, sob uma fórma agradavel e inteiramente assimilavel.

E' um xarope saboroso, que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões; d'ahi a preferencia dada ao JUGLANDINO pelos mais distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus proprios filhos.— Para os adultos preparamos o VINHO IODO-TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:

Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & Cia.

Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

Creanças curadas com o

ELIXIR DE NOGUEIRA

do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira

Menino OSWALDO VICTER
Indayassú — E. do Rio

Menina AMELIA DE CARVALHO BRANCO — Bahia

Menino SYLVIO VICTER
Indayassú — E. do Rio

Menino WALDEMAR XAVIER
Asylo S. Luiz — Curityba

Menino FERNANDO LOPES
Rio de Janeiro

Menino HUGO MONTANARI
Asylo S. Luiz — Curityba

Menino OSWALDO
Porto Ferreira — S. Paulo

Menino JOSE' VICTER
Indayassú — E. do Rio

Menino ANTENOR LAZARTTI
Asylo S. Luiz — Curityba

Menino JOSE' MESSIAS
Espirito Santo

Menina AMELIA DA COSTA
Rio de Janeiro

O ELIXIR DE NOGUEIRA possue os mais honrosos documentos, tanto do corpo medico de todos os Estados do Brasil como de milhares de pessoas que foram arrancadas das garras da morte por esse grande remedio. — A sua fama atravessou victoriosa as fronteiras do Brasil e vae conquistando invejavel popularidade nas Republicas Sul-Americanas.

50 ANNOS DE TRIUMPHOS — 50 ANNOS!

A BOTA FLUMINENSE

O Maior Deposito de Calçado

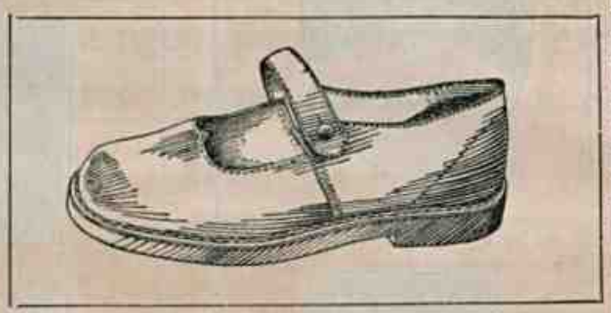
28—30000 chics e os mais modernos sapatos para senhoras em pellica preta envernizada com vivos brancos ou bufalo branco com vivos pretos, salto Luiz XV, igual ao modelo ao lado de ns. 32 a 40.

18$, 20$, 25$ o mesmo feitio em pellica preta envernizada, com vivo branco, salto de couro de ns. 32 a 40.

25$—28$000 bufalo branco com vivo preto, salto alto ou baixo de couro, de ultimos modelos, para senhoras.

ALPERCATAS PAULISTAS — Artigo bom

de ns. 17 a 26	4$500
» » 27 » 32	5$500
» » 33 » 41	7$000



SAPATOS-ALPERCATAS, amarellos, com salto, proprios para casa e collegio, de ns. 17 a 27 . 6$000
De ns. 28 a 33 . . . . . 7$000
De ns. 34 a 40 . . . . . 9$000

Borzeguins-alpercatas em couro escuro de 17 a 27, 8$000; de 28 a 33, 9$000 — Pelo correio mais 1$500, em par de sapatos-alpercatas 1$000—ALBERTO ANTONIO DE ARAUJO. — Vendas por grosso e a varejo — 109, Rua Marechal Floriano, 109 — Canto da Avenida Passos 123.

SE JA' ESTA' DESANIMADO, OUÇA-NOS AGORA

Quando de todo a esperança desappareceu; quando lhe resta, apenas, a convicção de que os seus males, ao em vez de melhorarem com a applicação dos diversos medicamentos que foram usados, aggravam-se, taes são os martyrios por que está passando, nós desejamos um minuto da sua attenção e deste minuto surgirá para si uma existencia completamente nova. Naturalmente, o seu cuidado maior tem sido combater todos estes males que lhe atormentam e, assim, os dias se vão succedendo, sem que, entretanto, elles desappareçam. A mesma dôr de cabeça continúa a perseguir-lhe; as tonteiras não lhe permittem manter-se por muito tempo de pé; aquelle gosto terrivel que destróe o seu paladar apresenta-se da mesma fórma todas as manhãs; a sensação de peso no estomago, após as refeições, é sempre a mesma; de azias e arrotos, soffre V. S. constantemente.

Para tudo isto, a acção dos remedios de que faz uso é impotente agora e sel-o-á sempre. Querendo combater todos estes effeitos (méros syptomas de um grande mal), V. S. deixa esquecida a causa e, d'ahi, a inutilidade de todo este arsenal therapeutico que possue. Comprehenda que o seu estomago está funccionando irregularmente, e que os alimentos não são recebidos com prazer; procure verificar que a digestão não se faz senão imperfeita e d'ella o seu organismo nada aproveita em beneficio das suas forças.

Assim, caminha V. S. a passos gigantescos para o termo final. E' preciso recorrer já ao especifico **DYSPEPTA,** unico que combate com efficacia incomparavel o seu mal. O seu proprio medico lhe indicará o especifico **DYSPEPTA,** uma vez estudada a sua fórmula, que reune os principaes agentes até então descobertos pela therapeutica para o tratamento da dyspepsia, seja qual fôr a sua natureza.

De acção immediata, o especifico **DYSPEPTA,** tomado antes das refeições, garante-lhe desde o primeiro dia de uso uma transformação radical que se vae dilatando, até o completo restabelecimento. Em todas as drogarias e pharmacias vende-se

DYSPEPTA

O crime do Toneca

— "Mamã, não goste do Toneca, que é um assassino!... — clamava o Jose, subindo esbaforido pela escada acima.

— "O que?! Isso é lá possivel! Não posso crer que o meu amigo Toneca, um rapaz tão meigo e tão bom, commettesse um crime...

— "Não acredite, tia, não acredite!... — desculpava-se o pequeno, vindo no encalço do primo.

— "Sim senhor!... Matou os bichos de seda que tinha lá em casa.

— "Oh, Toneca!... Você matou os bichos de seda, que não fazem mal nenhum, e, pelo contrario, são tão uteis?! Realmente é uma grande maldade. Para que os quizeste possuir? Para que os pediste ou compraste? Para os matar? E' imperdoavel e estupida maldade.

— "Mas, tia, — atreveu-se a dizer o réo, no meio da sua vergonha — elles já estavam mortos, quando lhes arranquei a cabeça...

— "Mortos?... Não acredite, mamã; estavam mas era a *dormir*, para mudarem de pelle...

— "Mas eu não sabia que elles faziam isso e imaginava que estavam mortos, porque não se mexiam...

— "O tio já explicou que elles ficam assim como mortos, quando estão na *muda*. Não estavam mortos, não, senhor! E' um assassino, não gosto de você, porque faz mal aos animaes...

— "Como diz o Toneca, isso já é outra coisa... Mais devagar, Jéca, attende um pouco. Se o teu primo deu cabo dos bichos de seda, suppondo que estavam mortos, porque já se não mexiam, não foi um assassino, mostrou ser apenas um ignorante. O seu crime não é o de um malvado, porque não foi commettido por maus sentimentos; a sua falta de estudo é que o fez criminoso. Não o podemos condemnar, o que temos é de o ensinar.

—" *Hum!* Então é preciso ter estudos para não fazer mal aos animaes?!...

— "Claramente que não, mas os ignorantes não podem ter a responsabilidade que se deve exigir aos que, sendo instruidos, conhecem bem toda a extensão do mal que praticam. Estou certa de que elle não arrancaria assim a cabeça aos miseros bichinhos, se soubesse que elles estavam vivos...

— "Não, isso não!...—atalhou o pequeno, satisfeito por se vêr defendido.

— "Já vês, Zéca, que não deves condemnal-o nem acusal-o; o que te cumpre fazer é ensinar-lhe o que elle não souber e vigial-o, como se devem vigiar sempre os incultos. O seu crime—que o foi realmente—tem a desculpa da ignorancia.

— "Sim, eu bem comprehendo que os que não sabem são como os idiotas...

— "E como os cegos... Lá diz o nosso povo, que é tão intelligente, apezar da sua incultura: "quem não sabe, é como quem não vê". Mas não queiram vocês desculpar-se com a ignorancia imperdoavel, porque, se ha muitos que não sabem, porque não têm meio de se instruir, com vocês, felizmente, não succede o mesmo. Têm professores que de bôa vontade lhes ensinarão tudo quanto lhes perguntarem e até ficarão muito satisfeitos por terem occasião de lhes ensinar coisas novas...

— "Eu é que já não quero ter essa desculpa! O que desejo é aprender tudo para não tornar a enganar-me...

— "Os que não possuem conhecimentos praticam muitas vezes o mal inconscientemente, cuidando até que o seu procedimento não é criminoso. Asim se perpetra a maior parte dos crimes. Se tu soubesses, Toneca, como aquelle bichinho que tu viste sem movimento, porque estava numa das suas *mudas de pelle*, é laborioso e util, com certeza não terias coragem de o matar! Vem ao mundo trabalhar, unicamente para trabalhar.

— "E para comer. Se visse!... Não ha folha de amoreira que farte esses comilões. Quanto mais se lhes põe, mais comem!...

— "Quem trabalha necessita de alimento, principalmente elles, que passam depois a tão prolongado jejum. E' muito interessante o conhecimento deste bichinho e a historia da industria a que dá logar a sua criação...

— "Tambem os bichos têm historia?

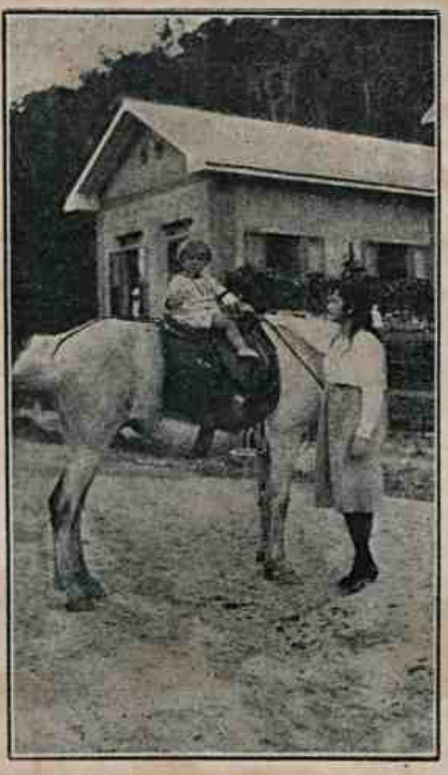
— "Tem historia tudo quanto existe.

— "Então conte-nos alguma coisa delles — eu gosto tanto de saber!...

— "E eu ainda mais.

Anna de Castro Osorio.

BÉBÉS



Ligia, uma futura leitora nossa, posando para o Almanach. Ligia é filhinha do Sr. Ayres de Andrade, industrial nesta praça.

Com todas as materias mineraes que as aguas do mar encerram poderia formar-se, segundo calculos, menos complicados e difficeis do que parecem, uma camada solida de mais de oitenta metros de espessura, que cobriria toda a America do Norte, toda a Europa e ainda a Australia; isto é, uma quinta parte do terreno que, em todo o globo, sobresae do nivel geral dos mares.

A sciencia humana não mede a importancia dos descobrimentos senão pelos bens que proporcionam ou pelos males que evitam.

VINHO E XAROPE
DE
HEMOGLOBINA
GRANADO
O melhor dos reconstituintes
O mais efficaz dos ferruginosos
NA ANEMIA-CHLOROSE-FRAQUEZA
DEBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO ETC.
14, 16 e 18, Rua 1º de Março - RIO

Balas "Sportsmen"
Marca registrada para todo o Brasil
Estas balas são as unicas que podem trazer impresso no envolucro o retrato dos melhores footballers de S. Paulo. — Sempre novidade para a satisfação dos collecionadores dos envolucros. São indiscutivelmente as melhores e as preferidas pelos amantes do Sport.
Rejeitar as imitações, sempre prejudiciaes aos Srs. Commerciantes e Consumidores.
GRECHI & COMP.
RUA DO GAZOMETRO, 35-37—Caixa postal, 1927 — São Paulo — Rio de Janeiro: RUA SENADOR DANTAS, 103.

Nada preoccupou tanto sua attenção nos ultimos annos como os padecimentos renaes.

Na ultima conferencia medica celebrada na cidade de Baltimore assim se exprimiu o grande especialista Dr. Benjamin Elwell, dizendo: "Durante a minha vida profissional, a nada tenho prestado tanta attenção como em descobrir a razão por que muitas pessoas sentem-se desde moças aborrecidas da vida, mal humoradas, afflictas, sem saberem porque. Isto não me foi facil achar; porém, com os continuos estudos e investigações, cheguei á conclusão de que, nestes sêres desventurados, seus males todos provinham de estar os seus rins affectados. Submetti-as ao tratamento, usando para um effeito immediato as **PASTILHAS DE RINSY** e em pouco tempo todas se mostravam alegres, contentes, desapparecendo por completo o aborrecimento que lhes invadia o espirito. Notei, ainda, que os symptomas mais pronunciados em muitas d'estas pessoas eram: dôr nas costas, nas cadeiras, na cabeça, inchação dos pés e pernas, algumas vezes ás mãos, cansaço, enjôos, frequentes desejos de urinar, fazendo-o, entretanto, gotta a gotta, dôres rheumaticas, hydropesia, debilidade sexual, palpitações e insomnia. "Em vista dos resultados obtidos com a applicação das **PASTILHAS RINSY** aconselho a todas as pessoas que sentem taes symptomas fazerem immediato uso d'estas pastilhas, que são uma combinação scientifica de seis ingredientes vegetaes de incontestavel valor therapeutico e de effeitos os mais certos e rapidos nas doenças dos rins.

As **PASTILHAS RINSY** constituem, ainda, o maior dissolvente do acido urico, fazendo-o expellir pela urina, evitando, assim, sua agglomeração nos rins. Ouçam os meus conselhos e adquiram hoje mesmo um vidro de **PASTILHAS RINSY** em qualquer drogaria ou pharmacia.

Unico depositario no Brasil: BENIGNO NIEVA — Caixa 979 — Rio de Janeiro.

PRESTEM BEM ATTENÇÃO, LEITORES!

Gravem bem na memoria
o que são as

Não ha molestia do figado, estomago ou intestinos que resista a essas pilulas poderosas, que, além de tonicas, são indicadas ainda nas dyspepsias, prisões de ventre, bexiga, rins, nauseas, flatulencias, máo estar, etc. São um podoro-o digestivo e regularisador das secreções gastro-intestinaes.— A' venda em todas as pharmacias.—**Vidro 1$500, pelo correio 1$700**

Depositaria: DROGARIA VICTOR RUFFIER & C. - 128, Rua S. Pedro, 128 Rio de Janeiro

ENVIA-SE GRATIS

Desde que a mamãi comprou um *casal* de *Pedras de Cevar*, tenho sempre brinquedos bonitos.

«Ver com os olhos e comer com a testa», eis o que acontece aos filhos dos incredulos e dos teimosos...

As almas do outro mundo só apparecem nas casas onde não ha um *casal* de *Pedras de Cevar*.

... os que, além de tudo, não escapam aos desastres...

Sabe quasi tanto quanto o professor... porque o papaí possue um *casal* de *Pedras de Cevar*.

... nem as *valas* dos collegas travessos.

Sêde previdentes, pois! Pergunte ao papaí se já leu este annuncio.

Quem desejar ser feliz em negocios e em familia, fazer bom casamento, obter bom emprego, vencer inimigos, conquistar sympathias, gozar saude completa e dominar com a sua vontade, deve adquirir um CASAL das legitimas **PEDRAS DE CEVAR**, oriundas da India Oriental e recebidas pelo Professor Aristoteles N. Italia.

Para obter informações completas e convincentes peça immediatamente o livro illustrado com o titulo **Talismans de Pedras de Cevar**, que remetto gratis para toda a parte. Uma enorme edição d'este livro já se esgotou e acabei de tirar nova edição para satisfazer aos numerosos pedidos que de toda a parte affluem. Aproveite já, antes que se faça tarde, para conhecer o caminho da felicidade.

Endereço para fazer o pedido immediatamente.

Professor Aristoteles N. Italia
-- Rua Senhor dos Passos, 98, sob.--Rio

HISTORIA DA BARATINHA

Varrendo a sua casinha,
sem inveja de ninguem,
achou dona Baratinha
uma fortuna, um vintem !

Que sorte ! Diz, e jogando
a vassoura para o lado,
sentou-se á porta pensando,
de certo, no namorado.

Quem poderia com ella
na sua casa louçã ?
Nunca se vira tão bella
como naquella manhã !

Baratinha então se expande,
falla a sós muita tolice !
Mas eis que á porta um boi grande
parou e depois lhe disse :

"Baratinha, baratinha,
que estaes á porta, a scismar,
Sendo assim tão bonitinha,
quereis commigo casar?"

Teve um fremito de gozo
a conquistada, mas vendo
aquelle bicho formozo
esperando-a, foi dizendo :

"Acceito o vosso pedido,
mas antes quero saber
como, futuro marido,
fallaes ao anoitecer ?"

O boi, coitado, se engana
abre a bocca. Que berreiro !
— Não ! Não ! Não ! Disse a bichana
Acordaes o mundo inteiro !

Foi-se o boi. Pouco intervallo
a baratinha esperou.
pois, dentro em breve, um cavallo
á sua porta parou.

Bello animal ! Tinha longas
crinas, mostrando bom trato.
E, sem procurar delongas,
propoz-lhe logo o contracto !

"Baratinha, baratinha,
que estaes na porta, a scismar,
sendo assim tão bonitinha,
quereis commigo casar ?"

Que seducção! Que tormento!
Mostrou-se muito contente,
e, certa do casamento,
respondeu incontinente:

"Acceito vosso pedido,
mas, antes quero saber
como, futuro marido,
fallaes ao anoitecer?"

Rinchou logo o cavallinho.
Lá se foi toda a esperança!
"Que pena, meu amorzinho!
Isto accorda a vizinhança!"

O cavallo foi-se embóra
Era de mais o rigor!
E pelo caminho áfóra
maldisse do seu amôr !

Baratinha teve um flato,
lamentou-se o dia inteiro.
Chegaram depois o gato,
o bóde, o porco e o carneiro.

Por mais que muito quizessem
não tinham, para servir,
voz que os vizinhos pudessem
tranquillamente dormir.

Mas apparece um ratinho;
na porta risonho pára
e falla de vagarinho,
mostrando que se agradara :

"Baratinha, baratinha,
que estaes, na porta a scismar,
sendo assim tão bonitinha
quereis commigo casar?"

Baratinha, já sem crença,
mandou que o rato fallasse
e logo alli, sem detença,
marcou-se o proximo enlace.

Quasi na porta da egreja
Baratinha falla assim:
"Deixei dentro da bandeija
o meu leque de marfim!"

Mas o ratinho, sabendo
que o padre já se apromptava,
sae para a rua correndo,
qual correndo! Elle saltava.

Muito tarda. Empallidece
[illegible] a assistencia. E' mister
[illegible]-o, que acontece
[illegible]!

[illegible] ardendo em chammas.
[illegible] a casa inteira:
ao quarto, em baixo da cama,
no jardim e na cocheira.

Mas á cosinha chegando
foi achar o seu *ratão*,
pellado, morto, boiando
na panella de feijão.

LAFAYETTE SILVA